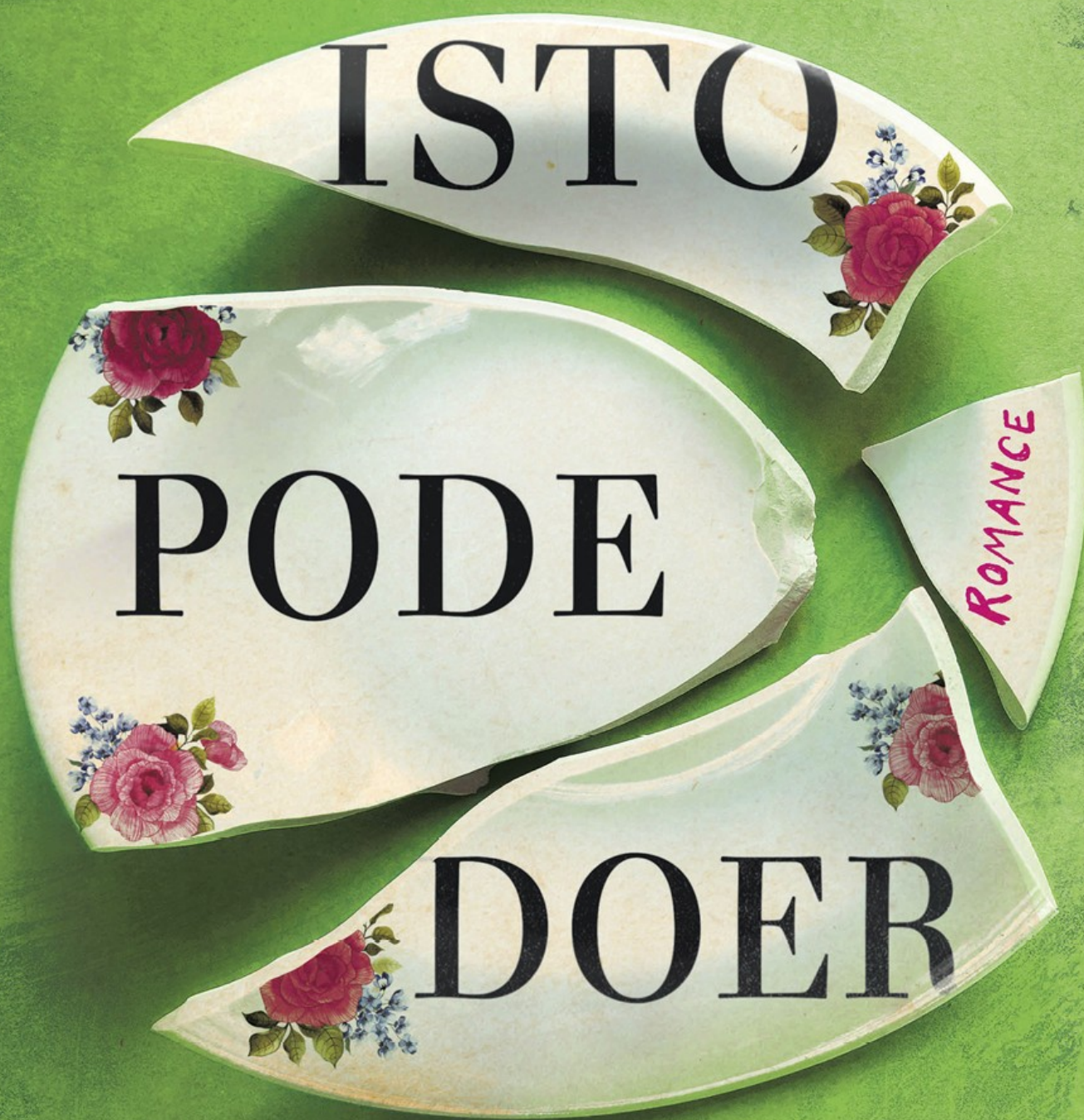


Nós guardamos os vossos segredos...
se vocês guardarem os nossos.



STEPHANIE
WROBEL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

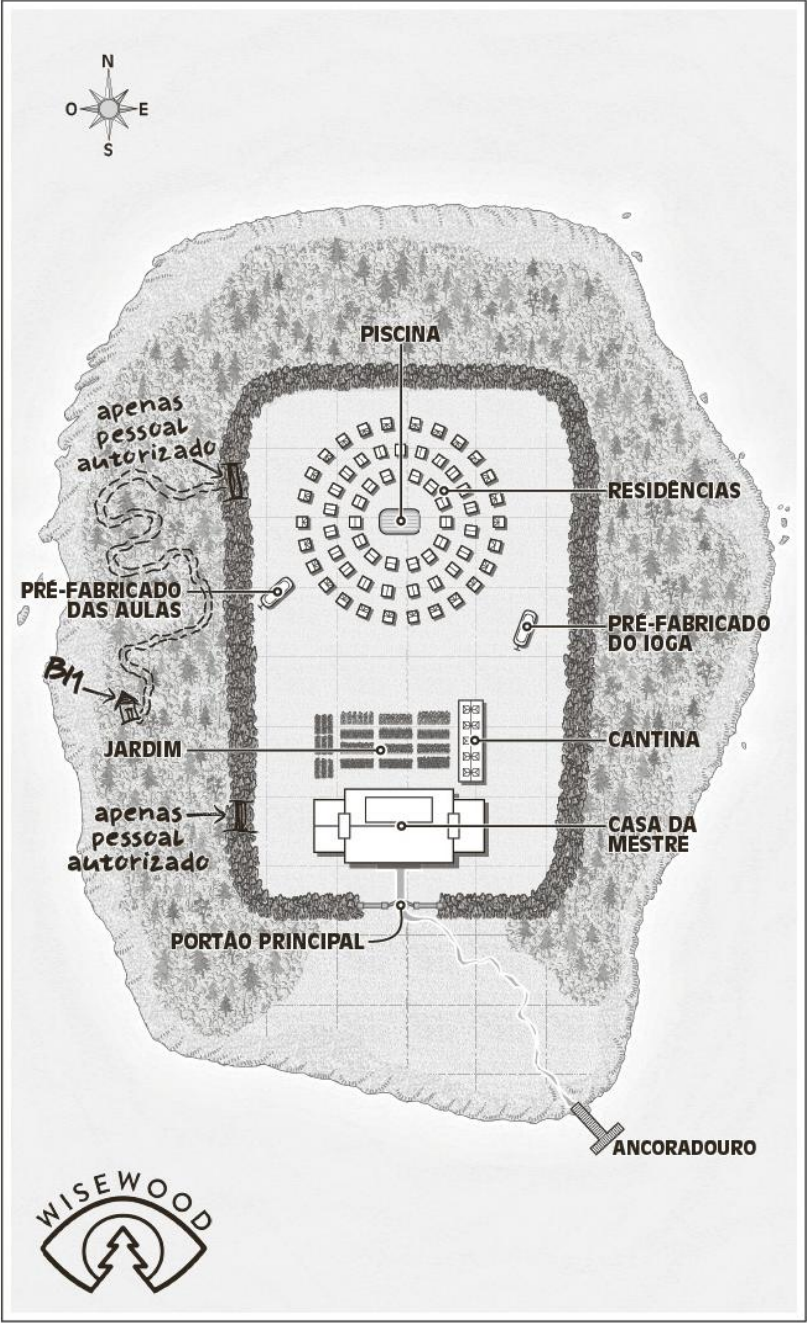
ISTO PODE DOER

**STEPHANIE
WROBEL**

Tradução
José Remelhe

 Planeta

Para as minhas irmãs,
Jackie e Vicki



Olha para mim com desdém e verás um tolo.
Olha para mim com reverência e verás um deus.
Olha-me nos olhos e ver-te-ás a ti próprio.

CHARLES MANSON

Corte

A galeria é do tamanho dos ginásios das escolas. O teto em abóbada, as paredes brancas, telas para projeção de filmes em duas delas. Uma dúzia de visitantes ladeiam o perímetro da sala sombria. Ombros encostados às paredes. Ouve-se um zunido baixo enquanto os espectadores esperam.

No meio da sala, há uma cadeira e uma mesa. Em cima da mesa, uma bandeja com utensílios médicos: luvas, gaze, uma tesoura de poda. Um holofote incide sobre a cadeira vazia.

Está um operador de câmara de nariz torto à espera com uma câmara do tamanho de uma pasta de arquivo dependurada ao ombro.

Abre-se uma porta. Quando a artista entra, faz-se silêncio. Ela desliza até ao centro da sala. O operador de câmara foca a objetiva nela. A sua imagem surge nas telas de projeção: pestanas grossas, pescoço esguio, um olhar frio. Este não é o seu primeiro número, nem será o último.

Calça as luvas e olha fixamente para a câmara.

– O medo não é real – diz ela –, a menos que o tornemos real.

Senta-se.

Pega na tesoura de poda.

Põe a língua de fora.

Corta.

Arqueja, mas não grita.

A câmara capta tudo. Nos ecrãs, o público vê a língua ser cortada em duas. Alguém desmaia. Outros gemem. A artista não. Ela mantém-se inabalável.

O sangue escorre-lhe da boca.

Parte um

Quero ter uma vida na qual sou livre.

O mundo está louco. As pessoas estão sempre a dizer isso.

Pelo contrário, nós somos bastante sãos de espírito. Um dia, todos nós vamos morrer. Nunca mais sentiremos uma ligeira brisa. Nunca mais veremos o tom rosáceo de um pôr do Sol. Porém, continuamos a apanhar as folhas no outono. Cortamos a relva e limpamos a neve. Desperdiçamos o tempo a fazer todas as coisas erradas. Agimos como se fôssemos viver para sempre.

Mas, pensando bem, o que deve fazer uma bomba-relógio? Só tem duas hipóteses.

Deixar o relógio correr ou explodir.

Natalie

6 de janeiro de 2020

Estou à cabeceira da mesa de reuniões. Nas cadeiras à minha volta sentam-se homens: baixos, altos, gordos, calvos, educados, céticos. Dirijo as últimas palavras do meu discurso ao CEO, que passou cinquenta minutos da minha apresentação de sessenta entretido com o telemóvel e os outros dez a franzir o semblante para mim. Já não é novo e tenta disfarçar esse facto com implantes capilares e um bronzado artificial.

– Com recurso a esta nova estratégia – digo eu –, temos a certeza de que tornaremos a vossa marca de cerveja a preferida dos homens na faixa etária entre os 21 e os 34 anos.

O CEO debruça-se, a boca entreaberta como se habitualmente tivesse ali um charuto empoleirado. É o responsável por uma conhecida marca de cerveja que há anos está a perder quota de mercado a favor de cervejarias artesanais. Como as vendas caíram, a minha nova agência encontra-se numa situação periclitante com estes clientes.

Ele mira-me da cabeça aos pés e faz um sorriso escarninho.

– Com o devido respeito, o que a leva a pensar que *você* – cospe a palavra como se fosse uma sanduíche de merda – sabe como os homens pensam?

Eu espreito pela janela da sala de reuniões, olho com os olhos semicerrados para o longínquo rio Charles e conto até três. A minha equipa alertou-me para este gajo, um dinossauro da América empresarial que ainda acredita que os negócios se fazem nos campos de golfe.

Apetece-me dizer: *Sim, como seria eu capaz de destrinçar o funcionamento de mentes tão complexas? Será que uma simplória como eu alguma vez*

conseguirá compreender a genialidade de uma nobre estrela de uma república universitária? Porque agora eles esmagam latas de cerveja vazias na testa, mas um dia dirigirão conselhos de administração. Um dia, eles serão como o senhor e insistirão que chegaram à sua posição apenas graças ao trabalho árduo. Nessa fase, terão trocado aquela zurrapa aguada a que chama cerveja por garrafas de pinot noir de trezentos dólares. Continuarão a passar os fins de semana aos trambolhões e a vomitar, só que agora fá-lo-ão em quartos de hotel com as mulheres dos seus melhores amigos. Chegada a segunda-feira, sentar-se-ão a esta mesa a interrogar-se porque não sorriu mais vezes. Estarão a torcer pelo meu sucesso, desde que isso não os prejudique. Lamentarão o facto de já não poderem dizer estas coisas em voz alta, a não ser em campos de golfe.

Mas acabo por dizer:

– Para me inteirar da sua empresa, passei os dois últimos meses a orientar grupos de debate com seiscentos homens que se enquadram no seu público-alvo. – Desloco o cursor até ao apêndice do meu conjunto de diapositivos em PowerPoint que inclui quarenta diapositivos de tabelas e gráficos detalhados. – Passei as noites da semana a reunir dados e os fins de semana a analisar os resultados. Conheço as profissões e os rendimentos destes homens. Conheço os seus graus académicos, a sua religião, a sua raça. Sei onde eles moram, conheço os seus estilos de vida e os seus valores pessoais, as suas atitudes para com a marca e para com as marcas da concorrência. Conheço os seus padrões de consumo, a sua solicitude para comprar e as ocasiões em que compram a vossa marca de cerveja. Conheço o seu grau de fidelização à marca. Quando vou no comboio para o trabalho ou quando estou na cama à noite, ouço novamente as entrevistas que realizei para tentar descobrir alguma informação que me tenha escapado. Posso afirmar com confiança que conheço os seus clientes tão bem como conheço o meu pai. – Estremeço involuntariamente. – O que quer dizer que os conheço tão bem como o senhor. Eu não *penso* que sei como os seus clientes pensam. Tenho a certeza disso. Porque já o fiz. Com o devido respeito. – Sorrio para que a ironia pareça uma brincadeira e não um sinal de agressividade.

Todos os demais presentes na sala parecem impressionados. O meu assistente, o Tyler, não se contém e aplaude. Eu viro os olhos na direção dele e é quanto basta para ele parar, mas, entretanto, os outros juntaram-se a ele, tanto os clientes como a minha equipa da conta. O CEO observa-me,

divertido, mas indeciso. Corri um risco ao desafiá-lo à frente de todos para galvanizar os restantes, mas raramente vou ter de interagir com ele; constou-me que ele só comparece nas reuniões de publicidade quando não tem mais ninguém para contrariar. Os elementos da equipa de *marketing* são quem eu preciso que estejam do meu lado. O CEO recosta-se e deixa que os seus subalternos concluem a reunião. Vai embora a meio da sessão de perguntas e respostas.

Cinco minutos depois, os clientes aprovam a nossa proposta de estratégia para este ano. Trocam-se apertos de mão e dão-se palmadinhas nas costas. Pela primeira vez em meses, convidam-nos para almoçar. A equipa da conta fica com os clientes, mas eu recuso. A minha hora do almoço serve para responder aos *e-mails*. Se tiver a caixa de correio eletrónico vazia, passo a hora no ginásio.

Eu e o Tyler descemos no elevador os quarenta andares até ao átrio da Prudential Tower. Sorrio afetadamente enquanto ele elogia a minha apresentação. Não fui eu que o escolhi como assistente; ele foi-me atribuído. Aquilo que lhe falta em ambição (ou em qualquer conjunto de competências demonstráveis, para dizer a verdade), tenta compensar com personalidade.

Na Boylston Street, estremeço de frio enquanto o Tyler chama um Uber. Quando estamos acomodados no carro, viro-me para ele.

– Quero que compres uma caixa de *Cohibas* naquela casa de charutos na Hanover. Embrulha a caixa em papel azul-marinho. Envia-a com uma mensagem no verso de um dos meus cartões de visita. Não nos foleiros da agência, mas naqueles de cartão grosso que eu mandei fazer em relevo. Tens uma esferográfica? Então pega no telemóvel. Quero que a mensagem diga exatamente estas palavras: «Em celebração de uma parceria produtiva.» Termina a frase com um ponto final, não com um ponto de exclamação. Depois, por debaixo dessa linha, um travessão seguido de «Natalie». Percebeste? Não «Atentamente», «Melhores cumprimentos» ou «Um abraço». Apenas um travessão e o meu nome. Manda a caixa para o CEO.

O Tyler fica pasmado.

– Mas ele foi tão indelicado contigo. À frente daquela gente toda.

No telemóvel, toco numa lista de coisas a fazer depois da reunião. Sem desviar o olhar, digo:

– Quando estava a evoluir nesta indústria, sabes o que eu passava mais tempo a fazer? A ouvir. E a tomar notas.

Pelo canto do olho, reparo que ele fica um pouco carrancudo. É apenas três anos mais novo do que eu.

– Quero a ata da reunião de hoje na minha secretária dentro de uma hora. Por favor.

– Estou há dois anos na DCV e nunca ninguém fez as atas de reuniões – resmungo.

– Se calhar foi por isso que quase perdeste o cliente que paga todos os nossos salários. – Fico à espera de uma resposta irritadiça. Como isso não acontece, tiro uma pasta de documentos do meu saco. – Dei uma vista de olhos ao teu resumo da Starburst. Está cheio de gralhas. – Encontro as páginas corrigidas e entrego-lhas. – Dá uma péssima imagem de ambos fazer o trabalho em cima do joelho. Mais cuidado com a revisão da próxima vez, está bem? – Ele cerra os maxilares. – E já te disse: os cabeçalhos são em maiúsculas e a negrito. Não uma coisa ou a outra. As duas. Não fazes ideia de como a atenção ao detalhe te levará longe.

O carro encosta à berma em frente ao prédio do nosso escritório. Fazemos outra viagem de elevador juntos, desta vez em silêncio. Saímos no quinto andar. Quando estamos para nos separar, ele torce o nariz.

– Se nunca tinhas estado com o CEO, como podes ter a certeza de que ele fuma charutos?

– Conheço o meu público-alvo – digo antes de entrar para a casa de banho das mulheres.

Um minuto depois, estou a atravessar o corredor e a consultar a agenda (tenho mais três reuniões à tarde). Estou quase a dobrar a esquina para o meu gabinete quando vozes sussurradas num cubículo ali perto me chamam a atenção. Reconheço a primeira voz como sendo a de uma das minhas assistentes, uma mulher que não sabe que estão a considerá-la para uma promoção.

– Adorava trabalhar para ela. É uma mulher de sucesso que sabe o que quer.

– Ou uma cabra. – Esta é a voz do Tyler.

Os outros assistentes riem à socapa.

– Trata-me como se eu fosse uma criança – diz ele, ganhando coragem com a reação dos amigos. Imita uma voz esganiçada. – *Tyler, quero que vás à casa de banho. Quando limpares o cu, utiliza quatro quadrados de papel higiénico, mas certifica-te de que os dobras em três, não em dois. Se dobrares*

em dois, és despedido. – Todos dão risadinhas, estas pessoas que são quase da minha idade, mas ganham um terço do meu ordenado.

Endireito-me, levanto a cabeça e passo pelo cubículo com passadas largas. Sem abrandar ou olhar para eles, digo:

– Acho que a minha voz não é assim tão aguda.

Alguém arqueja. A última coisa que ouço antes de fechar a porta do gabinete é um silêncio absoluto.

Sentada à secretária, tiro a tampa do meu *tupperware* todo riscado e olho fixamente para o almoço, a mesma coisa que como todos os dias há anos: uma taça de couve-frisada, duas fatias de *bacon*, nozes torradas, grão-de-bico e queijo parmesão, misturados em vinagrete de chalota.guardo ansiosamente pelo dia em que os cientistas descubram que a couve-frisada é pior para a saúde do que a nicotina; por agora, um superalimento é um superalimento. Suspiro e atiro-me ao almoço.

Durante as férias de Natal tive imenso tempo para pensar sobre as minhas resoluções de Ano Novo. No ano passado, comecei a pôr mais dois e meio por cento do meu salário em poupanças. No ano anterior, comecei a trocar a roupa da cama duas vezes por mês em vez de uma. Todos os meses de janeiro (exceto neste), a Kit diz-me que a minha resolução deveria ser divertir-me mais. Todos os meses de janeiro (exceto neste) apetece-me atirar-lhe à cara que as resoluções têm de ser mensuráveis, caso contrário não será possível sabermos se as atingimos, mas isso de pouco serviria para refutar o argumento dela.

Na véspera de Ano Novo, estava eu sozinha no meu apartamento, sentada a ver as agulhas a cair do meu abeto-de-fraser de noventa centímetros enquanto a neve batia na minha janela, e foi com relutância que admiti que a minha irmã poderia ter alguma razão. Para além dos colegas de trabalho, não conheço viva alma na minha nova cidade. Como é que uma mulher de 31 anos faz amigos se não for através do emprego? Preferia ser atacada por um urso do que ir a um daqueles Meetups e confraternizar com um monte de desconhecidos para tentar perceber quem é que terá menos probabilidades de me esfolar.

Tomara a resolução de me esforçar mais no primeiro dia de regresso ao trabalho, focar-me menos no trabalho e mais nas pessoas. Ao fim de três

horas, rejeitei a resolução. Porquê desperdiçar o meu tempo com palermas como o Tyler?

Permito-me um instante a desejar que a Kit aqui estivesse, mas depois afasto o momento de fraqueza.

Vejo que horas são lá na minha terra (nove da manhã) e envio uma mensagem de texto à minha melhor amiga, a Jamie:

Ainda não tive sorte com os colegas de trabalho.

Ela não responde; deve estar atarefada com o bebé. Espeto um grão-de-bico com o garfo e, ao de leve, passo o dedo pelo teclado tátil do meu portátil.

Depois de tratar das mensagens de trabalho, dedico-me à minha conta pessoal. Passo os olhos pelas linhas do assunto: algumas *newsletters*, um cupão de desconto numa mercearia, *spam* de um remetente chamado Merlin Magic Booty. E ainda uma mensagem de info@wisewood.com. Paro.

Há seis meses, a Kit foi para Wisewood.

A minha irmã não me revelou muito antes de partir, apenas me telefonou em julho passado para explicar que encontrara um programa de autoaperfeiçoamento numa ilha no Maine. Os cursos têm a duração de seis meses. Durante esse período, não se pode ter qualquer contacto com a família ou amigos porque o objetivo é a autocontemplação e, oh, a propósito, ela já se inscrevera e partiria para o Maine na semana seguinte, pelo que não me poderia telefonar ou enviar mensagens durante algum tempo.

Eu fui contra. Ela não tinha meios para passar meio ano sem ter rendimentos. E o seguro de saúde? Como é que ela não se importava de cortar o contacto com toda a gente que conhecia durante tanto tempo?

Imaginei-a a encolher os ombros. Se eu recebesse um dólar por cada vez que a Kit me respondeu com um encolher de ombros, poderia pagar a sua estada em Wisewood para o resto da vida.

– Qual é a tua ideia? – perguntara eu. – Finalmente tens um emprego estável, subsídios, um apartamento, e vais prescindir de tudo isso por um capricho?

– Não estou a dizer que Wisewood é a resposta para todos os meus problemas, mas pelo menos estou a tentar perceber – retorquira num tom

mais frio.

– A resposta é o teu emprego. – Nem queria acreditar que ela não percebia. – Quanto custa esse programa? Como é que o vais pagar com aquele empréstimo para estudos?

– Porque é que, por uma vez, não te metes na tua vida, Natalie? – Ela nunca me trata por esse nome, por isso deu para entender que estava furiosa. – Porque não podes ficar feliz por mim?

Eu não podia estar feliz porque sabia exatamente como aquilo iria acabar: a Kit desiludida com Wisewood e encalhada na ilha, a suplicar-me para a salvar. A minha irmã precisa que a salvem com mais frequência do que a maioria das pessoas. No ano passado, ligou-me a soluçar por causa de um cachecol que não sabia onde deixara (eu encontrei-o uma hora mais tarde no armário dela). Por outro lado, é sabido que, de vez em quando, se mete em apuros. Uma vez, acabou apeada no deserto depois de o falhado do namorado que era guitarrista a ter deixado a meio da digressão, pela qual ela desistira da faculdade para o acompanhar. Outra vez, depois de um desentendimento com a melhor amiga, tive de as ir buscar à esquadra da polícia. A minha irmã não me quer por perto até ao preciso momento em que precisa de mim, e então espera que eu largue tudo para a salvar.

Terminámos o telefonema em discussão acesa. Não tive mais notícias dela. Ela nem sequer sabe que me mudei para Boston, servindo-me da sua própria premissa segundo a qual, quando as coisas se complicam, os inteligentes viram as costas à situação. Quando comecei a contemplar a possibilidade de me mudar, imaginara convívios mais frequentes entre irmãs; agora eu estaria apenas à distância de uma viagem de comboio. Ela deixou Nova Iorque antes de eu ter hipótese de fazer o mesmo. Nos meus dias de maior franqueza, consigo admitir que a ausência dela é um alívio. Quanto menos falo com ela, menos culpada me sinto.

O *e-mail* não tem assunto. Abro-o.

Queres vir dizer à tua irmã o que fizeste – ou dizemos nós?

Fico com os pelos da nuca eriçados. Tenho a mão trémula no portátil. A mensagem não está assinada, mas tem um número ao fundo. Em anexo, dois PDF. O primeiro com indicações para chegar à ilha: várias rotas incluindo autocarros, comboios e aviões, todas com destino num cais em Rockland, Maine. Daí teria de apanhar um barco de ligação. O próximo parte na quarta-feira ao meio-dia.

Clico no segundo anexo e olho de sobrolho carregado para o cabeçalho com as letras a negrito. Ao ler as palavras começo a sentir-me indisposta. A meio da página, uma nota manuscrita a azul chama-me a atenção. Fico lívida. Levanto-me da cadeira. Quem poderá ser o autor disto? Como poderá ter sabido? E se já lhe contaram? Encosto as palmas das mãos aos olhos e espero até conseguir acalmar o corpo.

Tenho o controlo da situação. Só preciso de um plano.

Leio a mensagem duas, três vezes, depois marco o número que vem no fundo do *e-mail*.

Atende uma voz gutural e descontraída.

– Wisewood Wellness & Therapy Center. Fala o Gordon.

Eu entro a matar.

– A minha irmã está em Wisewood há quase seis meses...

– Lamento, minha senhora – interrompe-me o Gordon –, mas não passamos as ligações dos familiares aos hóspedes. Os nossos hóspedes podem contactar os seus entes queridos assim que se sentirem preparados.

Pestanejo, irritada. A Kit nunca me disse isso, mas também nunca me telefonou. Faço um esforço para me concentrar na tarefa. Ele poderá passar a ligação se pensar que ela fez o primeiro contacto.

– De facto, ela contactou-me. Enviou-me um *e-mail* a pedir para eu ir aí.

– Pois, mas não faça isso. Só permitimos a entrada de hóspedes aprovados.

Insisto.

– Ela chama-se Kit Collins.

Ele fica em silêncio tanto tempo que chego a pensar que desligou.

– Deve ser a Natalie.

Fico sobressaltada.

– A Kit falou de mim?

– Eu sei tudo sobre si.

Engulo em seco. Será que ele faz parte do «nós» do *e-mail*, o grupo que faz ameaças? Aguardo, sem saber se deva jogar a minha cartada. Ele não entra em detalhes. Eu levanto o queixo, projeto confiança pelo auscultador.

– Posso falar com ela?

– Acho que já fez o suficiente, não acha? – diz ele, cordialmente.

– O que quer dizer com isso?

– Se calhar a sua irmã precisa que interfiram menos na felicidade dela. Desejo-lhe um dia maximizado.

A chamada cai.

O que contou ela sobre mim a esta gente?

Ao que parece, o Gordon sabe alguma coisa, mas se foi o autor do *e-mail*, porquê solicitar a minha ida a Wisewood para depois me desencorajar ao telefone? Pensativa, fico a olhar para o ecrã até este se desligar. Primeiro, responderei à mensagem. Se não receber resposta, telefonarei outra vez para Wisewood. Se não conseguir falar com ela...

Passo outra vez os olhos pelas indicações no PDF. A Kit está a mais de trezentos quilómetros por estrada e mais uma viagem de uma hora e um quarto de barco. Poderia queixar-me dela até ficar sem fôlego, mas não deixa de ser a minha irmã mais nova. Além disso, chegou a hora. Jurei revelar-lhe a verdade vezes sem conta, mas fui demasiado medrucas para confessar.

Não faço ideia de qual será a reação da Kit quando ficar a saber.

2

Ninguém dissera uma palavra durante toda a viagem de carro. A coisa começava bem.

Não, começava de forma *fortuita*. *Fortuito: dependente do acaso*, e é também a palavra do dia no meu calendário amarelo-vivo, o presente dos meus pais no Natal passado.

Agarrei o *Sr. Urso*, desci da carrinha e fiquei de pé na rampa de acesso, a olhar. A casa térrea no lago da tia Carol tinha as laterais revestidas a ripas vermelhas e venezianas verde-escuras. Não era grande nem chique como algumas das outras casas pelas quais passáramos na viagem, mas tinha três quartos. Eu iria ter um quarto só para mim a semana inteira.

– Ajuda a tua mãe e a tua irmã com as compras – disse o Sir, carregado de malas, a caminhar para a porta da frente. Atirei o *Sr. Urso* para o banco de trás e fui à bagageira, onde a minha mãe me passou um saco de papel com comida.

– Leva dois sacos – disse a Jack.

– São muito pesados. – Precipitei-me para a casa antes de ela ter tempo de me passar outro.

O Sir abriu a porta. Espreitei para lá dele. A casa cheirava a bafio, mas parecia asseada. Levei as compras para a cozinha acolhedora. O sol entrava pelas janelas. Peguei numa mensagem de boas-vindas manuscrita que estava em cima da bancada e senti o Sir a ler por cima do meu ombro.

– É claro que ela tem regras da casa. – Deu uma risadinha, depois deu-me uma cotovelada e baixou a voz. – Assegurar-nos-emos de que as violaremos todas. – Não consegui perceber se estava a falar a sério, por isso fiz um ruído que poderia significar qualquer coisa.

O Sir não gostava da tia Carol porque ela era familiar da minha mãe e tinha a distinta lata de conseguir pagar uma segunda casa sem ajuda

masculina. Ele raramente nos deixava estar com ela, mas calculei que não a odiasse o suficiente para recusar quando ela se oferecia para nos emprestar a casa.

Mal tive tempo de desfazer as malas e bisbilhotar a garagem antes de o Sir convocar uma reunião na acolhedora sala de estar. Havia almofadas por todo o lado, bordadas com dizeres como *Viver, Rir, Amor e Só quero beber vinho e afagar o meu gato*.

O Sir bateu as palmas, os olhos reluzentes.

– O que me dizem a irmos dar um passeio em família?

Eu e a Jack dissemos que sim com a cabeça. Ninguém tratava a minha irmã pelo seu verdadeiro nome. O Sir desejava um rapaz. Quando a enfermeira lhe entregara uma menina, isso não o impedira de a tratar pelo nome que escolhera para o seu rapaz. Para horror da minha mãe e da minha irmã, o apelido colara.

A mãe colocou os braços em torno de si mesma.

– Acho que vou rezar o terço e depois deitar-me, enquanto vocês os três vão explorar.

O semblante do Sir ensombreceu.

– As nossas primeiras férias em família e tu vais passá-las a dormir?

– Temos muito tempo, não temos? – redarguiu a minha mãe. – Só preciso de uma ou duas horas. A viagem deixou-me exausta. – Virou costas e, antes de ele ter tempo de responder, foi pelo corredor e fechou a porta de um quarto devagar. A Jack olhou nervosamente para o nosso pai, enrolando uma madeixa de cabelos castanhos nos dedos.

O Sir abanou a cabeça.

– Parece impossível.

Saiu pela porta das traseiras. Eu e a Jack fomos atrás dele, deixando a porta de tela bater com estrondo. Seguimos os três pela relva que nos dava pelos tornozelos pelo meio de árvores centenárias que faziam o mastro da bandeira do pátio parecer pequeno. A bandeira nacional esvoaçava alegremente no seu poleiro.

– Aquela mulher está sempre cansada – resmungou o Sir.

Dez metros adiante havia um lago artificial, verde-oliva e turvo. Junto à água, um ancoradouro e um hangar. O barco a motor da tia Carol estava guardado lá dentro.

O Sir olhou para o barco e brindou-nos com um sorriso.

- O que me dizem, meninas?
- Eu vi ferraduras na garagem – atalhei.

Ele compôs os óculos de armação fina e juntou os lábios, pensativo, fulminando-me com o olhar. Tinha o cabelo tão curto que mal se conseguiam notar os cabelos louros quase brancos.

- Quero aprender a jogar com as ferraduras – menti.
- Conduzi durante duas horas e tu queres ficar em terra? Não me parece.

O Sir começou a caminhar para o hangar e, por cima do ombro, disse:

– Jack, vamos pôr isto na água. – Ela seguiu-o pelo relvado que estava a precisar de ser aparado. A minha irmã só era três anos mais velha do que eu, mas os nossos corpos tinham começado a ficar diferentes. Quando éramos pequenas, o Sir dizia que éramos os seus *palitos*, mas essa alcunha já não se aplicava à Jack. Ela começara a ficar com curvas. Eu morria de inveja.

Era má ideia deixar aqueles dois sozinhos. Eu nunca sabia quando ela poderia estar virada para me denunciar. Apressei-me a segui-los até ao ancoradouro.

À semelhança da casa da tia Carol, o barco era simples, mas estava bem cuidado. O Sir e a Jack içaram-no para a água. Ele saltou lá para dentro e ela seguiu-o de perto. Viraram-se para mim, à espera. Ondas furiosas fustigavam o barco de lado. Com lugar para quatro pessoas, era mais pequeno do que eu esperara. Mordi o lábio.

- Não temos o dia todo, querida. – O Sir ligou o motor.

Eu abri a boca e engoli em seco.

- Vou só...

– Mete a tua irmã no barco – ordenou o Sir à Jack. Afastou-se e perscrutou o lago, protegendo os olhos do sol.

A Jack estendeu-me a mão. Eu abanei a cabeça quase impercetivelmente. Ela esticou-se ainda mais, tentando chegar até mim. Eu abanei a cabeça outra vez. Ela arregalou os olhos, primeiro furiosa, depois com medo. *Já*, mexeu os lábios sem produzir qualquer som.

Não consigo, respondi da mesma forma.

Ela olhou da minha cara para a do Sir, que estava a estudar o painel de instrumentos do barco. Consegui ver que estava a fazer os seus cálculos: quanto mais tempo estaria distraído? O que é que ele faria quando percebesse que ela não cumprira a sua ordem?

Por favor, suplicou.

Avistei um colete salva-vidas cor de laranja em cima de um assento. Eu podia vesti-lo assim que subisse a bordo. Não queria que a minha irmã se metesse outra vez em sarilhos; nunca se sabia qual seria a severidade do castigo.

Agarrei-lhe a mão. O alívio espelhou-se no seu rosto. Puxou-me para o barco.

– Vai correr tudo bem – disse ela.

Eu estava demasiado ocupada a correr para a popa para responder. Estava a passar o colete salva-vidas pela cabeça quando o Sir vociferou, fazendo-se ouvir por cima do rugido do motor.

– Tira essa coisa.

Eu estaquei, depois virei-me para ele.

Ele fitou-me, uma sobrancelha loura soerguida.

– Tens medo da minha condução?

– Não – gemi, agarrando o colete com mais força.

Ele apontou com o polegar para a casa.

– Hoje deixámos todos os cobardes para trás. Nenhuma filha minha precisa dessa coisa.

Não me mexi. O colete ainda por cima da cabeça.

– Não vou dizer outra vez – ameaçou o Sir. A Jack foi a correr até mim, arrancou-me o colete das mãos e atirou-o para cima do assento.

– Vamos lá – disse ela.

O Sir arrancou com o barco do ancoradouro da tia Carol para o meio do extenso e estreito lago Minnich. *Dezassete quilómetros de orla costeira*, dissera a minha mãe quando estávamos a fazer as malas no dia anterior. O Sir mostrara-se preocupado por a água poder estar apinhada de famílias a aproveitar o tempo de fim de verão, mas a minha mãe afiançara-lhe que a maioria das crianças já estaria na escola, que não começavam as aulas mais tarde como acontecia no nosso distrito. Ela tinha razão. Nesta segunda-feira de inícios de setembro, o lago estava deserto. O Sir e a Jack acenaram para os poucos barcos com que nos cruzámos. Eu estava ocupada demais a agarrar-me à amurada com as duas mãos.

– O que me dizem destas vistas? – exultou o Sir, gesticulando para a zona envolvente. Obedientes, eu e a minha irmã observámos tudo: alguns pequenos areais, cabanas e rulotes afastadas da orla costeira, sicómoros tão

grandes que ameaçavam engolir as casas inteiras. Um esquilo a perseguir outro. Um sapo a coaxar. Por um segundo, esqueci-me de ter medo.

Ao fim de vinte minutos, diminuí a pressão dos dedos na amurada. Recostei-me no assento almofadado e deixei o sol aquecer-me a cara. A minha primeira vez num barco não foi assim tão má. Quase nem me mexi quando uma gota de água me salpicou a cara.

O barco abrandou. Eu abri os olhos. Estávamos numa enseada afastada do canal principal. A Jack estava ajoelhada ao lado do meu assento a arrastar os dedos pela água. Estremeci ao reparar na maneira como estava debruçada sobre a amurada e agarrei-a pela camisa para jogar pelo seguro. Ela olhou para mim e piscou o olho.

O Sir parou o barco no meio da enseada e tirou um saco com comida de debaixo do seu assento. A Jack preparou sanduíches de mortadela, retirando com cuidado a cêdea da minha, como eu gostava, coisa que quase nunca fazia. Depois de devorarmos as sanduíches, deitámo-nos de costas e ficámos a olhar para o céu. O Sir deu-me o casaco dele para fazer de travesseiro. A Jack ficou ali deitada, a morder o lábio e à espera não sei de quê, enquanto eu e o Sir apontávamos para as nuvens a imaginar formas de animais.

Ele gesticulou para uma que vinha na nossa direção.

– Aquela ali é um unicórnio.

Eu dei uma risadinha.

– Os unicórnios não existem de verdade.

Ele fingiu-se indignado.

– Então o que achas que é?

Eu pensei.

– Um rinoceronte?

– Um *reno-ssoronte*? – disse ele, pronunciando a palavra como eu costumava dizer quando era pequenita. Olhei de relance para ele. Ele continuou a olhar para o céu, mas deu-me um toque com o ombro. Senti o coração a duplicar de tamanho como o do Grinch. Talvez este fosse um daqueles dias que eu recordaria para sempre. Saberíamos que estávamos a criar as nossas memórias favoritas enquanto estavam a acontecer?

Os joelhos do Sir estalaram ao pôr-se de pé. Pôs as mãos nas ancas, os lábios enrugados ao sondar a água. Era quase bem-parecido, ali de pé. Um metro e oitenta, forte e bronzeado por passar o verão inteiro a construir piscinas para famílias ricas. Desta perspetiva, não dava para ver as papadas

que se começavam a formar, a barriga bojuda no seu corpo, de outro modo esbelto. Interroguei-me no que estaria a pensar.

Acocorou-se à minha frente.

– Vou-te dizer uma coisa, meu doce. – Derreti-me. Ele só me tratava assim quando estava especialmente agradado comigo. – Se conseguires ficar a boiar neste lago durante uma hora, não terás de ir às aulas de natação.

Os ombros da Jack enrijeceram ao lado dos meus.

– Receber s seis pontos. – O Sir afagou os pelos da barba. – Não receberás uma proposta melhor.

Hoje, eu já conseguira nove pontos. Poderia chegar aos quinze se ajudasse a preparar o jantar e acabasse de ler aquele livro que o Sir me estava a obrigar a ler, da autoria de um tipo chamado Carnegie. Sentei-me e fiz um esforço para o olhar nos olhos.

– Prefiro as aulas.

– Há dois anos que não pães l  os p s. – Enrugou a cara. – Tens quase nove anos e não sabes nadar.   uma vergonha.

Senti-me a ruborizar.

– Só tenho oito anos e três quartos.

Ele apontou para a Jack.

– A tua irmã já completou os seis níveis e dentro de dois verões poderá ser nadadora-salvadora.

A Jack evitou olhar para os meus olhos.

Engoli em seco.

– Mas não trouxe o fato de banho.

Ele meneou a mão como quem diz que isso não tinha importância.

– O que tens vestido serve muito bem. Tens muita roupa seca em casa.

Estremeci. Sabia quando era o momento de argumentar e quando era o momento de suplicar.

– Por favor, Sir. Por favor, não me obrigues a fazer isso.

Ele puxou-me até eu ficar de p .

– O facto de teres tanto medo da água   prova de que tens de ir. Vais evitar as banheiras o resto da vida? Eu sei que agora mete medo, mas verás que não é assim tão mau.

Virei-me para a Jack, suplicando-lhe em silêncio que ela intercedesse por mim. Ela virou-se de barriga para baixo. Escorreu-me uma lágrima pela cara (-4).

– São menos quatro pontos – disse o Sir assim que pensei nisso. – Não quero ter de te empurrar.

Ele não iria ceder. Olhei à minha volta e o meu olhar incidiu outra vez sobre o colete salva-vidas.

O Sir troçou antes de eu dizer o que quer que fosse.

– Isso seria desvirtuar o propósito.

Eu ia ter de me meter na água. Os meus dentes bateram, depois estremeceram-me os ombros, depois os braços, até ficar toda a tremer.

– Tens de te acalmar, caso contrário nunca conseguirás. Já te ensinei a nadar à cão. Sabes o que tens de fazer. Agora estás a deixar-te tomar pelo medo. A tua imaginação está a dizer-te que vai ser pior do que realmente é. Vais ver.

Eu assenti com a cabeça, mas não acreditei nele. Descalcei as sapatilhas, mas não tirei as meias, depois fui a arrastar os pés até à pequena escada que havia do lado de fora da popa do barco. Subi para o degrau mais alto, a sondar o lago à procura de animais de dentes afiados e pele escamosa. Haveria piranhas no lago Minnich? Virei-me de frente para a escada para não ter de olhar para a água. Com duas largas passadas, o Sir estava debruçado por cima de mim, com cara de poucos amigos.

Paradoxo: pessoa, coisa ou situação que apresenta uma natureza aparentemente contraditória. A palavra da segunda-feira anterior.

Desci para o segundo degrau. A água fria encharcou-me as meias e as barrigas das pernas despidas.

O Sir fez um estalido com a língua.

Desci mais um degrau, mergulhando na água os joelhos e as bainhas dos calções cor-de-rosa. Rezei ao Deus da minha mãe.

As narinas do Sir dilataram-se.

Passei para o último degrau e encolhi-me quando os calções ficaram completamente submersos. Agora estavam pesados e puxaram-me para o fundo. Fitando o meu pai, rezei para que mudasse de ideias, para que isto fosse o suficiente. Eu poderia ultrapassar o meu medo noutra ocasião. Ainda estava seca da cintura para cima.

Olhou-me com uma expressão empedernida.

– Maldita sejas. – Empurrou-me os dedos com o sapato. Estarrecida, abri as duas mãos e caí à água. Gritei com a explosão de frio que me chegou ao

pescoço. Quando tentei agarrar-me à escada, o Sir atirou-a para o chão do barco com estardalhaço.

Não me ia deixar subir.

Perdi o controlo da bexiga e a água gelada aqueceu à minha volta. Esbracejei e esperneeiei para me afastar do barco com medo que ele percebesse. Não sabia quantos pontos custaria fazer chichi nas calças, mas de certeza seriam muitos.

Ele tirou do bolso o horrível cronómetro. Iria a algum sítio sem o levar?

– Se tocares sequer no barco, o cronómetro volta ao zero. – Carregou num botão. O cronómetro emitiu um sinal sonoro.

Arquejei, tentando abrandar a frequência cardíaca. A água não era propriamente viscosa. Era tudo uma questão psicológica. Estiquei os dedos dos pés para ver se conseguia tocar no fundo. Não conseguia. Imaginei os tornozelos a ficar emaranhados em algas que me estorvariam os movimentos, vi-me a ir ao fundo, a afundar até à minha morada eterna no fundo do lago, os meus cabelos a ondular como algas, a minha pele a decompor-se em flocos de alimento para os peixes, a minha carne a ser devorada, sobejando apenas a caveira e os dentes. O Sir a apanhar o que restava de mim com uma rede de pesca, a maior pescaria da sua vida. Ou, quiçá, deixar-me-ia ali, a apodrecer e a pairar no meu leito de sedimentos, demasiado envergonhado com a minha falta de coragem para reclamar o meu corpo.

Trémula, mexi os braços e bati as pernas como o Sir me ensinara. Sentado numa cadeira à popa do barco, ele fitou-me.

– Achas que eu *gosto* de passar as minhas primeiras férias em dez anos a ensinar o significado de disciplina à minha filha?

Há anos que eu sabia o que era uma pergunta retórica.

Esperneeiei, chapinhei e lutei contra a água, sem nunca perder o barco de vista. Tentei não pensar no que poderia estar atrás e abaixo de mim, naquilo que sentiria caso alguma coisa me arrancasse a pele dos músculos às lascas.

– Deus sabe que não te irás safar pelos teus talentos ou dons. Deus não se lembrou dos nossos antepassados quando estava a distribuir presentes, disso não há dúvida. Se o teu avô tivesse uma ideia, ela teria morrido de solidão. Não é que o teu querido paizinho seja muito mais dotado. Nós não podemos controlar os cérebros com que nascemos, mas o que é que podemos controlar?

Ele esperou tanto tempo que eu percebi que, desta vez, queria uma resposta.

- O esforço que dedicamos às coisas – resfoleguei.
- Fala alto.
- O esforço que dedicamos às coisas – repeti, agora mais alto.
- Qual é a única forma de teres sucesso?
- Através da minha força de vontade – recitei.

O Sir anuiu, satisfeito.

– Eu não acredito no destino, mas acredito no potencial. Tu tens todo o potencial do mundo para atingires a grandiosidade, querida. Não permitas que alguém te convença do contrário. – Consultou o cronómetro. – Dez minutos.

Passados mais alguns minutos, pareceu entediado. Levantou-se e espreguiçou-se. Talvez fosse cancelar os planos e levar-nos para casa. Eu estaria disposta a prescindir das férias todas se com isso pudesse sair da água.

– Estás a ir muito bem, meu doce. Já passaram quinze minutos. Vou pedir à Jack para controlar o cronómetro enquanto faço uma soneca.

Fiquei em êxtase ao ver a Jack caminhar para a popa do barco. Deixou-se cair na cadeira onde o Sir estivera a controlar ainda há poucos segundos. Ela consultou o cronómetro, simultaneamente ansiosa e incomodada.

– Deixa-me...

Ela fulminou-me com o olhar, espreitou por cima do ombro, depois encostou o dedo aos lábios. O meu coração disparou.

Não aconteceu coisa alguma. Ele não me deveria ter ouvido.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu, recusando-se a olhar para mim. Eu dei às pernas sem parar, esperando o que me pareceram horas, tentando não entrar em pânico enquanto ia perdendo a sensibilidade dos dedos das mãos e dos pés. De certeza que ele já estaria a dormir.

– Deixa-me descansar – pedi à minha irmã.

Os olhos dela voltaram-se para o Sir, depois outra vez para o céu.

– Não posso.

– Estou cansada.

– Desculpa. – Ela fechou os olhos. Era a minha recompensa por subir para o barco, por a ajudar a não ficar em maus lençóis.

Aproximei-me devagar, depois precipitei-me para a lateral do barco. A Jack saltou da cadeira, preparada para me impedir, mas a superfície era escorregadia demais para eu me segurar. Escorreguei pelo fundo abaixo, arfando com o choque de ter a cara fria e molhada. Engoli água e quando vim à tona estava a sufocar.

- Se voltares a fazer isso, ponho o cronómetro a zero.
 - Por favor. Não temos de lhe dizer.
 - Ele saberá. – Espreitou outra vez por cima do ombro. – Sabe sempre.
- Tossi, tentando expelir a água.
- Eu não faço barulho.
 - Chiu. Vais meter-nos em sarilhos.
 - Não consigo fazer isto – choraminguei, a tremer.

Ela consultou o cronómetro.

- Já passaram trinta e cinco minutos. Mais de metade.

Eu estava com câibras. Uma meia caíra-me do pé, deixando os dedos à mercê de presas e garras. Alguma coisa estava a puxar-me para o fundo do lago, tinha a certeza. O que quer que fosse não iria comer-me às lascas, mas sim aos nacos, devorando-me metade de um membro de cada vez. Senti os dentes afiados a lacerar-me o braço, imaginei o lago a ficar vermelho da cor da ferrugem. Lamentei-me outra vez, agora baixinho.

A Jack também ficou à beira das lágrimas. Virou a cadeira de maneira a que só a conseguisse ver de perfil.

- Não sejas choramingas. – Limpou a cara.

Choramingas? Eu já vira a Jack a chorar baba e ranho quando o Sir a forçara a desafios muito menos exigentes do que este. O que é que a minha irmã sabia sobre ter coragem? As coisas aconteciam-lhe sempre de feição: fazer amigos, ter boas notas, aprender a nadar. Era fácil não ter medo quando era boa em tudo o que fazia.

Um animal deslizou pela água mesmo à beira do barco. Eu guinchei, esbracejando para trás, tentando afastar-me o máximo possível. Andei às voltas, à procura dele, o queixo a arrastar pela água. Pelo canto do olho, vi-o outra vez. Dei um grito estridente e nadei para longe dali, esperneando com tanta força que perdi o fôlego.

Imaginei aquilo a andar à volta dos meus pés e a enroscar-se nos meus dedos. Seria muito grande? Será que mordia? A dor seria muito pior do que arrancar um dente? O Sir obrigava-nos sempre a utilizar um cordel e o

puxador da porta, dizia que abaná-lo até sair era para maricas. Será que ser comida era assim, em que o medo de sofrer é pior do que a dor propriamente dita? Quanto tempo demoraria até deixar de sentir alguma coisa?

Alguma coisa roçou-me a barriga da perna direita. Berrei e mergulhei a cabeça na água. Estava com demasiado medo para abrir os olhos. Gritei, mas o grito mais pareceu um murmúrio. Trouxe a cabeça à tona e engoli ar, a gorgolejar, a gritar e a andar às voltas, à procura do barco. Como ficara tão longe? Não estava ninguém na cadeira à popa. Onde estava a Jack? Tossi e mergulhei outra vez.

Desta vez, abri os olhos. A água era de um verde turvo a fazer lembrar vomitado. Engoli mais água e fiquei com a garganta a arder e zonga. Os meus braços e pernas eram como betão. Já não conseguia fazer com que me obedecessem. Estavam cansados demais. Eu estava gelada, não conseguia ver nem ouvir coisa alguma, senti-me a ir ao fundo, sozinha. Morrer era assim? Supliquei pelo entorpecimento.

Ficou tudo negro.

Recuperei a consciência, o peito a elevar-se, a inspirar baforadas de ar. Abri os olhos e o sol ofuscou-me. As caras do Sir e da Jack ganharam forma, pairando sobre mim. Estava deitada no chão do barco. A Jack tinha os olhos raiados de sangue, os cabelos encharcados a pingarem em cima da minha cara. Pestanejei.

Com as mãos apoiadas nos joelhos, o Sir brindou-me com um sorriso rasgado.

– Parece que, afinal de contas, vais mesmo ter aulas de natação, querida.

Natalie

8 de janeiro de 2020

Depois de uma viagem de três horas e meia, o autocarro estaciona no parque de estacionamento do Rockland Ferry Terminal. Pelo caminho, passámos por feiras de produtos hortícolas, restaurantes e lojas de material para a apanha de lagosta, também por uma loja de artesanato chamada Maine-ly Sewing¹. Um letreiro ao lado de um carrinho de comida vangloriava-se de ter vendido mais de cinco milhões de cachorros-quentes. Em circunstâncias normais teria achado piada à ideia, mas não conseguia deixar de pensar na minha irmã.

O nosso último FaceTime pautara-se pela normalidade até a Kit anunciar que iria partir para Wisewood. Faláramos sobre quem seria o vencedor da temporada atual do *Survivor* (não nos importava se éramos as duas únicas fãs da série; o nosso apoio ao Jeff Probst era inquebrantável). Eu falara-lhe de uma aplicação de segurança de que eu gostava, pois ela perdera outra vez todas as suas palavras-passe (isso também me causa uma enorme ansiedade). Ela falou-me de uma *start-up* de consultoria de imagem que envia roupas para casa das pessoas, para não se ter de suportar a tortura sem igual que é fazer compras numa loja. Ela estava estável, feliz. Até eu censurar a sua decisão de partir.

Queres vir dizer à tua irmã o que fizeste – ou dizemos nós?

Estremeço. A única coisa pior do que admitir o meu segredo à Kit seria permitir que quem enviou o *e-mail*, ou qualquer outra pessoa, o fizesse por mim. Tenho de a apoiar na sua dor, defender-me, se ela me quiser ouvir.

Isso é um grande «se».

Levanto-me do lugar, as pernas a tremer, e desço do autocarro para a manhã soalheira, mas fria. Alguns centímetros de neve imunda foram varridos para as imediações do parque de estacionamento. Sinto-me imediatamente exposta. E se o pessoal de Wisewood já estiver aqui, a vigiar-me? Passo os olhos pelos poucos carros que estão no parque de estacionamento, depois baixo a cabeça e apresso o passo com a minha mochila para o edifício do terminal.

Depois de o Gordon me desligar o telefone na cara há dois dias, respondi ao *e-mail*, uma mensagem breve e simples: *Quem és? Por favor, pede à minha irmã para me ligar.* Depois pesquisei Wisewood no Google. Consegui uma morada e um número de telefone, que era aquele para o qual eu ligara, e ainda hiperligações com instruções para lá chegar e três críticas do Google. O primeiro URL dos resultados de pesquisa era ihatemyblank.com. Cliquei lá.

Abriu-se uma página de destino toda a preto e sem nada escrito. Fiquei a olhar, à espera que acontecesse alguma coisa. Passados alguns segundos, uma de cada vez, apareceram grandes letras brancas, como se estivessem a ser escritas naquele momento.

ODEIO O MEU _____

O cursor ficou a piscar no fim do espaço em branco. Era suposto eu preencher? Inclinei-me para o computador, os olhos semicerrados. As letras começaram a aparecer outra vez: t-r-a-b-a-l-h-o. Assim que a palavra «trabalho» foi concluída, uma nova substituiu-a. As palavras preencheram o

espaço em branco cada vez mais depressa, passando tão depressa que quase me escaparam algumas.

ODEIO O MEU TRABALHO

ODEIO O MEU COMPANHEIRO

ODEIO OS MEUS AMIGOS

ODEIO A MINHA _____ FAMÍLIA

ODEIO A MINHA _____ ESCOLA

ODEIO A MINHA _____ DÍVIDA

ODEIO A MINHA _____ DOENÇA

ODEIO O MEU _____ CORPO

ODEIO A MINHA _____ CIDADE

ODEIO O MEU **VÍCIO**

ODEIO A MINHA **DEPRESSÃO**

ODEIO A MINHA **ANSIEDADE**

ODEIO A MINHA _____ DOR

ODEIO A MINHA _____ VIDA

Quando apareceu a palavra «vida», as letras estremeceram, primeiro suavemente, mas depois com mais violência, até explodirem num monte de átomos. Assim que todos os átomos se misturaram com o ecrã negro, apareceu uma nova frase.

**NÃO TERÁ CHEGADO A HORA
DE FAZERES UMA MUDANÇA?**

DO QUE TENS MEDO?

COMO SERIA A TUA VIDA

SE COMEÇASSES A VIVÊ-LA?

VEM DESCOBRIR.



Apareceu um campo de formulário onde eu deveria inserir o meu endereço de correio eletrónico com um botão para submeter logo abaixo

com os dizeres GANHA CORAGEM. Recostei-me na cadeira e expirei, imaginando a Kit a ver esta conversa de vendedor. Tentei imaginar que parte a aliciara, mas também o que ela odiaria: o trabalho? A dor? A nossa família? Saí do *site* sem me registar. Não estava para aturar conversas semanais para estimular a confiança nem para anos de purgatório a tentar anular a subscrição.

Em vez disso, voltei à página dos resultados da procura e cliquei nas críticas do Google. Duas atribuíam-lhe cinco estrelas, a terceira apenas uma. Os utilizadores anónimos não deixaram explicações, apenas as classificações. Pesquisei Wisewood no Tripadvisor e no Booking.com. A estância estava listada, mas não tinha críticas. Como é que Wisewood conseguia estar no ativo se tinha tão poucos clientes? Ocorreu-me que alguém disposto a renunciar a toda a tecnologia durante seis meses provavelmente não iria a correr para o computador publicar uma crítica de viagem ao regressar a casa.

Verifiquei a caixa de correio a cada poucos minutos, abstraindo-me durante as restantes reuniões de segunda-feira. Como não obtive resposta, senti um nó na barriga. Passou-se a manhã de terça-feira. Telefonei outra vez para Wisewood; desta vez, ninguém atendeu. Passou-se outro dia de trabalho. Às cinco da tarde, telefonei uma terceira vez, mas, de novo, ninguém atendeu. O nó apertou-se. Ponderei a possibilidade de fazer uma participação de pessoa desaparecida, mas a Kit não estava desaparecida. Imaginei-me a entrar numa esquadra da polícia, explicar que sabia onde a minha irmã estava, mas que ela se recusava a contactar-me. Mandar-me-iam para o consultório de psiquiatria mais próximo.

Ontem, quando saí do trabalho, sabia que não receberia notícias da Kit ou do Gordon. Em casa, sentei-me na cozinha e fixei o olhar no telemóvel. O meu relógio fez um tiquetaque ininterrupto, a admoestar-me, até eu ficar com vontade de o arrancar da parede. Enviei um *e-mail* ao meu chefe a informar que surgira uma emergência familiar e que não iria trabalhar durante uns dias, na pior das hipóteses uma semana. Ele disse-me para tirar o tempo que fosse preciso. Quando trabalhamos muitas horas e não temos vida social, os superiores hierárquicos aprendem a gostar de nós bastante depressa.

O edifício do terminal de Rockland é asseado e tranquilo. As bandeiras da América e do estado do Maine estão dependuradas numa viga. Há quatro

filas de bancos viradas para o cais de embarque. Nas paredes, pequenos vitrais com cenas de aves e plantas que devem ter algum significado para o Maine.

Depois de ir à casa de banho, volto a sair. Umas nuvens cinzentas aproximam-se do cais. Enfio as mãos nos bolsos e expiro, observando a nuvem de condensação a sair-me pela boca. Paro junto de duas rampas de descarga em forma de H. Na primeira rampa, o *ferry* público para a Vinalhaven Island prepara-se para zarpar. Homens de calças de ganga e *sweatshirts* amarelo-néon orientam os camionistas enquanto estes conduzem os seus veículos para o *ferry*. A água resplandece, mais azul do que seria de esperar, olhando ao movimento.

Do outro lado do cais balançam dezenas de barcos à vela. Há ali perto uma barraca de venda de lagosta com mesas de betão e bancos de bar vermelhos. Preso a um poste de iluminação, um letreiro escrito à mão:

HÓSPEDES DE WISEWOOD. POR FAVOR AGUARDAR AQUI.

Sento-me num banco e faço um esforço para me convencer de que não estou em perigo. Espero não ser o único passageiro neste barco; só mesmo eu para tentar salvar a minha irmã e acabar dentro de um saco para cadáveres no fundo do mar.

Bato com o pé no chão e consulto o telemóvel. O táxi aquático deverá chegar dentro de seis minutos. Considero a possibilidade de enviar alguns *e-mails* enquanto espero (se eu não o mantiver ocupado, o Tyler passará o dia a aperfeiçoar a sua rotina de *stand-up*), mas estou demasiado em pulgas para me concentrar. Encaminha-se para mim uma mulher de sessenta e tal anos com um chapéu de caqui e a arrastar uma mala lilás. Suspiro de alívio. Até mesmo uma conversa de circunstância é melhor do que imaginar o barqueiro de Wisewood a enrolar-me num oleado como se fosse um rolo de presunto e queijo de barrar.

A mulher acena na minha direção, a pochete à volta da cintura a abanar.

– Está à espera do *ferry* para Wisewood?

Eu digo que sim com a cabeça.

– Eu também. – Estende-me a mão. – Sou a Cheryl.

– Natalie – respondo, enquanto lhe aperto a mão. – O que a traz a Wisewood?

– Um pouco de repouso e recuperação, um pouco de autocontemplação.
– Morde o lábio, pensativa. – Oh, que diabos, este sítio é para sermos honestos. – Inclina-se e baixa a voz. – Eu e a minha sócia íamos aposentar-nos no ano que vem, vender a nossa loja de flores. Em vez disso, ela deu-me um pontapé no traseiro e substituiu-me. Ao fim de vinte anos juntas. – A Cheryl aperta a pega da mala com tanta força que a parte ao meio. Faz um enorme esforço para relaxar os maxilares e rola a cabeça de um lado para o outro por cima dos ombros. – Experimentei meditação. Exercício. Terapia. Muita, muita terapia. – Dá uma gargalhada amargurada. – Não consigo esquecer. Sento-me um minuto no sofá e, sem dar por isso, passaram-se horas. – A sua expressão endurece. – Havia de ver a indemnização que ela me deu, a desfaçatez. A loja foi ideia *minha*, abrimo-la com as *minhas* poupanças. Se não fosse a pensão do meu marido, eu teria de começar do zero aos 64 anos.

A Cheryl tem os ombros repuxados até às orelhas.

– Lamento muito.

Ela toca-me no braço.

– Obrigada, querida. Calculei que, se a terapia tradicional não resultou, talvez precisasse de uma coisa menos convencional. Foi a minha irmã que me falou de Wisewood. Ela veio depois de um divórcio atribulado. O marido é um verdadeiro estafermo. Eu avisei-a antes de se casarem há trinta anos, mas ela alguma vez me dá ouvidos? De qualquer modo, Wisewood não parece ser um retiro vulgar, umas férias pretensiosas com ioga ao nascer do dia pelo meio. Sabe o formulário que tivemos de preencher? Desde os meus tempos de escola que não escrevia algo tão extenso. – Soergue uma sobrancelha. – Constou-me que só aceitam dez por cento dos candidatos. Gostei daquela frase da brochura: *Não somos a sua primeira opção*².

Que história contaria a candidatura da Kit? Questiono-me se a taxa de aprovação de dez por cento é verdade ou um estratagema de *marketing* para dar ares de exclusividade ao local.

– Gostei disso – repete a Cheryl. – Dá a entender que Wisewood se destina a pessoas que precisam mesmo de ajuda. Não serão quatro dias com pessoas a dar provas de confiança deixando-se cair de costas nos braços de outras e palavreado sobre empoderamento e depois o regresso a casa com

uma palmadinha nas costas. É difícil mudarmos a nossa vida numa semana, não acha? Refiro-me a uma mudança real e duradoura.

Anuo, absorta. A Kit deveria estar desesperada. Sinto uma pontada de culpa; não fazia ideia de que era tão infeliz.

– A minha irmã nunca esteve tão feliz, por isso decidi dar também uma oportunidade a Wisewood.

Eu deveria ter sido franca com a Kit desde o início. Não, para começar, nunca deveria ter feito aquilo que fiz.

Se lhe disseres, ela odiar-te-á.

Esfrego a cara e chega outro grupo: dois adultos na casa dos cinquenta e uma adolescente. O casal diz que inscreveu a filha Chloe antes de ela ir para a universidade no outono, mas não revela porquê.

– Nunca esteve tanto tempo longe de nós – diz o pai, passando o braço à volta dos ombros da Chloe, que é uma mistura entre a Wednesday Addams e o Primo Itt com a pele lívida e um monte de cabelos escuros.

A Chloe contorce-se para se libertar do braço dele.

– Eu fico bem.

Quando se ouve um motor, viramo-nos todos para o cais. Procuro a origem do barulho, mas um manto de neblina cobre o horizonte, transformando a água outrora azul-celeste num cinza-glacial. A bruma tornou os barcos à vela imóveis e engoliu os operários do *ferry*. Estamos sozinhos no cais. Faço a mesma pergunta pela enésima vez: se as pessoas de Wisewood não têm problemas em ameaçar desconhecidos, como é que têm tratado a minha irmã nestes últimos seis meses? Cerro os punhos dentro dos bolsos. Aguardamos, imóveis, até que uma lancha branca com guarnições azul-marinho desliza furtivamente pela neblina. Consulto as horas outra vez: meio-dia em ponto.

Vêm dois homens a bordo. O que está aos comandos tem quase setenta anos e é baixo, tem o peito largo e a cabeça rapada. O seu companheiro é mais ou menos da minha altura, um metro e setenta e cinco, usa umas calças de ganga largas, um casaco de lenhador que lhe fica grande e luvas de proteção grossas. Por debaixo do casaco traz uma *sweatshirt* lilás com o capuz pela cabeça. Calculo que tenha vinte e muitos anos, encaixando na perfeição no público-alvo do meu cliente cervejeiro. Estão a olhar fixamente para mim.

E se foram estes homens que me enviaram o *e-mail*?

O homem que vinha aos comandos desce do barco. Quando o fulano do capuz tenta imitá-lo, o piloto fulmina-o com o olhar e ele volta a sentar-se. O piloto prende a lancha a um cunho de amarração, aponta um dedo de aviso ao companheiro e caminha para nós a uma velocidade própria de um homem décadas mais novo. Sinto o coração a pulsar na garganta. Quando chega à nossa beira, põe as mãos atrás das costas e inclina a cabeça.

– Bem-vindos a Wisewood. Eu e o meu colega vamos levá-los até à ilha. Eu sou o Gordon.

Merda.

O Gordon faz sinal para a embarcação atrás de si, que tem pintada na lateral uma ampulheta preta e branca.

– Este é o *Hourglass*³. Se não tiverem dúvidas, podem despedir-se dos familiares. Depois zarparemos.

O Gordon bate o pé enquanto a Chloe se despede dos pais com um abraço fugaz. Depois de eles se irem embora, analisa a cara de nós as três e franze o semblante. Eu ponho uma mão na anca e endireito-me.

– Estamos à espera de uma Cheryl Douglas – olha para a Cheryl antes de ela levantar a mão – e de uma Chloe Sullivan. – Olha de relance para a Chloe, como se também soubesse quem ela é. Vira-se para mim com um sorriso pouco convincente. – Quem é a senhora?

A julgar pela nossa conversa ao telefone, parto do princípio de que a afabilidade não me servirá de nada, mas, mesmo assim, sorrio.

– Natalie Collins.

Alguma coisa desagradável perpassa pelo rosto do Gordon.

– As senhoras podem subir – diz, dirigindo-se à Cheryl e à Chloe. Elas olham de relance para mim com curiosidade, mas puxam as malas para o barco. O Gordon faz sinal com a cabeça para o fulano do capuz, que tem estado a observar-nos do barco com uma expressão desolada. O fulano do capuz pega na bagagem das mulheres e depois ajuda-as a subir para o *Hourglass*. O Gordon olha-o fixamente até ele se sentar pesadamente no seu lugar.

Assim que os três se acomodam, vira-se outra vez para mim.

– Oferecemos um emprego à Kit.

Arquejo.

– Ela trabalha lá?

– Já lá vão três meses. Está ótima.

Em três meses, nunca lhe passou pela cabeça dizer-me.

Recuso-me a deixar um nó formar-se na garganta.

– Então porque recebi aquele *e-mail*?

O vento deita-nos as suas garras. Preciso de todo o autocontrolo para não estremecer, mas as condições climatéricas não incomodam o Gordon, que me examina.

– Nunca me revelou o conteúdo desse alegado *e-mail*.

Eu decidira partilhar o conteúdo do *e-mail* com o menor número de pessoas possível; isso só levaria à pergunta a que eu não quero responder.

Deixo-me de falinhas mansas.

– Não tem nada de especial. Eu disse-lhe ao telefone: ela pediu-me para vir a Wisewood. Quero ter a certeza de que ela está bem.

– Eu verifiquei a pasta de *e-mails* enviados da empresa. Não foi enviado qualquer *e-mail* para si.

– Eu nunca disse que foi enviado a partir do *e-mail* da empresa.

– É a única conta a que os nossos hóspedes e colaboradores têm acesso.

Mudo de estratégia.

– Então é porque alguém o eliminou.

– Ou você inventou uma desculpa para meter o bedelho – diz ele, perdendo a paciência. – Não seria a primeira.

– Tenho coisas mais importantes para fazer.

– Nesse caso, acredite no que lhe digo. Eu vi-a na reunião de pessoal desta manhã e, como também já lhe disse, ela está na maior.

Se o Gordon tivesse alguma coisa a ver com o *e-mail*, certamente queria que eu fosse à ilha e não estaria a lutar com todas as forças para me manter afastada.

– Preciso de a ver com os meus próprios olhos. Em pessoa.

O Gordon olha por cima do ombro. No barco, o fulano do capuz está a fazer conversa de circunstância com a Cheryl e a Chloe, mas está sempre a sondar o parque de estacionamento. O Gordon vira-se outra vez para mim.

– Como eu disse ao telefone, apenas hóspedes aprovados podem ir a Wisewood.

Aperto o telemóvel no bolso. Poderia esquecer a ameaça enviada por *e-mail*, acreditar na palavra do Gordon de que a minha irmã está na maior. Nada me agradaria mais do que regressar a Boston; se partir agora,

conseguirei chegar a tempo da reunião de criativos desta tarde. Ninguém orientará a reunião melhor do que eu.

Mas, se fosse ao contrário, a Kit não desistiria. Se fosse preciso, agarrar-se-ia às costas do Gordon como um coala. Ela pode ter dificuldade em defender-se a si mesma, mas nunca, nunca deixa de defender os seus.

Para começar, a Kit nunca me mentiria.

Com o mesmo aprumo, digo:

- Nesse caso, aprove-me.
- O processo de aprovação requer...
- Não me interessa. Contorne as regras.
- Estou a dizer-lhe que está tudo bem com ela – vocifera.

A quebra no autodomínio dele deixa-me aterrorizada. Porque insiste tanto? Eu dou azo ao *stress*, ao pânico, à culpa que tenho reprimido.

– Como é que eu sei que ela não está magoada ou em perigo? – expludo. – Se não me levar a Wisewood, vou à polícia.

Ele estaca.

- Espere um minuto.
- Não vou perder nem mais um segundo consigo.

Rodo sobre os calcanhares. O Gordon puxa-me pelo pulso com tanta força que eu gemo de dor.

– Não me toque. – Liberto-me da mão dele e recuo alguns passos. Ele espreita outra vez para o barco. O fulano do capuz está agora de pé, a andar de um lado para o outro e irrequieto. O Gordon fica tenso.

– Está bem. – Olha para o companheiro. – Deixará Wisewood logo de manhã cedo.

- Com todo o gosto. – Esfrego o pulso, fulminando-o com o olhar.
- Terá de pagar a estada e as refeições.
- Sem problema.
- Terá de cumprir as nossas regras.

Faço um esforço para não o deixar ver-me a revirar os olhos, mas, de qualquer forma, anuo.

O Gordon cede-me passagem.

- Despache-se e suba para o barco.

A lancha ressaltava nas águas revoltas como se fosse de brincar. A Cheryl e a Chloe miram-me de olhos arregalados, os dedos sem cor de se agarrarem

com força à amurada. Até o fulano do capuz desperta do seu devaneio e olha fixamente para mim. Tenho os pés colados ao chão.

O Gordon aclara a voz. Sinto os seus olhos a perfurarem-me a nuca e começo a caminhar em direção à mescla de cheiros a maresia e gasolina. A cada passo que dou, faço um esforço para ignorar o meu instinto. Vai correr tudo bem. Tenho de lhe dizer a verdade.

O fulano do capuz passa para a proa do *Hourglass* para me ceder o lugar. Eu subo a bordo e quase perco o equilíbrio. Debaixo dos meus pés, a água agita-se. O meu estômago revolve-se.

Vou a caminho, Kit.

¹ Trocadilho com as palavras «Maine» (referindo-se ao estado dos EUA) e «mainly» (em português, «sobretudo»). Numa tradução literal, «Sobretudo Costura do Maine». (N. do T.)

² No inglês, *We are not your first resort*. A expressão idiomática *first resort* significa «primeira opção». Aqui faz o trocadilho com *resort*, que significa «estância». (N. do T.)

³ Em português, «Ampulheta». (N. do T.)

Tive medo de vomitar os cereais de arroz tufado que comera ao pequeno-almoço nessa manhã. Expectante, o instrutor de natação observou-me. Espreitei para os meus colegas de turma, a maioria deles trinta humilhantes centímetros mais baixos do que eu. Eles esbracejavam pela piscina como se fossem lontras, todos com as caras já bastante molhadas. Sustive a respiração, apanhei água com as mãos em forma de concha e salpiquei-a na cara (+1). O meu coração deu um safanão.

– Muito bem!

Limpei a cara e abri os olhos. O instrutor de natação, um adolescente que andava na secundária que eu frequentaria um dia, deu-me uma palmadinha no ombro.

Sorriu.

– Evoluíste imenso na última quinzena.

Considerando que vomitara no vestiário antes das minhas primeiras três aulas, acho que ele tinha razão. Fiquei de pé com a água a dar-me pelo peito, desejando ser despreocupada como os miúdos mais novos. Por um lado, queria avançar de nível o mais depressa possível para deixar para trás os putos de seis anos. Por outro, conseguia ver os alunos dos níveis mais avançados na ponta mais profunda da piscina. Estavam a mergulhar debaixo de água e a ficar ali tempo demais. E estavam a fazer isso de propósito. Estremeci.

– Um último exercício – gritou o meu instrutor. – Vamos praticar boiar de costas.

Suspirei de alívio. Eu era capaz de boiar de costas. Boiar de barriga para baixo é que me metia um medo de morte.

Quando terminámos o último exercício, sentámo-nos todos na beira da piscina para o instrutor nos dar dicas. Os outros miúdos estavam a balançar

as pernas na água, mas eu mantive as minhas cruzadas. É óbvio que sabia que não havia monstros de barbatanas no fundo da piscina pública, mas isso não impedia o meu cérebro de insistir que havia alguma coisa a deslocar-se para as minhas pernas, à espreita para me picar os braços, puxar-me para o fundo, agarrar-me com os seus tentáculos, prender-me até eu deixar de me debater.

Afastei os pensamentos da cabeça. Era mais fácil passar o mínimo de tempo possível na água.

Tirei a touca e escorri a água do cabelo, louro-claro fosse qual fosse a estação do ano, como o do Sir. Estava sentado ao meu lado um puto pálido e gorducho. Era o outro único aluno de nove anos no primeiro nível. Pelo que me era dado a entender, a principal razão pela qual o Alan falava comigo era porque também eu sabia apertar os atacadores.

Quando a aula terminou, o Alan disse:

– Estou ansioso por passarmos para o segundo nível e começarmos a usar pranchas. Espero obter a vermelha à primeira. Ou a azul. A azul também é fixe. Acho que passaremos de nível em breve, não achas? Qual é a tua parte favorita das aulas?

Olhei de esguelha para o Alan como se ele fosse maluco.

– Esta.

– Esta? – perguntou, sem perceber. A maior parte dos nossos colegas iam a correr pelo chão de ladrilhos escorregadios para cumprimentar os pais. Abrandaram quando o nosso instrutor os repreendeu e disse *A correr não, por favor*. A minha mãe nunca me veio buscar ao interior do centro comunitário. Dizia que aproveitava esses minutos livres para rezar no carro, mas eu suponho que estivesse a evitar as outras mães. Tinha a certeza de que falavam dela nas suas costas, espalhando rumores de que ela passava o dia inteiro na cama.

– A minha parte favorita é quando acaba.

Ele soergueu as sobrancelhas. Ponderou as minhas palavras, esperneando na água, e salpicou-me com alguma. Eu afastei-me alguns centímetros.

– Se detestas assim tanto as aulas, porque andas aqui?

– Porque o meu pai me obriga. – Estava ansiosa por tirar o cheiro a cloro do corpo.

– Porque não dizes ao teu pai que não queres?

Se calhar o Alan *era* mesmo maluco.

– Ele não é esse tipo de pai.

– Que tipo de pai é ele? – O Alan fitou-me, coçando o seu nariz de bebé.

Ingénua: que demonstra falta de experiência, sensatez ou discernimento.

Ponderei na melhor resposta.

– Do tipo que te obriga a fazer coisas que tu não queres porque acha que é bom para ti.

– Mas e se não for bom para ti?

Encolhi os ombros.

– O pai é ele.

O Alan também encolheu os ombros.

– Parece-me que precisas de um truque de evasão.

– Como assim?

– Tipo o Houdini.

– O que é um Houdini?

– Estás a falar a sério? – O Alan arregalou os olhos. – Não sabes quem é o Houdini?

– Foi o que eu disse, não foi?

– Pronto, desculpa. Ele foi um ilusionista famoso de antigamente. O meu pai comprou um livro sobre ele. Às vezes, lê-nos algumas partes.

Uma vez, a tia Carol levou-me a mim e à Jack a um espetáculo de ilusionismo, no tempo em que o Sir a deixava tomar conta de nós. O ilusionista chamou-me ao palco para ser a sua assistente, o que foi a coisa mais entusiasmante que alguma vez me aconteceu. Tirou-me uma moeda da orelha e disse que eu podia ficar com ela. Depois transformou uma pomba falsa numa verdadeira e libertou-a. Sempre me questionei para aonde essa pomba teria ido, se o ilusionista a treinara para regressar. Depois do espetáculo, a tia Carol comprou pipocas e atirou algumas ao ar para as apanharmos com a boca. Ninguém contou quem apanhou mais pipocas nem deu longos sermões sobre autocontrolo. Foi um dos melhores dias da minha vida.

O Alan encarou o meu silêncio como um incentivo para continuar a falar.

– O Houdini começou por fazer truques com cartas, mas o que o tornou famoso foram as evasões maradas que fez. Ele era capaz de se libertar de quaisquer algemas do mundo.

Olhei fixamente para o Alan.

– Estás a gozar.

– Não estou. Ele deixava as pessoas porem-lhe algemas e fecharem-no num caixote com pregos e depois alguém lançava o caixote ao mar e ele conseguia evadir-se.

Senti-me agoniada só de pensar. Eu nem sequer conseguia imaginar alguém a atirar-me ao mar mesmo sem ter os braços e as pernas presos. Quem era esse homem tão incrivelmente corajoso? Não podia ser real.

– Não acredito em ti – disse eu.

– Para a próxima, eu trago o livro. Podes ver com os teus próprios olhos. Vais ver.

Assenti com a cabeça, fingindo indiferença, já a congeminar como poderia esconder o livro do Sir. Não podia ser verdade o que o Alan estava a dizer. Era impossível que esse livro pudesse explicar-me como me esquivar ao meu pai ou aos seus desafios. Não se podia encontrar solução para coisas dessas em livro nenhum.

Mesmo assim, não fazia mal tirar a limpo.

Nunca se sabe.

Natalie

8 de janeiro de 2020

O interior do *Hourglass* parece ter sido encharcado em lixívia. Todas as superfícies reluzem: assentos de couro branco com guarnições castanhas, o chão branco. Está um mapa dobrado em cima do painel de instrumentos. Eu junto-me à Cheryl e à Chloe nas almofadas em forma de L. O Gordon desamarra a lancha, depois salta para dentro, atrás de mim. O fulano do capuz observa o Gordon, que se senta na cadeira do comandante.

– Mais uma vez, bem-vindas – diz o Gordon para nós as três. – Eu sou o Gordon e este é o meu amigo Sanderson. Geralmente é ele quem faz estas viagens, mas hoje está indisposto. Para jogar pelo seguro, serei eu o piloto, mas ele falará sobre as redondezas. Façam de conta que não estou aqui.

Enquanto o Gordon fala, o Sanderson acaricia os pelos da barba, que não se une completamente para formar um bigode ou uma barbicha, mas cresce em retalhos desordenados pela sua cara. Tem a aparência geral de um gato vadio.

O Sanderson enrugou a testa enquanto o Gordon conduz a lancha para fora do cais de Rockland.

– Um dia maximizado – diz ele, aturdido. – Eu sou o Mike Sanderson. Estou em Wisewood há três anos e meio.

– Três anos, uau! – diz a Cheryl. – Deve gostar muito de lá estar.

O Sanderson engole em seco.

– Wisewood salvou-me. Segurem-se bem, vamos começar a ganhar velocidade.

O frio é ainda mais intenso depois de sairmos da marina. Tenho os dentes a bater; o cabelo a vergastar-me a cara. Tiro da mochila um gorro de lã e vejo a costa a ficar para trás, sentindo uma atração irracional pelo cais.

Interrogo-me se a Kit alguma vez pilotou o *Hourglass*. Santo Deus, isto é mesmo próprio dela: atirar-se de cabeça para uma coisa sem pensar minimamente em como isso afeta as outras pessoas. Desde que esteja a fazer aquilo que lhe dá na gana, não quer saber, provavelmente nem se apercebe, se deixa as pessoas à nora. Ela pode dar-se ao luxo desse egoísmo; nunca ninguém dependeu dela. Teve sempre alguém em quem se apoiar: eu.

Expiro profundamente, tentando afastar o mal-estar da barriga. No que diz respeito a recusar-me a aceitar as consequências das minhas ações, não posso criticar ninguém; também tenho telhados de vidro. Faço um esforço para relaxar as mãos, mas, assim que me distraio, não consigo deixar de as apertar uma na outra.

– Nenhuma de vocês é do Maine, pois não? – pergunta o Sanderson, aquele aspeto vidrado a desaparecer-lhe dos olhos. – Eu também não. Vejam bem: este estado tem mais de quatro mil e seiscentas ilhas.

A Cheryl arqueja. Eu soergo as sobancelhas. A Chloe não reage, completamente indiferente.

– Neste momento, estamos na Penobscot Bay, que desemboca no Atlântico. É possível que já tenham ouvido falar de Vinalhaven, a ilha mais populosa da região, se é que se pode dizer que mil e duzentas pessoas é muita gente. Nós só percorremos a distância de sete milhas entre Wisewood e Vinalhaven para ir buscar o correio...

A Cheryl dá um guincho e aponta para a água.

– Aquilo é uma foca?

Enquanto toda a gente olha para onde ela está a apontar, o Gordon observa-me. Eu faço de conta que não percebo. Uma mancha cinzenta flutua ao longe.

– Excelente visão, Cheryl – aplaude o Sanderson, pegando nuns binóculos e dando-se ares de Steve Irwin. Agora está uma pessoa diferente da que era no cais, falador e alegre, sem estar a olhar para o Gordon a cada trinta segundos. – Veem-se imensas focas por estas bandas. Lontras e golfinhos também. Estejam atentas. Uma vez, um grupo de golfinhos nadou ao lado do barco. Foi bestial.

A Cheryl faz imensas exclamações enquanto a Chloe se debruça sobre a amurada. Ao ouvir falar em vida marinha, lembro-me da Kit a usar gressinhos para imitar uma morsa. Ela fazia de tudo para arrancar uma risadinha de mim e da nossa mãe: aquela dança apatetada, anedotas com barbas sobre o pai, a maneira como andava de bicicleta sem mãos e a cantar uma música da Mariah Carey, muito séria a pensar que soava muito bem, quando, na realidade, mais parecia um corvo em apuros. Quando me apercebo de que estou a pensar nela no passado, arquejo.

A linha da costa do Maine desapareceu. Estamos cercados de ilhas selvagens. Nas suas orlas costeiras, há lajes de granito tão monstruosas que uma pessoa poderia cair no meio de duas e desaparecer para sempre. Para lá do granito, enormes árvores de folha persistente ocuparam cada centímetro de terra, amontoadas em aglomerados tão densos que não dá para ver para o outro lado. Inclina-se na direção contrária à água, recuando como uma só, e não é de admirar. O mar ribomba e agita-se fazendo lembrar o aço, na cor e na sua determinação. Uma fina névoa envolve-nos, dançando à superfície da baía. Ao invés de descerem do céu argênteo, os vapores ascendem desde a água, num movimento transcendental. Espreito pela amurada da lancha, tentando perceber a origem. Pressinto que há alguma coisa lá em baixo, à espreita, à espera.

– Que nevoeiro é este, Sanderson? – pergunta a Cheryl.

– É nevoeiro de evaporação. Ar extremamente frio que passa por cima de água mais quente.

– Isso significa que podemos ir a banhos em Wisewood? – pergunta a Chloe, que, para meu alívio, ainda está viva. – Se a água estiver quente?

O Sanderson enruga a testa.

– Mesmo no verão, só atinge cerca de dez graus, por isso não me parece que o queira fazer. Contudo, temos uma atividade para alunos avançados chamada Domínio de Elementos Extremos que inclui nadar em águas frias.

– Qual a profundidade da água aqui? – pergunta a Cheryl.

– Mais de três metros e meio.

A Cheryl gesticula para a Chloe, para ela mesma e para mim.

– E os vossos grupos de hóspedes costumam ser assim tão pequenos?

– Depende da época do ano. No inverno, não há muita gente a querer vir para aqui. Se o vento for forte demais, as águas tornam-se inavegáveis, o que implica não poder sair da ilha durante semanas. Não é que alguém sinta a

falta. Temos provisões e medicamentos suficientes, não há motivo para preocupação.

A Cheryl concorda com a cabeça.

– Olhem para as minhas três horas – diz o Sanderson. – Veem a águia-careca em cima daquela árvore? Há imensas por estas bandas.

Depois da fauna, o Sanderson passa a descrever as massas terrestres à nossa volta: Hurricane, White, Spectacle, Crotch⁴ (sim, é verdade), Lawrys, Cedar, Dogfish. Algumas ilhas que nos indica têm casas, mas a maioria não. As ilhas são todas iguais: um exército de abetos a tentar perfurar o céu, paredões em granito a proteger o perímetro. Aqui não se ouvem sirenes de ambulâncias nem o aviso sonoro de um *e-mail* a chegar. Já estamos longe da civilização.

Depois de um longo silêncio, olho de relance para o Sanderson. Ele está a olhar para o firmamento, a mente a um milhão de quilómetros daqui.

– Sente-se bem, filho? – pergunta a Cheryl.

O Gordon vira-se para trás pela segunda vez desde que zarpámos do cais.

– Conta-lhes do teu contratempo de hoje. Daquilo que falámos durante a viagem até Rockland.

O Sanderson faz um esgar.

– Há três anos e meio que estou sóbrio. Nem uma gota. – Morde os lábios como que a tentar reprimir as palavras. – Hoje, ao acordar, senti uma enorme vontade. Mais forte do que de costume. Apeteceu-me ir no barco até terra, encontrar o primeiro bar e beber um copo. Só um. – Fecha os olhos. –

Em vez disso, contei ao Gordon. Ele ofereceu-se para vir comigo para eu não cair em tentação.

– Aqui, a ideia é ajudarmo-nos uns aos outros – diz o Gordon, outra vez concentrado na pilotagem.

O Sanderson faz um sorriso forçado, lívido e transpirado, apesar da temperatura.

– Deve ser difícil mudar hábitos antigos – atalha a Cheryl.

– O segredo da recuperação não é solucionar a nossa vida antiga – diz o Sanderson. – É começar uma nova.

O Gordon aponta para uma ilha ao longe.

– Chegámos. – Fulmina o Sanderson com o olhar. – Lar, doce lar.

Wisewood tem a mesma floresta densa com uma orla costeira de rochedos, mas, conforme contornamos a ilha, a floresta dá lugar a um muro de sebes bem tratadas com pelo menos dois metros e meio de altura. Ao centro, um portão de ferro forjado. Do outro lado, um extenso caminho que conduz até uma estrutura indistinta e disforme.

O edifício geométrico parece ser de rés do chão e primeiro andar, mas não dá para perceber bem. Paredes projetam-se de mais paredes, como se a casa tivesse tumores. Algumas laterais são de vidro do chão até ao teto, outras pintadas de um verde carregado como a floresta.

– Esta é a casa do nosso Mestre – explica o Sanderson.

Mestre? É assim que chamam ao sujeito que gere isto? Já estou a imaginá-lo: sempre de pés descalços, uns cabelos castanhos ondulados como Jesus, óculos de aros de arame, os olhos esbugalhados. Eu vi documentários.

O que terá ele feito para inspirar tal devoção nestas pessoas?

O barco passa pelo portão e o muro de sebes volta a esconder quase todo o edifício. À nossa frente, projeta-se da água um ancoradouro de alumínio, inexorável enquanto as ondas lhe rebentam em cima. Ao fundo do ancoradouro, está um pequeno volume. É uma mochila.

O Gordon atraca o *Hourglass* e os dois homens amarram-no. Com a ajuda do Sanderson, cambaleamos as três para o ancoradouro salpicado de neve com a nossa bagagem. Uma rajada de vento ataca-nos ferozmente, quase lançando a Chloe à água. Eu seguro-a pelo braço até se equilibrar. O Sanderson põe a mochila às costas. Parece pesada, cheia até à borda. Na alça de cima, tem as letras *MS* bordadas. Mike Sanderson.

– Eu levo isso. – O Gordon baixa-se para pegar na mochila.

– Eu levo – diz o Sanderson.

– Eu insisto. – O Gordon arranca-lha das costas. Agarrando a mochila com uma mão, faz sinal para o Sanderson com a outra. – Por favor, vai à frente.

O Sanderson abre a boca e fecha-a outra vez. Baixa a cabeça contra o vento e conduz-nos até ao início do ancoradouro. Para que serviria aquela enorme mochila? Porque a deixara ali ficar? Porque é que o Gordon não o deixava levá-la?

Pisamos terra firme, coberta por um manto de neve de vários centímetros. Alguém abriu um caminho com largura suficiente para uma pessoa desde o ancoradouro até ao portão principal. Terra congelada e relva

morta rangem debaixo dos nossos pés enquanto nos apressamos pelo caminho em fila indiana, o Sanderson à frente e o Gordon a fechar a comitiva. Sinto-o outra vez a perscrutar-me.

Quando chegamos ao portão, o Sanderson introduz um código no sistema de segurança. As portas abrem-se. A Cheryl, a Chloe e o Sanderson entram apressadamente. Eu viro-me para trás devagar. No ancoradouro, o *Hourglass* balança na água. Daqui não se vê outra mancha de terra.

Wisewood não passa disso: uma migalha no meio de um mar revolto.

– Vamos, menina Collins – diz o Gordon.

Corro para me juntar aos outros e o portão fecha-se nas minhas costas.

O pátio da frente é um jardim modernista, uma topiária com formas de cones, cubos e esferas cobertos de neve. Todos os arbustos têm essas formas. O vento guincha como uma mulher a ser esfaqueada repetidas vezes, empurrando-nos pelo caminho, cada vez mais depressa. Aconchego o cachecol à volta do pescoço e vem-me à ideia a imagem de forcas e armadilhas. Com os olhos semicerrados, olho para o covil de ângulos grotescos, mais adiante.

Estugamos o passo para a casa. O Sanderson grita para se fazer ouvir por cima do vento.

– Vamos direitos para a cantina para vos tirar deste temporal.

Paro ao chegar aos degraus da frente da casa. A pessoa que me ameaçou poderá dormir entre estas quatro paredes. As janelas chocalham nos caixilhos, mas não há movimento por detrás delas. É como estar à frente de um quadro. É impossível imaginar pessoas a melhorar, a crescer, a amar neste lugar.

Todas as pessoas lá dentro estão mortas.

– Menina Collins – diz o Gordon atrás de mim.

Pestanejo para afastar o pensamento bizarro e reparo que os outros estão a caminhar para a lateral da casa. Viram à esquerda imediatamente antes do muro de sebes e desaparecem de vista. Respiro fundo o cheiro asfíxiante dos pinheiros e apresso-me no seu encalço.

O caminho entre a casa e o muro é tão estreito que seria capaz de tocar em ambos se abrisse os braços. Viro-me para trás, para o Gordon.

– Não irei à sessão de orientação – digo. – Diga-me onde é o quarto da Kit e não o chateio mais...

Estacamos os cinco no caminho. Sou interrompida por um grito tão longo, alto e arrepiante que penso que vou perder as forças nas pernas. O grito vem do outro lado do muro.

⁴ Em português, «entrepernas». (*N. do T.*)

Tirei o livro de bolso de cor creme da nossa estante e sentei-me na minha cama de solteiro. Ilustrações de correntes compridas envolviam a capa e a contracapa do livro. Tinha o nome HOUDINI impresso em letras pretas a negrito na capa. Debaixo do nome, um desenho do próprio envergando um colete de forças antigo e correias a prender-lhe o corpo todo. A lombada estava gretada. Folheei com cuidado até ao capítulo que explicava como nos evadirmos de algemas. Algumas páginas estavam quase a cair.

– Quantas vezes vais ler esse estúpido livro? – perguntou a Jack na sua cama, a alguns metros de distância. Estava a escrevinhar num bloco de notas, o mais certo a desenhar corações à volta dos nomes de rapazes dos quais nunca me falara.

– As vezes que for preciso para dominar todos os truques dele – respondi sem desviar o olhar. – E não é estúpido.

– Não percebo o que o gajo tem de tão especial.

Ao ouvir isto, levantei a cabeça.

– Ele fez espetáculos à frente de milhares de pessoas, realizando proezas que nunca ninguém fizera até então. – Fechei o livro. – E também não tinha medo de as realizar. Imagina o que é não ter medo de nada.

A minha irmã não pareceu impressionada.

– Fazia desaparecer elefantes de quatro toneladas e meia sem mais nem menos – estalei os dedos.

Com isto, chamei a sua atenção.

– Como?

Acenei o livro à frente da cara dela.

– Não, obrigada. – Enrugou o nariz. – Há um ano que andas a ler essa coisa todos os dias.

– E dois meses.

- Já debes saber todas as frases de cor.
- Memorizar instruções e ser um grande ilusionista não é a mesma coisa.
- Tirei o meu baralho de cartas que estava na estante. – O Harry Houdini fazia as pessoas acreditar que a magia é real.

Quando o Alan me emprestou o livro depois das aulas de natação, eu li-o de uma ponta à outra em três dias. Li-o uma segunda e uma terceira vez antes de o Alan me dizer que o pai queria o livro de volta. Depois convenci a minha mãe a comprar-me um exemplar, dizendo-lhe que era para a escola.

Embaralhei as cartas.

- Queres ver o meu mais recente truque?
- Nem por isso. – A Jack voltou a fazer os seus rabiscos.

Apático: desinteressado, mesmo quando alguém está a tentar mostrar uma coisa bué de fixe.

- Verificação de pontos – gritou o Sir, do andar de baixo.

Estaquei e olhei para a minha irmã.

- Já fiz a minha – disse ela.
- Já vou – respondi.

Apanhei do chão o meu pequeno bloco de notas preto, meti o baralho de cartas no bolso de trás e desci as escadas duas de cada vez. Parei ao lado do cadeirão reclinável do Sir na sala de estar e fiquei à espera. Quanto mais depressa arrumasse isto, mais depressa poderia começar a praticar com a corda, se a encontrasse.

O Sir ignorou-me enquanto eu estava ao lado dele, muito aprumada. Continuou a ler um *western* antigo, segurando o livro numa mão e equilibrando um saco de ervilhas congeladas na outra. Dera outra vez uma martelada no polegar quando estava a trabalhar na casa de um cliente. Não me atrevi a aclarar a voz para lhe chamar a atenção.

Conseguí ouvir a minha mãe a abrir armários e a limpar a bancada na cozinha. O jantar fora outra vez estufado, a carne seca e rija. A minha mãe servia sempre as mesmas refeições insípidas; o Sir não a deixava gastar dinheiro em especiarias ou condimentos. Dizia que só os fracos vivem para comer; que comer para viver reforça a fibra moral.

Quando chegou ao fim do capítulo, o Sir fechou o livro.

- Achas que tens quinze pontos?

Consultei o meu bloco de notas, embora já tivesse verificado os cálculos quatro vezes. Perdia dois pontos caso me enganasse nos cálculos.

– Acho, Sir. – Comecei a enumerá-los. – Dois pontos por fazer a cama de manhã, dois por ir à escola, três por ter um «Excelente» no trabalho sobre o livro *A Teia de Carlota*. – Mostrei-lhe as páginas brancas e imaculadas. – Um por pôr a mesa antes do jantar, um por levantar o meu prato depois do jantar, dois por conseguir fazer o truque de adivinhação de três cartas, três por passar para o nível cinco nas aulas de natação e um por dobrar a roupa lavada.

Entreguei-lhe o bloco de notas para ele conferir. Ele consultou os números algum tempo, tanto que comecei a ficar com medo de ter feito mal as contas. A minha mãe entrou na sala de estar a arrastar os pés, sentou-se no outro cadeirão e, com um suspiro de cansaço, pegou no ponto de cruz.

O Sir levantou a cabeça.

– Faz lá o truque das três cartas.

Ajoelhei-me defronte da mesinha de apoio à frente do cadeirão dele e afastei uma pilha de jornais antigos. Por debaixo estava a corda que eu perdera. Pousei-a em cima dos jornais. O Sir fechou o apoio dos pés do cadeirão e, com olhos de lince, inclinou-se para a frente enquanto eu tirava o baralho do bolso. Espalhei as cartas à frente dele, voltei a formar um monte, cortei o baralho e embaralhei com o à-vontade de um *croupier* de Las Vegas. Abri as cartas num leque, escolhi uma e pousei-a virada para baixo. Deixei-o escolher uma carta. Ele tirou o sete de copas e pousou-o virado ao lado da primeira carta. Eu escolhi uma segunda carta e estendi-lhe o baralho para escolher outra. Repetimos o processo uma terceira vez. Em cima da mesa, estavam seis cartas em três pares. As cartas do Sir estavam viradas para cima; as minhas, para baixo.

Nesta fase, a minha mãe também estava a ver. Fiz um compasso de espera para um gesto teatral, depois comecei pela carta ao lado do sete de copas. Virei-a para mostrar o sete de ouros. Ao lado do quatro de espadas estava um quatro de paus. E ao lado do valete de copas estava um valete de ouros. Realizara o truque completo em menos de dois minutos sem me enganar ou vacilar (+2). Resisti à tentação de me vangloriar. Há dois meses, dominara o truque de adivinhação de uma carta e agora já o conseguia fazer com três.

A minha mãe bateu as palmas com entusiasmo, mas o Sir manteve-se impávido e sereno. Passou uma mão pelo cabelo à escovinha e acenou uma só vez com a cabeça.

– Já dominas o truque – disse. Depois inspecionou o bloco de notas. Mordi os lábios para esconder o sorriso e guardei o baralho na embalagem.

O Sir tirou os óculos da camisa de tecido escocês e pô-los no nariz.

– Mas temos aqui uns problemas de cálculo.

Fiquei sem ponta de sangue.

– Dois pontos por ires à escola? Todos os idiotas da vizinhança têm de fazer isso. Isso teria resultado se andasses no jardim-escola e tivesses medo de sair de casa, mas tu já tens, o quê, onze anos?

– Dez – sussurrei.

– Acabaram-se as recompensas por coisas que tens a obrigação de fazer, tais como pôr a mesa e arrumar depois do jantar. Nós não te estamos a cobrar pela estada e pelas refeições, pois não? Espera-se que tu e a tua irmã saldem as dívidas de outras maneiras. Que tipo de pai seria eu se criasse duas mandrionas? Vocês cresceriam à espera de receber subsídios do governo ao invés de ganharem a vida de forma honesta. E dois pontos por fazer a cama? Não me parece, querida. Pelas minhas contas, tens nove pontos. Que mais tens para mim?

Fitei-o, inexpressiva. Ele nunca invalidara atividades.

Ergueu as sobrancelhas.

– Eu não... não tenho mais nada. Sir.

Ele suspirou e consultou o relógio.

– Terás de fazer alguma coisa em grande se queres ir para a cama antes da meia-noite.

Tentei lembrar-me da tarefa que me valeu mais pontos de sempre. Certa vez, recebera quatro pontos por ficar sentada na neve sem casaco durante uma hora. Quatro pontos daquela vez que sustivera a respiração durante dois minutos. Cinco por me ajoelhar em cima de vidros partidos. Fiquei à espera do que ele iria congeminar desta vez, desejei por breves instantes que a minha irmã tivesse descido as escadas comigo. Não é que ela alguma vez tivesse feito frente ao Sir. Porque começaria agora?

Ele observou a sala e fixou o olhar na travessa da minha falecida avó. Era o objeto que a minha mãe mais prezava, a sua única coisa de valor, feita de porcelana da China de qualidade com rosas inglesas pintadas. Nós nunca usávamos aquela travessa; a minha mãe não a queria riscar. Apesar de não condizer com o tapete de pelo comprido e a mobília em mau estado, ela dependurara-a na parede como decoração depois da morte da minha avó.

Entrei em pânico, mas mantive a expressão inalterada. Demonstrar medo só piorava as coisas, algo que a minha mãe nunca compreendeu. Invoquei o meu Houdini interior. Como é que o mestre da evasão sairia desta alhada?

O Sir levantou-se do cadeirão e tirou a travessa da parede. Rodopiou-a no dedo como se fosse massa de piza. A mãe ofegou. Ele mandou-a calar com um olhar de advertência.

– Sei de uma tarefa que vale seis pontos, se te achares à altura – disse ele.

Olhei dele para a minha mãe, à procura de algum sinal. Ela estava demasiado ocupada e vê-lo rodopiar a travessa para pensar numa solução. Estava agarrada aos apoios dos braços, a cara lívida, da cor dos cabelos. Ela ficara com os cabelos grisalhos antes de eu nascer.

– Não te preocupes com ela, querida – disse o Sir. – Os Barbers não têm coragem nenhuma. Ela não percebe.

– A Bíblia manda respeitar os nossos pais e mães – disse a minha mãe, cabisbaixa. – Essa travessa é uma herança de família sagrada.

Ele parou de rodopiar a travessa.

– Não comeces com essas tretas de pregador. – Deu dois passos para ela. – Tem piada como os desejos de Deus se alinham sempre com os teus.

Eu levantei-me do meu lugar no chão.

– Aceito o desafio.

Espantado, ele virou-lhe costas e piscou-me o olho. Senti um enorme alívio.

– Ora bem, tu sabes que essas coisas de ilusionismo em que estás interessada exigem imensa vitalidade, mental e física. Estes exercícios deixar-te-ão grande e forte como eu sou agora, pelo que, quando tiveres a minha idade, serás maior e mais forte do que eu alguma vez fui.

Assenti com a cabeça. Já ouvira este discurso um milhar de vezes.

– O que me dizes a um exercício de equilíbrio? Se conseguires estar com esta travessa na cabeça durante quarenta minutos, recebes seis pontos e podemos ir para a cama. O que te parece?

Ou aceitava o desafio ou ele não me deixaria dormir a noite inteira. A regra era essa: para podermos ir dormir, precisávamos de quinze pontos ao fim do dia. Eu tinha um teste de matemática logo de manhãzinha.

Mordi o lábio, pensativa.

– Se conseguir fazer isso durante uma hora, também posso ir comprar uma coisa à loja de artigos de ilusionismo amanhã? – O Sir apreciava o

arrojo. Se demorássemos muito a aceitar os desafios dele, retirava-nos um ou dois pontos.

– Quando foi que te tornaste uma pequena negociadora? – Sorriu. – Está bem, temos acordo.

Assenti. A minha mãe gemeu.

Ele deixou-nos para ir remexer na gaveta das tralhas na cozinha, sabe Deus à procura de quê. Um minuto depois, regressou com um rolo de fita isoladora. Uma memória esquecida veio ao de cima: meio dia passado com fita isoladora a tapar-me a boca. Isso rendera-me cinco pontos? Não pode ter sido seis. Talvez quatro.

Ele percebeu a dúvida no meu semblante.

– Para termos a certeza de que não fazes batota. Os Barbers podem fazer trapações, mas nós não.

Olhei para a corda que estava em cima da pilha de jornais e peguei nela. Estiquei-a com força à frente dele.

– Isto é mais resistente. – Impressionado, assentiu com a cabeça.

O Sir pousou a travessa na minha cabeça para eu me ir habituando. A minha mãe subiu as escadas e foi para o quarto. Ele ficou a vê-la, franzindo os lábios com repulsa. Eu pousei a travessa, passei a corda à volta do pulso direito algumas vezes, depois deixei o Sir amarrar-me os dois pulsos atrás das costas. Satisfeito, deu um nó duplo. Pelo menos estava em cima do tapete. Se a travessa caísse, havia uma possibilidade de não se partir. Eu só media um metro e trinta.

Como se conseguisse ler-me o pensamento, o Sir puxou-me para o chão de ladrilhos da cozinha. Levou a travessa, segurando-a com solenidade à minha frente, como um bebé que vai ser batizado.

Equilibrou-a na minha cabeça, observando-me.

– Quando estiveres pronta, acena com a cabeça – disse, na brincadeira. – Tudo a postos, meu doce?

Enchi-me de coragem.

– Podes largar.

Ele recuou e ativou o cronómetro. Ao fim de dez minutos, começou o sermão. O Sir andou à minha volta, um pistoleiro preparado para um duelo.

– Qual é a única forma de teres sucesso?

Não sabia se a vibração da minha voz bastaria para desequilibrar a travessa, a qual, até ao momento, eu mantivera firme. Já me começava a doer

o pescoço.

– Através da minha força de vontade.

– O teu futuro público não te conseguirá ouvir se falares assim baixinho como um rato de igreja. Não conseguirás ter casa cheia nem ver o teu nome em cartazes. É bom que fales alto, miúda, e depressinha. As pessoas não tardarão a perceber que não és excecional. Amas o ilusionismo?

Era uma pergunta ridícula, como perguntar a alguém se ama respirar ou engolir. Os sentimentos que desenvolvera em relação ao ilusionismo nos últimos catorze meses sobrepunham-se a uma coisa tão frágil como o amor. O meu erro fora confidenciar isso ao Sir, que pensara que o ilusionismo era um disparate até que percebeu que o poderia utilizar nos seus desafios.

– É claro.

Ele anuiu e pôs-se de cócoras à minha frente, a voz grave.

– Foca-te na recompensa e um dia serás alguém. Tenho a certeza. – Sacudiu a mão como que a reforçar a ideia. – O mundo nunca viu ninguém como tu, meu doce. – Pôs-se de pé, endireitou as costas, depois sentou-se numa cadeira da cozinha.

– Sir? – chamou a Jack desde as escadas assim que ele se pôs confortável.
– Podes vir cá acima?

– Seja o que for, pede à tua mãe – disse sem se mexer.

– Ela tem a porta fechada.

– Então anda cá abaixo.

– Não posso. – Hesitou. – Estava a tentar fazer aquele truque de saltar à corda que me ensinaste. Acho que torci o tornozelo. – Como o Sir não reagiu, ela acrescentou: – Está a doer imenso.

Ele levantou-se da cadeira e pegou no cronómetro.

– Faltam quinze minutos. – Saiu vagarosamente da cozinha, subiu as escadas e começou a repreender a minha irmã.

Eu resisti à vontade de relaxar. A travessa estava equilibrada. Só tinha de a manter exatamente como estava durante mais quinze minutos. Eu era capaz de fazer qualquer coisa durante esse tempo, não era?

A tarefa que tinha pela frente podia comparar-se ao trabalho do Houdini. Para o truque de cabeça para baixo, ele prendera os pés com cabos, depois fizera-se baixar de cabeça para baixo para um tanque cheio de água. Ficara lá durante dois minutos até conseguir evadir-se. Realizara o truque centenas de vezes.

Na evasão da caixa submersa, fora algemado de mãos e pés antes de se meter num caixote de madeira. Como me explicara o Alan, colocaram pesos de noventa quilos de chumbo no caixote, fecharam-no com pregos e amarraram-no com correntes, sendo depois içado pela borda de um batelão para o East River de Nova Iorque. Afundara de imediato. Cinquenta e sete segundos depois, o Houdini viera à tona, sem as algemas. Quando içaram o caixote, estava intacto, com as algemas ainda lá dentro.

Era a isto que eu tinha de me sujeitar se queria ter sucesso como artista. O Sir tinha razão: eu tinha de ser muito melhor do que todos os outros. Fiz de conta que praticamente não sentia a corda a escoriar-me os pulsos, a travessa a pesar-me na cabeça.

Mesmo assim, ponderei dar dez passos para a esquerda de maneira a estar na sala de estar perto do sofá para a travessa ter onde cair, só para jogar pelo seguro. O Sir estava sempre a dizer-me para não jogar pelo seguro. Apenas os fracassados pensavam assim e, ao fazê-lo, determinavam antecipadamente o fracasso. Porém, nunca dissera que eu teria de completar os sessenta minutos de equilíbriismo sem sair do mesmo sítio.

Decidi ficar onde estava. Não havia necessidade de perturbar a paz.

Foi então que senti. Às vezes, vão crescendo devagar, dando-nos tempo de pressionar a língua contra o céu da boca ou de dizer «picles». Outras vezes, como foi o caso, chegavam de repente.

Tive de espirrar.

Corri para o tapete enquanto a erupção se deu no nariz e na boca. De súbito, senti uma terrível leveza na cabeça. Em câmara lenta, vi a travessa a cair, muito devagar. Com três sacudidelas rápidas do pulso, libertei as mãos da corda do truque e apanhei a travessa mesmo antes de se espatifar no chão.

Fiquei ali um minuto, dobrada sobre mim mesma e a arfar. Quando a respiração voltou ao normal, reparei no silêncio que se fizera no andar de cima.

O sermão do Sir terminara.

Senti uma vaga de alguma coisa mais forte do que náuseas. Conseguiria ouvi-lo a descer as escadas, não conseguiria? Sustive a respiração, mas ainda sentia o coração a bater nas mãos. Perdi as forças nas pernas. Imaginei-me presa no guarda-fatos, numa casota, num caixão, numa total escuridão, em luz branca, numa infiltração de vermelho. Estava demasiado assustada para

chorar ou lamuriar-me. Apertei com mais força a travessa nas mãos transpiradas. Obriguei-me a espreitar para a escadaria atrás de mim.

Ele não estava lá. Continuava no andar de cima.

Expirei profundamente, fui em bicos de pés até ao meu sítio no chão de ladrilhos e depois reequilibrei a travessa na cabeça. Quando tive a certeza de que estava bem firme, apertei outra vez a corda à volta dos pulsos.

Obrigada, Houdini.

Pus-me à escuta dos passos do meu pai. Trinta segundos depois, ele desceu as escadas a resmungar.

– Aquela tua irmã é uma atriz nata. – Tirou o cronómetro do bolso e atirou-o para cima da mesa. – Não tem problema nenhum no tornozelo.

Vários minutos depois, o cronómetro emitiu um aviso sonoro e vibrou. O Sir olhou para o visor, depois para a minha cabeça. Premiu o botão de paragem.

– Diabos me levem, meu doce. Vê só o que acontece quando te dedicas a alguma coisa!

Eu sorri. Ele demorou-se a chegar-se a mim. Quando levantou a travessa, senti uma leveza na cabeça que quase me permitiu pairar. Sustive a respiração enquanto me desamarrou os pulsos, mas se não os amarrei exatamente como ele os deixara, ele também não reparou.

– Aposto que estás feliz. – Pousou a corda em cima da mesa.

Eu esfreguei a pele vermelha dos pulsos.

– Amanhã, depois das aulas, vamos à loja de artigos de ilusionismo. – Pegou na travessa e começou a rodopiá-la outra vez. – O que é que queres comprar lá?

– Algemas. – Não desviei os olhos da travessa.

Ele assentiu. A travessa abrandou e ficou a balouçar no dedo dele. O meu pai suspirou como se estivesse entediado e, sem mais nem menos, baixou o braço. A travessa da minha mãe estilhaçou-se no chão antes mesmo de eu pensar em mexer-me, desfazendo-se em mil pedaços.

Senti as pernas a tremer; o queixo caiu-me ao chão. Apanhei alguns estilhaços como se estes se pudessem voltar a unir. Pensei na minha mãe sozinha no piso de cima. Deveria ter ouvido o estrondo, deveria estar agora a chorar baba e ranho, a perguntar a Deus porque não tivera uma família melhor, uma filha mais forte. Enterrei as unhas nas palmas das mãos para

conter as lágrimas. Não podia dar-me ao luxo de perder quatro pontos agora. Fechei os olhos, desejei poder evadir-me como o Houdini fizera.

Assim que tive a certeza de que não choraria, levantei a cabeça e olhei para o meu pai. Ele estava a observar-me com curiosidade, como se eu fosse uma experiência científica.

– Porquê? – foi tudo o que consegui dizer. Saberia que eu fizera batota?

– Não te preocupes, querida. O que está acordado, acordado está. Amanhã iremos na mesma à loja.

Eu anuí, aturdida, e comecei a fazer um monte com os fragmentos.

– Deixa lá isso. Tens os teus quinze pontos. Vai para a cama.

– Mas... – Fiz um gesto na direção da desarrumação.

Ele piscou-me o olho.

– Ela arruma isso de manhã.

Natalie

8 de janeiro de 2020

Estamos em silêncio, à espera, mas só ouvimos a floresta do outro lado do muro. O Gordon e o Sanderson entreolham-se.

– Que raio foi aquilo? – A Cheryl agarra-se à mala.

A Chloe espreita para o sítio de onde viemos, como se estivesse a pensar em desatar a fugir.

Eu examino a sebe, a folhagem cerrada e o verde-vivo pouco natural. Estendo o braço e toco-lhe com os dedos. É falsa. Percorro os dois metros e meio de sebe com o olhar. No cimo, tem pequenos espigões de metal.

– É por causa das aves – explica-me o Gordon ao ouvido. Eu dou um salto, depois imagino uma ave empalada em cada espigão, pardais, rouxinóis e mariquitas presos na terra do progresso. Afasto a mão da sebe.

O Sanderson continua a andar pelo caminho estreito entre a casa e o muro. Quando percebe que ninguém o segue, que ainda estamos todas aterradas depois daquele grito, para.

– Não se preocupem com aquilo. Provavelmente foi um exercício.

– Provavelmente? – pergunto.

– No bosque? – intervém a Chloe.

– Parecia alguém a ser torturado – atalha a Cheryl, a voz trémula.

O Sanderson levanta as mãos a fingir que se rende.

– Nunca nos ouviram a dizer que somos iguais a todos os outros.

– Não foi por isso que se inscreveram? – intercede o Gordon.

Venha pelo autoaperfeiçoamento, fique pelos pesadelos vívidos.

O Sanderson continua a caminhar. Nós hesitamos, mas lá o seguimos.

– Ouviram falar da terapia de exposição? Wisewood dedica-se a ultrapassar os medos. Para isso, temos de estar vulneráveis. Por vezes, para se atingir a vulnerabilidade é necessário fazer danças idiotas, outras vezes gritar com todas as nossas forças. Eu fiz as duas coisas. Não imaginam a sensação de liberdade que se sente depois.

Imagino a Kit em pleno bosque, a guinchar até não poder mais, até ficar com a garganta em ferida. Sinto outra vez as pernas a vacilar. Aquele buraco constante na barriga avoluma-se, mas a Cheryl e a Chloe estão mais animadas. Já não estão preocupadas. Aqui está a racionalização que esperavam: excentricidade com um propósito. Extravagância como terapêutica.

Quando chegamos ao fundo da casa principal, perscruto o recinto. Está tudo coberto de neve. Nuvens de estanho toldam o céu azul da manhã e, sem o sol, o frio é brutal. Uma densa neblina rasteja outra vez para nós, como se nos tivesse seguido com toda a paciência desde Rockland. O vento uiva e faz-me bater os dentes. Embora se vejam pegadas espalhadas pelo recinto, não se vê viva alma além de nós. Porém, sinto os seus olhares, adivinho a sua presença.

A ilha é grande. Pelo que me é dado a entender, tem pelo menos o tamanho de quatro ou cinco campos de futebol americano. À nossa frente, um poste com setas de cor creme. Há uma virada para a esquerda com a indicação CANTINA, um edifício comprido verde-escuro que se alonga desde a casa principal. Outras setas apontam para a direita, uma para uma SALA DE AULA num pré-fabricado. Outra com o dizer RESIDÊNCIAS, apontando para cabanas dispostas em círculos. Rodo sobre mim mesma devagar. A toda a volta, ergue-se a sebe de dois metros e meio. As árvores do lado de fora fazem-na parecer baixa. As duas coisas impedem qualquer vista para o mar. Daqui, nem sequer se consegue ouvir as ondas; o vento abafa qualquer outro som. Roo a unha do polegar.

O Gordon vira-se para o Sanderson.

– Leva, por favor, a senhora Douglas e a menina Sullivan à cantina para almoçarem e depois deixa as malas delas nos quartos quarenta e dois e quarenta e três. Depois do almoço, faz a visita do costume pela ilha e mostra-lhes as suas cabanas. – Olha de relance para as mulheres e baixa a cabeça. – Desejo-lhes uma boa estada.

Depois vira-se para mim.

– Eu encarrego-me de si.

O Sanderson afasta-se do controlo do Gordon e conduz a Cheryl e a Chloe para a cantina conforme as instruções. Segura a porta aberta para as mulheres passarem. Desaparecem os três no interior.

Depois de desaparecerem, o Gordon fixa em mim a sua atenção, sinistramente silencioso como o recinto. Onde estão todos os hóspedes? Pondero desatar a correr e vasculhar todos os edifícios até encontrar a minha irmã. O Gordon pode estar em boa forma física, mas não é possível que corra mais do que eu.

As portas da cantina abrem outra vez de rompante e sai de lá um magote de pessoas: indivíduos na casa dos vinte anos, os idosos mais animados que jamais vi, e todas as gerações de permeio. Descontraio os ombros de alívio. Deve ter acabado o almoço. Perscruto todos os rostos à procura da Kit. Os residentes de Wisewood usam calças de ganga e casacos acolchoados, encostados uns aos outros para se protegerem do frio. Alguns levam pilhas de livros; outros equipamento de limpeza. Parecem relaxados, mas mexem-se com finalidade. Dois jovens caminham com a cabeça virada para cima e a língua de fora. Dão risadinhas enquanto tentam apanhar flocos de neve. Toda a gente parece... normal.

Mais alegre do que o normal, para dizer a verdade. Poucos têm olheiras. A sua pele reluz. Resplandecem ao passar por nós. Não levam hábitos brancos a adejar, não se veem caras com sangue a escorrer. Talvez Wisewood não tenha culpa de a Kit cortar o contacto comigo. A sua decisão de se juntar a esta gente poderá não ter sido nada difícil. Talvez estivesse farta da sabichona da sua irmã mais velha a criticar todas as suas decisões.

Eu e a Kit tivemos desavenças por causa de imensas coisas (lápiz de cor, bicicletas, rapazes, a importância de poupar para a aposentação), mas, mais do que qualquer outra coisa, discutíamos por causa da nossa mãe. A Kit era muito boazinha com a mãe. Deixava-a ficar na cama durante dias, enquanto eu a puxava de lá e a obrigava a meter-se no chuveiro. A Kit era a preferida porque nunca a forçava a nada, porque abria caminho para a fraqueza como se fosse um membro da nossa família. Era branda com a mãe, por isso a mãe era branda com ela. Ajudavam-se uma à outra e entendiam-se às mil maravilhas. Às terças-feiras faziam sempre quebra-cabeças; elas sabiam que eu odiava quebra-cabeças. Eram unha com carne. Eu tentei granjear o afeto da minha mãe através de conquistas, batendo recordes do programa de

leitura escolar e como nadadora-salvadora na piscina local. Ela dava-me uma palmadinha nas costas e depois voltava para o seu quebra-cabeças.

Quando eu tinha 6 anos, perdi o primeiro dente e escondi-o com cuidado debaixo do travesseiro. A fada dos dentes nunca apareceu. Quando, alguns anos mais tarde, a Kit perdeu o dela, eu já descobrira quem era a fada dos dentes, ou quem era suposto fazer o papel dela. Não suportaria ver na cara da Kit a mesma desilusão que, sabia, se espelhara na minha. Como não tinha dinheiro, enfiei o meu brinquedo preferido (um pequeno elefante de pelúcia que a Kit há muito cobiçava) debaixo da cabeça da minha irmã enquanto dormia e guardei o seu minúsculo incisivo no bolso. Sempre que podia, tentava compensar a indolência da nossa mãe, colocando *waffles Eggo* na torradeira antes de sairmos para a escola, verificando se a minha irmã terminara os trabalhos de casa e lavara a cara. Talvez seja por isso que a Kit perdoou as falhas da mãe; mesmo assim, ela teve uma infância.

Quando, há três anos, um médico diagnosticou cancro do pulmão à nossa mãe, as desavenças entre mim e a Kit intensificaram-se. Um ano depois do funeral, a Kit anunciou que se iria mudar para Wisewood. Eu sei que o modo como lidei com a doença da nossa mãe a repugnou. Ela não sabe da missa a metade. Ao longo de dois anos, este vírus tem-me corroído as entranhas.

Vejo o grupo que saiu da cantina dispersar. Parecem inofensivos, mas pelo menos um deles ameaçou-me. Concentro-me, viro-me para o Gordon.

– Faz ideia de onde a Kit esteja?

Ele abana a cabeça.

Cruzo os braços, farta das reservas dele.

– Como se chama o seu supervisor?

Ele faz um sorriso afetado.

– O meu quê?

– Quem é o seu superior hierárquico?

– O nosso *superior hierárquico* é o Mestre – diz, com desdém.

– Se não me ajuda, então quero falar com ele.

Quando fala, a voz transparece presunção.

– Não sabe nada sobre este lugar.

– Sou toda ouvidos – digo, perdendo a paciência.

– Dá para entender que é uma mulher que está habituada a conseguir aquilo que quer, mas isto aqui não é uma linha de atendimento ao cliente

onde exige falar com superiores hierárquicos até conseguir o que quer. Aqui somos todos iguais. Eu sou o mais antigo e continuo a frequentar as aulas como todos os outros.

Eu tento interrompê-lo, mas ele fala mais alto.

– O Mestre está demasiado ocupado e é importante demais para se preocupar com pessoas da sua laia, tal como o resto de nós. A Kit trabalha por toda a ilha. Como não usa um dispositivo com GPS, não sei onde está neste momento. Esperando tornar a sua estada tão breve quanto possível, quando a vir, digo-lhe para ir ao seu quarto. – Indica-me as cabanas. – Vamos?

Discutir com o Gordon é uma perda de tempo; é evidente que está determinado em ser imprestável. Em vez disso, esquadrinharei o recinto por conta própria. Se a Kit integra a equipa de pessoal, acabarei por me cruzar com ela.

– Onde é que vamos?

Ele aponta para a mochila que tenho ao ombro.

– Achei que ia querer pousar isso.

Abrimos caminho pelo meio dos alojamentos dos hóspedes, os quais formam três círculos concêntricos. As cabanas são básicas, mas sólidas, com janelas em três das quatro paredes. Como as casas estão tão perto umas das outras, não deve ser difícil bisbilhotar. A não ser que tenham cortinados, que eu não consigo ver, uma pessoa pode ver-nos a dormir.

– Veja onde põe os pés – diz o Gordon quando passamos por um enorme buraco no centro dos círculos. Presumo ser uma piscina. Com neve a cobrir todas as superfícies, quem não estivesse a prestar atenção poderia cair com facilidade no fosso de betão sem água. Ou ser empurrado.

– Vou precisar de duas coisas antes de ir embora. – O Gordon estala os dedos. – A primeira é o seu telemóvel.

Mordo o interior da bochecha.

– Não o trouxe.

Ele observa-me.

– Onde foi que o deixou?

– Em casa.

Ele enrug os lábios.

– Calculei que aqui não teria rede.

Está na iminência de fazer mais perguntas quando uma voz grave atrás de nós chama o seu nome. Viramo-nos os dois.

– Onde é que estiveste? – pergunta o homem. Está na casa dos quarenta, é alto, musculoso e calvo. A sua barba rivaliza com a do Hagrid.

O rosto enrugado do Gordon torna-se carrancudo.

– De momento, estou ocupado. Os teus dramas terão de esperar.

O homem pestaneja, furioso.

– Sais nessas tuas demoradas excursões e ninguém sabe de ti durante dias.

– Só saí por duas horas para ir buscar novos hóspedes para a ilha. – Olha de relance para mim.

– Isso é trabalho do Sanderson.

– Pois, mas ele hoje está indisposto. Agora, se nos dás licença. – Desvia-se do homem corpulento e continua a subir o caminho. Eu sigo no seu encalço, mas espreito por cima do ombro. O homem segue a passos largos na direção contrária.

O nevoeiro dissipou, paira à nossa volta como cortinas esfarrapadas, mas a neve cai com mais intensidade e as nuvens estão mais baixas, asfixiantes.

– Estou a ver que a sua hospitalidade se aplica aos hóspedes e aos funcionários – digo eu.

O Gordon vai a dizer alguma coisa, mas contém-se.

– Vocês, as miúdas Collins, só dão chatices, sabe?

Interrogo-me o que terá a Kit feito para chatear este gajo.

– Isso quer dizer que é melhor cancelar a reserva de uma bicicleta de dois lugares que fiz para nós?

Ele ignora-me, para à porta da cabana número dezasseis e tira um cartão magnético do bolso.

– Esta noite fica aqui.

– Tudo bem. – Estendo a mão para recolher o cartão.

– Tem piada. – Ele não larga o cartão e sonda-me. – Diz que deixou o telemóvel em casa, mas eu tenho a certeza de que estava a utilizá-lo no parque de estacionamento do cais esta tarde.

Sobressaltada, deixo cair a bolsa. Eu e o Gordon baixamo-nos para a apanhar, mas ele é mais rápido. Espreita lá para dentro, depois faz um compasso de espera antes de me deixar tirar-lha das mãos. Entreolhamo-nos.

– É bom que diga a verdade. – Entregue-me o cartão. – Por estas bandas, não gostamos de mentirosos.

Olhei fixamente para as cortinas de veludo vermelhas. Escorreu-me pelo limite do couro cabeludo uma gota de suor. Quando a cortina se abriu, contive o ímpeto de fugir do palco e forcei um sorriso.

Agarrei a varinha mágica e avancei pelo chão de madeira encerada. Há um mês, os holofotes tinham-me ofuscado. Agora, praticamente não me incomodavam. Olhei pelo auditório da secundária. Metade dos trezentos lugares estavam ocupados, a minha maior audiência de sempre. A nossa pequena vila recebia poucos artistas. A notícia espalhara-se.

Na primeira fila, ao centro, estava o Sir e a minha mãe. A Jack não estava lá. Fora para a universidade no início deste ano. De qualquer forma, ela não iria ao meu espetáculo. Escolhera uma universidade no Oeste, determinada em ficar o mais longe possível de casa. Eu tentei incomodá-la o mínimo possível, guardando os meus telefonemas para aquelas noites em que estava mesmo com medo do que o meu pai pudesse fazer. Ela não me atendeu uma única vez.

A minha mãe vestira o seu melhor vestido de domingo. O Sir estava de ganga e com uma *T-shirt*. Eu mantivera-os ao largo o mais que conseguira, pois queria aperfeiçoar o meu espetáculo, mas na noite anterior ele insistira em vir. Agora, a minha mãe acenou-me. O Sir piscou o olho.

Eles eram o que menos me preocupava.

Aproximei-me do microfone e apresentei-me.

– Bem-vindos ao *Delícias Terrenas*. – Perscrutei o público à procura de quatro caras com acne, depois agarrei o microfone e gesticulei pelo palco, onde espalhara vasos de flores vazios. – Antes de começarmos, vamos tornar este sítio mais alegre. – Apontei a varinha mágica para um vaso. De lá brotou uma tulipa de um vermelho garrido. Alguém ofegou. Caminhei de um vaso para outro, fazendo brotar uma flor diferente em cada um, cada

uma mais bonita do que a anterior. O público arrulhou de regozijo. Agora eu era capaz de fazer este truque de olhos fechados. Acordara de um sonho mais do que uma vez a brandir o indicador como uma varinha. Assim que todos os vasos passaram a ter uma flor, levantei os braços e virei-me para o público. Deleitei-me com os aplausos estridentes e expirei, esboçando um sorriso pela primeira vez naquela noite.

Ainda não os vira. Talvez tivessem ensaio.

Depois do truque das flores, pavoneei-me até à mesa de cartão à esquerda do palco, instigada pelo entusiasmo dos meus espectadores. Entreguei-me ao ritmo familiar do meu espetáculo, uma rotina de quarenta minutos que me levava seis meses a organizar e a praticar. De cima da mesa, peguei na minha velha corda, cortei-a ao meio e depois voltei a uni-la. Apareceram-me entre os dedos bolas de golfe, desaparecendo com a mesma rapidez. Fiz uma série de truques com lenços, primeiro tirando da boca um pedaço de tecido com as cores do arco-íris. Separei-o em cinco lenços mais pequenos, cada um com a sua própria cor, transformando-os depois numa peça de várias cores. Embora os truques não fossem, de todo, inovadores, o público ficou ao rubro. Segundo o novo livro que eu estava a ler, o ilusionismo não tinha a ver com os truques. O que importava era conquistar a público, fazê-lo acreditar naquilo que estávamos a fazer.

Espetáculo após espetáculo, continuei a aperfeiçoar os truques básicos. Apesar de estar ansiosa por começar a fazer rotinas mais difíceis, jurara a mim mesma não o fazer enquanto não aperfeiçoasse a rotina que já criara. Trabalhara com aquela corda até ficar com as palmas das mãos em sangue. Tinha bolhas nos dedos que seguravam a varinha. A maioria das noites, praticamente não me lembrava de pousar a cabeça no travesseiro antes de adormecer. Não queria saber de namorados nem de melhores amigas. Era focada como ninguém e o meu esforço estava a dar frutos. Em palco, estava cada vez mais confiante. Esta era a melhor resposta do público de sempre.

Estava para começar a minha parte preferida do espetáculo quando alguém vaiou desde o fundo do salão. Senti o estômago a revirar. Semicerrei os olhos. Alguns espectadores viraram-se para trás, tentando ver quem fizera barulho. As quatro caras que eu procurara assomaram lentamente na última fila. Tinham estado escondidos nos seus lugares o tempo todo, à espera do momento oportuno. Normalmente, sentavam-se nos lugares da frente. Senti um aperto na barriga.

Hoje não. Não quando o Sir está aqui.

Talvez ele não os ouvisse. Ele ouvia mal do ouvido esquerdo.

Encaixei o microfone no suporte e levantei umas algemas de aspeto complicado, as que o Sir me comprara no dia depois do incidente com a travessa da minha mãe.

– Para o próximo truque vou precisar de um assistente. Algum voluntário?

Levantaram-se mãos no meio do público.

– Porque não te fazes desaparecer a ti mesma? – disse um dos quatro. A julgar pela voz nasalada, percebi que era o Alan, o meu antigo colega das aulas de natação.

Limpei a testa e sondei o público. Atrás dos meus pais, estava uma família com dois rapazes. O mais velho estava fascinado, tinha olhos da cor do mel e o nariz torto. Parecia ser daqueles que ficam em casa a ler livros sobre o Houdini, a memorizar cada espetáculo, cada indício, como eu fizera. Como eu continuava a fazer. Chamei-o ao palco enquanto me questionava se o público vaiara o Houdini no início da sua carreira. Os livros não falavam disso.

O Houdini teve o primeiro vislumbre de sucesso graças às evasões de algemas. Num dos seus primeiros espetáculos, vangloriou-se de se conseguir libertar de quaisquer algemas fornecidas pelo público ou pela polícia local. E cumpriu a palavra. Depois começou a evadir-se de prisões, a saltar de pontes, a trancar-se em caixotes debaixo de água. Aos 15 anos, eu nem sequer fazia ideia de como poderia comprar os equipamentos necessários para tentar as suas últimas proezas. Como é que eu poderia entrar numa prisão? Seria preciso uma autorização para saltar de uma ponte? Tais façanhas eram impossivelmente astronómicas para uma pessoa que nunca se afastara mais de duas horas de carro da sua terra natal. À falta de alternativas, via-me obrigada a executar as minhas rotinas um passo de cada vez. Quando era criança aprendera truques com cartas, como o Houdini fizera. Se evasões simples de algemas tinham impulsionado a carreira do Houdini, eu também teria de as dominar.

O rapaz fascinado subiu ao palco.

– Como te chamas?

– Gabriel.

Lembrei-me do ilusionista que me escolhera há muitos anos.

– Tu e a tua família vieram de longe para assistir ao espetáculo, Gabriel?

Ele olhou para a mãe, visivelmente assustado. Ela fez sinal com a cabeça, encorajando-o.

– N-nós... somos de Aldsville.

Aldsville era uma vila ali perto, uma viagem de vinte minutos de carro. Pisquei o olho para os pais do Gabriel. O irmãozinho do Gabriel estava literalmente sentado na beira da cadeira, os olhos reluzentes.

– Obrigado por me virem ver. – Virei-me de novo para o Gabriel. – Gostarias de ser o meu assistente no próximo truque?

Ele disse que sim com a cabeça com veemência, menos assustado.

Levantei as minhas algemas. Já praticava com estas algemas há quase cinco anos, conhecia cada risco e amolgadela no metal. A evasão era uma coisa que eu fazia com uma perna às costas.

Entreguei as algemas ao Gabriel. Ele fechou-as à volta dos meus pulsos, depois mostrou a chave ao público para verem que era ele, não eu, quem a tinha. Os alunos do grupo dramático tinham estado em silêncio enquanto o Gabriel se apresentara e me ajudara, mas estavam outra vez a troçar tão alto que até o meu pai os ouviria.

– Quero ver-te a fazer aparecer alguns amigos – disse o Alan.

O Sir comprimiu os lábios, mas não desviou o olhar do palco. Os restantes membros do público estavam sempre a olhar por cima do ombro. Alguns riam à socapa, indecisos, sem saber se aquilo faria parte do número. Alguns olharam com cara de poucos amigos para os meus colegas de turma. Uma mulher mandou-os calar. A maioria do público estava confusa, a atenção dividida entre o meu número e os adolescentes na última fila, a sussurrar e a acotovelar-se quando não estavam a fazer troça de mim. Eu tinha a cara a arder.

No palco, o Gabriel observava-me, presumivelmente a única pessoa de todo o auditório que não estava a prestar atenção aos arruaceiros. As algemas chocalharam, chamando as atenções para as minhas mãos. Remexi desajeitadamente na fechadura. O público olhou fixamente. De certeza que conseguiam perceber que eu estava com dificuldade, que não estava a fazer de conta para um efeito dramático. O fracasso não fazia parte do meu número.

Ao longo do último mês, tentara todas as soluções que me ocorreram para frustrar as intenções dos alunos do grupo dramático. Primeiro,

abordei-os em privado. Depois, em plena atuação, exigi que parassem com aquilo, a minha voz a ribombar no microfone. Depois pedi ajuda a um professor, que montou guarda em duas atuações, mas como tinha outras coisas para fazer não podia ir a todos os espetáculos. Invariavelmente, os meus colegas continuaram a atrapalhar-me. Não tinham medo de ser castigados. De qualquer forma, a menina Kravitz estava sempre do lado deles. Por fim, decidira-me a ignorá-los. Era o método que fazia os apupos terminar mais depressa, embora não houvesse nada nestas humilhações trissemanais que terminasse depressa.

– Ninguém te curte – disse o Alan.

Cometi deslizes atrás de deslizes durante o truque das algemas sem me conseguir libertar. Geralmente, demorava metade do tempo. A multidão perscrutou todo o meu corpo. Consegui ouvir o coração a bater nos ouvidos. O suor espalhou-se como um bigode por cima do lábio superior. Estava ofegante, a garganta seca. Conseguiriam os outros ouvir o meu coração denunciador?

Por fim, libertei-me das malditas algemas. Passei-as ao Gabriel, cuja admiração diminuía consoante os minutos passaram. Pedi-lhe que levantasse as algemas para o público as ver, depois que verificasse se tinha molas escondidas ou mecanismos de abertura secretos. Enquanto ele fez isso, esfreguei os pulsos em carne viva. Arrancara pele do pulso esquerdo. O sangue escorria do corte (-2). Este miserável número merecia uns redondos dez pontos a menos. Olhei de relance para o Sir. Ele estava afundado no seu lugar, como se não quisesse que as pessoas soubessem que éramos da mesma família.

Gesticulei para o Gabriel e falei para o microfone.

– Que tal uma salva de palmas para o meu assistente?

O público aplaudiu, com menos entusiasmo desta vez. Nesta fase, aqueles que estavam confusos já tinham percebido que os apupos não faziam parte do número nem eram um impulso masoquista de adolescente que não compreendiam. Dei uma palmadinha no ombro do Gabriel e, radiante, ele sorriu para mim antes de abandonar o palco a correr. Quando regressou ao seu lugar, o irmão mais novo abanou-lhe o braço, entusiasmado. Nas próximas semanas, recordariam este espetáculo uma e outra vez.

– Por esta noite é tudo. – Limpei o sangue do pulso. – Estou aqui todas as segundas, quartas e sextas-feiras. Ao fim de algumas semanas, apresento

truques novos, por isso venham ver-me outra vez. Obrigada.

Fiz uma pronunciada vénia à boca de cena, deixando todas as gotas de sangue fluir-me à cabeça de modo a ter uma desculpa melhor para a cara ruborizada. Os meus espectadores aplaudiram educadamente, depois precipitaram-se para o exterior do auditório como se o fracasso pudesse ser contagioso.

Espreitei a última fila. Ninguém. Eles iam sempre embora antes da última ovação, deixando-me ouvir algumas palmas que não eram abafadas pelo escárnio. Permitiam-me uma esperança suficiente para eu não perder a coragem de subir ao palco alguns dias depois. Passei o olhar para a primeira fila. A minha mãe estava de semblante franzido. O Sir estava com uma expressão pétrea. As cortinas fecharam. Estremeci e fechei os olhos com força.

Nunca irá doer tanto como agora.

O Sir dizia-nos sempre isto quando batíamos com os dedos dos pés ou mordíamos os lábios. A dor recente era a pior dor; a cada segundo que passasse, a coisa só podia melhorar. Nós costumávamos repetir mentalmente versões abreviadas da lengalenga, *nunca irá doer tanto, nunca irá doer tanto*, enquanto esperávamos que a dor diminuísse. Ele tinha razão; diminuía sempre.

Endireitei os ombros, desci do palco e fui para o auditório. Toda a gente tinha ido embora, mas os meus pais continuavam nos seus lugares.

– Obrigada por terem vindo – consegui balbuciar.

A minha mãe deu-me uma palmadinha no ombro, como se receasse reconfortar-me demais.

– Foste maravilhosa. Deus deve estar a guiar a tua mão.

O Sir olhou-a como quem não queria acreditar no que estava a ouvir e apontou para o palco com o polegar.

– Não atires as culpas do que aconteceu para um bicho papão. – Virou-se para mim. – É assim que estes espetáculos costumam acontecer?

Eu estava demasiado exausta para me fazer despercebida.

– Referes-te aos apupos? São uns putos do grupo dramático. Estão zangados porque toda a gente veio ao meu espetáculo e não à estreia deles. Querem que eu pare de fazer o meu número, mas eu não paro, por isso continuam a atrapalhar-me.

Quando propusera o *Delícias Terrenas* ao diretor da escola, ele concordara em deixar-me apresentar o espetáculo no ginásio e dera-me três datas à escolha para a estreia. Provavelmente não teria escolhido a mesma noite de sexta-feira de dezembro em que o grupo dramático estreava o *Como É Bom Amar* se a menina Kravitz, a diretora do grupo dramático, não me tivesse chamado idiota à frente de toda a turma de física nesse mesmo dia. Já não era a primeira vez que ela me rebaixava, por isso não me coibi de escolher a data da sua sagrada noite de estreia naquela sexta-feira. Como é que eu poderia adivinhar que a vila inteira e todos os alunos prefeririam ver o meu espetáculo de ilusionismo e não a sua trupe sem talento? Geralmente, o auditório ficava à pinha quando era o musical da escola, o que os meus colegas atribuíam ao respetivo talento. Quando, desta vez, viram a pouca afluência, tiveram de encarar a realidade. A afluência e o entusiasmo do seu público de sábado e domingo – eu não fazia o meu número aos fins de semana – não conseguiram compensar a desilusão da noite de estreia. O mal estava feito. Queriam sangue.

Eu tivera a esperança de que as férias de inverno sanassem a situação. Novo semestre, novo começo. No mesmo dia das audições para a peça *Não o Levarás Contigo*, o diretor chamou-me ao seu gabinete. Disse que o meu espetáculo era tão popular que o queria mudar do ginásio para o auditório. Três noites por semana eu poderia fazer o meu número num palco de verdade com cortinas e holofotes em vez de num palanque. Nem quis acreditar na minha sorte. Passou-me pela cabeça que a minha promoção obrigaria o grupo dramático a mudar o seu programa e a ter de fazer os ensaios noutro sítio? Naquele momento, não. Estava ocupada a apertar a mão do diretor e a agradecer-lhe entusiasticamente. Só me apercebi das consequências quando eles apareceram no meu primeiro espetáculo mais tarde nessa semana. A intimidação continuou, mas eu não iria voltar para o ginásio com o rabo entre as pernas. Quem sabia quando teria outra oportunidade de atuar num palco? Se os meus colegas aplicassem metade da energia que gastavam a vaiar-me a aprender a representar, as pessoas eram capazes de ir às suas estúpidas peças.

O Sir arreganhou os dentes.

– Vamos para casa.

A viagem de quinze minutos realizou-se em silêncio. Eu preferia que ele me dissesse logo qual seria o meu castigo. Não saber era o pior. Ele não lhe

chamaria castigo; em vez disso, pintá-lo-ia como uma «oportunidade de ganhar pontos», daria a entender que o estávamos a fazer para meu próprio bem, tudo em nome do autoaperfeiçoamento.

Eu já tinha idade suficiente para saber que isso não era verdade, mas quando é que teria idade suficiente para lhe fazer frente? Ainda faltavam três anos e meio para poder ir para a universidade. Iria para longe; para um sítio longínquo como a Jack. Não para a mesma instituição, é claro. Algures para o outro lado da costa oeste. Talvez para a Florida. Teria de investigar qual era a cidade mais afastada da nossa vila.

Quando sonhava acordada com a minha evasão, tentava não pensar que deixaria a minha mãe sozinha com o Sir. Isso não impedira a Jack, portanto porque haveria de me preocupar? Além disso, se a minha mãe alguma vez teve vontade própria, há muito que esta se eclipsara. Certa vez, enquanto o Sir estivera fora em trabalho, eu perguntara-lhe porque ela não o deixava. Ela desatara aos gritos como se eu a tivesse maltratado, dissera que fizera os seus votos, que este era o desígnio de Deus para ela. Quando eu disse que não era lá um grande desígnio, ela perguntara como eu me atrevia a questionar a Sua sabedoria e começara a arengar sobre a insolência e falta de fé. Ainda se ia a espumar toda quando foi para o seu quarto, bateu a porta com estrondo e se fechou à chave. Nunca a vira tão zangada.

Penosamente, entrámos os três em casa a arrastar os pés. Nesse ano, a tinta da porta da frente ficara lascada, mas ninguém se dera ao trabalho de a arranjar. Eu demorei-me a descalçar-me no vestíbulo; se me precipitasse para o quarto, assim que estivesse acomodada, ele chamar-me-ia. Olhei de relance para ele. Afundara-se no seu cadeirão reclinável e estava a folhear o jornal. Será que iria mesmo escapar impune àquela noite? Subi as escadas em bicos de pés.

– Querida – chamou, assim que cheguei à soleira da porta do meu quarto. Agarrei-me à ombreira, a chafurdar na ironia de toda a vida ter desejado um quarto só para mim, mas, agora que a Jack partira, não querer outra coisa a não ser tê-la aqui para partilhar o quarto. Sem ela, a casa parecia um cemitério.

– Já vou. – Senti o pavor na barriga. Como seria ter um pai normal que nos fazia revirar os olhos e não arregalá-los quando nos chamava? Desci as escadas sem fazer barulho, o coração a bater a cada passo. O que queria ele? Eu estava demasiado destroçada para tentar um dos seus desafios. Estava

acordada desde as quatro e meia da manhã de modo a conseguir praticar uma hora de ilusionismo antes de ir para a piscina (+1).

Parei diante do cadeirão dele, o tecido cheio de nódoas e puído. Juntou as pontas dos dedos, como que a estimar-me pela primeira vez, como se não víssemos as carantonhas amarguradas um do outro todos os dias.

Por favor, a lixa não.

– Hoje praticaste nadar de costas?

Espantada, pestanejei. Nunca sabíamos o que iria sair da boca do Sir, mas raramente era uma pergunta normal.

– Pratiquei – respondi, com a certeza de que estava a cair numa cilada.

– Quanto tempo?

– Um minuto e quinze.

Ele franziu o cenho.

– Foi o teu melhor tempo de sempre (+2).

Então, porque estava de cenho franzido?

Depois de completar os seis níveis das aulas de natação, um mês antes da Jack, isso ainda não fora o bastante. Eu tinha de ser melhor, mais rápida, mais forte. Ele decidira que eu deveria entrar para a equipa de natação da secundária.

– Chegou a hora de começares a pensar no futuro – disse o Sir. – Chega dessa merda do ilusionismo. – Fiquei embasbacada. – A tua irmã conseguiu uma bolsa de estudo académica. Tu certamente não conseguirás. Como planeias pagar a universidade? A tirar notas de um dólar de detrás das orelhas das pessoas?

A Jack conseguira uma bolsa de estudo *parcial*. Estava a pagar a maior parte dos estudos com as gorjetas que recebia a servir às mesas. Eu duvidava que os meus pais possuíssem meios para nos ajudar a ir para a universidade, mas, mesmo que possuíssem, não ajudariam. O Sir estava determinado em ensinar autossuficiência.

– Se te esforçares mais nas aulas de natação, talvez consigas uma bolsa de estudo desportiva. Não será para nenhum sítio especial, mas quem sabe para uma pequena instituição que queira melhorar o seu programa.

Fiquei fora de mim. Os meus progressos deixariam qualquer outro pai embevecido: já não tinha medo da água, fosse na banheira, na piscina ou no mar. Era uma nadadora exímia, com força suficiente para puxar alguém com segurança. Porém, a natação era um frete. Eu não tinha intenção alguma de

continuar a praticar esse desporto depois de concluir a secundária. Só estava na maldita equipa de natação porque ele me inscrevera.

Aclarei a voz.

– Não quero praticar natação na universidade.

– Pois, eu também não quero trabalhar para ganhar a vida, mas ser adulto é fazer merdas que preferíamos não fazer. O que planeias fazer com a tua vida? A tua irmã está a tirar uma licenciatura em gestão de empresas, enquanto tu estás a ser vaiada em auditórios.

– Isso foram uns colegas de turma maldosos a retaliar. Todas as outras pessoas adoraram o espetáculo.

– Aqueles arruaceiros foram a parte mais interessante. – Encolhi-me, desejando de súbito a lixa. – Atenta no que te digo. Eu apoiei esse passatempo enquanto eras criança, mas chegou a hora da verdade. Tu não vais pôr comida em cima da mesa a tirar coelhos da cartola.

– Se me tornar suficientemente boa, sim. Ainda estou a aprender.

– Agora já não.

Arquejei.

– Acabaram-se os *shows* de ilusionismo até conseguires fazer uma piscina num minuto e dois segundos de costas.

Os olhos quase me saltaram das órbitas.

– Menos treze segundos? As minhas colegas de equipa estão a dar o litro para conseguirem menos um segundo.

– Essas miúdas frequentavam clubes de natação, enquanto tu andavas a perder tempo a chapinhar no lago Minnich.

Era uma maneira de descrever um quase afogamento.

– Tu tens muita mais margem de manobra do que elas. – O meu pai fungou. – Além disso, nós não nos regemos pelos padrões das outras pessoas, querida. Eu digo que treze segundos a menos até ao fim da secundária é exequível.

– Como?

Ele encolheu os ombros.

– Melhorar a técnica. Reforçar os músculos. Cardio. Quando queres, consegues ser bastante inventiva. Acabarás por descobrir.

Fitei-o, boquiaberta, recusando-me a submeter-me à sua exigência impossível de conseguir.

Ele estreitou os olhos.

– Estou a falar a sério. Acabaram-se os espetáculos, as práticas e o ilusionismo. Pelo menos enquanto não baixares esse tempo.

Rangi os dentes.

– Posso fazer as duas coisas. Melhorarei o tempo na natação e também melhorarei no ilusionismo.

– O tanas. Tenta meter isto nessa cabeça dura: aqui não há futuro para o ilusionismo. Para essas merdas, tens de estar em Nova Iorque ou num sítio desse género. Tu vais ficar – espetou o dedo na mesinha – aqui mesmo.

Em menos de um ano, poderia ter a carta de condução. Poderia deixar esta casa e ir de carro até onde me desse na gana. Poderia desistir da secundária, arranjar um sofá onde dormir, encontrar outra maneira de obter o meu diploma de equivalência geral.

– Acabou-se o ilusionismo.

Fulminou-me com o olhar, desafiando-me a contradizê-lo. Não adiantava argumentar.

O meu queixo caiu.

– Sim, senhor.

– Quantas vezes te disse que, se ao menos te aplicares, poderás vir a ser alguém um dia? Mas tens de estar focada. Chega de brincadeira. – Os seus olhos adejaram para a televisão. – Traz cá o teu bloco dos pontos.

– Sim, senhor – repeti.

Subi as escadas pesadamente até ao meu quarto e deixei-me cair na cama, apertando o *Sr. Urso* com tanta força que até me doeram os braços. Abri a gaveta da mesa de cabeceira e tirei de lá o bloco. Passou-me pela cabeça lançá-lo pela janela.

A partir de agora, praticaria antes de o Sir acordar. Realizaria espetáculos improvisados para audiências mais pequenas em locais secretos. Faria toda a leitura e investigação na biblioteca, diria aos meus pais que estava a trabalhar em projetos de grupo. Aperfeiçoaria a minha arte, à custa de sangue e hematomas, até ser perfeita e intrépida como o Houdini. Se fosse preciso, iria viver para Nova Iorque. O Sir podia ameaçar-me o que quisesse, mas eu não iria desistir.

Nunca, mas nunca, desistiria do ilusionismo.

Natalie

8 de janeiro de 2020

– *Eu* não gosto que me chamem mentirosa. – Fulmino o Gordon com o olhar, passo o cartão pelo leitor e ouço a porta a destrancar. – Seja com quem for que falou, não sabe a verdade. – Com o coração a bater desenfreado, abro a porta e levo a mochila para dentro, sem lhe dar hipótese de responder.

O que sei eu sobre esta gente, do que serão capazes? Quem sabe se as suas ameaças se ficarão pelo *e-mail*? Faço pressão sobre a nódoa negra no meu pulso, imagino o Gordon a arrastar-me pelos cabelos até à água e a segurar-me submersa, até eu ficar sem reação. Quem saberia onde eu estava?

Quem se daria ao trabalho de procurar?

Abano a cabeça para afastar tais ideias e olho em redor na cabana. O quarto está imaculado, não se vê um único pedaço de cotão. Parece o quarto do Paul Bunyan: bastante funcional e com poucos motivos de decoração. Encostada à parede do fundo há uma cama de solteiro, os lençóis brancos esticados e enfiados com esmero debaixo do colchão. Defronte da cama há uma escrivaninha de carvalho sem nada em cima e uma cadeira de costas duras. Portas de correr escondem um pequeno armário. Não há nenhum tapete no chão, engenhocas na mesa de cabeceira, quadros nas paredes. Apenas um monte de nós na madeira de pinho que me fazem lembrar um enxame de abelhas.

– Mais uma coisa – diz o Gordon. Estremeço e rodo sobre os calcanhares. Ele transpôs a soleira, está no interior do meu quarto. Fecha a porta e mete a

mão dentro do seu saco, de onde tira um maço de folhas agrafadas. – Preciso que assine isto.

Folheio as páginas. Parece-me um contrato-modelo. Diz que não posso processar Wisewood por quaisquer lesões ou perturbações emocionais, que prometo não revelar ao «mundo exterior» coisa alguma do que aqui se passar, incluindo atribuir classificações ou fazer críticas em *sites* de viagens ou noutros sítios na Internet.

Não queremos que sejam divulgados segredos comerciais nem estragar a experiência de futuros visitantes.

Está explicado porque há tão poucas críticas a Wisewood na Internet. Avanço para a última de vinte páginas de uma lengalenga jurídica estupidificante. Quando levanto a cabeça, o Gordon está a fitar-me, expectante. Está à espera que eu assine agora mesmo. Não é que eu leia os termos e condições da Apple antes de atualizar o meu *iPhone*, mas, tanto quanto sei, o contrato da Wisewood até pode incluir sacrifícios animais todas as noites.

– Terei de ler isto com atenção – digo. Ele concorda com a cabeça, mas não se mexe. – Em privado.

– Esteja à vontade. – O Gordon bate o pé no chão. – Só não pode sair do quarto enquanto não assinar. Temos de proteger a nossa propriedade intelectual.

Aperto o maço de folhas com força. Quanto mais tempo passar aqui a ler, mais tempo demorarei a encontrar a Kit. Já para não dizer que não vejo os *e-mails* há horas. Mesmo com o telemóvel desligado, tenho a certeza de que consigo ouvir os avisos sonoros das mensagens em pânico a chegar à caixa de entrada.

Leio as páginas na diagonal. Não me salta à vista nada de extraordinário. Assino a linha a tracejado e entrego o contrato ao Gordon.

– Pode efetuar o pagamento da estada quando fizer o *checkout* amanhã. O jantar é servido às seis na cantina. – Encaminha-se para a porta.

– Ei, o que queria dizer com aquilo ao telefone? – Roço os dentes pelo lábio inferior. – Quando disse que eu já fiz o suficiente?

– Quando está nervosa, faz isso com a boca. Aposto que usa uma proteção de dentes para não os ranger ao dormir. – Paro de fazer aquilo imediatamente. Ele entrelaça as mãos como patas de urso atrás das costas. – A Kit falou imenso sobre a vossa família na aula.

Estremeço.

– O que foi que ela disse?

– Pergunte-lhe. – Com isto, abre a porta e vai embora. Eu encosto-me à porta. – Tenha um dia maximizado, menina Collins – diz, serenamente.

Fico à espera que o meu coração se acalme. Passado um minuto, percebo que não perguntei qual é o quarto da Kit. Abro a porta de rompante, mas já não há sinal do Gordon.

Digo um palavrão, depois perscruto o quarto. A casa de banho fica ao lado do armário e é tão pequena que é possível lavar as mãos no lavatório sem me levantar da sanita. Suspiro e olho para cima do lavatório para ver os estragos que este tempo está de certeza a deixar no meu cabelo.

Não há um espelho na parede.

Inspeciono a casa de banho. Não há espelho algum. Saio da casa de banho e examino as paredes da minha casa provisória, que não tem mais de nove metros quadrados. Abro as gavetas, procuro nos armários, até espreito debaixo da cama. Nem um espelho.

Desisto do espelho e vou verificar se as janelas têm venezianas ou cortinas. Nem uma coisa nem outra. Quando espreito para fora, não vejo viva alma, o que não quer dizer que não esteja lá alguém, à espreita atrás de uma cabana ou árvore. Afasto-me da janela, levo o casaco para a casa de banho e fecho a porta. Certificando-me de que está em silêncio, pego no telemóvel e ligo-o. Faço figas e olho para o visor.

«Sem Rede.»

Resmungo e abro as definições. É evidente que aqui não há *wi-fi*.

Espero mais um minuto para ver se o telemóvel apanha sinal, mas o estado de sem rede não se altera. Fico toda arrepiada ao pensar no número de notificações a vermelho a aumentar; há três horas que não vejo os *e-mails*. Terei de apanhar rede noutro ponto da ilha. Procuro tomadas de parede para carregar o telemóvel, mas não as há. Atónita, fico de pé no centro do quarto até que compreendo que, se não podem ter dispositivos eletrónicos, os hóspedes não precisam de tomadas. O despertador da mesa de cabeceira funciona a pilhas.

Tiro da mochila roupa suficiente para passar a noite. O sutiã e a roupa interior ficam sempre na prateleira de cima do armário, o pijama na segunda, as calças e a minha camisola turquesa preferida na terceira. Eu costumava dependurar as camisolas até que li que assim os ombros ficam

esticados; agora dobro-as ao meio, depois outra vez. Se esta cabana não tem espelho nem tomadas elétricas, de certeza que não terá um ferro de engomar, mas procuro mesmo assim, a pensar nas minhas calças de ganga. Como seria de esperar, não encontro nada e suspiro. Não compreendo mesmo como é que a maioria das pessoas são tão preguiçosas que nem dedicam três minutos do dia para ficarem apresentáveis. Escondo o telemóvel no pijama e fecho a porta do armário.

Encontro um mapa do recinto numa gaveta da escrivaninha. Guardo-o com o cartão magnético no bolso e visto outra vez o blusão. Saio para o exterior e tranco a porta antes de meter pés ao caminho. Sinto-me absurdamente aliviada por o nevoeiro ter desaparecido. No seu lugar, flocos de cristal redemoinham desde o céu. Inclino a cabeça e vejo-os esvoaçar. Por um segundo, o mundo é um lugar pacífico, seguro. Então, sou vergastada por uma rajada de vento, e o feitiço quebra-se. Dirijo-me para o círculo de cabanas mais afastado. Perambular pela neve acabada de cair faz-me lembrar da Kit. Ela detesta caminhar por cima de neve imaculada, odeia estragá-la. Costumava insistir para que evitássemos calcá-la mesmo que tivéssemos de ir dar uma grande volta. Questiono-me como é que ela lida com isso numa ilha. Sorrio ao imaginá-la a acordar cedo todas as manhãs para limpar os caminhos. A Kit sempre soube como manter a magia acesa.

Perscruto todas as janelas à procura de um vislumbre da minha irmã ou das coisas dela. Todos os quartos estão desertos e arrumados, como um hotel antes da inauguração. Onde estão os objetos pessoais dos hóspedes? De certeza que não são todos uns maníacos das arrumações. Não vejo um fato de banho nem óculos de natação, nenhum baralho de cartas ou um livro de bolso desgastado na escrivaninha. Não vejo os adornos da Kit em parte alguma. Apesar do frio, tenho as axilas transpiradas.

Onde está toda a gente? Sinto-os por perto, olhos como contas a observar-me, mas sempre que espreito por cima do ombro não vejo nada nem ninguém.

Quando termino o primeiro círculo de cabanas, avanço para o segundo. Sinto-me como o *Night Stalker*⁵ a espreitar para os quartos de desconhecidos, mas este método é mais rápido do que bater a todas as portas. Cá fora, o recinto está outra vez em silêncio. Não anda ninguém pela ilha. Impressiona-me como é estranho estar no mundo sem outra pessoa à

vista. Neste momento, um desastre natural poderia erradicar a humanidade da face da Terra que eu não daria por isso. O baque no peito ganha intensidade.

E se, quando eu encontrar a Kit, ela estiver desesperada por sair daqui? O continente fica a mais de uma hora de distância. E se o *Hourglass* naufragar numa borrasca? Não faço ideia aonde fica o pedaço de terra mais próximo, quanto mais como lá chegar. E se a ilha se afundar, totalmente engolida pelo Atlântico? E se, e se, e se.

E se eu nunca tiver a oportunidade de lhe dizer? E se alguém lhe disser primeiro?

Entre cada casa, paro e pouso as mãos nos joelhos, ofegante. Sempre odiei segredos: tê-los, saber deles, guardá-los. Este enterra-se como uma larva bem fundo no meu peito, abrindo um buraco à dentada no meu coração. Respiro fundo. Não posso ser a irmã Collins que perde o controle. Espero até a respiração abrandar.

A estranha sensação de estar a ser observada obriga-me a levantar o queixo. A vários metros de distância, vejo duas mulheres no caminho a observar-me. A mais velha tem uma cara simpática, a outra é de meia-idade e vibra com uma energia de nervosismo. Estão embrulhadas em roupas de inverno, mas nenhuma usa gorro, deixando antever os penteados idênticos.

Ambas têm as cabeças rapadas.

A pele retesada deixa ver todas as depressões, protuberâncias e arestas dos crânios. A mulher mais velha tem o couro cabeludo cheio de manchas da idade, mas a outra é a mais desagradável de ver, com a cabeça oblonga e as orelhas desiguais. Juntas fazem lembrar o reflexo de uma casa de espelhos, dois ovos à espera de eclodir. Estremeço ao ver as calvas desprotegidas, ao pensar na frágil matéria cinzenta por debaixo da crosta.

A mulher mais velha sorri.

– Sentes-se bem, querida?

Elas poderão saber onde posso encontrar a Kit. Aproximo-me delas.

– Sinto, obrigada.

A segunda mulher examina-me, os olhos cor de amêndoa a cintilar. De perto, percebo que tem os lábios carnudos, as maçãs do rosto pronunciadas.

– És sangue novo?

Antes de eu ter hipótese de responder, a mais velha diz:

– O que ela quer dizer é que nunca te vimos por aqui? Eu sou a Ruth? –
Baixa a cabeça, fazendo afirmações com a entoação de perguntas. – Sou a
responsável pelo curso de introdução a todos os hóspedes e nunca te vi na
aula? Por acaso és a Chloe ou a Cheryl?

Abano a cabeça.

– Não vim para ficar, estou só de visita.

A Ruth pestaneja.

– De visita?

A outra mulher estremece.

– Em Wisewood não há visitas.

– Como chegaste aqui? – pergunta a Ruth.

– Em Wisewood não há visitas – repete a outra mulher, mais insistente,
balouçando ligeiramente sobre as plantas dos pés.

– Vim de barco com o Gordon. Esta tarde – digo para a Ruth, fazendo por
ignorar a maluca.

– Só o Gordon? – pergunta a Ruth com um guincho.

– Não, também estava um sujeito chamado Sanderson.

A Ruth expira, depois baixa o olhar para os sapatos.

– Sabe onde posso encontrar a Kit Collins? – pergunto.

A Ruth levanta a cabeça de repente.

– Foi ela que vieste visitar?

– Em Wisewood não é permitido ter amigos e familiares juntos – avisa a
outra mulher.

A Ruth esfrega a testa como que num princípio de dor de cabeça.

– Viu-a? – insisto.

– Desculpa, querida, mas não vi. Gostaria de poder ajudar mais.

Assinto com a cabeça e estou para lhes virar costas quando a mais nova
diz:

– Eu sei onde ela está.

Fico à espera.

– No caminho para a intrepidez. – Pisca o olho à Ruth.

Eu faço uma cara feia.

– E que tal um sítio que se possa encontrar num mapa?

– Quem é que julgas que somos? O Lewis e o Clark? – Dá um grito como
uma *banshee*, o seu riso tão estridente que me faz doer os ouvidos.

– Por amor de Deus, Sofia, já chega. Vais deixá-la com a impressão errada.

A Sofia fita-me mordazmente. Parece-me que fiquei com a impressão nada errada: demente.

– Serás bem-vinda a assistir a uma das minhas aulas – convida a Ruth. – O meu curso para iniciados começa amanhã às sete horas.

Parece-me tão divertido como aquele dia na secundária em que me caiu um tampão do bolso à frente da turma inteira.

– Obrigada, tenho de ir. – Aceno e começo a afastar-me da dupla.

– Se mudares de ideias – diz a Ruth –, acho que te posso ajudar a ultrapassar a solidão que carregas nos ombros.

Onde é que ela foi buscar aquela ideia? Viro-me para trás e vejo-as, completamente imóveis, a observar-me, muito sérias. Continuo a caminhar sem conseguir imaginar a Kit a encaixar neste lugar, a gostar tanto disto que aceitou um emprego com esta gente. A Kit que eu conheço é ingénua, mas tem um detetor de tangas. Acredita nas pessoas até lhe darem um motivo para deixar de acreditar. Deixa que a usem, mas só até certo ponto. Como é que lhe poderia passar pela cabeça que este sítio é a resposta? Ao longo da nossa vida, tentei ensiná-la a ser mais desconfiada, até mesmo inexorável, quando necessário. Ela não se deixa convencer; quer acreditar na bondade inerente da humanidade, motivo pelo qual dou por mim em sítios como este, a arrastar a minha irmã de volta para a realidade. Ela perde a noção da realidade mais do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido.

Como daqui a pouco é noite, decido não verificar o resto dos quartos dos hóspedes. Apresso-me para o extremo noroeste da propriedade, onde se encontra um segundo pré-fabricado. Avanço furtivamente, com cuidado para não ser apanhada a bisbilhotar, mas as venezianas estão corridas. Porque é que há venezianas nas salas de aula mas nas cabanas não? Ponho-me à escuta, mas não distingo quaisquer palavras. Em vez de discursos apaixonados ou de meditação com orientação, escapam-se por debaixo da porta gemidos e choros. Sinto um arrepio na espinha. Passo pelo pré-fabricado a passos largos.

Neste momento, estou toda arrepiada. A neve cai em pedaços caprichosos. Flocos meio derretidos entram-me pelas botas e humedecem-me as meias. Repreendo-me por não vestir roupas suficientemente quentes e decido passar pelo meu quarto para vestir mais alguma coisa antes de continuar à procura.

Atravesso a ilha a correr até à minha cabana, sacudo a neve das botas, deixo-as em cima do tapete que diz «bem-vindo» e entro. Dispo o blusão, descalço as luvas, sopro para as mãos e esfrego uma na outra. O quarto pode ser insípido, mas pelo menos é quente.

Estaco quando sinto um cheiro desconhecido. Um perfume de mulher, distinto com aromas que não consigo identificar.

Esteve aqui alguém?

Faço por ignorar a impressão. Estou a ser paranoica. Esta ilha deixou-me nervosa.

Vou até ao armário e abro a porta. Mais uma camisola deve bastar. Agacho-me até à terceira prateleira, mas só encontro calças de ganga. Há um espaço vazio onde deveria estar a minha camisola. Fico de cenho franzido.

Ao pôr-me de pé, uma faixa turquesa chama-me a atenção. Viro-me para lá, depois afasto-me do armário como se estivesse em chamas. O coração sobe-me à garganta, obstruindo o grito que quer sair.

A minha camisola preferida está a balouçar devagarinho num cabide.

⁵ Nome pelo qual ficou conhecido um famoso assassino em série americano que atuou na década de 1980, de seu nome Richard Ramírez. (*N. do T.*)

Mais uma piscina. Submergi, vim à tona de costas e deslizei, os dedos mindinhos a entrar primeiro na água.

Isso é o melhor que consegues?

Fiz por o esquecer, mas acelerei o ritmo.

Bandeirolas vermelhas e brancas, dependuradas de parede a parede por cima das seis pistas da piscina, vojavam enquanto eu passava a nadar. As bandeirolas vermelhas tinham o logótipo da minha universidade. Quando cheguei ao fim da pista, olhei para o relógio. Demorara mais um segundo do que da última vez. Retirei um ponto a mim mesma, mas depois afastei a ideia.

Faria nova tentativa.

Inspirei profundamente e comecei outra volta. Aprendera a adorar o cheiro a limpo e químico do cloro, o modo como se sobrepunha a tudo e purificava. Ia a meio do percurso quando uma pessoa de calções amarelo-néon e *T-shirt* se acercou da beira da piscina. Acenei para a minha colega de quarto e acelerei. Quando cheguei à beira dos pés da Lisa, estava esbaforida. Levantei os óculos e pousei-os na touca.

– Guarda alguma energia para logo à noite – disse ela.

– A que armazém decrepito vamos desta vez? – perguntei em jeito trocista.

– A Evelyn Luminescence é brilhante. Vais ver.

– O trocadilho foi intencional?

Ela pôs a língua de fora.

– Vemo-nos na residência.

Anuí e arranquei para mais duas voltas, jurando a mim mesma bater um novo recorde pessoal do dia.

Trinta minutos depois e com o recorde atingido, arrastei-me para o meu quarto, já sem vontade de sair à noite e andar pela cidade. Quando franqueei a porta, a Lisa, cujos cabelos negros e pele pareciam perfeitos sem produtos de beleza, estava atarefada a maquilhar os olhos. Ela tentaria convencer-me com unhas e dentes.

Os lençóis estavam soltos de um dos lados do colchão da minha cama de solteiro. Fiz vista grossa do (-1) que exigia ser contabilizado, enfiei os lençóis com esmero e deixei-me cair em cima da cama.

– Acho que hoje não vou sair.

A Lisa virou costas ao espelho, o aplicador de rímel numa mão, o frasco na outra.

– Nem penses. No fim de semana passado fui àquele espetáculo horrível de ilusionismo que tu escolheste. Preciso de te relembrar que o gajo tentou tirar uma pomba de debaixo da minha saia? – Dei uma risadinha ao lembrar-me. – Esta exposição de arte é o mínimo que podes fazer para me compensares.

Descobrira há pouco tempo uma nova biografia do Houdini e só me apetecia passar a noite perdida no seu mundo.

– Estou cansada.

– Porque te esforças tanto na piscina? Nem sequer fazes parte da maldita equipa de natação.

Para fazer a vontade ao Sir, fora forçada a ter aulas de natação durante os quatro anos da secundária. Quando pisei o palco na cerimónia de graduação, o meu principal motivo de alegria era o facto de saber que nunca mais teria de usar uma touca e óculos. Imagine-se o meu espanto quando, depois de seis meses sem ir à piscina, percebi que sentia a falta de nadar. Há algumas semanas, fizera uma tentativa de retomar os treinos e, desde então, não falhara um dia. O desporto era muito mais agradável quando era eu própria a decidir até onde forçar.

– É difícil deixar hábitos antigos.

A Lisa voltou a aplicar o rímel.

– Nesse caso, arranja hábitos novos. Tens 19 anos e, pelo que sei, não estás num convento. Adoro-te, miúda, mas às vezes ages como se a vida fosse um castigo.

Eu sabia que ela tinha razão, mas não disse nada.

– Qual é a vantagem de viver a meia hora de Nova Iorque se vais ficar enfiada na residência numa sexta à noite?

A vantagem era que o Houdini se evadira de um caixote no East River e eu queria fazer a mesma coisa!

Rendida, levantei os braços e calcei os chinelos de banho.

– Estou a ir. Estou a ir.

Eu e a Lisa esperámos numa longa fila à porta de um edifício de tijolo inclassificável num passeio de uma zona com mau aspeto em Manhattan. Era uma noite amena de finais de março, o primeiro dia do ano a fazer lembrar a primavera. Olhei de relance para a minha colega de quarto e enfiei o braço no dela, contente por ela me ter convencido a confraternizar. A Lisa era a melhor amiga que eu jamais tivera. Estava a tirar a licenciatura em belas-artes e um dia queria gerir uma galeria de arte. Adorava *karaoke*, cães e gastronomia grega. Não se rira quando eu lhe disse que queria praticar ilusionismo. Só nos conhecíamos há dois meses quando ela me convidou para ir à casa da sua família na Pensilvânia passar o dia de Ação de Graças e depois o Natal, para eu não ter de ir para casa. Ela não disse que foi esse o motivo, apenas explicou que o irmão mais novo lhe fazia a vida negra e que eu a ajudaria a escapar-lhe. Quando o pai dela me perguntou sobre a minha especialização – psicologia – e o que eu queria fazer quando terminasse o curso, hesitante, admiti ser uma aspirante a ilusionista. A família dela também não se riu.

– Ela não é aspirante – interveio a Lisa. – Há quatro anos que dá espetáculos. Ela é uma ilusionista. – Piscou-me o olho por cima da mesa. Ela estava sempre a dizer que eu não era nenhum dos rótulos que o Sir me atribuíra. Foi a primeira pessoa que eu ouvi a chamar-lhe parvalhão.

Desde que começara a frequentar a universidade que não ia a casa, nunca mais teria de comer sanduíches de mortadela nem arroz tufado. Falava com a minha mãe de quinze em quinze dias e telefonara à Jack uma ou duas vezes por semestre. De todas as vezes, ela terminara a conversa ao fim de cinco minutos, alegando ter trabalhos de casa para fazer ou uma festa aonde ir. A julgar pelo seu tom desajeitado e entrecortado, eu percebera que ela não queria falar, que me associava à nossa infância disfuncional. Dera para perceber que tinha vergonha de nós. Passado algum tempo, deixei de tentar. Não lhe iria suplicar que se comportasse como se fosse minha irmã.

Não falava com o Sir desde que me mudara. Quando terminara a secundária, diminuía sete segundos ao meu tempo a nadar de costas por causa dele, mas mesmo assim repreendera-me por não ser suficientemente boa. Ele não sabia que eu vencera o concurso de talentos da secundária com os meus números de ilusionismo uma série de anos letivos a fio. Isso não lhe interessaria.

Quando saí de casa, media um metro e oitenta e dois, o mesmo que ele, e tinha uns braços musculados de tanto nadar. Aos poucos, percebera que o meu pai não era sensato nem corajoso. Deixei de lhe dar o benefício da dúvida, deixei de ter a esperança de que, de algum modo, os seus castigos me fortalecessem. Admiti perante mim mesma aquilo que ele era: um sádico, um homem tão patético que o único poder que exercia com sucesso era sobre duas meninas que só queriam agradar ao seu papá. Deixei de contar pontos por ele e quis afastar-me o máximo possível.

Persistiam resquícios do controlo que ele exercia. Ainda tinha dificuldade em relaxar. Quando ouvia passos do lado de fora do meu quarto na residência, saltava da cama e fingia estar a organizar a secretária ou a arrumar o quarto. Tinha de relembrar a mim mesma, ou então era a Lisa quem o fazia, que ninguém iria gritar comigo ou chamar-me preguiçosa. Não tinha de ganhar o direito de relaxar. Tinha a esperança de que esse impulso desaparecesse.

Abriu-se uma porta que dava acesso ao edifício de tijolo. A fila de pessoas começou a avançar lentamente pela entrada. A Lisa bateu as palmas estouvadamente. Sorri com o seu entusiasmo.

– Às vezes, as exposições dela são interativas – disse a Lisa enquanto seguíamos em fila indiana para o interior.

Isso era bom? Sondei o espaço: chão de betão, paredes brancas, pé-direito alto. Para além dos corpos quentes que enchiam a galeria, não se via mais nada lá dentro. Geralmente, quando a Lisa me arrastava para galerias de arte, havia... arte.

Dei-lhe uma cotovelada e aponte para as paredes vazias.

– Não está a faltar alguma coisa? – A Lisa encolheu os ombros, os olhos a adejar pelo recinto, tentando absorver cada centímetro.

O porteiro fechou a porta. Conforme os minutos passaram sem acontecer coisa alguma, o respeito foi diminuindo e as vozes foram subindo de tom.

Então, a porta abriu-se outra vez e entrou uma mulher que presumi ser a artista.

Era de pequena estatura, na casa dos sessenta, tinha o cabelo cor de azeviche, desgrenhado, a dar-lhe pela cintura e com uma grossa madeixa grisalha. Envergava um vestido ondeante com as cores do arco-íris que mais parecia um paraquedas de criança. Tinha a expressão solene, até mesmo séria. Descalça, deslizou até ao meio do salão, como que em transe. Numa mão segurava um pedaço de tecido preto.

A Lisa deu-me uma cotovelada.

– É ela! É a Evelyn.

Dei palmadinhas na mão da minha amiga.

A Evelyn parou mesmo no centro do salão. Falou num tom hipnótico. Formou um círculo completo, olhando para os olhos de todos os mecenas.

– Habitúamo-nos à violência. Quando ouvimos que mais de um milhão de pessoas morreram numa guerra, praticamente ficamos indiferentes. Ficamos proporcionalmente mais afetados com um milhão do que com cem mil baixas? Não. Deveríamos ficar? – Fez um compasso de espera. – Que número seria necessário para pôr cobro a esta insensatez?

Parou de andar à roda e fitou-me nos olhos.

– E uma morte? E se tornarmos a violência pessoal colocando-nos na pele do violentado?

A Evelyn desviou o olhar de mim, passando os dedos pelo pano preto que tinha na mão.

– Convido-vos a insultar-me. As críticas podem referir-se a qualquer coisa. À minha arte, à minha aparência física, a coisas que imaginam ser verdade sobre mim. É irrelevante se acreditam naquilo que estão a dizer. Não se retraiam. – Baixou a cabeça. – Por favor, comecem.

Os membros do público entreolharam-se, mudando o peso de uma perna para a outra, constrangidos. Alguns deveriam saber naquilo em que se estavam a meter. Fulminei a Lisa com o olhar. Ela já estava com ar de culpada, sem dúvida ciente de que eu a ridicularizaria assim que regressássemos à residência. Quem era esta mulher perturbada que pedia às pessoas para a vilipendiarem?

Ninguém abriu a boca.

– Pensei que isto pudesse acontecer. – A Evelyn passou o tecido preto pela cabeça e vendou os olhos. – E agora? Está melhor assim?

Passaram-se mais vinte ou trinta segundos, todos os presentes a susterem a respiração. Ninguém queria atacar, mas também ninguém queria que o incómodo silêncio persistisse.

Por fim, um homem do outro lado do salão disse:

– Estás a precisar de cortar o cabelo.

Várias pessoas riram à socapa. A Evelyn baixou a cabeça, como que a agradecer.

– Tens o nariz grande demais.

A Evelyn assentiu com a cabeça.

– O teu vestido é horrendo.

– Nem acredito que fiz tantos quilómetros para isto.

As críticas foram caindo, como o rebentamento de um dique. Olhei outra vez para a Lisa. Ela estava a roer as unhas.

– Estás sob o efeito de drogas?

– Considero as tuas convicções ofensivas.

– O meu pai morreu a lutar pela tua liberdade para fazer este espetáculo.

Por vezes, a violência é necessária.

– O teu marido não te ama.

– Ninguém te curte.

Fiquei sem ponta de sangue e virei a cabeça para ver quem dissera a graçola, como que à espera de ver o Alan a escarnecer de mim em palco outra vez: *Ninguém te curte*.

As ofensas à Evelyn continuaram, mas eu deixei de as ouvir. Tinha a cara a arder ao lembrar-me da vergonha do Sir na primeira fila enquanto o Alan batia a palma da mão nas dos amigos na última fila. Atormentara-me espetáculo após espetáculo. Fora implacável.

Até ao dia em que eu o salvei.

Estávamos na última semana do primeiro ano da secundária. Depois da aula de álgebra, eu ficara para trás para fazer uma pergunta ao professor. Quando a campainha tocou a anunciar o início da aula seguinte, fui a correr pelo corredor com a esperança de não chegar tarde demais à aula de história. Dobrei uma esquina e vi dois alunos ao fundo. Eram o Alan e o Peter Levine, um segundanista de 18 anos que tinha o corpo perfeito para a equipa de futebol americano, mas era demasiado delinquente para se qualificar para quaisquer atividades extracurriculares. O Peter Levine

prendera o Alan à beira do bebedouro e estava a segurar-lhe a cara no fluxo de água enquanto ele esbracejava, indefeso.

Virei costas e segui pelo mesmo caminho por onde viera. Eu não venceria nenhum concurso de popularidade na secundária, mas possuía um jeito hostil na medida certa que os meus colegas, apesar do grupo dramático, de uma forma geral respeitavam. Não me metia em assuntos alheios e eles pagavam-me na mesma moeda. Era capaz de enfrentar um ocasional incómodo como era o caso do Alan. A última coisa de que eu precisava era de ter um verdadeiro rufia à perna.

Enquanto percorria o caminho mais longo para a aula, admito estar feliz por o Alan ter aquilo que merecia. Ele merecia a humilhação. Ninguém ficou mais espantado do que eu quando dei meia-volta e comecei a caminhar para o bebedouro. O Peter Levine só era mais alto do que eu três ou quatro centímetros, mas levava uma vantagem de quinze em relação ao Alan. O Alan não sairia dali enquanto o Peter Levine não se aborrecesse.

– Ei – disse eu quando estava a uma distância suficiente do bebedouro para ele me ouvir, sem me atrever a aproximar muito mais. Se havia alguém capaz de bater numa rapariga era o Peter Levine. – Deixa-o em paz.

Convém referir que eu não arrisquei o pescoço pelo Alan por ser a coisa acertada a fazer. Eu não vinha de um lar que dava muita importância ao altruísmo. Intervim porque vi uma oportunidade de salvar o meu espetáculo. Queria passar os três anos seguintes a praticar em paz.

O Peter Levine virou-se para mim sem largar o cabelo do Alan.

– Pira-te. Ninguém te perguntou nada.

Aproximei-me dois passos e pus as mãos nas ancas, tentando fazer jus aos rumores que corriam pelas salas de aula: eu tinha um morcego como animal de estimação, eu dormia num caixão, eu tinha uma língua de víbora. Tudo porque usava roupa preta e maquilhagem. O Alan engasgou-se com a água, a choramingar e a esbracejar.

– Não tens um teste para reprovar ou uma menor para engravidar?

O sorriso do Peter Levine deu lugar a um esgar de raiva. Por instantes diminuiu o aperto sobre o Alan.

– Porque não te vais foder?

O Alan aproveitou a oportunidade, libertou-se com um safanão e desatou a correr pelo corredor mais depressa do que alguma vez o vira a mexer-se,

sem sequer olhar para trás. Uma veia latejava na testa do Peter Levine. Era só eu e ele.

Relaxe os ombros e tentei um tom de frieza. O Peter Levine era insignificante em comparação com o brutamontes que eu enfrentava em casa todos os dias.

– Levarei isso em conta. – Passei por ele rumo à minha sala de aula. Ele não mexeu um músculo.

Na manhã seguinte, encontrei no meu cacifo uma primeira edição de um manual do Houdini difícil de encontrar. Nunca mais ninguém do grupo dramático me incomodou.

Na galeria de arte, a investida de insultos continuara de forma persistente durante dez minutos. Eu pensara que a turba se cansaria da farsa e perderia o ímpeto, porém continuaram a gritar com entusiasmo.

Todo esse tempo, a Evelyn permaneceu no centro do salão, os olhos vendados, uma expressão serena no semblante. Quanto mais tempo ali ficou, mais curiosas ficaram as pessoas. A sua recusa em desistir intrigava-as. Foi então que, com a violência do punho de um pai, fui acometida por uma tomada de consciência: os melhores números não eram aqueles em que o artista se evade o mais depressa possível. Qualquer pessoa com presunção e uma chave era capaz de fazer isso.

Os melhores números eram aqueles em que o artista aguenta o máximo de tempo possível.

Os truques do Houdini eram precisamente isso. Ele utilizava painéis secretos, alçapões e chaves escondidas. Era um inventor; mais do que tudo, um vendedor. Vendia tão bem o seu ilusionismo que as multidões não viam o fumo e os espelhos mesmo à frente do seu nariz.

E se, em vez disso, eu conseguisse criar uma ilusão verdadeira? Um número sem respostas fáceis ou alçapões. Um número sem uma explicação. Eu não queria que o meu trabalho fosse imitado por um zé-ninguém mediano com uma caixa de ferramentas. Demorava minutos a reproduzir as proezas do Houdini. Seria preciso meses de disciplina para copiar as minhas. De repente, estava a fervilhar de ideias.

Até eu percebia que o perigo em que o Houdini se punha era apenas uma parte da sua atração. Aquilo pelo qual as audiências ansiavam era o momento do clímax. Desejavam coragem perante o alegado perigo, um herói para aplaudir, alguém que conseguia o impossível sem o queixo a

tremer ou os lábios mordidos até fazer sangue. Quem era um aluno mais aplicado ou destemido do que eu? Já não me assustava com facilidade, tendo passado a maior parte da infância a ir buscar coragem para realizar a proeza mais tresloucada de que o Sir se lembrasse. Apesar de tudo, não era infalível. Queria ser. Como é que a Evelyn conseguia ser imune à dor? Como é que eu me poderia insensibilizar a esse ponto?

A artista levantou uma mão e fez-se um silêncio imediato. Ela tirou a venda, deixando à vista uns olhos vermelhos e fios de lágrimas a escorrerem pela cara. As nossas palavras *tinham-na* magoado.

Os semblantes dos espectadores revelaram acanhamento, até mesmo horror. Estavam arrependidos do que tinham dito, não obstante ela lhes ter pedido para o fazerem. Agora que conseguiam ver-lhe os olhos outra vez, lembraram-se de que havia uma pessoa debaixo daquela venda. A nossa humanidade jorrava e estava presa naqueles dois pequenos olhos.

O silêncio era sepulcral.

– Agora compreendemos o que a violência provoca ao nível individual. – A Evelyn estendeu a venda. – Mais alguém tem coragem de experimentar?

A turba recuou um passo. Uma coisa era ridicularizar uma desconhecida; outra era ficar debaixo dos holofotes. Todavia, eu era mais como a Evelyn do que como os demais. Sabia o que era ser vaiada, sabia manter-me firme. Esta multidão poderia magoar-me, mas nada do que aqui se dissesse desferiria um golpe fatal. Talvez um dia eu transmitisse os meus conhecimentos, ensinasse aos outros como não terem medo.

Senti a calma a invadir-me. Levantei a mão.

– Eu.

Natalie

8 de janeiro de 2020

Estendo a mão para travar o balançar do cabide e, boquiaberta, olho para a camisola.

Esteve alguém neste quarto. Alguém mexeu nas minhas coisas.

Sustenho a respiração enquanto remexo no pijama. O telemóvel continua lá. Expiro, fecho os olhos.

A paz dura uns meros segundos até que um novo pensamento me abala: quem quer que seja o autor, pode estar a ver-me neste preciso momento. O pavor inunda-me o estômago. Levanto-me e viro-me para cada uma das janelas.

Não está ninguém na primeira.

Na segunda também não.

Na terceira, vislumbro um vulto a esgueirar-se. Sinto as têmporas a latejar. Vou até à janela a passos largos, mas, quando a abro, o intruso desapareceu.

– O que deseja? – grito. A resposta é o silêncio.

Cerro os punhos e murmuro todos os palavrões que me ocorrem. Revisto a minha mochila, a gaveta da mesa de cabeceira, a casa de banho, catalogando os meus objetos pessoais, tentando perceber o que falta. Tem de faltar alguma coisa, mas não falta nada. Não levaram nada. Também não deixaram nada que já não estivesse aqui. À exceção da camisola, o quarto está exatamente como o deixei.

Quem quer que tenha vindo aqui, fê-lo só para me chatear.

Ao perceber isso, fico furiosa, o que é mais confortável do que ficar com medo. A fúria posso utilizar. Penso no *e-mail*, na hostilidade dos

funcionários, na irresponsabilidade da minha irmã. Tudo isso é combustível.

Continuarei a fazer o que vim fazer. Encontrá-la-ei. Dir-lhe-ei o que ela tem de saber e depois deixarei este maldito lugar. Arranco a camisola do cabide e visto outra vez a roupa de fora. Penso em levar o telemóvel comigo, mas depois imagino-o a cair-me do bolso ou alguém a revistar-me. Já o deixei aqui uma vez e ninguém o levou. Aqui estará mais seguro do que comigo. Deixo-o no seu esconderijo, tranco a porta da cabana e caminho pesadamente para a ponta norte da propriedade.

Para me orientar, mantenho-me perto do muro de sebes. Além das cabanas ao longe, não há nada para ver aqui. O céu tem uma furiosa tonalidade férrea. Do outro lado do muro, o vento dobra os abetos, ameaçando arrancá-los pela raiz, arremessá-los ao mar. Por instantes, tenho a certeza de conseguir ouvir o ribombar das ondas a vergastar a orla costeira de granito, vociferando para um confronto. Caminho até ficar com um pingo no nariz, os dedos das mãos e dos pés gelados, apesar da camisola adicional. A neve entra pelas minhas botas. Ao fim de poucos minutos, o vento obriga-me a parar e a segurar-me à sebe. Agarro-me às folhas artificiais enquanto tremem. O avanço é lento, esgotante, inquietante. Apesar da fúria que sinto, gostaria que a Kit estivesse aqui. Ela faria com que isto fosse divertido: desafiar-me-ia a cantar o tema da série *Full House* de trás para a frente ou inventaria a sua própria versão do *Passarinhos a Bailar*. Mas, pensando bem, se a Kit estivesse aqui, eu não andaria à procura dela.

Quando chego ao fim da sebe, reparo numa porta inserida nos arbustos. Quase me passa despercebida; está pintada com a mesma tonalidade de verde que as folhas à volta. Na porta, a letras pretas, vejo as palavras APENAS PESSOAL AUTORIZADO.

Deito a mão ao puxador.

A porta está fechada à chave. Blasfemo entredentes.

Percorro o caminho ao longo da sebe de volta até às cabanas. Começo a ter uma melhor noção da ilha, mas nem sinal da Kit. Praticamente não há sinal de ninguém. O Sanderson disse que era época baixa. Mexo os dedos dos pés nas botas. Devia ter trazido meias de lã.

Tento preparar-me para a aparência que a minha irmã poderá ter quando a encontrar. Digo com os meus botões para me manter positiva, para imaginar o seu sorriso contagioso, as covinhas no rosto, mas imagens

insidiosas subjugam as agradáveis. As bochechas cheias de lágrimas e a pingarem do queixo. A cara ensanguentada, irreconhecível depois de uma sova. Um nariz a espreitar da terra molhada. Olhos sem brilho. Olhos arrancados das órbitas.

Digo a mim mesma para deixar de ser ridícula. Nada me leva a crer que esteja magoada.

Deixa-me encontrá-la. Dir-lhe-ei tudo. Serei melhor.

Interrogo-me se as outras irmãs deixam tanto por dizer como nós. Nunca pedimos desculpas pelas nossas desconsiderações quando éramos crianças. Alguma da dor causada foi acidental, mas a maior parte foi intencional. Ainda me sinto culpada por todas as vezes que a proibi de brincar comigo e com os meus amigos, lhe gritei para nos deixar em paz. Uma vez, ofereci-me para lhe fazer a maquilhagem. Ela saltou de alegria, mas eu fiz um serviço horrível de propósito, deixando-a a parecer um palhaço. Ela ficou encantada quando lhe passei o espelho, demasiado pequena para perceber a minha traição. Apenas quisera passar uma hora comigo. Outra vez, quando ficámos em casa sozinhas, tranquei-a do lado de fora. A ideia era ser uma brincadeira inocente, só que me esqueci dela. Trinta minutos mais tarde, fui dar com ela enroscada e a choramingar no alpendre da frente.

Tanta coisa ficou por dizer. Nunca falámos do rapaz de quem ela gostava na secundária, mas com quem eu namorei, mesmo assim. Não falámos sobre a noite em que a apanhei a falar mal de mim aos amigos. Não falamos sobre sexo. As outras irmãs falam? Não falamos sobre a morte da nossa mãe. Não falamos sobre o nosso pai. A Kit nunca se deu ao trabalho de compreender a minha dor, e calculo que eu também não em relação a ela. Quando conhecemos uma pessoa a vida inteira, é fácil presumirmos que sabemos como a sua mente funciona. Na maioria das vezes, eu já sei o que ela vai dizer, mas também o tom exato e os gestos que vai fazer. Parte de mim sempre a verá como a fedelha que eu tenho de manter na linha, tal como parte dela me vê como uma feitora sem sentido de humor. Será que ainda também lhe pesa na consciência as vezes em que me magoou, as graves e as menos graves? Reconforto-me com o facto de não me conseguir lembrar de quase nenhuma das suas maldades, apenas das minhas. Espero que o mesmo se aplique a ela. Porque não pedimos desculpa uma à outra?

Porque, no meu caso, «desculpa» é lamentavelmente desadequado. Se eu soubesse que palavras corrigiriam os meus atos, tê-las-ia dito há anos.

A neve continua a cair como se tivesse rebentado um dique no céu. Acumula-se na minha cabeça, cola-se aos meus ombros, ameaçando enterrar-me viva por mais depressa que eu caminhe. Umas nuvens escuras como breu afastam-se, deixando antever uma Lua distante. Consulto o relógio e decido fazer uma pausa para ir jantar. A grande casa ergue-se adiante, silenciosa, atenta. Apresso-me em direção ao vazio escuro.

Dez minutos depois chego ao jardim. Pequenas luzes iluminam os passeios, lançando sombras fantasmagóricas sobre a neve. Os canteiros de legumes estão inférteis. Tento imaginar Wisewood no verão. Com tudo em flor, poderá parecer-se menos com um filme do Tim Burton.

Cheia de dores nos ossos por causa do frio, abro a porta da cantina. Uma explosão de calor atinge-me a cara. Depois de uma tentativa frustrada de arranjar o cabelo desgrenhado, chego à conclusão de que a ausência de espelhos poderá ser uma coisa positiva.

A cantina tem seis mesas de madeira compridas. Os balcões com a comida situam-se na outra ponta da sala. Por detrás, uma cozinha industrial. A cantina tem grande movimento, todas as mesas ocupadas, mas não totalmente cheias. Diria que estão cerca de vinte pessoas aqui dentro. A maioria conhece-se; conversam e riem ao irem para os seus lugares com bandejas cheias de comida a fumegar. Aromas de tomilho, orégãos e manjerição pairam pela sala. A minha barriga dá horas.

Passo os olhos pelas mesas à procura da Kit, desapontada com cada cara desconhecida. Os hóspedes observam-me quando vou a passar. Apresso-me para um balcão, pego num prato e ponho-me na fila atrás de quatro pessoas. Duas caçarolas com calor por baixo oferecem *penne* e molho vermelho. Uma terceira tem pãozinhos. Assusto-me quando vejo a funcionária que está a servir.

Também tem a cabeça rapada.

As luzes fluorescentes refletem-se no couro cabeludo reluzente. Quais são as probabilidades de todos os funcionários pertencerem a um grupo de apoio a doentes com cancro? Sinto a barriga às voltas quando chega a minha vez.

– Adoro o teu cabelo – diz ela. – Como o consegues ter com tanto brilho?

Por instantes, a banalidade da pergunta deixa-me perplexa.

– Máscaras reparadoras. Pode parecer descabido, mas uma vez por semana bato um ovo, aplico-o no cabelo e, quinze minutos depois, passo-o

por água. Fica muito mais em conta do que as versões dos salões de cabeleireiros.

– Com a breca, é lindo. – Passa uma mão pela sua cabeça lisa como um ovo. – Deves ser nova aqui. Bem-vinda a Wisewood. Eu sou a Debbie. Sou eu que trato da cozinha.

A Debbie está na casa dos cinquenta e tem uns olhos acastanhados que descaem nos cantos como que a suportar o peso das merdas que viram.

– Sou a Natalie. – Estendo-lhe a mão, mas ela mantém os braços caídos ao longo do corpo. Embaraçada, gesticulo para a comida. – O molho tem um cheiro delicioso.

A Debbie evita olhar-me nos olhos.

– Oh, mas não é. Sou uma terrível cozinheira. Não é que não me esforce – diz ela olhando para a tina de molho vermelho.

– De certeza que é ótimo. – Passo-lhe o meu prato. – Trabalhas com a Kit, certo?

Ela empertiga-se.

– Como é que a conheces?

– Fazes ideia de onde a posso encontrar?

A Debbie aperta o meu prato com força. Aposto que tem um ar estafado mesmo depois de dormir dez horas.

– Como disseste que te chamas?

Hesito.

– Natalie Collins.

A Debbie observa-me uma segunda vez e depois ocupa-se a encher o meu prato. Espreito para trás dela, para a cozinha, à procura da minha irmã. A Debbie devolve-me o prato cheio.

– Não sei onde ela está, mas não a encontrarás aqui. Ela é importante demais para trabalhar na cozinha.

Roda os pulsos e depois entabula conversa com a pessoa que está atrás de mim, ignorando-me.

Hesitante, viro-me para a sala de jantar. Que raio significa «importante demais para trabalhar na cozinha»? O prato estremece-me nas mãos quando imagino a minha irmã como uma de uma dúzia de concubinas pertencentes a esse tal de Mestre. Tenho de falar com ele. Se o conseguir encontrar, aposto que a encontrarei a ela.

Volto a sondar as mesas e sinto um alívio ao avistar a Chloe sentada com mais duas jovens.

– Posso sentar-me convosco? – pergunto.

A Chloe dá uma palmadinha na cadeira ao seu lado, muito mais sociável agora do que fora no barco. Apresenta-me às duas raparigas que a acompanham, a April e a Georgina. Parecem ser da idade da Kit e estão bem vestidas; é evidente que são endinheiradas.

A Chloe fala outra vez.

– A April e a Georgina vão para casa amanhã.

A April (baixa, roliça, alegre, vestida como um manequim da montra da Lululemon) acena com a cabeça e abana o puxo.

– Este sítio mudou a minha vida, mas estou preparada para regressar a casa.

A Georgina, ágil, com um vestido de seda e uns óculos de sol enormes pousados na cabeça (um adereço ridículo com este tempo), diz com uma gargalhada:

– Sei que isto faz de mim uma pessoa horrível, mas acho que estou quase tão entusiasmada por recuperar o meu telemóvel como por voltar a ver a minha família.

Finalmente, pessoas normais.

– Porque foi que se inscreveram aqui? – pergunto-lhes.

Elas trabalham em indústrias diferentes, mas as histórias são parecidas. A Georgina é banqueira de investimento e trabalha oitenta horas por semana. A April é advogada de propriedade intelectual e trabalha o mesmo número de horas. As duas tiveram ataques de pânico nas semanas antes de se inscreverem.

A Georgina passa os dedos por um fino fio prateado que tem ao pescoço.

– São as minhas primeiras férias desde que entrei para a empresa há seis anos. De início, tive algumas reservas em relação a esta interrupção; sabia que iria arruinar o meu objetivo anual. Como a minha chefe não se calava, sugeri um daqueles retiros de uma semana, algures na Grécia ou no Mónaco, de preferência com um gim tónico na mão. Ela olhou-me nos olhos e disse: «George, há seis anos que sofres ataques de pânico. Achas que uma semana numa praia na Europa vai resolver o problema?» Então sugeriu Wisewood. – Levanta os braços. – Aqui estou eu.

– Eu, por outro lado – diz a April –, sou uma viciada em autoaperfeiçoamento. Leio imensos livros de autoajuda e já experimentei praticamente todas as variedades de retiros. Silêncio, ioga, empoderamento feminino, dois daqueles de luxo de que a Georgina falou. Mesmo nos lugares charmosos, ficava com azia sempre que pegava no telemóvel. Enquanto tivesse uma ligação ao meu quotidiano, não conseguia avançar. Estava a reprimir a ansiedade, mas não a conseguia expulsar.

– Estão felizes por virem para aqui?

Ambas anuem com entusiasmo.

– Desde que cheguei aqui, não voltei a ter um ataque de pânico. Só por isso vale o dinheiro – afirma a Georgina. – Além disso, aprendi a deixar de me preocupar com eles.

– A deixar de comparar o desempenho ao nosso valor – atalha a April.

– Além de que fiz uma boa amiga. – A Georgina pisca o olho à April.

– Foram os seis meses mais intensos da minha vida. – A April está radiante. – Mas intensos no bom sentido. Passamos os dias a tentar resolver os nossos próprios problemas e a ajudar os outros com os seus, mas também fazemos uma série de coisas radicais, como, por exemplo, balançar-nos em árvores e limbo com fogo. – A Chloe arregala os olhos. – Eu sei que parece uma loucura. Todos os meus colegas de turma recusaram-se a realizar pelo menos um dos desafios, mas todos acabaram por os conseguir realizar. Antes de irmos para aqui, não fazemos ideia de como o medo rege as nossas decisões. Quanto mais tempo aqui passei, mais percebi que sou capaz de fazer qualquer coisa.

– Porém. – A Georgina levanta um dedo. – Algumas pessoas levam o programa longe demais. Pensam que a intrepidez é capaz de resolver tudo. Em teoria, parece fantástico, mas, quando as vemos a pô-lo em prática, parecem loucas. – A April concorda com a cabeça.

Abate-se sobre a mesa um silêncio tenso.

– Onde posso encontrar o fulano que gere Wisewood? – pergunto.

A April e a Georgina entreolham-se.

– Ela chama-se Rebecca – informa a April.

Sobressalto-me. Geralmente não são homens a gerir este tipo de sítios, estas estranhas comunas apinhadas de pessoas que estão convencidas de que são moralmente superiores para integrarem a sociedade normal? Sinto uma invasão de alívio.

A Georgina expira pelo nariz.

– E boa sorte.

Eu viro-me para ela, o olhar inquiridor.

– Há semanas que não a vemos – explica a April. – Quando aqui chegámos, estávamos sempre a vê-la.

– Agora tornou-se importante demais para nós e está dedicada a uma coisa nova em grande – intervém a Georgina. – Alegadamente a assumir o controlo nos bastidores. A meu ver, são tretas saídas do *Feiticeiro de Oz*.

A Georgina faz-me lembrar o Jordan Belfort, ao estilo d’*O Lobo de Wall Street*, uma apreciação que ela provavelmente receberia com um sorriso pretensioso e um «vai-te foder».

– Georgina – protesta a April.

– Ela disse que Wisewood era a sua principal prioridade.

– Aonde queres chegar? – indaga a April. É evidente que é mais fiel à causa do que a amiga. Tenho a certeza de que, se partilhasse mais uma ou duas refeições com a April, ela alegaria que o livro *Faça Acontecer* mudou a sua vida e professaria o seu amor por todas as coisas com sabor a abóbora.

– A questão é que as pessoas estão a pagar uma boa maquia para virem para esta ilha e trabalharem com *ela*, não com a Ruth. De qualquer modo – diz a Georgina –, agora é preciso ser-se um bom lambe-botas para se conseguir estar com ela.

A April suspira.

– Como aquela pobrezinha de quem éramos amigas.

A Georgina anima-se.

– Uma miúda às direitas. Da nossa idade, vivia em Brooklyn antes de vir para aqui. Tem umas histórias de vida insanas, mas dá para perceber que são verdade. Como, por exemplo, que abandonou a universidade para acompanhar a digressão da banda do namorado. Quem é que faz uma coisa dessas?

Sinto um aperto no estômago.

– Lembro-me de ter inveja. A vida dela era tão espontânea em comparação com a minha. Nós as três depressa nos tornámos íntimas. Não há muitas mulheres da nossa idade por estas paragens – diz a April. – Mas ao fim de algumas semanas...

– De repente, ela começou a interessar-se apenas pela Rebecca. Era capaz de fazer qualquer coisa para lhe causar boa impressão. – A Georgina faz um

esgar e eu sinto-me nauseada. – Foi um pouco patético vê-la transformar-se num pau para toda a obra. Não me interpretes mal; todos nós estamos reconhecidos pelo que a Rebecca criou aqui, mas ela não é uma deusa. Há quem beba *Kool-Aid* de um trago quando deveria sorver.

Na espécie de armário que era o meu camarim, agarrei os braços do cadeirão e tentei abrandar o bater do coração. Já atuara à frente de multidões centenas de vezes, passara o ano inteiro em locais maiores do que este.

Só que não era a estrela.

Alguém bateu à porta. Limpei as palmas das mãos às calças.

– Entre.

A Evelyn Luminescence assomou à entrada, envergando um vestido largo de cor índigo e uma coroa de flores. Irradiava alegria.

– Evie? – Envolvi-a num abraço. – O que fazes aqui?

– Não podia perder a tua primeira atuação a solo, pois não? – Arriou no sofá puido, encolhendo-se ao reparar na pequena divisão. – Daqui, vai ser sempre a subir.

– Que tal estou? – Mostrei-lhe a minha vestimenta.

Ela olhou-me dos pés à cabeça.

– Parece que vais a um velório. – Tirou um feixe de ervas e um isqueiro de dentro do vestido. – Como sempre.

Olhei para as minhas calças justas pretas e para a camisola de algodão preta e franzi o semblante.

Ela meneou a mão para afastar a minha apreensão mesmo antes de eu dizer alguma coisa.

– A tua cena é vestir sempre de preto. A minha é ler a aura da Mãe-Terra.

Eu ri. Ela chegou o lume às ervas e começou a espalhar o fumo pela divisão com uma pena. Pela enésima vez, interroguei-me quão fundos seriam os bolsos da sua bata. Ela tinha mais quinquilharias do que toda a gente que eu conhecia junta. Há já algum tempo que me deixara de perguntar o significado de todos os seus rituais. Invariavelmente, destinavam-se a atrair a boa sorte ou a afastar demónios.

- Como te sentes?
- Apreensiva – admiti, as palmas das mãos outra vez molhadas.
- É normal. Na minha primeira atuação, encharquei três cafetãs ainda antes de subir ao palco.

Há vinte anos que a Evie andava em digressão com os seus espetáculos de arte. No verão entre o meu primeiro e o segundo ano de faculdade, eu assistira a outro espetáculo dela e, no fim, convencera-a a deixar-me fazer a abertura com um número de dez minutos. Quando ela aceitou, desisti dos estudos e juntei-me a ela. A Evie era medianamente famosa na costa leste, pelo que foi aí que passámos a maior parte do tempo. Depois de um ano juntas, disse-me que chegara a hora de assentar em algum sítio. Agora, o seu espetáculo cingia-se à área metropolitana de Nova Iorque.

Na véspera de me dar a notícia da sua iminente aposentação da vida itinerante, um agente ofereceu-se para me representar. Ele assistira à minha abertura na digressão da Evie e jurou que seria capaz de fazer de mim uma estrela. Dez meses mais tarde, cumprira a palavra. Aqui estava eu, com 21 anos e a minutos da minha atuação embrionária.

– Muita coisa está em jogo – disse eu. Ninguém aprovara a minha decisão de desistir dos estudos. Quando dera a notícia à Jack, ela perguntara-me porque eu não podia escolher uma carreira menos constrangedora. A Lisa, o meu suposto bastião de apoio, confrontara-me em três ocasiões diferentes, argumentando que o meu ilusionismo deveria esperar até concluir a licenciatura. *Precisarás de algo a que te possas agarrar quando isto der para o torto*, dissera, apressando-se a corrigir o «quando» para «se». Não faláramos desde então. Nem sequer me dera ao trabalho de falar com o Sir ou a minha mãe.

– Podes sempre retomar os estudos – disse a Evie. – Oportunidades como esta não aparecem muitas vezes.

Exatamente. Porque estava eu a desesperar com a universidade quando estava à beira da minha primeira grande oportunidade? Finalmente, tinha a possibilidade de fazer uma mudança, de ajudar outras pessoas que, como eu, tinham tido infâncias angustiantes. Milhares de milhões de pessoas em todo o mundo estavam atoladas nos variegados medos inerentes à condição humana, associados à dor de viver. Eu poderia diminuir esse fardo para elas, aliviar o referido medo. Tudo o que tinham de fazer era abrir-me as portas e ouvir.

Muitos, quiçá até a maioria, repelir-me-iam. Diriam que eu não passava de uma ilusionista, uma charlatã, uma bruxa. Eles que zombassem. A sua dor não teria remédio.

Ainda deveria estar com um ar agitado porque a Evie inclinou-se para mim.

– Um conselho. – Abanou a guedelha preta. – Precisas de um mantra.

Recostou-se, toda senhora de si, como se me tivesse revelado a localização da Arca da Aliança.

– O quê? – Consultei o relógio. A Evie era mais conhecida pelas limpezas com salva do que pela sua sensatez.

– Tens de inventar uma ladainha para te animar, sabes, para aumentar a tua confiança. Depois tens de a repetir vezes sem conta, pelo menos uma hora por dia, até acreditares nas palavras. Assim, sempre que te sentires em baixo, pimba – estalou os dedos –, repetes a frase.

Intrigada, perguntei:

– Qual é a tua?

Ela fingiu uma expressão de ofendida.

– Dá azar revelar o nosso mantra.

Consultei outra vez o relógio.

Desta vez, ela percebeu a dica.

– Está bem. – Voltou a guardar a pena, o feixe de salva e o isqueiro nas pregas do vestido. – É melhor ir indo. Estarei na primeira fila a aplaudir-te. –

Deu-me uma palmadinha no ombro. – Deste o litro por isto, miúda. Aproveita.

Depois foi à vida dela.

Voltei a ver-me ao espelho e respirei fundo. Praticara esta rotina centenas de vezes. Era perfeita, revolucionária. Que eu soubesse, nunca ninguém fizera algo parecido. Pensei no meu potencial, no número de vidas à espera de serem mudadas do outro lado do palco. Eu não os desiludiria. Senti-me inundada por uma sensação de autoconfiança: *Eu sou invencível, porra.*

Aquilo soava bem. Estiquei os ombros e levantei a cabeça. Na maioria dos dias, não me sentia com um metro e oitenta e dois. Hoje faria por merecer cada centímetro.

Eu sou invencível, porra.

Caminhei a passos largos para o palco, aguardei nos bastidores e olhei para a nova tatuagem no interior do pulso esquerdo, escrita a tinta branca. A

menos que se estivesse com muita atenção, não se conseguia ver a palavra ali entalhada. Esfreguei as letras.

Eu sou invencível, porra.

A voz do apresentador troou nos altifalantes.

– Senhoras e senhores, obrigado por virem hoje ao Luke Gillespie Theater.

Eu sou invencível, porra.

Pedi uma salva de palmas. As minhas pernas levaram-me até à boca de cena. Fitei o meu velho amigo, o holofote, e esperei que os aplausos esmorecessem. Fitei os meus novos pupilos, ansiosa por os compelir.

– Permitam-me que me apresente. Sou a Madame Intrépida.

Natalie

8 de janeiro de 2020

Engulo em seco, a garganta ressequida.

– Como é que ela se chama?

A Georgina e a April entreolham-se.

– Não quero falar nas costas dela. – A April coça o pescoço. – Só estamos a dizer que aqui algumas pessoas perdem a noção.

A Georgina parece desiludida, como se fosse capaz de apreciar uma ridicularização.

– Quando a vires, saberás quem é. Ela tem um brilho de louca nos olhos.

A April olha para a Georgina de sobrolho carregado, mas esta encolhe os ombros.

O que foi que Wisewood fez à Kit? À minha irmã mais nova que me deixava sempre cantar as partes femininas das músicas da Disney, que sabia quando dizer uma piada e quando segurar-me a mão?

Tenho quase a certeza absoluta de que estão a falar dela e não me espanta que não me reconheçam como sua irmã. Enquanto a Kit tem os cabelos louros e compridos, os meus são castanho-escuros. Ela tem a cara redonda e as maçãs do rosto salientes, enquanto a minha é comprida com ângulos pronunciados. Eu tenho os olhos castanhos; os dela são verdes. Nem sequer parecemos da mesma família, quanto mais irmãs. Ela sai ao pai. Eu saio à mãe.

– É a Kit Collins? – pergunto.

Elas ficam boquiabertas.

– Ando à procura dela. Sabem onde está?

A Georgina avalia-me.

– Andas aqui à procura de todos os tipos de pessoas.

Encolho os ombros.

– De onde conheces a Kit?

Não respondo e viro-me para a April.

– Deixámos de a ver por aqui – diz a April. – Mas o quarto dela é a cabana número quatro.

O círculo mais ao centro. Ainda não chegara aí na minha busca. Levanto-me da mesa e levo a bandeja comigo.

– Gosto em conhecer-vos. – Olho de relance para a Chloe. – Vemo-nos por aí.

– Devíamos fazer uma aula juntas – diz a Chloe.

Penso no grito vindo da floresta quando chegámos. Nada a ver com autoajuda; antes a fazer lembrar *O Projeto Blair Witch*.

– Claro, logo se verá.

Imagino as expressões incrédulas que devem ter feito depois da minha debandada abrupta, mas estou eufórica demais para me importar. Largo o prato e a bandeja na cozinha e saio à pressa da cantina para a noite ferina. As estrelas caem do céu, precipitando-se sobre mim. Zonza, percebo que é neve. Neste sítio não consigo apontar com precisão os milhares de partículas que suportam o céu escuro, não consigo distinguir as estrelas dos flocos de neve.

Alguém limpou os caminhos há pouco tempo, mas já há uma camada nova em cima da pedra. O mais depressa que consigo com as botas pesadas, corro pelos passeios até aos círculos de cabanas, depois serpenteio por entre os círculos, sentindo-me observada, despida. Todas as casas têm uma luz exterior a iluminar o respetivo número. Passo a toda a brida pelas cabanas número um, dois e três e paro à beira da quatro. Tenho os braços a tremer quando aproximo o punho fechado da porta. Bato e sustenho a respiração.

Lá dentro, a Kit estará sentada na cama com as pernas dobradas debaixo do corpo, umas meias vermelhas e felpudas nos pés. Agora estará a pôr um marcador de páginas improvisado (um recibo antigo ou uma folha de papel higiénico) naquele livro de bolso de cor creme que leu um milhão de vezes. Estará de *boxers* e com duas camisolas, mas vestirá uma terceira antes de abrir a porta. Seja o que for que esteja do outro lado da porta, ela estará preparada. Está sempre.

Porém, não ouço passos abafados. A porta não se abre. Não vejo qualquer luz no interior do quarto. Bato outra vez, agora com mais força. Nada.

– Merda.

Dou a volta à cabana e abeiro-me da janela das traseiras, segurando o gorro sob a fúria do vento. Sem me preocupar com a prudência, junto as mãos à beira dos olhos e encosto o nariz ao vidro. Mal se consegue ver, mas dá para perceber que está arrumado, tal como todos os outros quartos. Espero até os olhos se habituarem, desesperada por identificar algum objeto dela, mas à exceção da toalha de banho pousada nas costas da cadeira da escrivaninha, o quarto parece desabitado.

Exausta, pestanejo várias vezes. Tenho os olhos secos do vento. Passei a maior parte do dia sem sensibilidade nos dedos das mãos e dos pés. Não faço ideia aonde esteja o funcionário mais próximo e, a julgar pelas experiências anteriores, duvido que me ajudasse. É o momento de parar. Amanhã irei procurar essa tal de Rebecca e exigir ver a minha irmã. Encontrarei a Kit aconteça o que acontecer, deixarei que me chame todos os nomes feios que conhecer e jurar que nunca mais me voltará a falar. Aceitarei o castigo que ela achar adequado. Talvez então deixe de sonhar que a minha caixa torácica está a ceder e deixe de escarafunchar as cutículas até sangrarem.

Ouçó um galho a estalar atrás de mim. Rodo sobre os calcanhares a tempo de ver um vulto a esgueirar-se para trás de uma cabana. Debaixo da nevasca não consigo distinguir outros pormenores a não ser que é baixo e em boa forma física, decididamente um homem. Será o Gordon? Seria ele que estava a espreitar há pouco pela minha janela? Caminho para ele, fazendo-me mais corajosa do que me sinto. Quando dobro a esquina, não está lá.

Rodo 360 graus, mas não o vejo, contorno as cabanas mais próximas, mas continuo sem o ver. Onde se meteu? Porque estava a vigiar-me? Ainda andaré por aí?

A coragem que invoquei quando estava na minha cabana escapa-se-me na penumbra. Corro para o meu quarto, o número dezasseis. Quando chego ao tapete com os dizeres BEM-VINDO, procuro o cartão magnético no bolso. Paro. Vejo luz a sair por debaixo da porta. Tento lembrar-me se deixei alguma luz acesa. Não é possível; o interruptor do cartão magnético alimenta as luzes do quarto. Encosto o ouvido à porta, mas não ouço nada.

Não conheço as políticas da instituição. Se calhar têm luzes automáticas que se acendem quando escurece ou alguém vai preparar o quarto para a noite, mas duvido. Ou talvez a pessoa que entrou no meu quarto há pouco tenha voltado.

Passo o cartão pelo leitor enquanto o vento, implacável, me fustiga as costas. A porta destranca-se. Respiro fundo, estremeço e abro-a. Quando entro, dou um grito estridente.

Sentada na minha cama, os olhos a brilhar, está a minha irmã.

Parte dois

Enquanto tiver medo, não posso ser livre.

Motivos da minha candidatura

Acordo com frequência cheia de dores de cabeça. Passo a semana à espera que acabe. Às vezes, esqueço-me da minha idade, do ano em que estamos. O meu nome apenas aparece em *e-mails* e formulários da autoridade fiscal – quando eu morrer, desaparecerá para sempre. Até hoje, o meu contributo terreno resume-se ao meu número da Segurança Social: pessoa número X de sete mil milhões.

Quero juntar-me a vós para mostrar à minha irmã que sou forte. Há coisas na vida mais importantes do que um salário regular.

Quero juntar-me a vós para me libertar de «gostos» nas redes sociais, histórias, filtros e seguidores.

Quero juntar-me a vós para perceber se a minha mãe está num sítio ao qual eu consiga chegar com os pés no chão.

Para perceber se quero estar na terra ou debaixo dela.

Receio querer estar debaixo dela.

Para sair da minha cabeça. Preferiria que a minha cabeça fosse a de outra pessoa qualquer.

Para determinar se serei mais do que um mero recetáculo. Se posso fazer mais do que aceitar os almoços e ramos de flores de outras pessoas.

Quero juntar-me a vós porque viagens, terapia, religião, acupunctura, novas cidades, novos empregos, novos amigos, quebra-cabeças, diários, velas, meias grossas, máscaras faciais, longas caminhadas, banhos, drogas, sexo, desporto, espreguiçar-me, dormir, beber, correr e meditar não resultaram.

Porque gosto do som da palavra «intrepidez».

Porque tem de haver algo além disto.

Kit

SEIS MESES ANTES

Julho de 2019

Abri a porta do pré-fabricado e perscrutei o espaço mal iluminado e abafado. As venezianas tinham sido fechadas. Nas paredes, pósteres motivacionais. Um pau de incenso aceso enchia a atmosfera com um cheiro intoxicante. Sete cadeiras formavam um círculo. Apenas uma estava livre. Corri para lá. A April e a Georgina, duas mulheres que eu conhecera no barco, fizeram-me sinal. Brindei-as com um sorriso.

Quando, no dia anterior, descera do *Hourglass* e os meus pés tocaram no ancoradouro de Wisewood, uma quietude apoderou-se do meu corpo, uma calma que eu não conhecera em toda a minha vida de adulta. As vozes dos meus colegas recém-chegados passaram para segundo plano. Inspirei profundamente o pinho, depois virei a cabeça para o céu com um Sol resplandecente. Uma ave pairou e cantou para os seres marinhos lá em baixo. Nuvens indolentes fitaram o seu reflexo no espelho verde-azulado que se estendia por milhas e milhas. Jade, brilhante, lima, musgo: nunca vira uma paleta tão variegada de verdes. Porém, fui acometida por uma estranha sensação de *déjà-vu*, como se sempre tivesse conhecido este sítio, como se tivesse encontrado o meu sangue e as minhas veias nos troncos destas árvores.

Estremeci com o entusiasmo do potencial, a possibilidade de a minha resposta estar aqui. Nem sequer sabia ao certo do que andava à procura – só sabia que a vida estava a acontecer-*me*, que eu era uma personagem

secundária na minha própria história. Durante esses primeiros momentos no ancoradouro, de súbito vislumbrei aquilo que todos almejamos.

Esperança.

No pré-fabricado, estava de pé uma mulher mais velha. A não ser pela cabeça rapada, ela poderia ser a avó de qualquer um dos meus amigos ou colegas de turma. Entre os seus corsários, casaco de malha cor-de-rosa com botões e echarpe floral, parecia saída da série *Leave It to Beaver*, o tipo de pessoa que chamava «blusas» às camisas. Provavelmente seria uma exímia jogadora de *Scrabble* e fora voluntária na biblioteca local antes de se mudar para Wisewood. Questionei-me porque teria vindo para aqui – não parecia o tipo de pessoa para se tresmalhar do resto do rebanho.

– Agora que estamos todos, podemos começar, queridos? – Sorriu ao olhar para cada um de nós, a voz terna e tilintante. – Bem-vindos à lição número um sobre Identificar o «Eu» Maximizado. O meu nome é Ruth? Se não se importarem, cada um de vós dirá o seu nome, de onde é e porque veio para Wisewood? O que pretendemos obter da experiência?

A Ruth gesticulou para a senhora à sua direita se apresentar. Pensei no que dizer quando chegasse a minha vez. Ouvira falar pela primeira vez de Wisewood quando, à socapa, escutara uma conversa entre duas contabilistas na cantina do escritório. As mulheres estavam sentadas na mesa ao lado da minha, na cavaqueira e a mexer nos telemóveis, enquanto comiam sanduíches do Burger King. Não reconheci qualquer uma delas – trabalhavam milhares de pessoas no escritório em Nova Iorque –, mas o entusiasmo na voz de uma delas chamou-me a atenção.

A primeira mulher pousou o telemóvel.

– Não é tanga, Amy, isto foi melhor do que aquela noite com a ginasta italiana. – Deu uma risadinha. – Pela primeira vez na vida, pude ser eu mesma. Verrugas e tudo. – Mexeu num *J* que balouçava num fino fio de ouro à volta do pescoço. – Sabes que eu fui para lá durante seis meses para esquecer tu sabes quem, mas ao fim de um mês praticamente já não pensava nela. Os meus motivos para lá estar mudaram completamente.

– Que bom. – A Amy deu uma palmadinha no braço da J. Balançou um dos sapatos pretos de salto alto na ponta dos dedos dos pés. – Contudo, ainda nem acredito que aguentaste lá esse tempo todo. Tu detestas falar com desconhecidos.

– Foi estranhamente libertador. Ninguém me conhecia na realidade, por isso podia ser quem quisesse. Em vez da aborrecida contabilista que vê a série *The Crown* e às dez já está na cama, ali fui uma doida. A alma da festa, até.

A Amy pareceu divertida e um pouco incrédula.

A J abeirou-se dela.

– Subi uma árvore de sete metros servindo-me apenas dos pés e das mãos. Nadei nua no mar e convenci uma data de pessoas a juntar-se a mim. Eu! A mulher que odeia falar em público e não vai à praia há meia década porque odeia fatos de banho. Foi como se uma versão de mim mais selvagem e mais viva estivesse à espera de uma oportunidade para se libertar. – Fez uma pausa e depois acrescentou: – Vou despedir-me.

A Amy arregalou os olhos quando compreendeu o que a amiga estava a dizer-lhe.

– Do teu emprego? Aqui? – guinchou. A J disse-lhe para falar baixo e assentiu com a cabeça. – O que irás fazer?

– Talvez me candidate finalmente àquela escola de cozinha francesa. – A Amy tapou a boca com a mão. A J mordiscou uma batata frita, pensativa. – Há vinte anos que estou nesta carreira e nem sequer sei bem porquê. Do que tenho eu medo? Que as pessoas me julguem por recomeçar aos quarenta? De fracassar no que quer que faça a seguir? Antes de Wisewood racionalizava o emprego estável, a vida confortável, mas um pouco entediante. Agora sou uma pessoa diferente. O mundo fervilha de possibilidades e eu posso escolher as que quero.

O brilho nos olhos da J convenceu-me, a sua convicção recém-descoberta de que a vida era muito mais do que um monte de rotinas inúteis. Os esforços fragmentados que eu andara a integrar no meu quotidiano – dez minutos a respirar fundo aqui, uma sessão de terapia ali, não ingerir bebidas alcoólicas durante a semana – não me tinham levado aonde eu queria. Era mais saudável, mas não estava mais entusiasmada com o meu futuro. Queria uma grande mudança. Queria uma mudança radical como esta mulher fizera.

Fui a correr para a minha secretária, pesquisei Wisewood no Google e registei-me para obter mais informações. Pouco depois recebi uma brochura eletrónica. Fitei as palavras até as saber de cor: *Semanas 1–8: Descoberta; Semanas 9–16: Aplicação; Semanas 17–24: Domínio*. Cada fase descrevia o

trabalho do curso, sessões individualizadas e *workshops*. Por toda a brochura, liam-se testemunhos efusivos. No fim de tudo, o preço: quatro mil dólares por seis meses, incluindo alojamento, refeições e o programa completo.

Arquejei e estive quase para fechar a página, até que comecei a fazer contas. Seis meses de renda no meu estúdio de Brooklyn custavam mais do que isso. A psiquiatra a que eu fora uma ou duas vezes cobrava cem dólares por sessão. Estar com ela todos os dias durante seis meses custar-me-ia 18 400 dólares. Wisewood ficava por um quarto desse valor e ainda incluía alojamento e refeições. Vendo bem as coisas, estaria a poupar dinheiro ao viver lá, desde que conseguisse rescindir o meu contrato de arrendamento.

No fim da brochura, havia uma hiperligação para uma candidatura *online* de três páginas, na qual pediam informações pessoais básicas, historial familiar e médico e uma secção para uma dissertação. *Quais são as tuas dificuldades?*, perguntava a candidatura. *Como tentaste resolver os teus problemas no passado? Quais as tuas expectativas em relação ao tempo que passares em Wisewood?*

Deixei o *e-mail* a marinar durante uma semana, chegando mesmo a eliminá-lo, mas, doze horas mais tarde, voltei a mudá-lo para a caixa de entrada. Não consegui esquecer a ideia – uma página em branco, um novo começo onde ninguém me conhecia. Uma oportunidade de construir a vida que queria. Poderia ainda não saber como era essa vida, mas talvez Wisewood fosse capaz de me elucidar. Preenchi o formulário às duas da manhã de uma sexta-feira de insónia e carreguei no botão para enviar antes de mudar de ideias. *Obrigado pela tua candidatura*, dizia o *e-mail* de confirmação. *Tentamos responder a todas as candidaturas no prazo de 48 horas. Se fores aprovado(a), receberás um e-mail que te informará das datas de estada. Se essas datas não forem compatíveis com o teu calendário, apresentar-te-emos duas alternativas. Terás de escolher uma das três opções. O pagamento será feito à chegada.*

Quando acordei na manhã seguinte, tinha um convite para aderir. Desde então que andara nas nuvens.

Isso explicava como eu viera para Wisewood, mas não esclarecia porquê. Porque é que eu queria uma mudança radical na minha vida? Porque chorara no chuveiro todas as manhãs durante o último ano e meio? Porque as pessoas disseram que a mágoa viria em pequenas ondas, mas no meu caso

fora uma vaga de nove metros que nunca diminuiu de intensidade? Porque a única maneira de conseguir travar a culpa era atulhar-me em tantos compromissos que nem tinha tempo para pensar? Estalei o elástico que tinha no pulso direito contra a pele, que já estava a ficar de um tom rosáceo.

A pessoa que estava ao lado da Ruth disse que se debatera com a ansiedade durante quarenta anos. A segunda sentia solidão – aposentara-se no Maine no ano passado e queria criar uma comunidade de indivíduos da terceira idade ativos. A terceira gostaria de ter menos medo da morte. Tinha uma doença terminal de progressão lenta.

Enquanto falavam, analisei os cartazes motivacionais nas paredes. Alguns eram convencionais – um gatinho dependurado pelas garras no ramo de uma árvore com enormes letras garrafais a encorajar-nos: AGUENTA-TE! Outros tinham sido criados especificamente para e por funcionários ou hóspedes de Wisewood. Um ilustrava uma intrincada pirâmide ao estilo de Maslow com as palavras «EU» MAXIMIZADO impressas em letras enormes no topo. Outro discriminava os três princípios de Wisewood:

- I. Quero ter uma vida na qual sou livre.
- II. Enquanto tiver medo, não posso ser livre.
- III. Tenho de eliminar quaisquer obstáculos que entrem no meu caminho para a liberdade.

Chegou a vez da Georgina. Alta e esbelta, parecia uma modelo de *passerelle*, envergando calças de couro e uma *T-shirt* branca.

– Chamo-me Georgina. – Alisou os cabelos lisos com uma mão carregada de anéis de ouro grossos. – Vivo em Nova Iorque e estou sempre a ter ataques de pânico. Consegui evitá-los durante algum tempo, mas o último foi severo. – Fechou os olhos. – Tenho de fazer algumas mudanças no estilo de vida. Não sei como o fazer sozinha, por isso estou aqui. – Abriu os olhos e encolheu os ombros. O grupo deu-lhe as boas-vindas.

A mulher pequena sentada entre mim e a Georgina roeu as unhas já mordidas até ao sabugo.

– Eu sou a April. – Corou. – Sou de Boston. Tenho o mesmo problema da Georgina. – Esteve o tempo todo a olhar para o chão. – Só tive um ataque de

pânico, mas assustou-me tanto que decidi agir. – Demos as boas-vindas à April, depois viraram-se todos para mim.

Passei uma mão pelos meus longos cabelos louros.

– Sou a Kit. Mais recentemente, vivi em Brooklyn. O meu último emprego foi como rececionista numa empresa de contabilidade. Creio que o meu problema é – procurei as palavras certas – não saber bem qual é o meu propósito. – Mexi no elástico. – No passado, dependi de pessoas como a minha irmã ou companheiros para resolver os meus problemas. Depois de desistir da universidade, fui atrás do meu namorado numa digressão com a esperança de que ele, como que por magia, me fizesse feliz. Já estarão a adivinhar o resultado. – Forcei uma risadinha. – Ao vir para aqui, estou a tentar assumir o controlo da minha vida.

A April e a Georgina lançaram-me olhares de compreensão. Depois da viagem de barco do dia anterior, instalámo-nos nos nossos quartos e jantámos juntas. Eu gostei do espírito irónico da Georgina e da cordialidade da April. Conseguiu imaginar-nos às três a tornar-nos amigas.

Do lado de fora do círculo, a Ruth falou.

– São muito corajosos por partilharem as vossas histórias, obrigada. – Cruzou os tornozelos, pousou as mãos no regaço e rodopiou os polegares um no outro. – Como disse no início da aula, sou a Ruth. Vim para Wisewood há seis anos porque, bem, para ser franca, a minha vida ficou destruída. O meu marido, com quem estava casada há trinta anos, descobriu que eu estava a traí-lo. – Olhei-a com outros olhos. Não queria acreditar que, de entre todas as pessoas, esta mulher encantadora se tivesse desencaminhado. Os outros pareceram igualmente chocados.

– Poupar-vos-ei aos pormenores sórdidos, mas toda a gente na minha vida me virou as costas. – Levou a mão à clavícula, mas não tinha lá nenhuma peça de joalharia. – Os meus filhos, vizinhos, amigos. O meu irmão também. Até o homem que eu amava. – Fungou. – Éramos uma comunidade muito unida, religiosa. E como eu era dona de casa, sabem como é, não tinha para onde me virar. Desde os 20 anos que me entregara completamente ao meu marido e aos meus filhos.

Afagou o pescoço.

– Passei três meses terríveis. Deixei de comer e perdi imenso peso. Por fim, não consegui suportar os olhares reprovadores, por isso deixei de sair de casa.

Fez-se um silêncio sepulcral – eu nem sequer conseguia ouvir a respiração dos outros.

A Ruth começou a mexer num botão do casaco de malha, depois parou e voltou a pousar as mãos no regaço.

– Decidi que chegara a hora de sair do Utah. Sempre quisera visitar o Maine. As vistas do mar, os faróis, os restaurantes de lagosta... era tudo muito diferente daquilo que eu conhecia.

A sua postura suavizou-se.

– Não sabia que aquele era o desígnio de Deus para mim, mas, mesmo assim, mudei-me para Rockland. Estava a viver lá há um mês quando conheci o Gordon num mercado de produtos agrícolas na vila. Naquela época, Wisewood não vinha nos roteiros turísticos, mas ele falou-me deste lugar, esta nova comunidade que ele estava a ajudar a construir. – Sorriu. – Pareceu-me perfeito. Rescindi o contrato de arrendamento e inscrevi-me.

Os seus olhos cintilaram.

– Quando aqui cheguei, conheci o Mestre. Ela ouviu-me e ouviu – fez um sorriso dengoso –, depois voltou a ouvir. Revelei tudo aquilo que me assustava: que os meus filhos nunca me perdoassem, que os melhores dias da minha vida tivessem ficado para trás, que eu fosse tão ordinária como toda a gente dizia. Ela enxugou-me as lágrimas e congelou um plano. O Mestre disse que eu tinha muito para dar. – Olhei de relance para a April e para a Georgina para ver se a palavra «Mestre» estava a fazer-lhes impressão, mas elas estavam a assimilar cada palavra. – Ela disse que eu poderia ajudar a aliviar o sofrimento de outras pessoas, que os meus melhores dias não pertenciam ao passado. Jurou-me que eu encontraria aqui uma nova família. – A Ruth observou-nos. Interroguei-me o que ela veria em cada par de olhos. – Ela estava certa. Seis meses depois, Wisewood parecia-me mais a minha casa do que o Utah. – Recostou-se na cadeira. – Os meus alunos amam-me incondicionalmente e eu também os amo, alguns como se fossem os meus próprios filhos. Percebo agora que não merecia ficar com a vida arruinada. Deixei de ter medo. Não temo nada. – Levantou o queixo.

A April aplaudiu calorosamente a Ruth. Os restantes imitaram-na. Nós dourámos a pílula ao descrever os nossos problemas, apresentando-os habilmente de maneira a não parecerem demasiado graves. A Ruth, por seu turno, confidenciara os seus segredos mais sombrios a uma sala cheia de desconhecidos de cabeça levantada. Ela não era perfeita, mas era corajosa.

A Ruth inclinou a cabeça.

– Todos vós chegarão a este ponto, confiem em mim. Ajuda quando temos de lavar roupa suja à frente de uma turma nova de quinze em quinze dias. – Riu. – Agora que já nos conhecemos um pouco melhor, gostaria de vos falar mais sobre Wisewood. – Pôs-se de pé, alisando as pregas dos corsários. – Portanto, o que é Wisewood? Porque estamos aqui? – Juntou os dedos em forma de campânula. – A nossa missão é ajudar os nossos alunos a eliminar os seus medos. – Agora estava a falar pausadamente, dando a cada palavra uma importância idêntica. – Ao eliminar os medos, acreditamos que podemos tornar-nos uma versão de nós mesmos mais concretizada e feliz. Apelidamos este estado de «Eu» Maximizado.

Comprimiu os lábios.

– Passaremos a primeira semana de aulas a identificar a aparência do nosso «Eu» Maximizado. A resposta será diferente para cada um de vós, mas trabalharemos em conjunto para perceber que respostas são essas. Antes de metermos mãos à obra, tenho de vos pôr ao corrente das regras de Wisewood.

A April estava tão debruçada para a frente que pensei que iria cair da cadeira. A Georgina estava recostada de braços e pernas cruzados, os tornozelos apoiados nos joelhos.

– Considerando que em Wisewood o foco incide sobre o nosso interior, gostamos de eliminar potenciais distrações. Ao invés de encararmos as nossas regras como restrições, consideramos que são liberdades. Por exemplo, em vez de dizermos *É proibido o consumo de álcool ou fumar*, dizemos que somos um espaço livre de drogas. Quando estamos livres de drogas, podemos focar-nos no trabalho que nos ajudará a atingir o nosso «Eu» Maximizado. Alguns dos nossos hóspedes são viciados em recuperação, por isso instaurámos uma política de tolerância zero em relação a esta regra. – A mulher ao lado da Ruth concordou com a cabeça, solene. – Também estamos livres de dispositivos eletrónicos e redes sociais. Creio que o motivo é bastante evidente. Assim que os hóspedes compreendem os benefícios, a maioria não se importa de desligar o telemóvel durante seis meses.

– Ámen – disse a April.

A Ruth olhou para ela e a April ruborizou.

– Também incentivamos com veemência a abstinência. É muito difícil concentrarmo-nos em nós mesmos quando estamos a pensar no corpo de outra pessoa. – A Georgina soergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. – É por isso que não admitimos a inscrição de casais em Wisewood.

»Dentro deste mesmo espírito, desincentivamos beijos, abraços e contacto físico, também para os funcionários, mesmo em casos platónicos. Alguns retiros proíbem os sorrisos, dizer olá e olhar para as outras pessoas, mas nós consideramos essas regras demasiado drásticas para a nossa comunidade. Porque nós *estamos* a criar uma comunidade aqui. – A Ruth olhou-me nos olhos e eu senti o coração a palpitar. – Queremos ajudar-nos mutuamente a percorrer o caminho, mas pretendemos enfatizar o relacionamento com o «eu» de cada um, em detrimento dos outros. Faz sentido?

Nós anuímos. A Ruth ficou radiante.

– Passemos à minha regra predileta: senhoras, aqui não precisamos de maquilhagem. A maquilhagem foi criada para desencadear o medo nas mulheres, dizendo-lhes que têm de esconder as suas imperfeições, que os seus traços têm de ser aperfeiçoados. Nós discordamos. Valorizamos-vos tal e qual como são e esperamos que não desperdicem um único minuto do vosso tempo aqui preocupadas com os padrões de beleza impossíveis de alcançar que são estabelecidos pela sociedade. Cuidem da higiene pessoal básica, mas para além disso não percam tempo a pentear o cabelo, a usar peças de joalharia ou perfume. – A Ruth olhou para a Georgina. – Considerem-nos a vossa desculpa para não se preocuparem com depilação durante seis meses.

A April enrugou o nariz, mas retratou-se antes de a Ruth reparar.

– O último tópico que quero abordar são as responsabilidades. Nós conseguimos ter as tarifas do programa tão baixas porque pedimos aos nossos hóspedes que ajudem na manutenção de Wisewood. Espero que seja óbvio que a principal finalidade de Wisewood não é o lucro. O Mestre oferece com regularidade espaços do programa a casas de acolhimento para mulheres e sem-abrigo, ajudando aqueles que caíram em desgraça a recuperar a sua dignidade. – A Ruth olhou para um quadro de avisos cheio de fotografias de pessoas sorridentes.

Virou-se outra vez para nós.

– Chegámos à conclusão de que a maior parte dos nossos hóspedes estão ansiosos por retribuir de alguma forma. As tarefas ocupam duas horas por

dia, e esta permuta de trabalho por autoaperfeiçoamento torna as pessoas ainda mais envolvidas na causa da Wisewood. Tudo o que pedimos é que apareçam a horas e façam um bom trabalho. Convém salientar que também contamos com os nossos hóspedes para vigiarem o bom cumprimento das regras da nossa comunidade. Acreditem quando digo que eles o fazem sempre.

A Ruth voltou para o seu lugar e voltou a cruzar os tornozelos.

– Eu sei que são muitas coisas para lembrar, mas acabarão por lhe tomar o jeito. – Piscou o olho. – Para a semana terão as primeiras sessões individualizadas com o Mestre. Ela espera que já tenham as regras bem sabidas até lá. – As pessoas começaram a mexer-se nos seus lugares, entusiasmadas, nervosas, as duas coisas. A Ruth consultou o relógio. – Por hoje não temos mais tempo. Guardem as perguntas para amanhã.

Começámos a pegar nas nossas coisas. A Nat ficaria furiosa se ouvisse algumas destas regras. *E que mais?*, lamentar-se-ia. *Não usar desodorizante? Não rir? Não pensar pela própria cabeça? Que merda de lugar é este?*

Estalei outra vez o elástico – com mais força desta vez.

No centro do palco, um único banco preto debaixo do foco de um holofote. O público estava em silêncio, sustendo a respiração e perscrutando as trevas. Faíscas cor-de-rosa irromperam do lado direito do palco. A multidão arquejou. Outra irrupção à esquerda. Arquejaram outra vez. O holofote apagou-se por um segundo.

Quando voltou a acender-se, eu estava de pé na boca de cena, completamente imóvel e de braços esticados.

O público aplaudiu, sem querer acreditar nos próprios olhos. Eu não caminhara pelo palco, não fora baixada ou içada. Simplesmente me materializara.

– Senhoras e senhores – ronronei –, obrigada pela vossa presença. Sou a Madame Intrépida. Antes de começarmos, deixem-me dizer que não utilizo atores nem tenho infiltrados na audiência. Todos vocês pagaram uma boa maquia pelo ingresso e tudo aquilo que vão ver nesta sala é cem por cento real. – Presa ao meu vestido negro comprido até aos pés tinha uma capa enfeitada com uma fénix gigantesca, as asas abertas. Passei-a para trás das costas. – Quero também informar que não pratico ilusionismo. Pelo contrário, sou uma mentalista. Antes de menosprezarem a diferença como sendo uma técnica presunçosa, passarei a explicar. Esta noite não serrarei uma pessoa ao meio, embora haja alguns homens em quem gostaria de tentar a proeza. – Soergui uma sobrancelha e deixei o público rir. – Não posso garantir que os voltasse a deixar inteiros.

A turba continuou a dar risadinhas. Dei uns passos para a minha direita e o holofote seguiu-me.

– Também não realizarei truques com cartas, manobras de manipulação, nem extrairei da boca uma interminável fila de lenços com nós. – Levei a mão ao pescoço, como que a imaginar a manobra, depois dei vários passos

para a esquerda. O público estava outra vez em silêncio. – Se insistirem em chamar ilusionismo àquilo que eu faço, deverão encará-lo como ilusionismo mental. – Regressei ao centro do palco e juntei as pontas dos dedos, contemplando o mar de rostos. – Começemos. Está alguém disposto a juntar-se a mim no palco?

Levantaram-se centenas de mãos.

Ao longo dos dois anos e meio que realizava este espetáculo, descobrira que a escolha dos assistentes tem uma arte. No início da carreira, eu chamava apenas os participantes mais desejosos, aqueles que abanavam os braços e levantavam o traseiro dos assentos, mortinhos por serem escolhidos. Aprendi da pior maneira que muitas dessas pessoas tinham segundas intenções. Queriam uma oportunidade de dar nas vistas, roubar-me o protagonismo. Consoante trabalhei noite após noite, aprimorando aspetos do número, compreendi que o segredo para a escolha estava nos olhos. Por vezes, descia do palco e caminhava pelos corredores à procura dos olhos mais arregalados e mais brilhantes que conseguia encontrar. Reconhecia-os assim que os via: aqueles que estavam desesperados por acreditar. Esses eram os assistentes que eu queria.

Enquanto eu patrulhava a orla do palco a sondar o público, dois funcionários da sala de espetáculos colocaram uma mesa comprida atrás de mim. Um terceiro elemento empurrou um carrinho com uma série de objetos até à beira da mesa. Quando eu escolhi o primeiro assistente, já tinham deixado o palco. Dei as boas-vindas a uma jovem de cabelos encaracolados e ruivos com um casaco com chumaços nos ombros, pedi-lhe que dissesse o seu nome e de onde vinha. Como, até à data, todos os meus espetáculos se tinham realizado na costa leste, a maior parte dos meus participantes eram oriundos da Nova Inglaterra, às vezes do Midwest. Isso iria mudar. Na semana anterior, o meu agente assegurara uma digressão nacional para o meu espetáculo.

Entreguei à ruiva uma jarra de vidro com uma única rosa branca, mas sem água.

– Importa-se de segurar nisto? – Ela assentiu, agarrando a jarra.

Eu protegi os olhos da luz, perscrutando o público, como que muito pensativa, quando, na realidade, já avistara os meus outros alvos. Chamei ao palco um homem mais velho com um enorme sinal na cara e entreguei-lhe uma caixa de ferramentas.

Por fim, mas com certeza não menos importante, porque a terceira escolha era a mais crítica, escolhi um homem de meia-idade de óculos bifocais. Depois de o homem dos óculos se apresentar, passei-lhe um pequeno pacote embrulhado em papel azul-claro. O cenário estava feito, os intervenientes a postos. Senti um arrepio na espinha de antecipação. Os três membros do público estavam lado a lado, inquietos.

Virei-me para a multidão.

– Como tenho uma natureza ambiciosa, quando comecei a organizar este número, pensei: «Não seria maravilhoso se, além de entreter, eu também pudesse melhorar a vida das pessoas?» Comecei então a pensar em como as poderia ajudar, no significado de ser humano. Pensei em amor, alegria e compaixão. – Fiz um compasso de espera, deixei o sorriso deslizar do meu semblante milímetro a milímetro. – Mas alguns de nós não têm a sorte de experienciar uma dessas coisas, muito menos as três. Qual é a coisa em que todos nós nos conseguimos rever?

»Na dor.

O auditório ficou envolto em melancolia. Uma grande porção da arte de um artista era aquilo que não se podia ver: a capacidade de ler o público, de acrescentar pormenores aqui e eliminar outros ali, como um chefe de cozinha com uma caçarola de *bouillabaisse*. O verdadeiro artista era capaz de manipular as emoções de centenas de pessoas com uma só frase.

Fiz um sorriso afetado.

– Alguns de vocês estarão a pensar: «Não vim aqui para uma aula de filosofia. Começa lá a fazer truques.»

Os espectadores deram risadinhas, tornando o ambiente menos pesado.

– Todo este preâmbulo tem um objetivo. Não posso prometer amenizar toda a dor. Se forem alvejados na barriga ou levarem um murro no queixo, não posso dizer que não o sentirão. Se conseguisse fazer isso, estaria num palco muito maior e seria muito mais rica.

O público riu, mais alto desta vez. O contrato entre o artista e a audiência era uma promessa de sedução. Conquistara-os outra vez.

Virei-me para o homem mais velho com o sinal na cara:

– Por favor, abra essa caixa de ferramentas. Lá dentro encontrará um martelo.

O homem do sinal na cara não tardou a encontrar a ferramenta. Pedi-lhe que a entregasse à ruiva, depois virei-me para ela.

– Poderá ver que há uma toalha de praia em cima da mesa à sua frente. Quero que tire a rosa da jarra e a coloque de parte. De seguida, quero que embrulhe a jarra na toalha e a parta com o martelo.

A ruiva hesitou, como se não tivesse ouvido bem. Eu instiguei-a, gesticulando para o público.

– Estas pessoas pagaram uma boa maquia pelos ingressos e já só nos restam – consultei o relógio – quarenta e sete minutos.

A ruiva levantou o martelo e escavacou a jarra em fragmentos cada vez mais pequenos dentro da toalha, estremecendo conforme realizava a tarefa. Pedi-lhe para abrir a toalha de maneira a que as pessoas pudessem ver o vidro partido.

Posicionei o microfone à frente da boca da ruiva.

– Pode confirmar que acabou de destruir vidro verdadeiro?

– Sim.

– Dê-me um dos estilhaços mais pequenos.

A ruiva fez o que lhe pedi. Levantei o fragmento de vidro para o público ver. Estava a ser projetado num enorme ecrã por cima das nossas cabeças tudo o que estava a acontecer para as pessoas das filas mais atrás.

– Estará recordada de que, há instantes, estávamos a falar de dor. Sabe que há estudos que demonstram que a dor é amplificada pelo medo? – Olhei para a ruiva, à espera de uma resposta. Ela abanou a cabeça, mais focada no vidro que eu tinha na mão do que nas minhas palavras.

Aproximei o estilhaço da cara, rodopiando-o entre os dedos.

– Se estivermos relaxados e acreditarmos que seja o que for aquilo por que estamos prestes a passar não irá doer, não sentiremos dor alguma ou sentiremos apenas uma fração da dor que sentiríamos se estivéssemos ansiosos.

Pus a língua de fora e pousei lá o pedaço de vidro, desencadeando arquejos pelo auditório. Fechei os olhos, meti o vidro à boca e engoli.

– Assim sendo, o segredo para eliminar uma grande parte da dor do mundo é eliminar primeiro o medo. – Abri os olhos e exibí a língua vazia. Nem sequer sentira o vidro a passar pelo esófago.

O público ficou ao rubro, assobiando e aplaudindo. Tinha a fé deles nas mãos.

Pedi ao homem do sinal na cara para entregar à ruiva uma tesoura que havia na caixa de ferramentas. Disse à ruiva para cortar um pedaço do caule

da rosa, depois orientei a jovem de modo a engoli-la, com os picos e tudo. No início ela estremeceu, mas com as minhas palavras tranquilizadoras conseguiu a proeza sem dificuldade. Quando terminou, estava a sorrir. Pedi ao público para dar uma salva de palmas à ruiva, agradeci-lhe a participação e disse que podia voltar ao seu lugar.

Quando se sentou, os amigos deram-lhe imensa atenção, impressionados com a sua coragem. Deram-lhe palmadinhas no ombro e apertaram-lhe a mão, desejosos de que um pouco de magia passasse para eles. Eu vira este comportamento um milhar de vezes. Vê-lo-ia outras mil.

Durante o ano seguinte, atuaria para o país inteiro, com pelo menos um espetáculo em todos os estados. As longas horas e noites de treino estavam finalmente a dar os seus frutos. Em breve, precisaria de um assistente, alguém para organizar as minhas viagens, tratar das minhas refeições e assegurar que todos os palcos eram preparados de forma adequada. Dentro de dois meses, iria atuar numa sala de espetáculos a vinte minutos da minha terra natal. Ainda não decidira se iria convidar o meu pai; há cinco anos que não falávamos.

Virei as atenções para o homem do sinal e pedi-lhe para tirar da caixa de ferramentas o conjunto de brocas. Ele passou-me uma das peças mais pequenas, que eu engoli inteira. O público voltou a ofegar, em simultâneo horrorizado e encantado. Seguindo as minhas serenas orientações, o homem do sinal engoliu um pequeno parafuso. Agradeci-lhe e disse-lhe para voltar para o seu lugar.

Passei para o último assistente. O homem dos óculos bifocais estivera pacientemente a segurar a pequena caixa azul todo este tempo. Passei o braço pelas costas do homem relutante. Os participantes achavam sempre que estes sinais de camaradagem eram genuínos. Reconfortava-os considerar-nos parceiros.

– No seu lugar, estaria confiante em relação às minhas hipóteses. Tem aí uma caixa pequena. O objeto que tem lá dentro não deve ser muito grande.

O homem dos óculos concordou com a cabeça.

Afastei o braço.

– Abra-a. – Distanciei-me dele e fiquei à espera de costas para ele, um sorriso cada vez maior ao observar a tensão na audiência.

O homem dos óculos fez o que lhe pedi e abriu a tampa. Quando viu o que tinha dentro da caixa, quase a deixou cair. O seu estremecimento

inquietou o público e fez-se silêncio.

Voltei para junto do homem dos óculos e dei-lhe uma palmadinha no braço.

– Diga-lhes o que tem lá dentro. – Encostei o microfone à boca dele. Estava tão assustado que não conseguia falar.

– Aranha.

– Quantas?

– Duas. – Passou a mão trémula pela testa. O operador de câmara focou o conteúdo para o público poder ver as duas aranhas a correr de um lado para o outro.

A turba estremeceu. Na fila da frente, uma espectadora tapou os olhos, depois espreitou por entre os dedos.

Peguei na caixa e apertei a mão do homem dos óculos.

– Pense em tudo o que eu disse sobre a dor. A preocupação amplia-a.

Ele relaxou um pouco assim que as aranhas lhe saíram das mãos.

– O pavor é mais doloroso para o cérebro do que o objeto que nos apavora. Vou repetir: o pavor é mais doloroso para o cérebro do que o objeto que nos apavora.

Dito isto, tirei uma aranha da caixa, levantei-a para o público a ver, inclinei a cabeça para trás, larguei a aranha na boca e engoli.

Dezenas de espectadores gritaram. Vários taparam a boca com a mão.

Voltei a mostrar a boca vazia ao público. Os espectadores voltaram a bramar.

Quem disser que não fica embevecido perante a adulação está a mentir. Porém, executar estas proezas não era, de modo algum, a parte mais difícil do número. O verdadeiro truque era convencer os desconhecidos a fazer o mesmo.

Ao longo de três minutos, através de uma conjugação de explicações e sarcasmo, persuadei o homem dos óculos a engolir a outra aranha. No fim, ele mostrou-se um pouco desagradado comigo e bastante nauseado, tal como muitos dos observadores. Muitas vezes, interrogava-me sobre o que lhes passaria pela cabeça nesta fase do espetáculo.

Graças a Deus não levantei a mão.

Só de pensar nas aranhas a rastejar à volta do vidro partido e das brocas dentro dela.

Ela não tinha o direito de me pressionar desta forma.

A propósito, tinha o direito e a obrigação de o fazer. A pessoa média sobrevaloriza a sua própria força de vontade e subestima bastante a minha. Pese também o poder da vergonha perante o público e das coisas que as pessoas estarão dispostas a fazer para a evitar. Em 650 espetáculos, nunca aconteceu alguém não engolir a segunda aranha.

Pedi ao público para aplaudir o homem dos óculos e depois mandei-o voltar para o seu lugar. Quando o público se acalmou, falei num tom baixo.

– Fechem os olhos.

A música foi aumentando de intensidade nos altifalantes da sala de espetáculos. A minha voz trovejou mais alto.

– Quero que todos vocês visualizem a pessoa que são. Vejam-se a vocês mesmos a passar por um dia normal: acordam pela manhã, vão trabalhar, passam tempo com os amigos ou a família ou fazem aquilo que costumam fazer nos tempos livres. – Fiz um compasso de espera para evocarem a visão.

– Agora imaginem a pessoa que querem ser. O que seria diferente? Procurariam um emprego novo? Passariam mais tempo com o cônjuge? Procurariam um outro companheiro? Participariam naquela maratona que sempre juraram vir a participar?

Nova pausa. Os silêncios eram tão cruciais como as palavras.

– Visualizem aquilo que os tem impedido de o fazer. Concentrem-se nas partes da vossa mente e corpo com dor. Uma dor no joelho impediu-os de correr? A timidez impediu-os de procurar um novo amor? Qual é o obstáculo que os impede de avançar?

»O desamparo está na nossa cabeça, é uma questão de perspetiva. Os órgãos e os tecidos internos são insensíveis à dor. O nosso cérebro é que nos diz que a dor está ali. Estou a dizer-lhes que, se mudarem a vossa perspetiva em relação à dor, mudarão a dor propriamente dita.

Eu sabia que era verdade, experienciara essa transformação. Que outra explicação havia para todo o vidro que engolira sem sofrer um único arranhão? De que outro modo teria conseguido suportar o domínio do meu pai? A dor era uma ilusão, uma muleta.

– Quando abrirem os olhos, libertar-vos-ei da influência dessa dor. Estarão preparados para começar uma nova vida. Uma vida de intrepidez.

É evidente que este discurso não curaria aquilo que atormentava todos os membros do público. A hipnose apenas funcionava se a pessoa quisesse ser hipnotizada. Os incrédulos afirmar-se-iam desdenhosamente imunes à

minha feitiçaria. Mas também voltariam a casa com a mesma dor na anca e a ansiedade esmagadora que os apoquentava há anos. Quem é que fora ludibriado?

A música parou.

– Abram os olhos. – O público obedeceu, pestanejando lentamente, aturdido. – Virem a cabeça de um lado para o outro. Estiquem os braços e as pernas. – Fiz uma pausa. – Se a vossa dor desapareceu, por favor ponham-se de pé.

Fiquei arrepiada. Esta era a minha parte preferida do espetáculo.

Ao mesmo tempo, como se eu tivesse invocado os mortos – e, de certo modo, não foi isso que fiz? –, centenas de pessoas levantaram-se dos seus lugares. Houve uma explosão de alegria quando as pessoas reconheceram o número de Lázaros entre eles. Era por isto que eu suportava o estilo de vida nómada do artista: cachorros-quentes em bombas de gasolina, proprietários de motéis indecentes e inevitáveis relacionamentos fracassados. Sim, era divertido fazer de Deus, ver até onde eu era capaz de pressionar uma pessoa, mas o verdadeiro motivo por que continuava a comparecer noite após noite era para ajudar, ensinar às pessoas a aliviar a dor, de maneira a serem mais fortes da próxima vez que tiverem de enfrentar o mundo. *Eu já passei por isso, apeteceu-me gritar. Se conseguirem ser um pouco mais fortes durante um pouco mais de tempo...*

O operador de câmara virou a objetiva para o aglomerado de rostos deslumbrados. Em breve, eu estaria à frente do palco no Madison Square Garden. Não, qual era a minha ideia? O MSG era pequeno demais, com a sua miserável capacidade para vinte mil pessoas. O estádio de futebol americano da Universidade do Michigan tinha cento e sete mil lugares sentados. Era mais adequado. Fiquei radiante.

A projeção no ecrã por cima da minha cabeça mostrou o regozijo da multidão e depois a imagem foi desaparecendo até ficar tudo negro. Fiz uma pronunciada vénia na boca de cena.

– Obrigada.

No ecrã escuro, uma única palavra surgiu em letras garrafais brancas.

INTRÉPIDA

O público ficou ao rubro. O pano caiu.

Eu sou invencível, porra.

Kit

Julho de 2019

A Georgina fez uma careta para a tigela de arroz tufado à sua frente. Olhou para mim.

– Nervosa?

Depois do pequeno-almoço teria a primeira sessão individualizada com a Rebecca.

– Entusiasmadíssima.

– Tens razões para isso – disse a April. – Ela é maravilhosa. – Ela tivera a sua primeira sessão ontem e desde então não parara de elogiar a Rebecca.

Eu remexi na minha tigela.

– Sobre o que hei de falar com ela?

– A tua mãe? – sugeriu a Georgina.

O que poderia eu dizer? Que perdera o único progenitor e melhor amiga num só dia? Que a culpa de não estar presente quando ela morrera estava a devorar-me viva? Isso pareceu-me intenso para um primeiro encontro. Por outro lado, estava farta de fazer de conta que estava tudo bem. Sempre tivera de ser a divertida. Mesmo quando estava triste, cantava ou inventava danças disparatadas para animar a minha mãe e a minha irmã. Desempenhava o meu papel de palhaço da família, mantendo a farsa até a minha mãe morrer e eu ficar exausta, sem mais truques de magia na manga. Agora só tinha vontade de chorar em paz – violentamente, sem ter de me conter. Estava farta de procurar vantagens numa desgraça.

– Achas? – disse eu.

A April levou uma colherada de cereais à boca, refletindo sobre o assunto.

– Ela é aquilo que te perturba mais, não é?

Assenti com a cabeça. Além da April e da Georgina, não falara a mais ninguém da minha mãe. Mesmo assim, apenas fizera uma sùmula, sem revelar qualquer um dos pormenores que a faziam resplandecer. Não lhes falara sobre os seus desafios de gelados. Nós costumávamos correr atrás da carrinha dos gelados pelo quarteirão abaixo, devorar os nossos cones e o vencedor era a primeira a ficar com a sensação de cérebro gelado. Não lhes dissera que, enquanto as outras crianças recebiam moedas da fada dos dentes, eu recebera um elefante de pelúcia, igual ao da Nat. Não lhes falara sobre as terças-feiras de quebra-cabeças. Por muito em baixo que estivesse, a minha mãe nunca se esquivava a uma terça-feira de quebra-cabeças. Convidávamos a Nat para ajudar, mas ela nunca aceitava. Não compreendia como eu podia querer apenas passar tempo com a minha mãe.

– Talvez me fique por assuntos relacionados com o trabalho – disse.

A April concordou com a cabeça.

– Ontem a Rebecca ajudou-me a compreender que só fiquei presa a este emprego porque tenho medo da pessoa que sou sem ele, sem todo o dinheiro. Pôs-me a pensar no que eu faria na vida se não tivesse tanto medo da opinião das outras pessoas. – Pensei na contabilista que iria tornar-se chefe de cozinha em França.

– Quer-me parecer que não tarda termos uma *hippie* no grupo – disse a Georgina. Eu ri. A April deu-lhe uma palmada.

Uma mulher alta de cabeça rapada levantou-se do banco a um canto.

– São proibidos os contactos físicos.

A April acenou-lhe a pedir desculpa. Demoraríamos algum tempo a habituar-nos às regras.

A Georgina fez sinal para nos aproximarmos.

– Há quanto tempo acham que a Raeanne não vai para a cama com alguém?

Eu engasguei-me com o gole de água que acabara de tomar.

A Raeanne parecia uma ave de rapina – na casa dos cinquenta, nariz aquilino, o cenho sempre franzido, permanentemente à cata de erros. Tinha uma tez dourada, mas isso não lhe conferia um brilho saudável; pelo contrário, parecia encarquilhada, como se tivesse estado a bronzear-se na superfície do Sol. Eu achava-a aterradora.

A April abafou uma risadinha.

- Está apenas a cumprir a sua obrigação.
 - Aposto que tem bolas de naftalina lá em baixo – disse a Georgina.
- Eu sorri e levantei-me para ir despejar a bandeja.
- Até mais logo.
 - Boa sorte – disse a Georgina.

Saí da cantina e meti pés ao caminho até à casa da Rebecca. Estava um daqueles dias de julho que eu gosto mesmo: suficientemente quente para usar calções, suficientemente fresco para usar calças de ganga. Desde que eu chegara, todos os dias o céu estivera de um azul ofuscante, com nuvens típicas de Monet dispersas, a pairar. Os raios de sol lançavam uma luz suave pelo jardim. Alguns canteiros estavam a abarrotar de forsítias, magnólias e vergas-de-ouro. Dos outros brotavam tomates, ervilhas, nabos e abobrinhas. Este arco-íris de abundância daria uma fotografia magnífica. Levei a mão ao bolso de trás, já a visualizar possíveis enquadramentos – só que não tinha lá o telemóvel. Será que algum dia iria perder aquela ânsia?

Inspirei profundamente o pinho misturado com maresia. Só estava aqui há uma semana. Tinha de ter paciência. Uma andorinha de asas prateadas esvoaçou pelo meio dos raios de sol. Era ela, a proteger-me.

Eu estava exatamente onde tinha de estar.

Durante a primeira semana em Wisewood, conhecera imensas pessoas simpáticas e dobrara dezenas de cargas de roupa lavada. Nas aulas, fizéramos uma lista das coisas que nos assustavam e lemo-la em voz alta. A minha lista incluía falar em público, espaços exíguos e a morte – a minha ou a dos meus entes queridos. Passáramos a aula seguinte a tentar descobrir soluções para ultrapassar esses medos. Estava ansiosa por começar.

Respirei fundo, abri a porta de vidro de correr nas traseiras da casa e entrei. O piso térreo era luminoso, minimalista e monocromático – paredes brancas despidas, o teto a três metros e meio, plano aberto. À minha esquerda, uma cozinha imaculada.

- O que é que a Raeanne tem que te deixa nervosa?

Dei um salto. O Gordon estava encostado a uma bancada, os braços cruzados à frente do peito firme. Eu já vira o subalterno da Rebecca uma ou duas vezes pela ilha, mas ele nunca falara diretamente comigo. Sondou-me pelo que me pareceram horas. Nem por uma vez pestanejou por detrás daqueles óculos de aros grossos.

– Quem disse que ela me deixa nervosa? – disse eu, quando o coração começou a bater mais devagar.

– Quando ela está presente, tu tornas-te prudente, quando noutras circunstâncias és alegre, até mesmo jovial. Pode ser coincidência. – Encolheu os ombros. – Apenas um cérebro minúsculo sente necessidade de ladrar tão alto como ela. – Indicou-me o corredor. – Agora vou conduzir-te ao encontro.

Quão atentamente teria ele andado a observar-me?

O Gordon caminhava como se fosse trinta centímetros mais alto. Segui-o pela cozinha até ao vestíbulo. A casa da Rebecca era o oposto arquitetónico das nossas cabanas frugais – não olhara a custos. Para a nossa esquerda, havia uma sala de jantar com uma mesa capaz de acolher vinte comensais. Adiante, uma elegante escadaria espiralada. Por detrás da escadaria, um salão com dois enormes encastrados.

A casa fazia lembrar um museu, ampla e silenciosa. Não havia casacos, cachecóis ou sapatos espalhados à entrada. Não havia chaves dependuradas num gancho, nem uma bolsa atirada para cima do aparador. Nenhum espelho para eu ver o meu reflexo, para me assegurar de que não tinha restos do pequeno-almoço nos dentes.

O Gordon parou ao fundo das escadas em caracol. A escadaria parecia uma escultura, com paredes de gesso brancas e tapete felpudo. A cair em cascata do teto e atravessando o centro da espiral havia uma instalação luminosa: pendentis diáfanos com globos brilhantes fixos a diversas alturas. Fitei a instalação com reverência.

– Porque veio para Wisewood? – perguntei.

– Prefiro focar-me no presente – disse ele, sem olhar para mim. Senti que atravessara algum limite implícito. Todas as outras pessoas com quem falara foram abertas em relação ao passado; o Gordon foi o primeiro a mostrar-se reservado.

– Não quis ser intrometida.

– Ai isso é que quiseste.

O Gordon começou a subir. Ao cimo das escadas, havia corredores para a direita e para a esquerda com várias portas fechadas para cada lado.

– O gabinete dela é a última porta da direita. É aqui que se realizam as sessões individualizadas.

Ainda estava a pensar se deveria pedir desculpa, sem saber se, ao fazê-lo, ainda pioraria as coisas. Eu tinha sempre a palavra «desculpa» na ponta da língua, provavelmente colara-se lá no estúpido dia do meu estúpido nascimento. De certeza que deslizei do útero a pedir desculpa pelo incómodo à minha mãe e ao médico. O meu maior desejo era passar pela vida sem incomodar quem fosse, sem deixar uma única mancha no copo ou qualquer pegada na neve. Algumas pessoas reconheciam que um pouco de conflito era necessário para evoluir. A maioria das pessoas aceitava que nem toda a gente gostaria delas.

Eu não era uma dessas pessoas.

Parámos à porta do gabinete.

– Preparada? – Mirou-me da cabeça aos pés. Eu assenti com nervosismo. Ele bateu três vezes à porta, umas batidas rápidas e nítidas, como se fossem um código.

À espera, sentada à secretária, estava a Rebecca. Levantou-se e caminhou para nós. Encontrámo-nos os três no centro do gabinete.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi a altura dela. Era mais alta do que imaginara, teria um metro e oitenta e dois descalça, mas usava sapatos de tacão alto de dez centímetros e eu senti-me pequenina à beira dela. Tinha a postura de uma bailarina.

Estendeu os braços e agarrou a minha mão com as suas.

– Kit, estava ansiosa por este encontro.

Tinha uma pele de alabastro, macia, quase imaculada, a não ser pelas cicatrizes de queimaduras nas mãos. Os seus olhos eram de um cinzento-violeta, o que me deixou adivinhar serem lentes de contacto – nunca vira tal cor. Não consegui perceber se os cabelos que lhe davam pelos ombros eram louro-platinado ou brancos. Tinha o nariz adunco e comprido, os lábios de um púrpura-escuro – calculei que a regra da proibição de maquilhagem não se aplicasse a ela. Envergava umas calças pretas que lhe assentavam na perfeição e uma camisola de caxemira preta. Bordado no ombro esquerdo da camisola, o focinho de um leão ornado com joias, os dentes arreganhados. Os seus modos davam a sensação de que flutuava.

Observou-me com tanta intensidade que tive de desviar o olhar. Ainda não dissera uma palavra, mas já me sentia exposta, como se tivesse transferido todos os meus pensamentos para o seu cérebro.

– Por favor. – Gesticulou para o sofá à frente da secretária dela sem nunca desviar o olhar da minha cara. – Senta-te.

Eu obedeci. Virou-me as costas e foi como se alguém desviasse um holofote de mim. Relaxei os ombros vários centímetros. Expirei.

– Obrigada, Gordon. Que o dia de hoje seja intrépido.

– Com certeza, Mestre – disse com uma pequena vénia.

Lá estava aquele nome outra vez.

O Gordon recuou para fora do gabinete e fechou a porta, deixando-me em simultâneo aliviada e encurralada. A Rebecca caminhou para o sofá, os movimentos lentos, suaves.

Perscrutou-me.

– Queres beber alguma coisa?

Engoli em seco.

– Água, por favor.

– Afinal fala. – Um sorriso aflorou aos lábios da Rebecca. Dirigiu-se para o carrinho com bebidas que havia ao lado da secretária. Em cima, tinha um serviço de chá de porcelana, um jarro de cristal com fatias de pepino, um balde de gelo e uma dúzia de copos altos. Encheu dois copos de água e entregou-me um. Eu agradeci.

A Rebecca pousou uma base de ardósia na mesinha entre nós as duas e depois colocou lá o seu copo. Cruzou as pernas. Eu olhei em redor. A secretária de meados do século tinha acabamento em nogueira. As paredes por detrás da secretária e à minha direita tinham prateleiras de livros embutidas, cheias do chão até ao teto. Atrás de mim, perto da porta por onde entrara, havia um armário alto – um aviso em letras garrafais vermelhas dizia: APENAS PESSOAL AUTORIZADO. À minha esquerda havia umas portas envidraçadas que davam para uma varanda. Dava para ver o recinto do outro lado.

Virei-me outra vez para a mesinha. Ao centro, havia uma terrina de vidro com o que pareciam ser fragmentos de uma travessa de porcelana. Alguns pedaços tinham rosas delicadas pintadas.

A Rebecca quebrou o silêncio.

– Faz-me lembrar de fraqueza.

Fitei-a.

– Achas estranho o facto de me tratarem por Mestre.

– Eu não disse isso – balbuciei.

Ela inclinou-se para mim.

– Eu também acho estranho.

A curiosidade foi mais forte.

– Não lhes pediu para a tratarem assim?

– Foram os hóspedes que começaram. Uma vez, quando estávamos numa aula, eu disse que eles eram meus alunos. Um deles começou a tratar-me por Mestre e o nome ficou. – Encolheu os ombros, depois voltou a observar-me. Eu contorci-me.

– O teu lenço é lindíssimo.

Levei a mão ao lenço de seda colorido que tinha ao pescoço. O lenço tinha debruns cor de laranja com traços verdes, cor-de-rosa, turquesa, amarelos e brancos. Quando o abríamos, o padrão era uma enorme flor ao meio com uma série de pinceladas à volta. Eu achava que as pinceladas faziam lembrar conchas; a Nat dizia que eram garras.

– Era da minha mãe – disse eu, sem pensar. – Deixou-mo.

A Rebecca apoiou o queixo na mão.

– Para onde foi ela?

Baixei o olhar para os pés.

– Morreu.

– Oh, Kit. – A Rebecca levantou-se do seu cadeirão e sentou-se ao meu lado no sofá. Apertou-me a mão. – Sinto muito. Então, deve ser das coisas que mais prezas.

Assenti com a cabeça e enterrei o nariz no lenço. Eu sabia que era imaturo fingir que, ao fim de um ano e meio, ainda tinha o cheiro da minha mãe – frésia e laca barata –, mas eu queria acreditar que sim, e lavava-o o menos possível. Uma vez, pensei que tinha perdido o lenço e liguei para a Nat a chorar. Ela reagiu como se eu estivesse a ser ridícula, como se fosse uma coisa velha que eu podia substituir e comprar na Target.

A Rebecca virou a palma da minha mão para cima e começou a afagá-la com o polegar. Inclinou-se e as nossas caras ficaram a trinta centímetros de distância. O seu hálito cheirava a hortelã. Os pelos dos meus braços eriçaram-se. Esperei que ela não reparasse.

– O que mais te assusta?

Hesitei, constrangida por começar tão depressa a abordar assuntos pessoais.

– Ganharemos imenso tempo se avançarmos além do conforto da mentira e passarmos para o desconforto da verdade. O mundo exterior ensina-nos a acreditar que as mentiras inofensivas ou as omissões são aceitáveis, mas eu acho que as mentiras de qualquer tamanho erigem muros entre as pessoas. A sociedade ensinou-nos a temer interações sociais incómodas, como se pudessem efetivamente magoar-nos. Estou a pedir-te para mergulhares no desconforto. Impregna-te dele para eu poder ajudar-te.

Respirei fundo.

– Assusta-me eu não ser importante. A minha vida não fazer sentido. – Pronto, estava dito. Olhei-a nos olhos, com medo do que lá encontraria: compaixão, desdém, repulsa.

Os seus olhos transpareceram amor.

A Rebecca envolveu-me num abraço.

– Minha querida, tu és importante. É claro que sim. És importante para mim. Todos nós precisamos de ti aqui. Poderás ainda não perceber, mas em breve verás. Juro. – Relaxei a cara no ombro dela. Os meus ombros agitaram-se, mas tinha os olhos secos.

Tu és importante. Tu és importante. Tu és importante. Nessa noite, estas três palavras rodopiar-me-iam na cabeça quando fosse para a cama. O que eu mais queria era acreditar nela.

– Consideras-te corajosa, Kit?

Abanei a cabeça. Sabia que deveria afastar-me dela, pôr uma distância mais apropriada entre nós no sofá – o que estava eu a fazer, a deixar uma desconhecida abraçar-me? –, mas queria permanecer naquele casulo. Ela não me pareceu uma desconhecida e eu tinha a certeza de que o feitiço quebrar-se-ia assim que me separasse dela. A sensação de segurança, de pertença, esfumar-se-ia. Eu voltaria a ser a Kit normal e sem centelha.

– Não tens de ir a sítio nenhum. Podes ficar aqui mesmo, onde estás. – Afagou-me o cabelo e eu relaxei nos seus braços, aliviada. – Eu tenho a certeza absoluta de que és mais corajosa do que pensas. Deixa-me provar-to.

Fiquei à espera, a ouvir. A voz dela era como as notas de um piano, como as ondas do mar, gotas de chuva a cair em folhas.

– Diz-me uma coisa corajosa que tenhas feito.

– Fiz *base jumping* quando vivi na Tailândia. Saltei de um penhasco em Krabi apenas com um paraquedas às costas.

– Um desafio formidável. Quanto tempo viveste na Tailândia?
– Três meses.
– Mudaste para o outro lado do mundo onde não conhecias vivalma. Isso também não te parece corajoso?

Encolhi os ombros.

– Depois da morte da minha mãe, fugi. Tenho uma tendência para dar às de vila-diogo quando as coisas se complicam ou se tornam assustadoras. – Quantas vezes a Nat me disse isso mesmo? – Não lhe chamaria coragem.

– Às vezes, a coisa mais corajosa que podemos fazer é fugir.

Parou de me afagar o cabelo e eu recostei-me. A incerteza deveria ser inequívoca na minha expressão porque ela perguntou:

– Dirias que é cobardia uma mulher fugir do seu abusador?

– É claro que não, mas isso é diferente.

– És demasiado exigente contigo mesma, Kit.

Corei e levantei a mão para a passar pelo cabelo, mas a meio mudei de ideias e estalei o elástico com força no pulso. Estremeci.

A Rebecca olhou fixamente para o elástico. Os seus olhos violeta fitaram os meus.

– Do que mais fugiste?

– Desisti da universidade. – A culpa alojou-se na minha garganta.

– Eu também. – Olhei para ela, espantada. – Fugi da minha família, da universidade, dos conceitos de casamento e maternidade. Recusar-nos a aceitar aquilo que a sociedade espera de nós não nos torna cobardes.

Pensei sobre aquelas palavras enquanto olhava pelas portas envidraçadas, tentando decidir se estava de acordo. De súbito, alguma coisa embateu no vidro, fazendo a vidraça chocalhar na caixilharia. Levantei-me de um pulo e vi umas asas prateadas a deslizar pelo vidro. A Rebecca pegou-me nas mãos com delicadeza e fez-me sentar outra vez.

Virou o meu queixo para ela.

– Não tens rigorosamente nada de que te envergonhar ou ter medo. És afetuosa, atenciosa e compassiva, cheia de potencial. Eu posso ajudar-te.

Eu não disse nada, distraída pela ave, mas sem conseguir ver para aonde fora. E se tivesse partido uma asa e não conseguisse voar mais?

– Deixa-me ajudar-te.

– Como? – perguntei, com medo da esperança que se avolumava no meu peito, ciente de que a ideia de felicidade me assustava, mas sem saber

porquê.

– Há muito tempo que estou a preparar o caminho. Tenho muitas ferramentas para oferecer. – Ela observou-me. – Tu és um *tsunami*, Kit, e nem sequer o sabes.

Abri a boca, mas ela fechou-a com delicadeza, deixando o polegar no meu lábio inferior. Arrastou o polegar pelo meu queixo abaixo, pela laringe, pelo pescoço. Passou os dedos pelo lenço da minha mãe.

Os nossos olhares cruzaram-se. Ela inclinou-se para mim. Fiquei com a boca seca.

Ela riu e pousou as mãos nas minhas coxas, apoiando-se nelas para se levantar, depois caminhou até à porta.

– Chegou a hora de reformular a história que contas sobre ti. Começaremos por eliminar as palavras críticas, depois passaremos para os pensamentos. Antes da próxima sessão, quero que formules um mantra: uma frase que instigue autoconfiança, alguma coisa que possas invocar quando te sentires em baixo. Quando tiveres esse mantra, passarás vinte minutos todas as manhãs, de preferência ao acordar, a repetir essa frase em voz alta no teu quarto.

Ela ficou ali, de pé, à espera.

Pus-me de pé, as pernas trémulas, e caminhei para ela.

Os seus olhos reluziram.

– Mal posso esperar por ouvir a tua frase.

Kit

Julho de 2019

– Só acho que é um pouco estranho – disse a Georgina – ela não cumprir as regras que inventou.

A April encolheu os ombros.

– A Rebecca já faz isto há muito mais tempo do que nós. A regra da proibição do contacto físico poderá já não ser adequada para ela.

Pensei nisto enquanto eu e as minhas amigas saíamos da cantina depois do pequeno-almoço. O meu primeiro encontro com a Rebecca fora há dois dias. Depois de quarenta e oito horas de reflexão, eu chegara à conclusão de que a líder de Wisewood era excêntrica, mas no bom sentido. É verdade que não cumpria as próprias regras, mas tinha muita confiança naquilo que criara aqui, estava muito segura do meu potencial. Nem queria acreditar que ela me estudara e vira algo mais além de fracasso.

Eu queria ser aquele *tsunami*.

– Isso é verdade. – A Georgina protegeu os olhos do sol. Um ar denso e abafado colava-me os cabelos compridos à nuca. – Eu estive quase para chorar na minha sessão, por isso alguma coisa ela deve fazer bem. – Fez um compasso de espera, pensativa. – Meu Deus, eu não choro desde que aquela cabra da Kim Johnson disse a toda a gente que eu tinha um transtorno alimentar.

– Porque ficaste tão incomodada? – quis saber a April.

– Para começar, toda a escola me chamou Purge-gina durante meses. Era tanga, claro.

– Refiro-me a ontem – disse a April. – Com a Rebecca.

A Georgina encolheu os ombros e evitou olhar-nos nos olhos.

– Tenho de ir. Não me quero atrasar para as minhas tarefas. – Fez uma careta e despediu-se com um aceno.

Eu e a April vimo-la desaparecer no interior da casa da Rebecca, depois dirigimo-nos para a zona noroeste da ilha para assistir às aulas. Ao caminhar, abanámo-nos para afastar o calor, a conversar sobre ninharias, a rir de piadas que só nós é que percebíamos. Pareceu-me que a conhecia desde sempre.

Alguns minutos depois chegávamos ao pré-fabricado das aulas. A April deitou a mão ao puxador da porta. Antes de a seguir para o interior, um movimento rápido perto da sebe chamou-me a atenção. Virei-me e avistei um segmento do muro aberto – não percebera que tinha portas. O Gordon franqueou a passagem. Eu fiquei a olhar. Durante a visita guiada, tinham-nos dito que do outro lado da sebe só havia floresta. Então o que é que ele estava a fazer ali? O Gordon trancou a porta e virou-se, depois fulminou-me com o olhar como se soubesse que eu estivera a vê-lo o tempo todo.

Desviei o olhar – o coração a bater com força, afogueada –, mas o mal estava feito. Não havia dúvidas de que ele me vira. Apressei-me para o pré-fabricado atrás da April.

A atmosfera no interior do pré-fabricado estava ainda mais húmida, como se as janelas não fossem abertas há semanas. As cadeiras tinham sido substituídas por almofadas no chão, aos pares. Os outros hóspedes estavam na cavaqueira.

A Ruth cumprimentou-nos calorosamente.

– Podem continuar a confraternizar enquanto esperamos por mais dois alunos.

A April virou-se para dois fulanos na casa dos vinte. Um deles era o Sanderson, o piloto do barco que eu ainda não vira sem o capuz pela cabeça, mesmo com este calor. Ele fora bastante conversador no barco, por isso, quando, no outro dia, o vira a arrancar as ervas daninhas na horta, ajoelhara-me ao lado dele e entabulara conversa. Enquanto trabalhávamos, fiquei a saber que ele viera para aqui depois de ser expulso de vários programas de reabilitação, que mesmo depois de estar há três anos em Wisewood ainda se sentia culpado pela forma como se aproveitara dos pais. A voz fraquejara-lhe ao falar da mãe, por isso não insisti no assunto. Disse-me que adorava Wisewood pelo menos quatro vezes.

Antes de eu conseguir juntar-me à April e aos rapazes, um homem e uma mulher na casa dos quarenta acercaram-se de mim. Ele tinha um boné de baseball dos Cleveland Cavaliers, era corpulento e tinha uma barba farta, mas bem aparada.

– Um dia maximizado. Sou o Jeremiah.

A mulher tinha o cabelo rapado e um ligeiro tique no lado esquerdo da cara.

– E eu sou a Sofia. – Irradiava a energia nervosa de uma adolescente no primeiro encontro.

– Muito gosto. Eu sou a Kit.

O Jeremiah levantou o chapéu e voltou a pô-lo. Vislumbrei pele e questionei-me se também teria o cabelo rapado.

– Estás a gostar de Wisewood? – Eu disse que sim com a cabeça. – Ótimo. Eu só aqui estou há alguns meses, mas não me consigo imaginar a viver noutro sítio.

– Oh, eu também – disse a Sofia, os olhos arregalados. – Vim para cá há três anos e meio. Presto cuidados médicos básicos aqui.

– Ela está a ser modesta. – O Jeremiah sorriu. – A Sofia é uma excelente médica.

– Fiz um bom trabalho na Tufts, mas preferia ter vindo mais cedo para Wisewood. Passei lá muitos anos com excesso de trabalho e num estado de exaustão. – Apontou para a porta do pré-fabricado, como se uma semana de trabalho insustentável a estivesse a assombrar do outro lado.

– Mas graças a esses anos de excesso de trabalho – salientou o Jeremiah – conseguiste doar uma parte das tuas poupanças a Wisewood, certo?

– Não apenas *uma parte*. – Olhou fixamente para mim. – Eu faria qualquer coisa pela Mestre. Ela salvou-me.

– Já no meu caso – disse o Jeremiah –, eu era técnico oficial de contas numa pequena empresa em Chicago. Aquilo era como viver numa banda desenhada do *Dilbert*.

– Oh. – Sorri. – Eu também trabalho em contabilidade, em Nova Iorque. Bem, não passo de uma rececionista.

– Não me digas! – exclamou. – Em que empresa?

Enquanto expliquei o meu passado, tentei não me sentir inferiorizada, mas o Jeremiah e a Sofia não se importaram por eu não ter um curso superior – ou curso algum. Ouviram atentamente cada palavra.

– Sinto muito pela tua mãe – disse o Jeremiah quando terminei. – O meu irmão morreu há catorze anos e ainda sinto imensas saudades dele. Gostaria de ter feito muitas coisas de maneira diferente enquanto ele estava vivo. – Olhou para os pés.

– Eu também.

Ele levantou a cabeça e estava para dizer alguma coisa quando a porta do pré-fabricado se abriu de rompante. A Raeanne entrou, um palito entre os lábios. Deambulou até ao meio da sala.

– Raeanne, sapatos – disse a Ruth. – Estás a deixar lama por toda a parte. – A Raeanne rodopiou o palito, depois baixou-se para desapertar os atacadores. A Ruth suspirou. – Não te descalces. Viste o Gordon? – A Raeanne abanou a cabeça. – Nesse caso, teremos de começar sem ele. – A Ruth bateu palmas. – Muito bem, turma, hoje vamos trabalhar a transferência parental. Procurem um parceiro e sentem-se frente a frente, por favor.

Passei os olhos pela sala à procura da April e apressei-me para a beira dela.

– Queres ser a minha parceira?

Ela meneou as sobrancelhas e assentiu. Sentámo-nos nas almofadas mais próximas. Olhei pela sala para ver quem eram os outros pares. O Jeremiah e a Sofia. O Sanderson e o seu amigo. A Debbie e a Raeanne. Estavam todos sentados de pernas cruzadas, os joelhos quase a tocar nos dos parceiros. A April também reparou neste pormenor e aproximou a almofada da minha. Emanava um calor húmido.

A Ruth caminhou até uma janela e baixou a veneziana. Falou num timbre tranquilizador.

– Em Wisewood, trabalhamos incansavelmente para eliminar os nossos medos de modo a atingirmos os nossos «Eus» Maximizados. Muitos dos nossos medos mais profundos têm origem na infância, quer sejam as lições que interiorizámos de experiências desagradáveis ou advertências explícitas e abusos que sofr...

– Ei, Ruth. – A Raeanne levantou a mão. – Acho que o Jeremiah e a Sofia deveriam mudar de parceiro.

Todos olhámos para eles, que pareciam espantados.

– Porquê? – indagou o Jeremiah.

A Raeanne enfiou o dedo mindinho na orelha.

– Tu agora andas muito interessado em ficar perto dela. – Levou o dedo ao nariz e cheirou. – Regras são regras: não são permitidos romances.

O Jeremiah corou.

– Não sei do que estás a falar.

– Não tenho problemas em dar exemplos – disse a Raeanne, com um sorriso dengoso.

A Sofia afastou-se do Jeremiah, que estava com um ar horrorizado.

– Quero outro parceiro.

A Ruth respirou fundo.

– April, importas-te de trocar de lugar com o Jeremiah?

A April encolheu os ombros, a pedir-me desculpa, e trocou de lugar com o homem corpulento.

– Estou apenas a velar pelo teu caminho – gracejou a Raeanne.

– Já deixaste bem claro aonde querias chegar, Raeanne – interveio a Ruth.

– Avancemos. – Atravessou a sala e baixou a outra veneziana. A cara do Jeremiah estava escondida pelas sombras, os lábios uma linha reta. – A transferência consiste no redirecionamento de sentimentos para outra pessoa. A finalidade deste exercício é simular um ou os nossos dois pais sentados à nossa frente. Libertaremos memórias negativas que todos guardamos. Pode ser qualquer coisa desde «Detesto a maneira como criticaste os meus amigos» até «Nunca fui suficientemente bom para ti» ou «Porque me magoaste?». Não é preciso dizer tudo numa só sessão. – A Ruth deu uma risadinha. – Alguns dos nossos membros mais antigos já fizeram este exercício dezenas de vezes e sabem que nunca se esgotam as coisas que temos para dizer aos nossos pais. – Os presentes murmuraram a sua concordância. – Podem concentrar-se em qualquer assunto, quer seja sério ou insignificante. Dentro de um minuto, apagarei as luzes e não irão conseguir ver o vosso parceiro.

A porta do pré-fabricado abriu-se outra vez, inundando a sala de luz do Sol. O Gordon assomou à soleira e fechou a porta sem fazer barulho.

– Obrigada por nos honrares com a tua presença – resmungou a Raeanne.

O Gordon acenou para a Ruth e sentou-se perto da porta, as costas viradas para a parede.

– Importas-te de dizer onde estiveste? – disse a Raeanne.

Ficaram todos em silêncio enquanto o Gordon a olhou fixamente.

– Importo.

A Raeanne não insistiu.

A Ruth apagou a luz e ficámos mergulhados nas trevas. Toda a gente ficou em silêncio. Ouvi as débeis inspirações e expirações dos outros.

– O vosso parceiro está aqui para vos encorajar, caso seja necessário. Para vos manter focados – disse a Ruth. – Por favor, fechem os olhos e mantenham-nos fechados durante todo o exercício. Concentrem-se antes na minha voz e nas minhas instruções. Se alguém tiver dúvidas ou perguntas finais antes de começarmos, verbalizem-nas agora.

– Boa sorte – sussurrou o Jeremiah.

– Para ti também – respondi.

Ele sorriu e fechou os olhos.

Algueres na sala alguém estalou os dedos. Eu estremeci no calor.

– Imaginem a vossa mãe ou pai – disse a Ruth num tom hipnótico. – Visionem a cor dos olhos deles, as rugas entre as sobrancelhas, a curva dos seus sorrisos, o recorte dos seus dentes. Pensem nos detalhes físicos que mais apreciam nas feições dessa pessoa. – Fez um compasso de espera. –

Agora pensem no pormenor que menos gostam. O sorriso é mais um sorriso de desdém? Os dentes são demasiado amarelos? Os olhos são severos, reprovadores? Imaginem a cara dessa pessoa. Imaginem que ele ou ela está sentado ou sentada à vossa frente, que estão a tocar nos joelhos do vosso papá, mamã ou lá o que lhe chamarem. Conseguem imaginá-los?

– Sim – alguém murmurou.

– Ótimo. – A Ruth falou ainda mais baixo. – Agora pensem numa má memória associada a esse pai. Não se esforcem. Não tem de ser a vossa pior memória, mas também pode ser.

A data saltou-me à ideia antes de a Ruth acabar de falar: 12 de janeiro de 2017. Eu passara a última hora do meu turno da tarde no Corrigan's a ser rebaixada com insultos sem imaginação por uns miúdos da universidade embriagados, depois de ter ignorado as suas frases de engate. Regressei a casa de carro, esgotada. Já desistira da universidade há cinco anos. Tudo o que conseguira em meia década fora saltar de um bar para outro em Scottsdale, esperando que as gorjetas fossem mais generosas no seguinte. Isso nunca aconteceu.

Quinze minutos depois, estava de regresso a Tempe. Estacionei o carro na rampa de acesso e entrei pela porta da frente a arrastar os pés, a matutar nas más decisões do passado. No vestíbulo, suspirei ao ver o papel de parede a

descascar e os meses de contas por pagar empilhadas no aparador lascado. Atirei a bolsa para o chão e arrastei-me para a cozinha, estacando de repente ao ver a Nat debruçada sobre a mesa de jantar. Estava a limpá-la com um pano e um aerossol antibacteriano.

– O que estás a fazer aqui? – perguntei.

– Esta casa também era a minha.

Consultei o relógio do forno.

– Pensei que estarias a trabalhar.

– A mãe tinha consulta hoje, ou esqueceste-te? – perguntou, irritada por eu não estar a pensar exatamente na mesma coisa que ela queria em determinado momento de todos os dias. *Devo ter-me esquecido*, apeteceu-me dizer, *quando três clientes começaram a chamar-me nomes feios*. Porém, nada disse, porque a Nat iria retaliar: *Sabes onde é que não estariam sempre a chamar-te nomes feios? Num hospital, se tivesses acabado o curso. Ou a trabalhar num escritório*. Ela estava sempre a chatear-me para eu deixar de ser empregada de balcão.

– Saí mais cedo para vir saber os resultados. – Olhou para mim com um ar cansado. – Ela está na casa de banho.

Naquele preciso instante, a minha mãe assomou vinda do corredor, um ar spectral e lastimável.

– Como é bom ver-vos. – Ela passara a vida a forçar sorrisos. Pensei o quão cansados estariam os músculos da cara dela. Fiquei exausta só de pensar.

A Nat interrompeu as limpezas. Avancei um passo.

– Recebeste os resultados da biopsia?

A minha mãe olhou de uma para a outra, tentando atrasar a resposta. Senti um aperto na barriga.

– Não se querem sentar?

– Mamã, por favor – disse a Nat. – O que foi que o médico disse?

Olhamos fixamente para a nossa mãe. Ela ficou irrequieta e olhou para o teto com os olhos semicerrados.

O chão fugiu-me de debaixo dos pés.

Ela suspirou.

– É cancro. Lamento, meninas.

Um gemido brotou-me da garganta. Corri para a minha mãe e abracei-a – uma mulher já de si magra a encolher cada vez mais. A Nat deixou-se cair

numa cadeira.

A minha mãe afagou-me o cabelo durante algum tempo, a fungar. Eu deixei as lágrimas correr, enterrando o nariz no lenço colorido que ela usava todos os dias. Ficámos as três estáticas na cozinha, à espera que acontecesse alguma coisa, que alguém nos dissesse como continuar a viver. Teve de ser a Nat. Era sempre a Nat.

Sentada à mesa, aclarou a voz. Quando falou, sem ter de olhar, percebi que estava a tentar falar sem chorar.

– Quais são as opções de tratamento?

– Não quero tratamento.

– O quê? – A Nat levantou-se como uma mola. Eu estremeci e, com relutância, afastei-me da minha mãe como forma de protesto.

– Querida, eu não quero que eles abram ou envenenem o meu corpo. Não me quero tornar uma pálida imagem daquilo que era. Já me conformei.

– E se morreres?

– Pois que seja. – A minha mãe olhou a Nat nos olhos. – Pelo menos partirei de acordo com os meus próprios preceitos.

Fiquei com a boca seca, as pernas trémulas.

– Vocês sabem que eu sempre quis viver perto do mar. Tenho andado a pesquisar condomínios em San Diego.

– É a desculpa de que estavas à espera, não é? – disse a Nat, abespinhada, limpando as lágrimas que lhe escorriam agora pela cara. – Ao fim de todos estes anos, vais finalmente deixar a depressão vencer.

– Querida, eu não escolhi ter cancro.

– Tens de lutar. – A Nat bateu com o punho na mesa a pontuar a palavra.
– Tens de ser forte.

– Tenho lutado a vida inteira. – A minha mãe deixou a cabeça pender. – Estou cansada.

A Nat contornou a mesa e agarrou a nossa mãe pelos ombros, um olhar desvairado.

– Então, eu lutarei *por* ti. Levar-te-ei a todas as consultas. Pedirei licença sem vencimento para cuidar de ti. Raparei a cabeça. Farei o que for preciso. Resolverei isto.

A minha mãe passou os dedos pelas madeixas de cabelo escuro brilhante da Nat, depois abraçou-a com força.

– Amo-te tanto, Natalie.

A Nat deixou-se abraçar um segundo, mas depois afastou-se.

– Mamã, não. Não podes desistir. Diz-lhe, Kit.

Abri a boca, mas não saiu som algum. Tinha as mãos e os pés entorpecidos. O meu cérebro fora liquefeito numa trituradora. O olhar da minha mãe decidiu-me. Suplicava compreensão, que eu tomasse o partido dela.

Como não reagi, a Nat virou a cabeça dela para mim.

– Eu tive de ser a má da fita toda a nossa vida, enquanto tu foste a predileta. Mas em breve não terás a mãe se, nem que seja uma vez na vida, não lhe disseres o que ela tem de ouvir.

Algo estalou dentro de mim.

– Mamã, por favor. Se não o fizeres por ti, fá-lo por nós.

– Basta, meninas. – A nossa mãe puxou-nos para junto dela.

Pestanejei no calor do pré-fabricado, sentindo a conhecida vaga de náusea. Nenhuma parte de mim queria fazer este exercício. Poderia inventar uma história, uma mais fácil de digerir e partilhar – sobre uma mãe que era demasiado exigente com as notas ou que não deixava entrar rapazes em casa. Sem me conseguir conter, arranquei dois fios de cabelo da cabeça. O alívio foi instantâneo. Fiquei outra vez focada, como quando a água da máquina de lavar carros escorre pelos vidros, levando o detergente sujo.

A Ruth quebrou o silêncio.

– Falem com o vosso progenitor sobre esta memória. Podem começar por contar a história ou saltar diretamente para os vossos sentimentos. Porém, quero que tenham uma conversa franca, digam o que quer que reprimiram todos estes anos. Imaginem que escreveram uma carta ao vosso pai ou mãe, mas que nunca a colocaram no correio. Como seria libertador dizer a verdade, por muito mal que essa verdade possa refletir-se sobre vós. Hoje não se trata de julgar. Trata-se de arranjar espaço para podermos sarar. Não se preocupem em revezar-vos com o vosso parceiro. Devem falar ao mesmo tempo. Podem gritar. Mas quero que se mantenham focados. Não é permitida violência. – Um compasso de espera. – Podem começar.

Eu e o Jeremiah hesitámos, ficando a ouvir as vozes à nossa volta para ver como se fazia. A maioria dos nossos colegas falava baixo, com vozes sussurrantes.

Porém, a Sofia gritou logo desde o início.

– Como foste capaz? A tua neta morreu e, em vez de me reconfortares, disseste que a culpa foi dela.

Abri os olhos e arregalei-os ao ouvir a acusação. As vozes subiram de tom, furiosas.

– Quantas vezes me usaste como saco de pancada? – vociferou a Raeanne.

– Eu não deveria ter roubado o teu dinheiro – disse o Sanderson.

– Como pudeste deixá-la afogar-se? – disse a April. – Era suposto manteres-nos em segurança.

Uma mão leve como uma pena tocou-me no ombro e a voz da Ruth soou ao meu ouvido.

– Por favor, não abras os olhos, querida. Concentra-te na tua própria memória.

Fechei os olhos. A voz do Jeremiah tremeu quando ele falou.

– Se tivesses tido o mínimo de compaixão, nada disto teria acontecido. –

Disse-o num tom tão frio que me provocou pele de galinha nos braços. Hesitou quando percebeu que eu não estava a falar. – Queres dizer alguma coisa, Kit?

– Deixaste-nos. Nós precisávamos de ti.

– Linda menina – disse o Jeremiah.

– Teria ficado tudo bem se não tivesses morrido. – Senti-me culpada por recriminar a minha pobre mãe falecida, que, para além de ter enfrentado uma depressão que a acompanhara toda a vida e um cancro em fase terminal, agora também tinha de carregar o peso dos meus fracassos. Senti vontade de ter à minha frente a minha irmã e não o Jeremiah. Melhor do que ninguém, ela compreendia a solidão, como se tornava uma coisa a que é impossível escapar.

Neste momento, a sala transpirava infelicidade. A Sofia e a Raeanne estavam aos berros. O Sanderson balançava-se para trás e para a frente, desculpando-se uma e outra vez aos seus pais, acalmando-se apenas quando a Ruth se debruçou para lhe sussurrar algo ao ouvido. Espreitei para o Gordon. De costas direitas e sem se mexer, estava sentado à esquina. Não consegui perceber se tinha os olhos abertos ou fechados.

– Também és culpado da morte dele – disse o Jeremiah.

Avassalada, estremeci. Não tive tempo de pensar se queria participar – apenas o fiz para que não se notasse muito a falta da minha voz no meio das outras, como quando diziam o «om» em grupo no fim das aulas de ioga. Se

eu não continuasse a falar, o Jeremiah poderia ficar novamente constrangido por eu estar a ouvir a conversa dele.

– Deverias ter lutado, mamã – disse, um pouco mais alto para me equiparar ao volume do resto da turba. Comecei a sentir a cabeça à roda. – Porque não fomos dignas de um esforço para te manteres connosco?

– Estás a ir muito bem – disse a Ruth. Não percebi se estava a falar comigo ou com o Jeremiah. – Continua.

– Eu deveria ter-te apoiado. Desculpa – disse e depois verbalizei o pensamento que tivera milhares de vezes: – A culpa é toda minha. – Eu fora branda com ela quando deveria ter sido dura e fora dura quando deveria ter demonstrado compreensão. Estava em Las Vegas a vomitar nos próprios pés enquanto ela dava o último suspiro. Ela era mais importante para mim do que o resto do mundo, mas eu abandonara-a completamente. Deixei pender a cabeça, abanando desesperadamente a mão para me refrescar.

A Ruth afastou-se, depois gritou para se fazer ouvir por cima da cacofonia.

– Muito bem, turma, muito bem. Já chega.

A sala ficou em silêncio, tresandando a suor e a odor corporal. Eu precisava de ar fresco.

– Tirem um retrato da vossa memória e pousem-no em cima de um lençol lavado e passado a ferro.

Imaginei a minha mãe prostrada à mesa da cozinha, perturbada por nós estarmos contra ela. Pousei a imagem no meio do lençol.

– Juntem os quatro cantos do lençol e fechem-no com uma corda elástica. Não podem ver mais a imagem. A memória está a tentar libertar-se, pelo que poderá estar aos saltos no interior do lençol. Conseguem ver?

Eu fiz aquilo que me mandaram e amarrei a expressão traída da minha mãe.

– Agora atirem essa memória amarrada com toda a força contra a parede. Deixem-me ouvir o som do vosso esforço.

As pessoas começaram a grunhir, como se estivessem a tentar arrancar o edifício dos alicerces. Alguém uivou. A mão do Jeremiah cortou o ar e eu imaginei que ele estava verdadeiramente a tentar lançar para longe a sua memória. Hesitei, pois não queria atirar a minha mãe contra a parede. Será

que não se podia abrir uma janela neste pré-fabricado asfixiante? Ansiava por uma aragem, por sair dali.

– Vá lá, Kit. Tu és capaz – disse a Ruth.

Imaginei-me a rodopiar o lençol por cima da cabeça cada vez mais depressa até que, finalmente, o larguei. Levantei o traseiro do chão. Impedime de estremecer quando a minha mãe embateu na parede. Ao invés de ficar em pânico com o meu desvairo, tentei focar-me nas maravilhas do cérebro, refletir no poder da imaginação.

– Comecem a voltar à terra, turma – disse a Ruth. – Comecem a deixar que as emoções intensas se escoem de vós. Deixem a fúria ir. Deixem a mágoa ir. Deixem a confusão ir. Deixem o medo ir. – As pessoas começaram a acalmar-se. – Sentem-se um pouco mais leves depois de se libertarem do peso dessa memória? Alguns estarão bastante mais leves?

Mesmo com os olhos fechados, percebi que a sala estava a ficar mais clara. A Ruth estava a levantar as venezianas devagar. Os meus colegas inspiraram profundamente, tendo deixado de ofegar. Apenas a Sofia ainda estava a choramingar – «minha pobre menina», repetia sem parar.

O absurdo começou a parecer um sonho. Uma sala cheia de adultos enlouquecera – agora tínhamos de fazer de conta que estava tudo bem?

– Agradeçam ao vosso parceiro por vos acompanhar nesta viagem – disse a Ruth. – E concentrem-se na vossa respiração.

O Jeremiah murmurou «obrigado». O que teria feito o seu pai ou a sua mãe? Estaria a referir-se à morte do irmão?

– Agora deitem-se de costas e ponham-se confortáveis – continuou a Ruth. – Podem querer espreguiçar-se ou enroscar-se em posição fetal. Deixem que a posição que precisam vos escolha. É hora de nos mimarmos com vinte minutos de bem-estar.

Passei o tempo inteiro a racionalizar aquilo que fizera. Porque me deixara levar com eles? Porque partilhara uma coisa tão profundamente dolorosa e pessoal? Sentia-me melhor por o fazer? Sentia-me horrorizada com a ideia de estas nove pessoas conseguirem juntar as mórbidas peças da história da minha família. Estava incomodada por me ter deixado levar com tanta facilidade para o exercício.

A verdade é que me sentia um pouco mais leve depois de partilhar uma parcela da minha culpa, raiva e medo em voz alta. Depois de ouvir quantas outras pessoas estavam furiosas com os seus pais ou carregavam um penoso

fardo de vergonha. Depois de ficar a saber que não era a única má filha ou filho da sala. Senti-me um pouco mais leve.

Decorridos os vinte minutos, a Ruth disse-nos para nos sentarmos. Acendeu todas as luzes. Nós formámos um círculo com as almofadas. A Ruth pediu para fecharmos os olhos outra vez e respirarmos alguns minutos enquanto ela contava.

Perscrutei todos os semblantes. Eram todos tão sinceros... Acreditavam nestes exercícios. O Jeremiah estava tão concentrado que tinha a testa enrugada.

– Expiramos uma última vez – disse a Ruth. – Por favor, abram os olhos.

Abriram-se dez pares de olhos.

– Pronto. – Estava radiante. – Não se sentem melhor?

À boca de cena, fiz uma vénia debaixo de uma ovação ruidosa. Para algumas pessoas, o ritual de todas as noites incluía um banho quente, uma máscara facial, um bom livro. Para mim, era uma ovação com o público todo de pé.

– Obrigada, Dayton. – Brindei a plateia com um sorriso. Nunca me sentia mais importante do que quando tinha a audiência a gritar o meu nome. À noite, quando estava na cama, ouvia os seus gritos repetidamente na cabeça.

Eu sou invencível, porra.

Perscrutei a sala mais uma vez à procura de um rosto conhecido. Era suposto a minha irmã, a Jack, assistir ao espetáculo desta noite. Depois de toda a conversa sobre ir para uma universidade o mais longe possível, ela acabara por ficar no ponto de partida, a uma distância de quinze minutos de carro da casa da nossa infância. Não a consegui encontrar no meio do público. Talvez tivesse mudado de ideias.

Quando o pano caiu, desci do palco e fechei-me no meu camarim. Andei de um lado para o outro pela sala e esperei que o afluxo de adrenalina diminuísse. A minha digressão começara há três meses, durante os quais atuara numa cidade diferente todos os dias, e os meus espetáculos começavam a dar nas vistas. Uma estação de rádio local convidara-me para uma entrevista. Na noite anterior, um fã reconhecera-me e abordara-me quando estava a jantar. Em breve não conseguiria responder a toda a correspondência. Debaixo dos meus pés, estava a formar-se uma vaga, a crescer, apenas aos 24 anos. Uma boa noite de descanso passara a ser um oximoro.

Alguém bateu à porta. Abri-a e fiquei sem pinga de sangue.

– O que estás a fazer aqui?

O Sir empurrou-me para o lado e entrou para o camarim.

– Estamos num país livre, ou não?

Não via o meu pai desde que ele me deixara ficar na universidade há seis anos e fiquei chocada com o quanto envelhecera desde então. Os cabelos outrora louros estavam grisalhos. Tinha uma pronunciada queixada e uma farta barriga de cerveja. As rugas na cara do meu pai eram profundas, a fazer lembrar as dos buldogues, a tristeza enterrada em cada uma. Mirou-me com ar rabugento.

– Não esperava que viesses hoje aqui. – Engoli em seco. – Nunca me devolveste as chamadas.

– A tua irmã obrigou-me.

– Onde é que ela está?

Encolheu os ombros.

– Encontrou um antigo amigo da secundária.

– Onde está a mãe?

– Mais doente do que nunca. Raramente sai de casa.

Baixei os olhos para o chão.

– Lamento sabê-lo. – Falar com o meu pai com tanta formalidade, como se fôssemos desconhecidos, pareceu-me uma experiência fora do corpo.

Ele fungou.

– Saberias se fosses a casa.

Jurei manter as coisas civilizadas. Não morderia o isco, não o deixaria destruir a sensação de bem-estar após um espetáculo.

– Não é fácil com a agenda da digressão.

Ele sondou a sala, a boca franzida.

– Sempre tiveste dificuldade em estabelecer as prioridades, não foi?

– Tu disseste para eu meter mãos à obra e ser alguém. Toda a vida mo disseste. É isso que tenho estado a fazer.

– Achas que és uma grande coisa por convenceres as pessoas a comer aranhas?

– Não é o ato em si. É aquilo que representa.

Ele cruzou os braços.

– Não havia carreiras respeitáveis suficientes para escolheres? Tinhas de escolher esta?

Sentia as entranhas a murchar, mas por fora estava eriçada.

– Sou uma estrela, Sir. Tenho a minha própria digressão.

Apontou para a porta com um dedo.

– Andaste a arrastar-te por aquele palco como se fosses uma prostituta de rua.

Não deixei que o queixo me caísse. *Ele tem razão, tem toda a razão. Sou uma inútil, uma artista de meia-tigela.*

– C... c-com o devido respeito, senhor – interveio uma voz do lado de fora –, mas está a falar com uma das mentalistas mais proeminentes do nosso tempo.

Entrou para o camarim um adolescente musculoso, com uns 17 ou 18 anos, olhos cor de mel e o nariz torto. Eu e o Sir fitámo-lo.

O Sir virou-se para mim, gesticulando para o rapaz com o polegar.

– Quem é este monte de esterco?

Encolhi os ombros. Nunca o vira.

– Não pude deixar de o... o-ouvir – disse o adolescente –, porque estava à escuta. O senhor sabe que o espetáculo dela esgotou esta noite? E, a propósito, sabe que a Madame Intrépida é a primeira mentalista do sexo feminino a ter uma digressão nacional?

O meu pai observou o rapaz como se ele fosse de outro planeta.

– Grande coisa.

– Sim, é uma grande coisa – disse o rapaz. – O senhor pode não gostar de magia, embora francamente não perceba p... p-porque veio assistir ao espetáculo se não gosta, mas a quantos palcos já subiu? Quantas pessoas desembolsaram o seu dinheiro ganho arduamente para o ouvir falar?

O Sir ficou sem palavras, coisa a que eu apenas assistira uma ou duas vezes na vida.

– Não muitas, calculo. Se é assim que trata as pessoas.

O Sir cerrou os dentes.

– Eu falo com a minha filha como muito bem entender.

O espanto enrugou a pele de outro modo imaculada do rapaz.

– Ah, então o senhor é pai dela? – Olhou para mim. – Parece-me que teve azar. Lamento. O meu pai também é um e... e-estafermo. – Encolheu os ombros.

Os cantos dos meus lábios contraíram-se.

O Sir começou a ficar roxo.

– Ainda levas uma sova que até voas.

O adolescente sorriu.

– Não me p... p-parece, senhor. Joguei futebol americano por Aldsville, por isso sou bastante bom a aguentar cargas. Também as sei dar. –

Continuou a sorrir, deixando a ameaça com tanta jovialidade como se estivesse a dar-lhe os parabéns.

– Como te atreves a falar assim comigo? – disse o Sir.

– Como se atreve a falar a... a-assim com ela?

– A-a-a-assim – troçou o Sir. Eu encolhi-me.

– Boa, caro senhor. – O rapaz assentiu enquanto olhava para o meu pai. – Um murro em cheio na gaguez. É um golpe baixo e certamente nada original, mas não deixa de ser um murro. Fique a saber que precisará de fazer muito p... p-pior do que isso para me fazer fugir. – Balançou-se sobre os calcanhares e pôs as mãos atrás das costas como se não se importasse de passar ali a noite toda.

O Sir fulminou-me com o olhar.

– Vais fazer alguma coisa em relação a este rufia?

O meu pai estava equivocado em relação a mim: eu *tinha* algo para oferecer; *tinha* talento. Um dia iria mudar o mundo. Enchi-me de coragem.

– Acho melhor ires embora – disse, o queixo levantado.

– Eu sabia que era um erro vir aqui. Bem o disse à tua irmã.

Ficámos todos calados. Eu fitei o Sir, ansiosa para que se fosse embora.

Por fim, ele desistiu.

– Não precisas de aparecer por estas bandas outra vez.

– Com todo o gosto – disse eu, suficientemente alto para ele ouvir.

Ele precipitou-se para fora do camarim, olhando de soslaio para o rapaz quando ia a sair. O jovem praticamente não se mexeu, imperturbável. Assim que o Sir saiu, o sangue voltou-me às veias.

– Obrigada.

O rapaz sorriu com compaixão.

– Como eu disse, tenho um igualzinho em casa.

Foi então que me lembrei de que eu deveria ser a incomparável intrépida. Endireitei os ombros, obriguei-me a levantar ainda mais o queixo.

– Não preciso que outras pessoas travem as minhas batalhas.

– É claro que não. A senhora é a Madame Intrépida. Mas às vezes é bom saber que temos o apoio de alguém.

Alguma coisa se soltou dentro de mim.

– Trata-me por Rebecca. – Ele assentiu com a cabeça, mas não deu mostras de dizer ao que vinha. – Em que te posso ajudar?

– Não te lembras de mim?

Semicerrei os olhos.

– Do teu número de magia. Q... q-quando andavas na secundária.

– Fiz esse espetáculo três vezes por semana durante quatro anos. – Pus uma mão na anca. – Podes dar-me mais pistas?

– Fui o teu assistente no número das algemas – disse e eu reconheci-o de imediato. Ele era o rapaz da segunda fila no espetáculo a que o Sir e a minha mãe tinham assistido, aquele que fora um fiasco por causa das provocações dos alunos do grupo dramático. Tanta coisa se passara desde então.

Apertei-lhe a mão.

– Relembra-me o teu nome.

– É Gabe. – Sorriu. – Há meses que estava a... a-ansioso por assistir ao teu espetáculo. É fantástico.

– Lisonjeias-me, Gabe.

– Tu mereces. Foste perfeita no palco.

– É muito simpático da tua parte. – Fiz um compasso de espera. – Queres que eu assine alguma coisa? Tirar uma fotografia?

– Na verdade, eu queria oferecer-te uma coisa. Será que não p... p-precisas de um aprendiz?

Enquanto ele gaguejava, pensei na maneira mais rápida de o rejeitar. É verdade que estava a precisar desesperadamente de um assistente, mas o plano era encontrar o meu assistente por intermédio de uma agência de trabalho temporário. Este rapaz confiante não fazia mesmo parte do plano.

– Estou a estudar relações públicas, por isso poderia ajudar-te a p... p-publicitar os teus espetáculos.

Então, ele andava na universidade, era mais velho do que eu pensara.

– Tratarei de tudo o que precisares, como um assistente p... p-pessoal.

– O que ganhas com isso? – questioneei, desconfiada.

– Sempre quis ser um i... i-ilusionista.

– Nesse caso, porque não crias o teu próprio espetáculo?

Pouco à vontade, o Gabe mudou o peso de uma perna para a outra.

– O meu pai q... q-quer que eu siga uma carreira mais e... e-estável. Que arranje alguma coisa mais lucrativa.

Revi-me na situação dele.

– Em que é que o teu pai trabalha?

– É dono de uma cadeia de p... p-pizarias. – O Gabe ruborizou e baixou o olhar para as sapatilhas puídas. – Diz que eu nunca serei um ilusionista se nem sequer consigo falar direito.

O silêncio envolveu-nos e pairou, incómodo. *Quantos pais tinham reprimido os sonhos dos filhos? Isso alguma vez deixaria de acontecer?* Rangi os dentes.

– E a tua mãe?

Ele encolheu os ombros. Isso queria dizer que também não o apoiava.

– Se bem me lembro, tinhas um irmão mais novo – tentei outra vez. – Ela apoia-te?

– Q... q-quando estamos sozinhos, sim. De contrário, ele faz sempre o que o nosso p... p-pai manda.

– Não se pode contar com os irmãos nesses casos, não é? – atalhei, sombriamente.

Ele concordou com a cabeça, cabisbaixo, mordendo o lábio.

– Bem, diz-me a experiência que os pais raramente sabem o que estão a dizer.

O Gabe levantou a cabeça, tão irrefletidamente esperançado que senti uma pontada no peito. O seu rosto ensombreceu outra vez.

– Eu não sou o tipo de pessoa que eles p... p... deixam subir ao palco.

– Não há muito tempo, também não deixavam as mulheres – disse eu, com imparcialidade. – A única pessoa com poder para te impedir de seres aquilo que desejas és tu. – Ele esboçou um largo sorriso e eu tive o impulso bastante impiedoso de acrescentar: – Se queres ter sucesso no mundo do espetáculo, terás de te tornar bastante mais impassível.

O Gabe assentiu com a cabeça.

– Quero aprender a arte o melhor possível.

Qual era a coisa responsável a fazer? Dar-lhe uma oportunidade ou dissuadi-lo de uma vida de rejeição e contratempos? Reconheci a faísca no Gabe. A Evie alguma vez tentara apagar a minha?

Quando me percebeu a hesitar, disse:

– M... m-mas eu não estou a pedir uma esmola.

Enruguei o nariz.

– Eu não sou do tipo filantropo.

Um «sim». Era tudo o que ele queria. Há quanto tempo é que eu andava a dizer que queria ajudar os outros, transmitir tudo o que aprendera sobre a arte da intrepidez? Ambicionava conseguir a mudança a uma escala maior, mas talvez estivesse a pôr o carro à frente dos bois. Podia praticar com o Gabe, diminuir a opressão do medo nele. Eu era inteligente demais para acreditar em conceitos quiméricos como o destino, mas aceitava o ocasional golpe do acaso. Que primeiro pupilo mais apropriado poderia eu ambicionar do que um rapaz oprimido pelo pai?

– Terias de dar o litro. As tuas aulas da universidade pareceriam coisa de meninos.

Ele concordou com a cabeça. Observei-o durante algum tempo, à procura de algum sinal de que isto era um erro. Achava-o um pouco irritante, um lambe-botas, demasiado alegre e adulator. Desconhecia o protocolo no que diz respeito ao decoro social. Era possível que esperasse que ficássemos amigos ou partilhássemos sentimentos de vez em quando.

De qualquer maneira, caminhei até à minha bolsa que estava em cima do balcão da maquilhagem e tirei de lá um cartão de visita. Quando me virei para trás, na soleira da porta, de pé, atrás do Gabe, dei de caras com a minha irmã.

Assustei-me. Ela estava a usar demasiada maquilhagem em todos os sítios errados, deixando a impressão de que acabara de chegar de um dia de trabalho árduo numa mina de carvão. Esboçou um débil sorriso.

– O Sir foi-se embora – disse eu. O Gabe virou-se para ver com quem eu estava a falar.

– Eu sei – disse a Jack. – Vim ver-te.

Controlei-me e entreguei o cartão ao Gabe.

– Liga-me na segunda-feira logo de manhãzinha.

Ele apertou-me a mão com a exuberância de um político no primeiro mandato.

– Não te a... a-arreponderás. Juro.

Oh, mas arreponderia. Seria a coisa de que me arreponderia mais em toda a minha vida.

Kit

Julho de 2019

Perscrutei a cantina. Faltavam trinta minutos para a minha segunda sessão individualizada com a Rebecca, mas a April e a Georgina estavam as duas dedicadas às limpezas.

Avistei o Jeremiah na mesa mais afastada. Estava debruçado por cima de uma caderneta com um lápis na mão, a assobiar para si mesmo. Abeirei-me a medo, pois não o queria incomodar. Estava a fazer as palavras cruzadas.

– Posso sentar-me aqui? – perguntei.

Ele levantou a cabeça.

– Só se me ajudares com este quebra-cabeças.

Eu sorri e sentei-me à frente dele.

– Sou terrível nas palavras cruzadas. Falta-me a inteligência.

– Aposto que és mais inteligente do que pensas. – Prendeu o lápis atrás da orelha.

– Ai sim? Achas que um génio quase deitaria fogo à cantina usando o micro-ondas? – Ruborizei ao lembrar-me do episódio.

O Jeremiah estremeceu.

– Bem visto. Se calhar não és assim tão inteligente.

Desatei à gargalhada.

Virou o livro de palavras cruzadas de maneira a conseguirmos ver os dois. Metade do quebra-cabeças já estava preenchido.

– Dezassete descendente: condimento proibido ao estilo de Chicago.

Pensei um segundo.

– *Ketchup*.

Ele contou quadrados e depois pegou no lápis.

– Em cheio. Vinte e três transversal: jogo de tabuleiro de compras popular nos anos noventa.

– *Mall Madness*. Estás a dar-me as fáceis.

Ele soergueu uma sobrancelha, apontou para a barba espessa e o físico semelhante ao de um urso.

– Tenho cara de ser o utilizador-alvo do *Mall Madness*? – Voltei a rir. – Nunca ouvi falar disso. Como eu disse, talvez sejas mais inteligente do que pensas.

Encolhi os ombros.

Ele consultou o quebra-cabeças.

– Quarenta e dois descendente: apelido do arqu-inimigo de Dwight Schrute.

– Oh, vá lá. Vais dizer-me que nunca viste a série *O Escritório*? H-a-l-p-e-r-t.

– Estava a escrever mal. – Preencheu os espaços. – E é claro que vi. Não me digas que o Jim é a tua personagem preferida, senão terei de te pedir para mudares de lugar. – Levou uma mão ao peito. – Ou a Pam, valha-nos Deus.

Fiz um esgar.

– É claro que é o Michael, mas podemos falar sobre como o Andy Bernard é subestimado nas temporadas três a cinco?

– Só se primeiro dissermos que o Creed é o verdadeiro herói da série. A cada minuto que passa, ele acrescenta mais humor do que qualquer outra personagem.

Trocamos um sorriso.

O Jeremiah rodou o lápis entre os dedos e olhou fixamente para o quebra-cabeças.

– O meu irmão costumava ajudar-me com estes quebra-cabeças quando éramos mais novos. Eu ocupava-me da história e da política. Ele sabia tudo sobre arte e Hollywood. Adorava filmes antigos. – Uma expressão saudosa perpassou-lhe o semblante.

– Certo verão, obrigou-me a ver todos os filmes que venceram os Óscares. Lamentei-me por cada filme a preto e branco, *porque não podíamos ver o Super-Homem pela quinquagésima vez como os outros putos*? É evidente que ele não fez caso do que eu disse.

Recostou-se na cadeira e passou a mão pela garganta.

– Agora, todos os anos pelo aniversário dele alugo o filme com o galardão de Melhor Filme. Compro pipocas para mim, *Junior Mints* para ele, que acabo sempre por deitar fora. Que tipo de espírito maligno gosta de *Junior Mints*?

Levantei as mãos como quem diz *eu não*.

– Apenas o palerma do meu irmão. – O Jeremiah desenhou estrelas nas margens da página das palavras cruzadas. – Formávamos uma boa equipa.

– Sentes a falta dele.

– Sinto.

– Estou farta que me digam que as coisas vão melhorar. – Fiquei a olhar para as estrelas. – Isto nunca melhora, pois não?

Fez um ruído evasivo.

– Agora já não custa tanto. A dor é menos acutilante, mas continua presente. Certas manhãs, acordo e não vejo logo a cara dele. Isso dói de uma maneira muito própria.

– Eu não quero deixar de ver a cara dela. Nunca.

– Eu sei.

Consultei o relógio.

– Merda. Faltam dois minutos para a minha sessão individualizada. – Demorei-me sentada à mesa, sem querer que aquela conversa acabasse.

– É melhor não te atrasares. Vai pelas traseiras, que é mais perto.

– Foi o que ela disse – disse eu, já a correr.

Minutos mais tarde estava sentada à frente da Rebecca no sofá do gabinete dela. Ela trazia uma *T-shirt* e umas calças pretas e justas, os pés descalços, as unhas dos dedos dos pés pintadas da cor do sangue coagulado. Sondou-me calorosamente. Fiz um esforço para não desviar o olhar. Eu queria ser um *tsunami*.

Ao fim de meio minuto de silêncio, enrugou os lábios com um ligeiro tom de ameixa.

– Já pensaste no teu mantra?

Hesitante, disse que sim com a cabeça. Passara as noites obcecada a pensar nisso. A tarefa parecia-me um teste no qual não podia ficar mal. Inclusive, tentara pensar em alguma coisa relacionada com um *tsunami*, mas decidira que isso seria muito bajulador, apesar de ser verdade.

A Rebecca aguardou, sem tirar os olhos de mim. Ela tinha autocontrole demais para repetir a pergunta ou tamborilar os dedos no braço da cadeira. Demorasse o tempo que demorasse, ela ficaria ali pacientemente sentada.

Mexi no elástico do pulso.

– Morre com memórias, não sonhos.

Os seus olhos reluziram.

– Outra vez, com confiança.

Enchi o peito de ar, invocando um falso arrojo.

– Morre com memórias, não sonhos.

Ela brindou-me com um largo sorriso.

– É perfeito. – Eu suspirei. – És tão inteligente.

– Acha? – perguntei, desconfiada, mas esperançosa.

– Temos de trabalhar a tua autoconfiança. Nós não *achamos*, nós temos a certeza. Como é que este mantra te guiará?

– Lembrar-me-á de que não devo ter medo. Que devo correr riscos. Viver a vida que deveras quero e não aquela que acho que devo ter. – Baseara esta ideia no sermão da April.

A Rebecca assentiu uma vez.

– Já estás a assumir mais controlo. Só estás aqui há duas semanas e já dá para perceber a evolução. Diz-me o que pensas de Wisewood.

– Tem sido maravilhoso. Toda a gente é muito simpática e franca. – Enfiei as mãos debaixo das pernas. – Os hóspedes são diferentes do que estava à espera.

Ela esperou que eu desenvolvesse.

– Estão muito confiantes em relação a deixarem as suas vidas antigas. –

Virei-me para a janela, outro dia de sol. – A maioria deles não sente remorsos por deixar os amigos e a família.

Ela levantou uma mão.

– Porque deveriam sentir? Os outros hóspedes, teus colegas, é que foram abandonados. O Sanderson está aqui porque os pais dele o puseram na rua quando ele mais precisava deles. A Ruth veio para aqui porque toda a sua comunidade a marginalizou em vez de lhe perdoar. A Debbie veio para Wisewood para escapar a um companheiro abusivo. Para se neutralizar uma ameaça nem sempre é preciso ficar para lutar. Por vezes, é preciso fugir a sete pés.

Mordi o lábio, ponderando sobre estas palavras.

– Os teus colegas foram rejeitados pelos vizinhos, irmãos e pais. Tal como tu.

Virei-me de repente para a encarar.

– Como é que...

– Eu sei tudo sobre ti, Kit. – Inclinou-se para mim. Os pelos da minha nuca eriçaram-se. – Todos os teus familiares te trataram de forma deplorável – disse, carinhosamente.

– Isso não é verdade.

– Ai não? – Recostou-se, o olhar pleno de compaixão. – E o teu pai?

Abanei a perna.

– Nem sei se lhe posso chamar família. Teve um caso com uma colega de trabalho quando a depressão da minha mãe piorou. Saiu de casa quando eu tinha três anos. – Comecei a mexer numa crosta nas costas da mão; na semana anterior, queimara-me ao ajudar a Debbie a tirar uns tabuleiros de frango do forno. – Ele liga-nos pelos aniversários e no Natal. A minha irmã fala com ele, mas eu não o atendo.

A Rebecca brincou com um pendente de prata que balouçava à beira do decote. Tinha uma pequena marca de nascença no meio do peito.

– E a tua mãe?

Empertiguei-me. A minha mãe nunca era a primeira a terminar um abraço. Ensinara-nos a fazer uma fogueira e a assar *marshmallows*. Contava histórias de fantasmas que nos faziam dar gritinhos, mas que não provocavam pesadelos. Deixava-nos acampar no jardim das traseiras e dormia connosco na tenda. Nós costumávamos discutir por causa de quem receberia o seu último beijo antes de irmos dormir – ela costumava passar da cara de uma para a outra até estarmos as duas a dormir, por isso nunca sabíamos quem recebia o último.

– Ela era fantástica – foi tudo o que consegui dizer.

A Rebecca inclinou a cabeça, estudando-me.

– Eu sei que sim, mas também foi muito ausente, não foi? Recitais de dança, peças da escola e coisas do género?

Fiquei embasbacada. Como é que ela sabia?

– Ela fez o melhor que conseguiu. – Agarrei-me ao lenço da minha mãe.

– O melhor que conseguiu foi o suficiente? – Olhou fixamente para o lenço de seda à volta do meu pescoço.

– Não posso falar mal da minha mãe.

Os olhos cinzento-violeta da Rebecca cintilaram.

– Eu sei que é difícil. O objetivo destes encontros é ajudar-vos a atingir a intrepidez. Pelo caminho, perceberão que, quanto mais francos forem com os outros e, em especial, com vocês mesmos, mais depressa evoluirão. A tua mãe tinha fraquezas.

– Todos temos.

– Ela optou pela vitimização. Virou-vos costas quando vocês mais precisavam.

– Uma pessoa não pede para sofrer de depressão. Tal como não pede para ter cancro ou esclerose lateral amiotrófica. Ela lutou com todas as forças a vida inteira.

– Kit, quem é que te preparava para ires para a escola de manhã? – A Rebecca sorriu com tristeza. – Quem é que preparava a tua roupa e quem tratava de te dar de comer?

Baixei a cabeça.

– A minha mãe e a Nat.

– Pelo que me é dado a entender – disse, num tom brando –, a tua irmã assumiu a maior parte da responsabilidade.

– Como sabe todas essas coisas sobre mim? – As únicas pessoas em quem confiei aqui foram a April e a Georgina. Nunca pensei que qualquer uma delas fosse capaz de revelar os meus segredos, mas agora começava a ter dúvidas. Eu não lhes pedira explicitamente para não contarem histórias sobre a minha mãe, mas, por favor, isso era óbvio. Tratava-se de coisas pessoais.

– Isso é importante?

– Eu contei estas histórias às minhas amigas em jeito de confidência.

Ela inclinou-se outra vez. O pendente balançou por cima dos seus seios.

– Deverias ter cuidado com quem consideras amigo. E ainda mais cuidado em quem confias. Quão bem conheces essas pessoas?

Encolhi-me. Desde o exercício de transferência que a April não voltara a falar sobre o afogamento do seu ente querido e eu não achara correto insistir para saber mais detalhes. Aquela aula assumira contornos sacramentais – o que era partilhado no pré-fabricado ficava no pré-fabricado. Não obstante, apesar de não termos conversado sobre a acusação da April, nós as três percebêramos em duas semanas que tínhamos imenso em comum. Os pais da April também se tinham divorciado quando ela era pequena. Tal como

eu, a Georgina fora apanhada a roubar em adolescente. Ambas desejavam que as suas primeiras vezes tivessem sido com outra pessoa. Eu também. Olhei para os pés. Pensei que éramos amigas.

– Ouve o que te digo: esta conversa não é uma acusação à tua mãe. É evidente que ela tinha muitas virtudes, se criou uma filha forte e inteligente como tu. – A Rebecca baixou a cabeça, tentando fazer com que eu olhasse para ela. – Resiste à ânsia de a defenderes. Estamos todos condicionados a aceitar o mau comportamento para mantermos a paz na unidade familiar. Para apresentar essa unidade como feliz e funcional aos olhos do resto da sociedade.

– A isso chama-se condicionamento ou lealdade?

– Condicionamento. Embelezar as nossas memórias só nos impede de seguir o caminho até ao nosso «Eu» Maximizado. Não quero que condenes a tua mãe, apenas que admitas que, em momentos críticos da tua vida, ela te deixou ficar mal.

Relutante, expirei profundamente.

– Acho que tem razão. – Se o que acabara de admitir era verdade, porque é que eu sentia que era uma traição?

A Rebecca fechou os olhos.

– Tu és mais forte do que pensas, Kit. Não duvido que percorrerás o caminho em dois tempos.

Reconfortei-me. Parte da apreensão diminuiu.

– Agora quanto à tua irmã. Natalie, não é?

Mirei-a, prudentemente.

– Ela sempre esteve disponível quando precisaste dela, mas não te repreende sempre que tentas explicar a tua infelicidade, o teu desejo de obter mais do mundo?

Isso de certeza foi revelado pela April ou pela Georgina, ou pelas duas. Eu dissera isto sobre a Nat quando estávamos a conversar no meu quarto na outra noite. A duplicidade magoou-me.

Mordi o lábio inferior.

– Ela quer assegurar-se de que sou saudável e feliz.

– És?

Olhei-a fixamente.

– Feliz? – incitou.

Fixei o olhar nas prateleiras por detrás dela. Títulos aleatórios saltaram-me à vista: *Sem Deixar Rasto*, de Jon Krakauer; *Can't Hurt Me*, de David Goggins.

– Em grande parte – respondi, tarde demais.

Ela inclinou-se para a frente para passar o dedo pelo elástico no meu pulso.

– O que me tens a dizer sobre isto?

Senti-me agoniada.

– O que é que tem?

– Estalas o elástico para não teres de arrancar cabelo, não é?

Corei de vergonha, rubra e fervente. Eu tentara ter cuidado, não dar nas vistas. A ânsia de estalar o elástico percorreu-me os dedos. Sentei-me outra vez em cima das mãos.

– Quando começaste a fazer isso?

Falar do assunto intensificou a vontade, como pensar numa comichão que não devemos coçar.

– Depois de ela morrer.

– Sentes-te culpada da morte dela?

– Sinto-me culpada de muitas coisas.

– Então, não és feliz, Kit, pois não? – Sentou-se ao meu lado no sofá. – Não se tens necessidade de te castigar desta forma.

Desejei que o rubor desaparecesse da minha cara.

– Não tenhas vergonha. – A Rebecca puxou a minha mão de debaixo da perna e segurou-a. – Resolveremos isto juntas. No fim da tua estada, não precisarás mais disso. – Indicou o elástico. – Verás.

O misto de vergonha e esperança e vergonha pela minha esperança – o modo como ansiava desesperadamente por qualquer vislumbre da mesma – deixou-me os olhos em lágrimas. Pestanejei para as afastar antes de ela as conseguir ver. Eu nunca seria tão forte como a Rebecca.

– Voltemos ao tópico da tua irmã. – Deu-me uma palmadinha na mão. –

Ela quer que tu sejas feliz à maneira dela, não à tua. Quantas vezes tentaste explicar-lhe isso?

Este processo apenas resultaria se eu me tornasse vulnerável. Se não conseguia ser tão forte como ela, no mínimo podia ser franca.

– Muitas.

– Quantas vezes a conseguiste fazer compreender?

Comprimi os lábios, enviando um pedido de desculpa tácito para a Nat.

– Nenhuma.

– O que é que a Natalie pensa sobre a tua presença aqui?

– Ela acha que é um desperdício do meu tempo e dinheiro. – Mordi o interior da bochecha. – Ela não acredita nestas coisas.

Desde os tempos de criança que a minha irmã era assim. Quando eu queria fazer de conta que o parque infantil lá do bairro era um parque de diversões, ela punha-se a enumerar todos os motivos por que isso era impossível. Quando eu queria fazer uma construção de lego uns centímetros mais alta, ela desatava numa dissertação sobre estabilidade arquitetónica. Quando, certas férias de verão, estávamos deitadas no parque e eu dizia que ouvia a música da carrinha dos gelados, ela dizia que não ouvia coisa alguma, que o homem dos gelados não vinha às segundas-feiras.

Porque não podes simplesmente acreditar?, apeteceu-me perguntar-lhe.

A Rebecca anuiu com ar cúmplice.

– Portanto, a Natalie virou-te as costas ao minimizar as tuas necessidades. Repara que eu não disse desejos, mas necessidades, pois acredito que estejas a correr um grave perigo. Mesmo que estejas aqui sentada à minha frente muito controlada, estás a implorar por algo mais.

Apontei os olhos para os dela. Até ao momento, tudo o que conseguira fora sentir-me horrível em relação à minha família e perceber que as minhas novas «amigas» eram umas coscuvilheiras. Queria muito que a Rebecca estivesse equivocada em relação às pessoas da minha vida, mas não estava.

Passou uma madeixa de cabelos perlados por detrás da orelha. No interior do pulso, tatuada a tinta branca, tinha uma única palavra: RESISTIR.

Cruzou as pernas e passou os pés por detrás dos tornozelos contrários.

– Pousa a cabeça no meu colo.

Não percebi à primeira.

– O teu corpo está sob tensão. Para continuares a progredir durante esta sessão, precisas de relaxar. Uma breve massagem nas têmporas costuma resolver.

Eu deixei-a guiar-me a cabeça para cima das pernas cruzadas. Passou os dedos pelo meu cabelo, afastando-o com delicadeza da cara. Fechei os olhos, senti a pressão nas têmporas. Dedos macios massajaram formando pequenos círculos. Fiquei ali deitada, inquieta com a invulgaridade de deixar uma mulher praticamente desconhecida segurar-me desta maneira.

Porém, ao fim de dois minutos, a minha respiração abrandou e relaxei os ombros. Senti a cabeça a flutuar.

– Ora aí está – arrulhou. – É isso mesmo.

Escutei a respiração de ambas, em sintonia. O mundo do lado de fora do gabinete estava em silêncio. Fiz por esquecer a minha mãe, a Nat, a April e a Georgina.

– Descreve o momento em que decidiste vir para Wisewood.

Mantive os olhos fechados.

– Há uma semana que tinha o formulário de candidatura na caixa de entrada. Era uma tarde de quinta-feira e eu estava no trabalho, a comer sobras de massa ao almoço, quando tive uma estranha sensação de *déjà-vu*. Tentei lembrar-me se comera massa no dia anterior ou no outro, mas não me consegui lembrar. Não me consegui lembrar de quando a fizera nem o que comera ao almoço em qualquer dia da semana. – O meu timbre subiu. –

Por instantes, nem sequer me consegui lembrar de que dia da semana era, todos misturados num só, e entrei em pânico.

Ficara com os ombros outra vez sob tensão. A Rebecca agarrou-os e massajou-os.

– Relaxa – entoou. – Relaxa.

Baixei o tom de voz e tentei outra vez.

– Eu andava apática, passando os dias como uma sonâmbula. Tomava um banho de chuveiro, ia trabalhar, comia, trabalhava mais um pouco, ia para casa, via televisão, ia beber um copo, ia para a cama, levantava-me e voltava a fazer o mesmo. Todos os dias da semana. Durante um ano. Tive medo de que, quando desse por isso, tivesse 40 ou 80 anos, ou uma idade qualquer entre essas, e diagnosticada com uma doença terminal. Quando não consegui adormecer nessa noite, preenchi a candidatura.

Eu tentara encontrar um sentido para a minha vida. Depois de a minha mãe morrer, mudara-me para Nova Iorque, pensando que uma cidade nova resolveria o problema. Como não resolveu, fiz aquela viagem à Tailândia, ficando em *hostels* para não gastar muito dinheiro. Considerei a possibilidade de voltar a estudar, mas já acumulara uma dívida de trinta mil dólares em empréstimos para os estudos e fiquei agoniada só de pensar em aumentá-la. Em vez disso, arranjei um emprego de rececionista. De vez em quando, descrevia o tédio aos colegas de trabalho e à Nat, mas ninguém me compreendia. Sugeriram que procurasse outra carreira ou deixasse Nova

lorque. Tentei explicar que o problema não era o emprego nem a cidade – eu sentira-me encurralada em Tempe e em San Diego –, mas não compreenderam. Passou-se outro mês.

Abri os olhos. A Rebecca estava a observar-me de cima. Sentei-me, arrastei-me para a outra ponta do sofá e abracei os joelhos.

– Não conseguia deixar de pensar que seria assim o resto da vida. E se, um dia, olhasse para trás e percebesse que não fizera outra coisa a não ser comer restos de massa durante quatro décadas?

– Foi por isso que vieste para aqui.

– Foi. Gosto que todos os dias sejam diferentes. Consigo ouvir-me a pensar outra vez.

Ela observou-me com as suas longas pestanas.

– Parece-me que há um «mas».

Soltei as pernas e pousei os pés no chão.

– Sinto a falta da minha irmã. – Puxei outra vez os cantos da crosta. Sabia que não a devia puxar. A Nat ter-me-ia dito para não fazer isso. O mais certo seria procurar *Neosporin* e um penso rápido na sua bolsa. Eu nunca andava com pensos rápidos. – É verdade que ela consegue ser pouco solidária – disse, ainda a arrancar a crosta –, mas também seria capaz de fazer qualquer coisa por mim. Não falámos muito desde que a minha mãe... a senhora sabe. Eu comportara-me como se a morte dela fosse culpa da Nat, mas não foi.

– Vais arrancar essa coisa? Ou vais torturar-te o resto da vida? – A Rebecca olhou fixamente para as minhas mãos.

Estremeci, parei de arrancar a crosta e passei os dedos pela pele.

– Está a começar a sarar. É suposto não se mexer nas crostas.

– Que piada tem isso? – Piscou-me o olho.

A Rebecca passou a mão pelo cabelo platinado, as unhas negras como aranhas a correrem pelo couro cabeludo.

– É comum os alunos sentirem solidão ou saudades de casa durante os primeiros meses que passam aqui, mas eu prometo que, se te entregares ao programa, encontrarás a tua tribo.

»O melhor de tudo é que os teus colegas não se contentam com passar a vida como as ovelhas de uma manada. Tal como tu, querem fazer a diferença. Não estão interessados em ter um emprego, em beber de forma

excessiva e frenética e em ficar a ver a vida a passar. Serão mais solidários a ajudar-te a encontrares o teu caminho do que a tua irmã alguma vez foi.

Mordi o lábio. Não ser constantemente ridicularizada, passar os dias com outras pessoas que compreendiam aquilo que eu procurava. Lembrei-me do exercício de transferência parental, em estar rodeada de pessoas dispostas a fazer o que fosse preciso para criarem uma vida com mais sentido para si mesmas.

– Além disso, tens-me a mim. – Aproximou-me até os nossos joelhos se tocarem. – Nós podemos ajudar-nos uma à outra, sabes?

Os meus olhos adejaram até à cara dela.

– Acho que és exatamente a pessoa de que Wisewood precisa.

No camarim, o Gabe despediu-se, sorridente e gaguejando os seus agradecimentos. Percorreu o corredor a passos largos e deixou-me sozinha com a Jack.

Ela precipitou-se para o interior e envolveu-me num abraço, como se não tivesse passado a maior parte da sua vida adulta a evitar-me. Eu não mexi os braços.

Afastou-se.

– Estou tão orgulhosa de ti. O público adorou-te, *Madame Intrépida*.

Assenti com a cabeça.

– Obrigada, Jack. – Há séculos que não via a minha irmã. A maquilhagem desastrada fazia-a parecer bastante mais velha do que 27 anos. Em determinado momento, terá posto um *piercing* no nariz, o que me pareceu desesperadamente insípido.

Hesitou.

– Agora tratam-me pelo meu verdadeiro nome.

Soergui as sobancelhas, espantada por a minha irmã, por fim, ter ganho tomates.

– Estou a ver. E como é que o Sir te chama hoje em dia, Abigail?

Eu já sabia que o seu rosto iria ensombrecer. Enfrentar o mundo inteiro era uma coisa, mas enfrentar o nosso pai era outra.

– Queres ir jantar? – perguntou, ansiosa por mudar de assunto. – Pago eu. Deixa-me ir primeiro levar o Sir a casa.

Pelo menos teve o bom senso de não o convidar.

Meia hora depois, encontrou-se comigo num restaurante familiar italiano. O primeiro copo de vinho tinto escoou-se depressa para ambas, mas a Jack emborcou o dela como se houvesse uma seca na Toscana. Depois fixou o

olhar no copo; estava à espera que eu dissesse alguma coisa, mas eu não imaginava o quê.

Quando a comida chegou, esparguete à bolonhesa para ela, frango *cacciatore* para mim, eu já sabia todos os pormenores da vida da Jack. A julgar pelo que me dissera, eu tinha agora ainda menos em comum com a minha irmã do que quando éramos crianças. Em breve iria casar com o namorado que conhecera na universidade, teria filhos e continuaria a gerir a sua pequena empresa de *marketing* com clientes na zona ocidental do Ohio. A sua vida era deveras típica da região centro-oeste. Nem dava para acreditar que alguém com uma infância com tantos altos e baixos pudesse transformar-se numa coisa tão desinteressante.

– É uma pena a mãe não poder vir hoje – disse a Jack a meio do terceiro copo. – Ela teria adorado o espetáculo.

– Teria? – Recostei-me no cubículo de couro vermelho pegajoso. – Ela está demasiado ocupada a bajular o nosso pai para ter uma opinião própria. E, a julgar pela crítica verbal que ele fez, preferiria ser queimado vivo do que obrigado a assistir a outro espetáculo meu.

A Jack soergueu as sobancelhas.

– Com a breca. O que foi que ele disse?

– O costume. Que eu sou uma fracassada abjeta e que a minha carreira é vergonhosa. Desta vez, comparou-me a uma prostituta de rua, o que foi uma inovação.

Ela estremeceu.

– Pensei que fosse portar-se como deve ser.

Fixei o olhar na minha irmã.

– Ele alguma vez se portou como deve ser?

Ela contorceu-se debaixo do meu olhar fulminante.

– Nem sequer percebo porque o trouxeste.

– Achei que seria boa ideia reunir a família. Tu convidaste-o, não convidaste?

Quem me dera não o ter feito.

– Estava só a ser simpática – disse ela.

Amarrotei o guardanapo de papel e larguei-o em cima do prato ainda com comida. O pouco apetite que tinha desaparecera.

– É um bom momento para começares.

A minha irmã observou-me, os lábios comprimidos. Eu queria que as minhas palavras a magoassem, mas senti como se me tivessem espetado uma faca na barriga.

– É agora que me vais dizer que a culpa foi minha? – Enterrei mais o guardanapo no molho e vi o papel branco a ficar vermelho do tomate. – Que se eu fosse mais como tu quando éramos novas, ele não teria sido tão horrível?

– Nada disso. – A Jack engoliu a saliva. – Não sabia que as coisas da nossa infância ainda te incomodavam.

Franzi o cenho para os outros clientes que sorviam ruidosamente os seus macarronetes, limpando molho alaranjado dos lábios gretados e queixos salpicados.

– Incomoda-me que venhas ao meu espetáculo e te portes como se fôssemos as melhores amigas, quando passaste a maior parte da nossa vida a fingir que eu não existo.

Ela ruborizou.

– Estava a tentar libertar-me do passado. Começar de novo.

– Alguns de nós ainda estavam presos. Eu precisava de ti.

– Eu não deveria ter-vos metido no mesmo saco. Agora compreendo isso. Desculpa por me afastar de ti.

Alguns pedidos de desculpa, mesmo que sinceros, eram ridiculamente desadequados.

– Eu sempre me prejudiquei para te defender. – Fiz um esforço para a voz não me tremer. – Subi para o barco no lago Minnich para não te meteres em sarilhos. Tu sabias como eu tinha medo de água, mas quase me deixaste afogar.

– Atirei-me à água para te ir buscar. Salvei-te.

Salvaste-me? A fúria e a mágoa eram sinais de fraqueza, o medo a manifestar-se de diferentes formas. A fúria era inquestionavelmente mais fácil.

– Não terias de ter de me salvar se me tivesses defendido logo à partida – retorqui. Queria magoar a minha irmã e, ao mesmo tempo, protegê-la de mim. Porque não conseguia esquecer aquilo? Que direito tinha eu de impor sensatez aos outros quando estava a remexer nas mesmas velhas feridas?

– O que ganharíamos com isso? Ser atiradas as duas para a água? Ele deixar-me apeada numa qualquer praia deserta para descobrir o caminho

sozinha para casa? A mãe desesperada à minha procura no escuro com uma lanterna?

– Ele nunca bateu em nenhuma de nós.

– Eu tinha medo de que um dia batesse. Olha, desculpa se não te protegi naqueles tempos e por te ignorar durante a universidade. Agora estou a tentar compensar isso. – Com um gesto, indicou os pratos em cima da mesa entre nós. – Gostaria que fôssemos mais próximas.

Passou-me pela ideia abraçá-la, mas em vez disso cruzei os braços.

– Porquê agora? Porque esperaste até eu começar a ter sucesso para te aproximares de mim?

Ela revirou os olhos.

– Admiro o sucesso que alcançaste, mas não nos precipitemos. Estás longe de alguém se querer aproveitar de ti pela tua «fama».

Fiz um esforço para não lhe cravar as unhas na cara. O que é que ela dissera quando eu lhe telefonara a dizer que ia desistir dos estudos para fazer uma digressão? *Não podes escolher uma carreira que seja menos... constrangedora?* Ela sempre tivera dúvidas em relação a mim. Continuava a não acreditar na minha missão.

– Passei o último ano a tentar aproximar-me de ti – disse. – Tu é que estás sempre a ignorar-me.

É bom, não é, maninha? Eu viera a este jantar com duas opções: podia retomar o nosso relacionamento ou podia fazê-la sentir-se tão indesejada como ela fizera a mim. Não me orgulhava da minha escolha, mas mantê-la-ia. Desejava mais a dor dela do que a minha felicidade.

Quando sondei a minha irmã, já não vi a rapariga com quem construía fortes e perseguira pirilampos. Vi as centenas de vezes que ela se esquivara aos meus telefonemas ou fizera de conta que não era nada com ela. Aos 18 anos, a Jack mudara-se para a outra ponta do país para começar de novo, mas desde então que estava a resvalar para as areias movediças do medo. O regresso ao Ohio, a quantidade de jantares, partidas de cartas e filmes que de certeza agora partilhava com o Sir. Como é que ela conseguia convidá-lo para a vida dela depois de tudo o que ele fizera? Ela era mais fraca do que eu poderia imaginar.

Belisquei a dobra do braço debaixo da mesa até rebentar vasos capilares.

– Acho que não mereces fazer parte da minha vida – afirmei. Nem todos podiam ser salvos. Nem todos o mereciam.

A Jack ficou boquiaberta. Ficou ali, a pestanejar e incrédula.

– Isso é tão cruel.

Pus a bolsa ao ombro e saí do cubículo.

– É de família.

Kit

Julho de 2019

Saí lentamente do gabinete da Rebecca e, aturdida, desci a escada em caracol. Os meus pés levaram-me até à cantina. Cá fora, debaixo do sol ofuscante, percebi vagamente os hóspedes a tratar da horta, cenouras e couves-frisadas à esquerda, curgetes e ervilhas à minha direita. Uma luta de pensamentos contraditórios.

Apenas eu posso criticar a minha família.

Ela tem razão: eles desiludiram-me. Eles amaram-me, protegeram-me e salvaram-me – mas também me desiludiram em centenas de pequenas coisas e outras menos pequenas.

Isso não é normal? Não acontece a todos os pais e irmãos ficarem aquém do que é esperado numa ou noutra situação?

Mas será que todos os pais ficam aquém como os meus ficaram?

Qual o problema de querer dedicar seis meses a melhorar a minha vida? Que direito tem a Nat de me fazer sentir mal?

Fiquei de pé à entrada da cantina a tentar aclarar as ideias. A Georgina acenou do outro lado da sala. Eu franzi o semblante e caminhei para a mesa onde ela e a April estavam sentadas.

– Outra vez sanduíches de mortadela – disse a Georgina em jeito de saudação. Estava a usar um vestido comprido azul-turquesa que fazia os seus olhos parecer ainda mais verdes. Enrugou o nariz.

– O que é que uma rapariga tem de fazer para arranjar um pouco de maionese por aqui?

– Mostarda seria ainda melhor – disse a April.

Começaram a debater as vantagens da mostarda de Dijon em relação à mostarda de mel. Depois de ir buscar a minha sanduíche, sentei-me à frente da April e ao lado da Georgina.

A April estava a manifestar-se efusivamente sobre uma palestra a que assistira e que explicava como separar a autoestima dos sucessos e fracassos em termos de carreira.

– É isso que me tem impedido de seguir em frente. – Espetou um dedo nos apontamentos do seu diário. – Foi por isso que não me despedi do emprego.

A Georgina estava a ouvir, assentindo quando se revia em alguma coisa que a April dizia. Qual delas teria feito a inconfidência à Rebecca? A Georgina era mais coscuvilheira, mas a April era mais dedicada ao programa. Dei uma dentada na sanduíche seca.

A Georgina deu-me uma cotovelada.

– Hoje estás muito calada.

A April procurou com os olhos a Raeanne, com medo de termos problemas por violar outra vez a proibição de contacto físico, mas ela estava ocupada a repreender dois adolescentes ali perto.

Eu encolhi os ombros e continuei a comer. Deveria falar no assunto? Não as queria incomodar. Ao fim de algumas semanas em que as horas acordada eram passadas quase na íntegra com elas, tornara-me mais íntima destas duas do que de colegas da secundária e da universidade com as quais perdera o contacto.

– Como correu a tua sessão? – quis saber a April.

– Ela é intensa. – Concordaram as duas com a cabeça. – Sabe imensas coisas sobre mim e a minha família. – Hesitei, depois decidi que tinha de saber. – Coisas que eu não lhe revelei.

– Ela é muito intuitiva – disse a April. – Também adivinhou a minha dinâmica familiar.

– Ela não estava a adivinhar. – Meti o último pedaço de sanduíche à boca. Elas fitaram-me, à espera de uma explicação.

– Alguma de vocês lhe disse alguma coisa? – Fiz a pergunta com firmeza e limpei as mãos às calças de ganga.

A Georgina tentou olhar para os olhos da April, mas esta estava a fitar-me com um ar indagador.

– Aquilo que eu vos contei sobre a minha mãe e a minha irmã? – expliquei.

Elas arregalaram os olhos. Os segundos de silêncio entre a minha pergunta e as respostas delas foram lacerantes. Senti o coração a bater com força na garganta.

– É claro que não – respondeu a Georgina.

– Essas histórias não são nossas para as partilharmos – concordou a April.

Assenti com a cabeça e pus o prato de lado, pensando em esquecer o assunto, mas não consegui.

– Não percebo de que outra maneira ela poderia ficar a saber. Vocês são as únicas pessoas de Wisewood a quem contei.

A April e a Georgina entreolharam-se por instantes antes de se virarem outra vez para mim.

– Ela já aconselhou tantos hóspedes – aventou a April. – Deve saber a que sinais estar atenta. Dá para perceber que ela tem uma excelente intuição.

– Ela sabia que a Nat preparava as minhas coisas para a escola de manhã. Que a minha mãe não assistia aos meus recitais de dança. – Ruborizei.

Ficámos todas em silêncio durante um minuto. Fiquei cada vez mais vermelha.

– Isso é estranho. – A Georgina rodou os anéis grossos nos dedos. – Mas, como disse, eu não lhe revelei nada. A April diz que também não. – Como eu não reagi, acrescentou: – Parece que estás a acusar-nos. – Como eu continuei calada, esticou o seu pescoço de cisne. – E eu não gosto disso.

– Não estou a acusar ninguém de coisa alguma. Apenas estou confusa.

– Perguntaste-lhe como é que ela sabia? – perguntou a April.

Assenti com a cabeça.

– Ela disse que isso não importava.

O silêncio que se seguiu deixou implícito que elas concordavam. Talvez tivessem razão e eu estivesse a fazer uma tempestade num copo de água.

– Nós nunca te faríamos isso – disse a April, a cara em forma de coração a transbordar sinceridade. – Podes confiar em nós.

– Isso até pode ser bom – disse a Georgina. – Agora já não tens segredos.

– Tens razão. – Acenei com a cabeça, pouco convencida. – Desculpem. Não sei no que estava a pensar. Este sítio está-me a deixar a cabeça à nora. –

Pigarreei. – Quanto ao debate sobre os condimentos, era capaz de matar por um pouco de *Cholula*, para disfarçar o sabor da mortadela.

As duas deram risadinhas. A tensão dissipou-se.

Eu fiquei mais alguns minutos para ter a certeza de que não estavam chateadas comigo, depois pedi licença antes do fim da hora do almoço, desculpando-me com um atraso nas minhas tarefas. Como gesto de boa vontade, levantei as bandejas delas junto com a minha. Ao deixá-las, acenei, com a esperança de não ter criado animosidade. A April e a Georgina eram mulheres espirituosas e divertidas e eu gostava da companhia delas.

Todavia, por muito perspicaz que a Rebecca pudesse ser, não era omnisciente. Eu não acreditava que ela tivesse intuído todos aqueles pormenores sobre mim ao fim de uma sessão de uma hora.

Uma delas tinha de estar a mentir.

Só não sabia qual.

Saí da cantina. O sol queimou-me os ombros. Abanei a mão à frente da cara, amarrei o cabelo num rabo de cavalo e deixei-o cair pelas costas. Desejei que uma borrasca terminasse com este calor, que chegasse o outono ou um aparelho de ar condicionado. Quando o tempo ficava assim obstinado, não havia para onde fugir.

Abri a porta das traseiras da casa da Rebecca e virei à direita. Na lavandaria, estavam no chão doze cestas de roupa e toalhas à espera de serem lavadas, secas e dobradas. Abri as portas das quatro máquinas de lavar industriais e carreguei os tambores. Medi o detergente, fazendo um esforço para pensar noutra coisa.

De qualquer maneira, eu teria partilhado as histórias nas aulas ou numa sessão individualizada. Que mal tinha se alguém se deixara levar e dera com a língua nos dentes? Disse para comigo que não tinha importância, jurei esquecer a provação. O mal-estar na barriga persistiu.

Não me faria mal diversificar, fazer novos amigos. Estivera tão absorta com a April e a Georgina que prestara pouca atenção aos outros hóspedes. Chegara o momento de me deixar de preocupar com os outros – com o que a Nat pensaria de Wisewood, o que a Rebecca pensava de mim. Precisava de me concentrar naquilo que eu pensava.

Fechei as portas das quatro máquinas. Os tambores começaram a rodar. Sentei-me no chão de ladrilhos e encostei-me a uma máquina de secar. Olhei para o teto – tudo o que me separava da Rebecca. Questionei-me como ela passaria a sua hora do almoço. Nunca a vira na cantina. O que

estaria a fazer neste momento? O que queria dizer quando disse que eu era exatamente a pessoa de que Wisewood precisa?

Absorta, levei a mão ao cabelo. Enrolara os dedos nas primeiras madeixas quando percebi o que estava a fazer e levei a mão ao elástico. Examinei as minhas mãos, a pequena mancha de pele castanha feia com rebordos rosados.

Arranquei a crosta.

O Gabe endireitou o forro de seda preta do caixão pela terceira vez. Eu dei-lhe uma palmada na mão.

– Basta de excitação – disse eu. – A sala está sublime.

Inspecionámos a galeria que se tornara a nossa segunda casa. O telhado, sete metros acima das nossas cabeças, era feito de claraboias e vigas de madeira à vista. Colunas do tamanho de troncos de árvores antigas suportavam o teto. Havia lâmpadas dependuradas de fios compridos espalhadas pelo espaço. O céu noturno com estrelas como olhos espreitava pelo teto, cintilando de curiosidade por causa das impossibilidades que, dizia-se, iriam ocorrer aqui.

Como era habitual, as paredes estavam brancas e imaculadas, sem qualquer desenho, quadro ou fotografia. Para este número, criámos letras de quase dois metros com fita isoladora preta, colando uma única palavra em cada parede da galeria.

**O
MEDO
IRÁ
MATAR-TE**

Radiante, ele bateu palmas.

– Isto vai acontecer graças à tua genialidade.

Segurei-lhe a cara entre as mãos e encostei a testa à dele.

– O que seria de mim sem ti?

Já não me bastava engolir vidro ou aranhas como fizera na digressão *Intrépida*. Em meados dos anos noventa, essas proezas tinham-se tornado banais. Não havia um risco suficiente envolvido; eu queria ir mais longe.

Queria que a minha vida estivesse em perigo. Foi assim que nasceu o espetáculo *Madame Intrépida Apresenta... Asfixiada*. Havia melhor maneira de demonstrar intrepidez do que manter a cabeça dentro de um saco de plástico até perder a consciência?

O Gabe ajudou-me a planear esse primeiro espetáculo em 1985. Encontrou esta galeria em Brooklyn, a qual passaria a ser o nosso local para quase todos os espetáculos. Os gigantescos ecrãs de cinema em duas paredes tinham sido ideia do Gabe, uma maneira de enfiar a minha imagem de marca de intimidade desconfortável pela goela dos espectadores abaixo. Também foi ideia dele transformar a minha obra em eventos únicos, em vez de coisas que eu repetia em salas de espetáculos por todo o país. Eu tentava criar um espetáculo novo todos os anos, mas às vezes passavam-se dois ou três anos antes de conseguir aperfeiçoar uma proeza.

Depois desse primeiro espetáculo, fiquei preocupada porque só apareceram uma dúzia de espectadores. Como é que eu iria transformar as vidas das massas, se as massas não apareciam?

Depois conheci Os Cinco.

O sorriso do Gabe esfumou-se quando a sua atenção se voltou para o centro da sala.

– Tens a certeza em relação a isto?

Eu fiz um estalido com a língua e afastei as mãos da cara dele. O Gabe fazia isto antes de todos os espetáculos: agonizava por causa da minha segurança, pensando que talvez tivéssemos ido longe demais. A ruga entre as suas sobrancelhas aquecia-me por dentro, mas nunca o admiti. Desejar que se atormentassem por minha causa, incentivar a preocupação, era a antítese daquilo que eu representava.

– Meu querido, adoro-te, mas não temos tempo para isto. – Dentro de dez minutos, o público entraria em fila indiana. O operador de câmara já instalara o seu equipamento.

– Mas...

– Gabriel, como podemos apregoar a importância da intrepidez se não formos nós próprios a dar o exemplo? – O melhor era interrompê-lo antes de ganhar ímpeto. Quando pressentia que o seu argumento tinha pernas para andar, nunca mais se calava.

Durante oito anos, eu e o Gabe passáramos noite após noite no meu desolador estúdio a trocar ideias sobre maneiras de levar a minha mente e o

meu corpo ao limite subsistindo com pouco mais do que macarronetes. Esparguete, macarrão, *ramen*; aquilo que fosse mais barato nessa semana era aquilo que comíamos de tigelas de plástico, os meus pés no colo dele enquanto cobríamos o pavimento laminado de ideias, esboços, fantasias. Quando ele stressava por causa das contas, eu segurava-o até ele relaxar os ombros; quando eu tinha bloqueios de criatividade, ele massajava-me as têmporas. Em muitas dessas noites, o Gabe não regressava ao seu apartamento, mas dormia o sono dos justos na minha cama. Quando começava a amanhecer, também nós prosseguíamos os nossos esforços.

Passei a língua pela parte interior dos dentes, fazendo uma pausa na pequena ranhura onde as duas metades se tinham fundido. Se eu conseguia cortar a língua com uma tesoura de poda, se eu conseguia enfiar a cabeça num saco de plástico, se eu conseguia passar um ano sem falar com outro ser humano, como é que esta proeza era diferente? Estes números eram o principal motivo por que me levantava da cama ao raiar do dia. Nada mais me excitava desta maneira.

O Gabe suspirou.

– Tu não tens medo de nada?

Às vezes interrogava-me porque é que ele aguentara oito anos comigo, sem compreender porque é que um homem que andava de patins em linha por diversão optaria por passar o seu tempo na decadência que era o meu mundo. Assim que se mudara para Nova Iorque para trabalhar para mim, pusera-o no melhor terapeuta da fala de Manhattan, utilizando quase todas as economias da digressão *Intrépida* para financiar as sessões, ao invés de reinvestir os fundos no meu trabalho. Esperava no átrio durante todas as sessões, encostava o ouvido à porta para me certificar de que o terapeuta não era demasiado exigente com ele. A confiança do Gabe subira a pique e eu ia deitar-me radiante.

Depois de alguns anos em Brooklyn, ele deixara de lado a conversa de ser um artista por direito próprio. Costumava dizer que éramos mais fortes como equipa. Preferia atuar nos bastidores. Eu apoiei esta decisão pois sabia que tinha sido ele, e não os seus problemas da fala, a tomá-la. Ele era uma equipa de apoio de uma só pessoa, a única pessoa que nunca questionara a minha necessidade de mutilar o meu corpo uma e outra vez. Em troca desta ausência de crítica, suportei as suas preocupações.

Virei as costas ao Gabe, fazendo sinal para ele correr o que faltava do fecho do meu *body* preto. O conjunto fora feito à medida e cingia todas as curvas. Sentia-me mais viva, mais desperta, do que alguma vez estivera em anos. Estava pronta.

– Confirma com o porteiro que não temos visitas inesperadas, está bem? – pedi.

O Gabe saiu pela porta e desapareceu na escuridão.

Na semana anterior, encontrara a minha antiga colega de quarto da faculdade, a Lisa, com a qual comunicara raras vezes ao longo da última década, em parte porque ainda estava ofendida por ela partir do princípio de que eu fracassaria nesta carreira, mas principalmente porque essas coisas acontecem. As pessoas afastam-se consoante a vida as leva por caminhos diferentes. Ela suplicara-me para almoçarmos naquele preciso momento. Quando nos serviram as saladas *niçoise*, já ela desabafara comigo a desgraça que era a sua vida. Três anos antes, casara com um homem vigoroso e jovial que a começara a enganar seis meses depois do casamento. Eu pensei que, certamente, o único dilema seria o facto de ter ou não recursos financeiros para comprar uma casa nova e temi que me pudesse pedir um empréstimo que eu não estava em posição de conceder. Em vez disso, quis saber como é que poderia seguir em frente com o homem que a enganara durante três quartos da sua vida de casados. *Estás sempre a dar conselhos sobre intrepidez*, disse ela. *Como é que eu deixo de ter medo que ele volte a trair-me?* Assim que consegui recompor-me do choque, disse-lhe que ela compreendera mal os meus ensinamentos. O medo que ela tinha agora de combater era o medo da solidão. Salientei que o marido apenas deixara de a enganar porque ela o apanhara; mais especificamente, a octogenária da lavandaria a seco da Lisa encontrara umas cuecas com racha dentro da manga do casaco do fato do marido. Ela tinha de o deixar já. A Lisa recusou com firmeza, insistindo que seria capaz de salvar o seu casamento. Eu tentei apelar à lógica e ao coração, mas nenhuma das abordagens resultou. Ela ficou ali sentada, agarrada a uma réstia de esperança que já se esfumara. Como era fraca esta mulher que outrora eu tivera como melhor amiga. Além disso, era um caso perdido. Dei por concluído o almoço, dizendo-lhe que ela era alta demais para ser um capacho. Suspeitei que nunca mais teria notícias da Lisa, mas uma pequena parte de mim pensava que ela poderia entrar à socapa esta noite e sabotar o meu espetáculo, porque eu tinha tudo aquilo que queria e ela não tinha

coisa alguma, nem sequer a galeria de arte com que outrora sonhara. A Lisa trabalhava num banco.

Eu não podia ajudar toda a gente.

A porta da galeria abriu-se. Já faltava pouco. O nervosismo antes do espetáculo começaria a fazer-se sentir; era a única maneira de eu manter a honestidade, o único indicador que me dizia se a proeza que eu iria tentar era suficientemente arriscada. O enjoo, as palmas das mãos húmidas, as pernas vacilantes: dantes pensava que eram sinal de fraqueza. Agora compreendia que eram a maneira de o corpo me dizer que estava viva. Ou quiçá isso era apenas o que eu dizia a mim mesma quando não conseguia controlar o medo. Observei o Gabe a caminhar na minha direção, mais à vontade consoante se aproximava de mim.

– Ela não está aqui – disse quando chegou à minha beira.

Fiz um esforço para não deixar transparecer o alívio no semblante.

– Está muita gente para entrar?

– A casa está composta. – Sorriu.

– Oh, era capaz de te dar um beijo.

O Gabe corou, um daqueles infelizes que deixavam transparecer as emoções na cara. Talvez estivesse um pouco apaixonado por mim, embora eu tenha deixado bem claro há anos que não se passaria entre nós nada de cariz romântico. E nunca poria em risco a nossa parceria por algo tão fugaz como o amor.

– E Os Cinco? – perguntei.

– À espera lá fora, com os outros. – Procurou na sua mochila. – Já comeste a tua barra de granola?

Suspirei.

– Gabriel, como queres que eu consiga atingir o estado mental certo se não paras de me apoquentar com as barras de granola?

– Já percebi que não a comeste. – Procurou até arrancar das entranhas da mochila a dita barra, examinou o rótulo, depois levantou a cabeça, confuso.

– Pensei que preferias as de mirtilo.

Pigarreei e apertei os glúteos, o que me fazia sempre sentir poderosa.

– O teu trabalho não é dar-me de comer. É extrair a última gota de resistência do meu corpo de modo a que eu possa aplicá-la no trabalho. Tudo...

– É para proveito do trabalho – concluiu o Gabe. Quase inaudivelmente, acrescentou: – Não consegues sobreviver de barriga vazia.

Olhei fixamente para o meu assistente. Tinha umas olheiras escuras por debaixo dos olhos cor de mel. O suor na sua cara secara e agora a pele estava sem brilho. Estava sempre a tagarelar sobre nutrição, exercício e sono, mas não seguia nenhum dos seus próprios conselhos. Estava outra vez a esforçar-se demais. Combati a vontade de passar os dedos pelos cabelos ruivos dele, encostar as costas da mão à sua testa.

– Talvez devas tirar uns dias de folga depois desta noite.

Ele consultou o relógio.

– As portas abrem dentro de trinta segundos. Ocupa a tua posição.

Assenti e posicionei-me defronte do palanque e dos degraus. Em cima do palanque, estava o caixão, preto com acabamentos floreados. O homem que criara o caixão esmerara-se, ciente de que o seu produto poderia aparecer nos jornais do dia seguinte.

Os espectadores começaram a entrar aos poucos, sussurrando o seu entusiasmo. Fiquei com os pelos eriçados. O coração bateu forte. Era agora, a minha nova oportunidade de ficar para os anais da história.

Durante quanto tempo conseguiria suportar a dor desta vez?

Avistei Os Cinco assim que franquearam a porta. Os dois rapazes tinham cabelos compridos e mal-arranjados; as três raparigas tinham os seus quase rapados. Todos usavam roupas largas e botas pesadas.

No meu primeiro espetáculo, mal dera pelos cinco jovens vestidos de preto, os olhos arregalados como crentes. Mais tarde, viria a saber que, à época, tinham apenas 17 anos. Alguns deles tinham violado o recolher obrigatório para assistir ao espetáculo.

Depois do segundo espetáculo, um ano mais tarde, apresentaram-se com nervosismo, dizendo que frequentavam uma escola perto da minha galeria. Tinham visto os panfletos que o Gabe espalhara pelo *campus* e ficaram curiosos. Um deles deixou escapar que adoravam o que eu tinha para dizer sobre o medo. Os outros concordaram com a cabeça.

Antes do meu terceiro espetáculo, revelaram timidamente que vestiam de preto em minha homenagem. Disseram que não tinham interesse algum em seguir as pisadas dos pais, não sabiam se a universidade era o caminho certo, mesmo quando estavam a assistir a palestras e a fazer os exames. Entediava-os beber todas as noites, mas não tinham outro sítio para onde

canalizar a sua avidez quase endemoninhada; fervilhavam de paixão, mas não sabiam onde a aplicar. Eu era apenas oito anos mais velha do que eles, mas trataram-me como se eu fosse um oráculo. Disseram que tinham visto várias vezes as filmagens do antigo espetáculo *Intrépida*. Eu percebi logo o potencial.

Depois do quarto espetáculo, comecei a encontrar-me com eles todas as semanas, passando horas a falar sobre as suas dúvidas e preocupações. Tinham medo de tudo, mas queriam muito não ter. Eu ajudei-os a ganhar coragem para viverem de forma intrépida. Quando uma das raparigas se assumiu perante os pais, expulsaram-na de casa. Eu deixei-a ficar comigo até lhe encontrar um sítio só para ela. Quando um dos rapazes desistiu da universidade como eu fizera, ofereci-lhe um emprego para ele não se sentir um fracassado. Quando um terceiro elemento do seu círculo acabou a relação com o namorado da secundária, eu acariciei-lhe a cabeça enquanto ela chorou. Um a um, comemorámos o vigésimo primeiro aniversário de todos com uma ida ao *pub* local. Eles nem queriam acreditar que as primeiras bebidas legais que bebiam foram pagas *pela* Madame Intrépida.

Agora, neste quinto espetáculo, estavam de pé à minha frente, diligentemente vestidos de preto, tal como fizeram ao longo dos últimos sete anos. Sabiam que não me podiam abordar antes do espetáculo, mas acenaram-me com subtileza. Pisquei-lhes o olho.

Agora trabalhavam todos para mim. A sua missão era espalhar a palavra sobre a *minha* missão tanto quanto lhes era possível. Ainda que eu tivesse recursos para lhes pagar, eles nunca o aceitariam.

Até ao momento, os esforços d'Os Cinco haviam duplicado o número de espectadores, uma melhoria esmagadora. Porém, quando perscrutei os seus rostos deslumbrados e a concentração com que me observavam, lembrei-me que o que importava era a profundidade e não o alcance da minha mensagem. Se eu conseguisse transformar nem que fossem cinco vidas, não seria isso mais importante do que galerias cheias à pinha ou a consagração na imprensa?

A porta no outro extremo da sala fechou com estrondo. Assim que o público ficou em silêncio, virei-me para a escada, pondo de parte todos os pensamentos, a não ser a tarefa que tinha pela frente. Os três degraus da escada tinham sido substituídos por facalhões de açougueiro, um truque que, admito, era pouco mais do que ostentação e pompa.

Nunca desperdices a luz do holofote.

Subi o primeiro degrau sustentando a respiração, distribuindo o peso de modo uniforme tal como praticara milhares de vezes. O público arquejou. No segundo facalhão, fiz o mesmo, mas no último avancei depressa demais, ansiosa por me meter no caixão. O peito do pé direito enterrou-se na lâmina do facalhão, mas não me permiti a um único recuo ou gemido, não quando a câmara estava a projetar a minha cara no teto, não quando os meus seguidores estavam a contar comigo.

Fiz um esforço para me demorar a instalar-me, para deixar os cabelos abertos em leque em cima da almofada de seda preta, como uma princesa da Disney, se alguma delas fosse empreendedora e não completas inúteis. Dentro de minutos, a tampa fechar-se-ia. A multidão ficaria numa roda-viva a tirar fotografias. A determinada altura, eu esboçaria um sorriso. Mostrar-lhes-ia como não temia a diminuição do fornecimento de oxigénio. Permitir-lhes-ia mostrar um dia aos seus netos o rosto da pessoa mais intrépida que jamais vivera.

Eu sou invencível, porra.

Parei de me remexer, mal reparando no sangue que escorria pelo meu pé. Cruzei as mãos em cima da barriga como se já estivesse morta e inspirei uma última vez sem esforço.

– Estou pronta – disse ao Gabe.

Ele tinha o medo estampado em todos os recantos da cara, mas obedeceu. Centímetro a centímetro, baixou a espessa tampa de *perspex* até que o trinco engatou. Senti de imediato a exiguidade do espaço, mas lembrei que estava protegida, não encurralada. A diferença entre um casulo e um colete de forças era uma questão de perspectiva.

O Gabe não deveria libertar-me em circunstância alguma; deixar-me-ia ao meu destino até decorrer o tempo acordado. Observei-o posicionado por cima de mim, os braços estendidos, um menino a fazer de diretor de circo. Levantou um cronómetro para os espectadores verem. O operador de câmara focou o mostrador do cronómetro, exibindo os números 0:00 no teto.

– Bem-vindos ao espetáculo *Madame Intrépida Apresenta... Sepultada* – disse o Gabe. Premiu um botão. Os números começaram a correr.

Eu mal conseguia respirar.

Kit

Julho a outubro de 2019

Porque fiquei

Durante uma aula de gestão da dor, contei a história. Disse que estive à beira da minha mãe sempre que não estava a trabalhar enquanto ela morria lentamente de cancro. Tinha intenção de faltar à festa de despedida de solteira de uma amiga, mas a minha mãe insistira que passaria bem o fim de semana. Tinha a enfermeira interna e a Nat viera de carro para cuidar dela. Por isso, eu fui a Las Vegas. Libertei-me. Quando, doze horas depois, recebi um telefonema da minha irmã, vomitei. Ela não me queria dizer pelo telefone, mas eu obriguei-a porque não conseguiria dar nem mais um passo enquanto ela não dissesse a palavra. Quando a disse, caí desamparada e esfolei os joelhos. Disse aos meus colegas de turma que, desde que recebera aquele telefonema, me arrependera todos os dias de ter feito a viagem. Queria despedir-me.

A Ruth pediu à Sofia para ela contar a mesma história como se lhe tivesse acontecido a ela. Depois perguntou se eu achava que a Sofia era uma má pessoa por causa das suas ações. Eu respondi que é claro que não. Como é que ela poderia saber? O Sanderson sugeriu que eu escrevesse uma carta à minha mãe. A Debbie disse que eu podia falar com ela como se ela ainda estivesse cá. A Rebecca disse que a melhor maneira de homenagear a minha mãe era viver uma vida repleta de possibilidades, refulgente de intrepidez. Disse que eu tinha de ser tão brilhante como o lenço da minha mãe.

Comecei a frequentar as aulas de ioga das cinco da manhã. Escondi-me na última fila, enferrujada depois de meses sem praticar. Concentrei-me na respiração, deixei o suor escorrer-me pela cara, sem o limpar. Posição após posição, os meus músculos queimaram a culpa, tragaram o medo. Passada uma semana, avancei para a fila do meio. Outra semana depois e estava na da frente. Os novos hóspedes encaravam-me como um exemplo.

A Ruth encorajou-me a criar a minha própria turma. Eu objetei, mas ela continuou a insistir e pediu uma autorização especial à Rebecca. *Pessoas não pertencentes à equipa nunca podem liderar aulas*, disse a Ruth. *Todos vemos enorme potencial em ti*. Demorei um dia inteiro a planear – queria ter as sequências na perfeição para os meus alunos. A minha parte preferida era o fim da aula, quando podia dizer aos outros como eram fortes, como eram merecedores de amor.

Graças ao exercício, fiquei com mais energia. Assumi mais tarefas. Todas as tardes, tratei da horta, apanhando alho e rúcula, desenterrando batatas. De vez em quando fazia uma pausa, apertava a terra macia entre os dedos, deixava o sol beijar-me a cara. Cortei a relva e apanhei lixo da piscina. Fiquei bronzeada de tanto tempo passado no exterior. Os meus braços ficaram tonificados do trabalho físico. A minha cara manteve-se redonda e cheia – pela primeira vez, não me importei. Deixei de censurar o meu corpo, de o comparar a formas de frutos.

Nos finais de tarde, depois de terminar todas as minhas tarefas, vagueei pela ilha. Memorizei os números das cabinas e que hóspedes viviam em cada uma. Passei horas a caminhar pelo perímetro interior do muro de sebes, passando os dedos pelas folhas, absorta em pensamentos profundos. Descobri duas portas, meio encobertas por arbustos, construídas em várias partes da sebe. Não sabia o que o pessoal fazia do outro lado do muro.

Para ultrapassar o meu medo de falar em público, a Ruth encarregou-me de uma turma de principiantes. Apesar de o Jeremiah já ter muito com que se ocupar com o seu novo trabalho como contabilista de Wisewood, ofereceu-se para me ajudar a preparar as aulas. Tal como a Nat, ele era organizado, um planeador, mas, ao contrário dela, não era obsessivo em relação a isso, mantinha as coisas divertidas – literalmente, assobiava enquanto trabalhava. Com a ajuda dele, o curso não tardou a ganhar forma. No primeiro dia, sentou-se na última fila. Quando eu fiz uma pergunta que foi recebida com um silêncio tímido e constrangido, o Jeremiah levantou a

mão e preencheu o vazio antes de o pânico conseguir paralisar-me. No final da aula, ele disse que gostara tanto que iria frequentar o meu curso até ao fim.

Todos os dias, fiquei diante de dez pessoas e perguntei do que tinham medo. Disse-lhes que, aqui, não nos envergonhávamos das nossas feridas. Vi os meus alunos a dar pequenos passos rumo aos seus próprios medos. Algures a meio do caminho, esqueci que tinha pavor de falar em público. Deixara de tremer diante de uma multidão. Aprendi a gostar do som da minha voz.

Durante uma aula, o Jeremiah descreveu a culpa esmagadora que sentia por não estar presente quando o irmão morreu. Ele sofrera um grave acidente, pelo que o Jeremiah não o poderia ter previsto nem evitado. Não obstante, ele estava destroçado, convencido de que, de algum modo, deveria ter salvado o irmão. Eu disse-lhe que conversava com a minha mãe todas as manhãs. Pedira-lhe perdão repetidas vezes, até chegar ao ponto em que deixara de ser preciso, pois sabia que ela me perdoara. Ele começou a experimentar algumas das minhas recomendações, chamou-me de parte algumas semanas mais tarde e agradeceu-me, disse que estavam a resultar. Aquilo era obra minha. Diminuíra a dor de outro ser humano.

Todas as manhãs, assistia ao romper da aurora, todas as noites ao lusco-fusco. Admirei-me por raramente os ter visto no passado, por raramente lhes ter prestado atenção. Há uma noite em particular que nunca esquecerei – a Lua era como um pequeno fragmento, não se viam aves a cruzar as nuvens. O Sol acabara de desaparecer, deixando no céu faixas vermelhas e azuis, matizado de permeio com um tom ambarino e intocável. *Como um quadro*, pensei. Como tivera a sorte de vir aqui parar?

Veio o outono. A temperatura desceu. Empurrei os calções para o fundo do armário. Esvaziei a piscina e guardei os móveis de exterior no barracão, inspirando profundamente o ar fresco. As minhas refeições com a April e a Georgina diminuíram de cinco dias por semana para três e depois para um. Eu perdoara-lhes a inconfidência sobre mim à Rebecca – embora ainda não soubesse qual delas a fizera –, mas não conseguia ignorar a frequência com que as suas conversas versavam sobre a vida fora da ilha. Questionavam-se sobre as notícias políticas que estariam a perder, falavam sobre a primeira aplicação que iriam utilizar quando lhes devolvessem os telemóveis,

descreviam o familiar que tinham mais vontade de abraçar. Não queriam falar sobre Wisewood, pelo menos não o tempo todo.

Assim, passei a fazer as refeições com o Jeremiah, que tinha sempre um lápis atrás da orelha e aquele livro de palavras cruzadas no bolso de trás. Enquanto me perguntava a resposta para o número cinco descendente e assobiava o *Pokerface* da Lady Gaga, abriu-se comigo sobre o seu divórcio, a relação difícil com o falecido pai, o peso que se esforçara por perder desde a universidade. Consoante me fui aproximando dele, também fiquei a conhecer o resto da equipa, elementos que já estavam aqui há anos, para quem não havia uma vida depois de Wisewood. Quando estávamos a tratar do relvado juntas, a Raeanne revelou-me os horrores por que passara em criança e, mais tarde, como camionista de longo curso, e eu comecei a compreender o seu exterior empedernido. Vi a Ruth apoquentar-se por causa do Sanderson, reparei como ela o abraçava com força quando pensava que ninguém estava a prestar atenção, o modo como os ombros dele relaxavam quando estava nos seus braços. Em grupo, analisámos a lista de cursos avançados, pensando no que deveríamos fazer a seguir. Espantada, percebi que a Nat não estava a intrometer-se. Há algum tempo que não ouvia a voz dela. A da minha mãe também. Estava tudo na minha cabeça.

Aqui, eu acordava ao som do chilrear dos passarinhos e não de sirenes. Não havia armas, vírus, aviões a cair do céu. Já não precisava de gás-pimenta nem de uma chave presa entre os dedos. Eu estava em segurança.

Agora tinha sempre as mãos ocupadas, mas a minha mente estava calma, o que era uma novidade. A ânsia de arrancar o cabelo diminuiu. Deitei o elástico ao lixo. De início, senti o pulso esquisito, demasiado livre. Ao fim de uma semana, deixei de reparar nisso. Lembrei-me da promessa que a Rebecca fizera na nossa segunda sessão – que em breve deixaria de precisar do elástico. Ela estava certa. As cicatrizes cor-de-rosa sararam, a pele ficou lisa. O meu cabelo voltou a crescer.

Ao fim de três meses, deixou-me utilizar o seu computador. Eu podia consultar o meu *e-mail*, ver as notícias, as redes sociais, tudo o que quisesse. O portátil estava em cima da secretária dela, convidativo, mas eu não senti vontade alguma de lhe ceder. O que me esperava do outro lado? Avisos de pagamento de seguro fora do prazo, convites para casamentos, fotografias de viagens luzidias publicadas por desconhecidos que eu costumava admirar. Já ninguém poderia deslizar a minha foto para a esquerda ou para a direita.

Que diferença fazia se o Congresso continuava num impasse e a Rachel estava grávida pela segunda vez? O mecanismo do mundo continuara a rodar sem mim e eu sem ele. Agradei-lhe, mas recusei. Os olhos dela reluziram. Tirou um telemóvel de uma gaveta da secretária, balançou-o à frente dos meus olhos e perguntou se eu queria telefonar a alguém. Talvez a um antigo colega de trabalho? A um vizinho? À Natalie?

Pela primeira vez na vida, sentia-me realizada. Por fim, deixara de levar a mão ao bolso à procura do telemóvel. Além disso, que vantagens haveria num telefonema? Disse-lhe que tinha o Jeremiah, a Raeanne, a Ruth e os meus alunos.

Tenho-a a si, Mestre.

Kit

Outubro de 2019

Às quatro da tarde em ponto, entrei a passos largos no gabinete da Mestre, um bloco de notas com mola debaixo do braço.

– A caleira do lado oeste da casa foi reparada. – Consultei os meus apontamentos. – A máquina de secar número quatro também. O Sanderson foi comprar os produtos de mercearia. Eu relembrei-o para duplicar os produtos não perecíveis, para o caso de a tempestade ser pior do que está previsto.

A Mestre levantou a cabeça do caderno em cima da secretária.

– O que seria de mim sem ti?

O elogio acalentou-me como o sol a um lagarto numa pedra do deserto.

– Quanto aos meus alunos, creio que nove estão preparados para avançar para os cursos intermédios. – Virei a folha. – A Jocelyn está a sair-se especialmente bem. Ontem bateu um novo recorde entre os hóspedes na piscina, sessenta e cinco voltas sem parar.

– Tu hipnotizas-me, sabias?

Ao fim de três meses aqui, habituara-me à intensidade da Mestre, mas isso continuava a provocar-me um calafrio na barriga.

– E o décimo aluno?

Franzi o semblante.

– Talvez fazê-lo repetir o curso de principiantes com outro instrutor? Ele continua a chegar atrasado às aulas e não se esforça muito. – Apertei melhor o lenço da minha mãe. – Cumprindo as suas ordens, o Jeremiah revistou o quarto do aluno e encontrou um telemóvel na gaveta da escrivaninha.

– Manda-o para casa.

Arregalei os olhos.

– Mas...

Deu uma bofetada na própria cara. Com força. Abri a boca de espanto.

– É isto que eu sinto quando alguém tem um telemóvel escondido. O programa tem de ser a prioridade. Aqui não damos três oportunidades. – Acalmou-se. – Tu sabes disso, Kitinha.

Quase me deu um chilique. Ela nunca me tratara por um apelido. Levantou-se da cadeira da secretária e fez sinal para eu me juntar a ela no sofá de veludo. Sentámo-nos perto uma da outra. O lado direito da cara dela tinha as marcas vermelhas da mão no sítio onde se esbofeteara. Pousou a mão no meu joelho e formou pequenos círculos com o dedo à volta do osso. Senti um arrepio na espinha.

– Se te vou contratar como funcionária, tenho de poder contar com o teu discernimento.

Arfei. Ela conteve um sorriso.

– A sério? – Eu tivera esperança de que isso pudesse acontecer, mas sabia que a Mestre preferia ter uma equipa com poucos elementos. Segundo o Jeremiah, ele só fora convocado para organizar as finanças de Wisewood. Disse que a Mestre nem sequer gostava assim tanto dele, mas ela tinha a contabilidade numa enorme desordem.

Ela apontou para o meu bloco de notas.

– Praticamente já és uma funcionária. Acho que chegou a hora de oficializar a coisa.

Senti a cabeça à roda.

– Quer dizer que eu passaria a viver aqui...

– Por tempo indeterminado. Não terás de ir embora quando terminarem os seis meses. Não receberás vencimento, mas terás alojamento gratuito, refeições grátis, cursos de borla. Não terás mais de te preocupar com impostos e o resto das dores de cabeça do governo. Nós ajudaremos a pagar o teu empréstimo para os estudos. Estamos aqui para te ajudar. – Apertou-me o joelho.

Ponderei aquilo que iria deixar para trás: *happy hours* com os meus colegas de trabalho, passeios no Central Park, espelhos, a Internet, pizzas do Domino's às duas da manhã. Quando viera para aqui, nunca tencionara ficar.

Passara as últimas semanas a reinventar a minha carreira. Talvez o segredo fosse evitar empregos em escritórios. Pareceu-me que gostaria de trabalhar ao ar livre ou com animais. Ponderara mudar-me para o Colorado ou o Wyoming. Poderia tornar-me guia da natureza, organizar passeios de *rafting*. Quando revelara as minhas ideias à Mestre, ela dissera-me que o mundo exterior a Wisewood não velaria pelo meu «Eu» Maximizado. Não importava para onde me mudasse ou o emprego que tivesse, eles tentariam mudar-me. Nesse momento, eu ficara triste, mas é provável que ela já estivesse a preparar-me para este emprego.

A Mestre fez uma expressão glacial.

– Se não estiveres interessada, arranjo outra pessoa. – Apertou-me o joelho com força. Quando eu guinchei de dor, soltou-me e afastou-se.

Finalmente, encontrara a paz. Conhecera pessoas que me compreendiam, mas ainda não pedira desculpa à Nat por a tratar como se ela fosse a má da fita depois da morte da nossa mãe – e antes também, para ser franca. No mínimo, tinha de lhe dizer que não iria regressar a Nova Iorque em janeiro. Seria capaz de viver aqui durante anos? O resto da minha vida?

– Não me obrigues a perguntar outra vez.

Eu faria as pazes com a Nat. Podia sempre deixar Wisewood se mudasse de ideias. Não tinha de ficar aqui para sempre.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

– Estou em choque, só isso.

Ela enterneceu-se.

– Qual é o problema? – Inclinou-se para me esfregar as costas como a minha mãe costumava fazer. Agora eu conseguia pensar na minha mãe sem sentir uma profunda dor de perda no peito. Wisewood fizera isso por mim.

– A senhora foi a primeira pessoa a dizer-me que eu sou especial. Toda a minha vida de adulta, a questão foi o quanto tive de me adaptar. Nunca me passou pela cabeça que não tenho de mudar de todo.

– É esse o poder do nosso programa. – A Mestre entrelaçou os dedos nos meus e passou os polegares pelos meus nós dos dedos. – Isso é um sim? – A esperança transpareceu na sua voz.

– Conte comigo. – Estava radiante. – A cem por cento.

– Excelente. – Soltou as minhas mãos e levantou-se do sofá. – Pedirei ao Gordon para te levar um contrato. – Regressou para a secretária e retomou a

escrita no seu bloco de notas.

Eu levantei-me com as pernas trémulas.

– Obrigada pela oportunidade, Mestre. Não a desiludirei. – Ela acenou com a mão como reconhecimento, mas não levantou a cabeça. O trabalho era muito importante para ela.

Quando me virei para ir embora, ela disse:

– Duvido que aquelas tuas amigas aprovem.

Eu estaquei, espantada.

– A April e a Georgina?

– Elas não estão a pensar no que é melhor para ti. – Continuou a rabiscar.
– Acredita em mim.

Andariam elas a falar de mim outra vez?

– Já é raro estar com elas.

Fiquei à espera, mas a Mestre não disse mais nada, por isso saí do gabinete e apressei-me a descer as escadas. Ignorei o peso no peito, concentrando-me antes nas boas notícias. Mal podia esperar por contar aos outros.

Saí à pressa para um final de tarde escuro de outubro. A temperatura caíra para os dez graus. Nesta época, escurecia por volta das cinco. Passou por mim uma rajada fria, deixando adivinhar que se aproximavam condições climatéricas mais rigorosas. As luzes do sensor de movimento ao longo do passeio acenderam-se enquanto eu trotei pelo jardim. Na última quinzena, colhêramos a maior parte das frutas e legumes. Sem a abundância, o terreno fazia lembrar os lotes dos cemitérios. Lembrei-me da minha mãe na Califórnia, à espera que eu fosse deixar flores na sua campa. Quando teria sido a última vez que a Nat a visitara?

Abanei a cabeça. Hoje era um dia para celebrar. Esta era a sensação de ser boa em alguma coisa, de ser valorizada. Dei um gritinho e levei a mão ao puxador da porta da cantina. Estava faminta.

A maior parte dos funcionários estavam sentados na mesa do costume, todos com chapéus de festa. Seria o aniversário de alguém? Caminhei diretamente para eles.

– Tenho novidades!

Todos me brindaram com um sorriso, embora o de Jeremiah demorasse mais algum tempo a aparecer. Teria de lhe perguntar porquê mais tarde, para ter a certeza de que ele estava bem.

– É o que eu penso que é? – A Sofia deu pulinhos na cadeira.

Assenti e fiz uma dança vitoriosa apatetada. Todos começaram a bater palmas.

– Estamos tão orgulhosos de ti, querida. – A Ruth inclinou-se para mim e piscou o olho. – Fui eu que te sugeri para o emprego.

Tinha começado a agradecer-lhe quando a Debbie assomou da cozinha. Tinha o avental com nódoas de gema de ovo e a cara cheia de farinha, mas estava radiante ao trazer um bolo caótico e arredondado. Segurou-o à minha frente.

– Tem três camadas – fez saber. – As que tu mais gostas: chocolate, manteiga de amendoim e *cheesecake*. Tive de tentar algumas vezes, mas acho que acertei. – O bolo tinha cobertura de glacé amarelo, a minha cor predileta. Ela escrevera *Parabéns, Kit* e desenhara uma cara sorridente a glacé roxo. Senti um nó na garganta.

A Raeanne espreitou para o bolo.

– Escreveste mal «parabéns».

A Debbie ficou cabisbaixa.

– Adoro, Debbie – disse eu. – Muito obrigada.

Eles sabiam que eu iria receber a proposta de emprego, nunca duvidaram de que eu aceitaria. Como podiam ter tanta certeza?

A Debbie alegrou-se.

– Corto fatias para todos?

– Onde está o Gordon? – quis saber o Jeremiah. – Ele não deveria estar aqui?

A Raeanne revirou os olhos.

– O mais certo é estar noutra das suas missões secretas.

– Vamos esperar que chegue – disse a Ruth. – Será simpático da nossa parte.

– Porque é que ele pode ir e vir a seu bel-prazer – perguntou a Raeanne –, enquanto todos nós temos de cumprir as regras?

– Temos de comemorar de alguma maneira – disse a Sofia. Os seus olhos reluziram ao levantar-se como uma mola da cadeira. – Vamos nadar todos nus!

O Sanderson e o Jeremiah riram, mas as mulheres não.

– Vamos saltar todos da varanda – tentou a Sofia outra vez, pavoneando-se em bicos de pés. Parti do princípio de que estaria a brincar, mas já

ninguém estava a rir.

– Acalma-te, querida – disse a Ruth. – Já vamos comer o bolo.

A Sofia abanou a cabeça mais vezes do que seria de esperar.

– É suposto estarmos mais vivos do que todas as outras pessoas, não é? O que aconteceu ao liderar pelo exemplo? – Como ninguém respondeu, levantou as mãos para o céu. – Tudo bem. Eu comemorarei pela Kit sozinha.

– Desatou a caminhar para a porta com uma rapidez surpreendente.

A Ruth suspirou, deixando-se cair na sua cadeira.

– Todos os dias, dou o meu melhor por vocês e é esta a paga que tenho?

– Eu vou falar com ela – disse o Jeremiah. A Raeanne soergueu uma sobancelha, mas ele não fez caso. – Estou orgulhoso de ti, miúda – disse para mim, enquanto corria no encalço da Sofia.

Senti uma enorme vontade de o abraçar, mas é evidente que não o fiz.

Apontei para a cozinha.

– Vou buscar qualquer coisa para comer enquanto esperamos pelo Gordon. Obrigada outra vez, malta. – Brindei com um sorriso a minha nova, grande e excêntrica família e fui buscar uma bandeja de plástico. Outra vez estufado. Enchi o prato e estava quase a ir para a mesa do pessoal quando alguém ali perto chamou pelo meu nome. Rodei sobre os calcanhares. Era a April.

Estava sentada com a Georgina, a acenar para eu ir ter com elas. Parei à beira da mesa delas.

– Um dia maximizado – disse eu, experimentando a frase a ver se soava bem. Soou estranha na minha voz, mas de certeza que me habituaria.

– Come connosco. – A Georgina deu uma palmadinha no lugar ao lado dela. – Há que tempos não falamos.

Olhei com ânsia para a mesa do pessoal. Estavam embrenhados na conversa, provavelmente a debater os planos para o curso mais recente que a Mestre queria criar para alunos avançados – Aumentar a Tolerância à Dor. Resignada, sentei-me ao lado da Georgina e comecei a comer.

– Para que são os chapéus de festa? – quis saber. Estávamos sentadas em silêncio há pelo menos um minuto.

– Para dizer a verdade, eu tenho notícias entusiasmantes. – Sorri. – A Mest... Rebecca ofereceu-me um emprego. – Alguma coisa me dizia que as duas achariam estranho eu agora tratá-la por Mestre. Não deveria importar-

me com aquilo que pensavam; o medo da rejeição estava a levar a melhor sobre mim.

– Aqui? – perguntou a Georgina.

– Permanentemente? – indagou a April.

Eu disse que sim com a cabeça, o sorriso a esmorecer ao reparar na hesitação na cara delas.

– Parabéns – disse a April.

– Pois, parabéns – repetiu a Georgina sem entusiasmo.

Passámos mais um minuto a comer em silêncio. Eu conseguia ouvir a April a mastigar a carne rija.

– Quer dizer que vais viver aqui para sempre? – perguntou por fim a Georgina.

Encolhi os ombros.

– Enquanto me estiver a fazer bem, porque não?

A April concordou rapidamente com a cabeça.

– Eu também aprendi muito aqui. – Hesitou. – E quanto a fazeres as pazes com a Nat?

– Tenho tentado melhorar a minha pessoa antes de a convencer.

– E a tua carreira? – disse a Georgina.

– Que carreira? – Ri-me com desdém.

– E casar? Ter filhos? Sexo? – A graça perdeu a piada quando eu não ri.

– Estou a fazer a diferença na vida das pessoas. – Encolhi os ombros outra vez. Espetei um pedaço de batata com o garfo e, antes de o levar à boca, disse: – Pensei que iriam compreender.

– Se tu estás feliz, eu também estou – disse a April. Tentou pegar-me na mão, mas eu afastei-a com um repelão. Estas duas estavam sempre a esquecer a proibição de contacto físico.

– Estamos preocupadas contigo. Só isso – disse a Georgina.

Não, estavam a tentar impedir-me de progredir. Para elas, isto era uma brincadeira de seis meses, uma história para contar aos netos. Esqueceriam tudo o que aprenderam assim que o barco as largasse em Rockland. A Mestre tinha razão em relação a estas duas.

– Há quem leve este programa a sério.

– Eu nunca me inscreveria – disse a Georgina – se soubesse que a participação no programa implicava o confinamento vitalício.

A April fulminou-a com o olhar. Eu pestanejei depressa, fazendo um esforço para não chorar.

– Porque não podem ficar felizes por mim? – Levantei-me e peguei na minha bandeja.

A April estremeceu. A Georgina ficou boquiaberta. Por uma vez, não tinha o que dizer.

Encaminhei-me para a mesa do pessoal.

– Desfrutem do resto da vossa estada.

O Gabe observou-me, agarrando um extintor junto ao peito.

– És um espectro. – Os olhos dele reluziram. – A pairar. Nunca vi ninguém tão deslumbrante.

Geralmente, o chão de betão da galeria roubava-me o quente dos pés, mas esta noite os meus pés não estavam em contacto com o chão. Esta noite, estava em cima de um banco de metal de noventa centímetros. Envergava um vestido de mangas compridas que chegava ao chão com uma saia de um metro e oitenta a esconder o banco. O padrão do vestido não tinha nada de espetacular, um simples invólucro branco que podia ser confundido com um lençol. Porém, o material do vestido era tão essencial como o do banco. Era de algodão comum, parecido com o das roupas de cama, reposteiros e roupas encontradas em casas do mundo inteiro. Altamente inflamável.

– Mas e se alguma coisa corre mal? – disse ele, bem-parecido, apesar do diáfano brilho de suor que lhe cobria a cara.

Indiquei-lhe o extintor.

– Isto não me agrada. – Encostou o queixo ao peito. Nos raros momentos em que o Gabe achava que tinha de se manter resoluto, evitava olhar-me nos olhos. Eu alertara-o de que isso deixava automaticamente o adversário numa posição vantajosa, mas ele não o conseguia evitar. O Gabe era o cordeiro, não o leão.

O tecido macio do vestido ondulou.

– Então é uma sorte não seres tu quem vai deitar fogo ao corpo. – Pisquei-lhe o olho.

Ele suspirou; quando me enfrentava, perdia sempre a batalha. Remexeu no seu saco e mostrou-me duas embalagens de batom.

– *Instigator* ou *Caviar*?

Eu indiquei o preto, apliquei um pouco nos lábios e devolvi-lho.

– Vamos a isto? – Soergui uma sobancelha.

O Gabe assentiu, mas não me olhou nos olhos. Pousou o extintor e tirou um isqueiro do bolso. Os Cinco tinham posicionado velinhas à volta da sala, tudo o que me separaria dos espectadores. O Gabe andou de vela em vela a acender os pavios.

Quando terminou, caminhou até ao quadro elétrico. Poucos segundos depois, as luzes apagaram-se. A penumbra envolveu a galeria, onde só se viam as velas a cintilar. Poder-se-ia achar o lugar romântico, pelo menos até a ação começar. Eu fiquei completamente imóvel em cima do meu banco, um ceifador de almas de dois metros e setenta e quatro vestido de querubim de lábios pretos.

– Boa sorte. – O murmúrio do Gabe ondulou pela sala. Atirei-lhe um beijo. Ele caminhou para a porta.

Alguns minutos depois, o público entrou, invadindo o espaço como formigas numa manta de piquenique. A maior parte das caras eram desconhecidas; Os Cinco tinham trabalhado com afinco nos últimos meses. Eu rezeira que, ao entrarem para a casa dos trinta, se cansassem da nossa missão e, educadamente, cortassem a ligação comigo. Pelo contrário, a sua determinação nunca vacilara, embora um deles tenha casado e outros dois mantivessem uma relação. Tinham todos encontrado emprego, mas *isto* era o seu verdadeiro chamamento. Era a sua vocação.

Dois vultos acercaram-se de mim. Uma d’Os Cinco segurava uma câmara com uma forte luz vermelha no ombro. O outro era o Gabe. Pegou no extintor, pois insistira em ser ele o socorrista.

– Estou aqui. – Tirou o isqueiro do bolso outra vez. – Tens a certeza?

Passei os dedos pelo corpete do vestido. Era uma pena estragá-lo. Amaciei a saia uma última vez, depois baixei os braços junto ao corpo, deixando-os balançar, fingindo indiferença. Estava preparada para fazer o que fosse preciso para iluminar os meus seguidores.

– Agora – disse.

O Gabe caminhou para mim. O isqueiro fez um estalido ao abrir. Uma pequena chama iluminou o medo na cara dele. Ele, o antípoda da intrepidez, agachou-se e encostou o isqueiro à parte de trás da saia até o algodão pegar fogo. Os espectadores ofegaram. Tudo o que sabiam era aquilo que o título do espetáculo revelava: *Madame Intrépida Apresenta... Em Chamas*. Talvez tivessem visto os pósteres publicitários intencionalmente vagos. Talvez

tivessem as suas suspeitas. Talvez estivessem agora arrependidos de comprarem os ingressos. Era tarde demais para voltar atrás, para todos nós.

Quando as chamas se aproximaram da minha pele intocada, não gritei.

Quando, por fim, me tocaram, tive vontade de o fazer.

Abri os olhos. Uma d'Os Cinco estava no canto da sala com uma câmara virada para mim. Tinha uma máscara de oxigénio a cobrir-me o nariz e a boca.

– Acordou – disse a operadora de câmara.

Olhei para o sítio de onde vinha a voz. Ao lado da minha cama, o Gabe estava a dormir na posição fetal em cima de duas cadeiras.

A atmosfera à minha volta tresandava a fracasso. Estávamos num hospital.

A operadora de câmara acordou o Gabe, que se levantou de um pulo e se debruçou sobre mim.

– Se precisares de alguma coisa...

Fechei os olhos.

Algum tempo depois voltei a abri-los, surpreendida com a monotonia do ato. Abrir e fechar, abrir e fechar, uma e outra vez, até que não consegui abri-los uma última vez.

Reparei que me tinham tirado a máscara de oxigénio, mas havia outra coisa a restringir-me os músculos faciais. Levantei as mãos para tocar na cara e vi que estavam enfaixadas. Movimentei o queixo. Também tinha a cara enfaixada, com buracos para os olhos, as narinas e a boca. Esperei que uma dor lacerante me consumisse, que as labaredas se elevassem de novo. Pelo contrário, nada senti. Talvez estivesse sob o efeito de uma forte dose de morfina. Olhei para o meu corpo. Todas as partes visíveis estavam cobertas de ligaduras brancas.

Continuei sem sentir dor.

Consegui?, pensei irrefletidamente. *Fiquei imune à dor?*

Já estava a imaginar seminários, conferências com a duração de uma semana, estudos de investigação para determinar os princípios da minha proeza. Precisava de esclarecer o processo de modo a que a minha façanha pudesse ser concretizada por outras pessoas. Eu era uma feiticeira; criara magia real.

Virei a cabeça para espreitar pela janela. Os Cinco estavam ao meu lado, horrorizados pelo que quer que viam deitado na minha cama de hospital, mas tentando não o demonstrar. Dois deles tinham *bouquets* e balões com os dizeres «As melhoras».

– Já criámos uma angariação de fundos na Internet para cobrir as tuas despesas médicas – disse um.

– Seiscentos dólares até ao momento.

– Mais os mil dólares com que contribuímos.

– O que seria de mim sem vocês, meus anjos? – Estremeci, uma ardência na garganta.

– Pronto, já chega. Deem-lhe espaço – disse o Gabe do outro lado da cama. Virei-me para ele com um enorme esforço. Ele indicou-me a comida que estava na mesa num tabuleiro, com cuidado para não me tocar. – Deitei mais mel no iogurte, como tu gostas.

– Quanto tempo aguentei?

– Come alguma coisa. – Encheu uma colher de iogurte e levou-a à minha boca. Quando eu fiz uma cara feia, ele largou a colher na embalagem de plástico. – Tens queimaduras de terceiro grau em setenta por cento do corpo.

– O vestido inteiro entrou em combustão?

Ele limpou uma lágrima grossa.

– Entraste em paragem cardiorrespiratória na ambulância. Os socorristas tiveram de utilizar um desfibrilhador para te reanimar. Vais precisar de enxertos de pele, o que pode implicar uma transfusão de sangue.

Já estávamos a contar com queimaduras, possivelmente algumas feias. Não esperáramos desfibrilhadores nem que as chamas provocassem lesões tão graves. Não obstante, uma vez mais, eu provara ser intrépida. Teria para sempre as cicatrizes a atestar a minha alegação.

Sempre, sempre estivera ciente do constante brilho vermelho do dispositivo de gravação. Uma coisa que o Gabe nunca compreendeu: o espetáculo tinha de continuar. Aclarei a voz.

– Se a próxima palavra que disseres não for «sim» ou «não», estás despedido.

Ele cambaleou para trás.

– Sim. O vestido entrou em combustão até te chegar ao pescoço, como planeado.

Dias mais tarde disse ao Gabe para chamar Os Cinco ao meu quarto no hospital.

– Vocês já fizeram tanto por mim – disse quando estavam reunidos – que é com relutância que vos peço mais uma coisa.

– Seja o que for – pipilaram.

Olhei solenemente para cada um deles.

– Quem de vocês tem sangue tipo O?

Uma das raparigas levantou a mão com nervosismo.

Eu analisei-a.

– Quero que faças uma doação, para o caso de eu precisar de uma transfusão durante a cirurgia.

A rapariga ficou lívida.

– Tenho horror a agulhas.

– Eu sei que é pedir muito – disse com ternura. – Não pediria se não fosse preciso.

– O hospital já deve ter muito sangue – balbuciou.

– Não é isso que está em causa, pois não? – Inclinei a cabeça. – Todos vocês disseram que fariam qualquer coisa por mim.

– *Eu* faria – disse um rapaz.

– Eu adoraria fazer uma doação – disse uma segunda rapariga. Virou-se para a amiga, que agora tinha a cara verde. – Pensa na honra que seria teres o *teu* sangue a correr nas veias da Madame Intrépida.

Todos olharam de semblante franzido para a rapariga verde.

– É uma honra, sem dúvida. – Tinha as mãos trémulas. – Mas toda a vida tive pavor a agulhas.

– Oh, por amor da santa – interveio um dos rapazes.

Eu levantei uma mão.

– Deixem-nos a sós. – Eles saíram do quarto a arrastar os pés. – Tu também, Gabe – disse eu quando ele se deixou ficar.

O Gabe hesitou.

– Isto não me parece bem.

– Sai – ordenei, rangendo os dentes. Não me dei ao trabalho de olhar para ver a expressão de mágoa que, sabia, ele teria ao sair pela porta.

Uma mulher só pode tolerar fraqueza até certo ponto.

Quando fiquei a sós com a rapariga verde, dei uma palmadinha na minha cama. Ela sentou-se, mas não me olhou nos olhos. Segurei-lhe a mão.

– Desculpe – disse ela. – Não a quero desiludir.

– Nunca desiludirias. – Passei uma madeixa de cabelos ruivos por detrás da orelha dela. Com o passar dos anos, todas as raparigas tinham deixado crescer os cabelos. – Mas do que é que eu te vou relembrar?

Ela fungou.

– Que o medo da dor é pior do que a dor propriamente dita.

– Linda menina. – Virei o queixo dela para mim. – Lembras-te de como estavas com medo de dizer aos teus pais que eras homossexual há tantos anos? Nem conseguias dormir. Vomitavas nos intervalos das aulas. As tuas notas baixaram. E depois a tua mãe e o teu pai puseram-te na rua, o que foi muito doloroso. Mas o que acabou por acontecer?

– Acabaram por aceitar – disse, a voz fraca. – Pediram desculpa, disseram que a sua reação foi a pior coisa que fizeram como pais. Disseram que me amavam incondicionalmente. – Esboçou um débil sorriso. – Pediram-me que os perdoasse.

Senti-me acalentada.

– Sabes porque acabaram por aceitar?

– Presumo que o sentimento de culpa os tenha consumido durante aqueles dois meses.

– É provável. E talvez um passarinho lhes tenha telefonado todas as semanas, lembrando-lhes que tinham uma filha encantadora e que se arrependeriam de não fazerem parte da vida dela.

Ela ficou sem reação.

– Foi a senhora que os levou a mudar de ideias?

Dei-lhe uma cotovelada.

– Não podemos permitir que o medo nos impeça de fazer aquilo que é o correto.

O silêncio instalou-se. Só se ouviam os vários sinais sonoros do equipamento hospitalar. A rapariga verde estava agora menos verde. Passou o olhar pelas minhas ligaduras. Inclinou-se para a frente.

– Fá-lo-ei – disse com determinação. – Farei a doação de sangue.

Dei-lhe palmadinhas na mão.

– Linda menina.

Acabei por não precisar de uma transfusão, mas ela não precisou de saber disso.

Mais tarde, quando ficámos a sós, o Gabe apertou o maxilar com força.

– Por que raio não interrompestes o espetáculo quando sabias que estavas prestes a perder os sentidos?

Eu apertei a minha embalagem de gelatina meio por comer. Ele tinha a distinta lata de me desafiar quando eu estava a agonizar com uma infeção bacteriana?

– «Interromper», não. Desistir.

Semicerrou um olho cor de mel e puxou uma orelha para a frente como se não tivesse ouvido bem.

– Desculpa?

– Eu não desisto. O meu nome, toda a minha obra se alicerça no facto de não desistir. Eu resisto, é isso que eu faço. Não posso terminar estes espetáculos como uma fracassada. – Atirei a embalagem de gelatina para o chão.

Ele deu uma gargalhada sonora.

– Estás a dizer-me que preferes ser uma vencedora morta?

– Nem sequer estou com dores. Acho que finalmente consegui, Gabe. – Fiz um esforço para suavizar a histeria da voz. – Consegui eliminar a dor do corpo.

– Estás a ouvir o que estás a dizer? – Olhou-me de cenho carregado. – Tu só não estás a agonizar porque queimaste todas as células da pele sensíveis à dor. Estás tão delirante ao ponto de acreditares que és imortal?

– Atenção ao tom.

– Não fales assim comigo. – Estreitou os olhos. – Tu és a minha parceira, não és a minha mãe.

Parceira? Quantas vezes é que ele pusera a vida em risco? Graças a Deus, o nosso sustento dependia da minha coragem e não da dele. Aparentemente, ele estava com a impressão errada de que, só porque pagou as nossas contas uma ou duas vezes com a sua herança, estávamos em pé de igualdade.

Pelos vistos, um *franchise* de pizarias podia ser bastante lucrativo. Quando o pai do Gabe morrera no ano anterior, deixara milhões ao filho. O Gabe investira com sensatez e só recorrera aos fundos nos dois meses em que tivéramos dificuldade para subsistir. Porém, era preciso bastante mais do

que capital para patentear uma carreira como a minha. Sem o meu colinho, o Gabe não seria nada, um zé-ninguém.

Bati com a mão no tabuleiro do hospital, fazendo-o cair ao chão com estardalhaço.

– Não te ouvi a vociferar sobre a tua independência quando paguei a tua terapia da fala. Onde estava a tua indignação então?

Ele pestanejou algumas vezes.

– Eu quis-te pagar essas sessões. Várias vezes.

Um ingrato, era o que ele era.

– Se não fosse eu, ainda andarias para aí a gaguejar.

Arrependi-me de dizer aquilo assim que as palavras me saíram da boca. Uma parte de mim ansiava por lhe apertar a mão e pedir desculpa, mas a maior parte estava furiosa por, depois de todo este tempo, depois das infindáveis horas que eu passara a ensiná-lo e a liderar através do exemplo, o Gabe ainda ter tanto medo. Era suposto já ser mais forte, dar-me o seu apoio incondicional. Se eu quisesse um homem autoritário na minha vida, teria mantido o contacto com o meu pai.

– Retira o que disseste. – Agora só gaguejava quando estava especialmente magoado.

– Não estamos algemados um ao outro. A porta da rua é a serventia da casa.

– Muito bem. – Caminhou para a porta a bater os pés. – Demito-me.

– Boa viagem. – A porta bateu com estrondo.

Pousei a cabeça na almofada engomada. Quanto mais apregoava o evangelho da intrepidez, mais percebia que o mundo precisava dos meus ensinamentos. Em vez de erradicarem os seus medos, as massas deixam-nos crescer e crescer até ficarem com os caminhos obstruídos, os sonhos esquecidos.

Veja-se o caso da Evelyn Luminescence. Esta mulher fora a minha mentora. A ousadia da sua arte transformara a minha. No seu apogeu, ela disse e fez o que poucos outros se atreveram a dizer e a fazer, pôs a sua arte à frente do amor, à frente de tudo o mais. Onde estava ela agora? A ensinar crianças a pintar com os dedos num jardim-escola para meninos ricos no Upper East Side. Disse-me que, na sua idade, precisava de estabilidade, em termos financeiros e emocionais. Menos turbulência, mais previsibilidade. Eu sabia o que se escondia por detrás da mudança: o medo do fracasso. Ela

receava o lento desvanecimento até ao esquecimento artístico. Em vez de esperar pela derrota, retirara-se de cena. O mundo ficara mais pobre por causa disso.

Fiquei sozinha, sentada na cama do hospital, ciente de uma dor invasora que me queria devorar viva. Porém, a mente é mais forte do que a matéria; eu criaria a minha própria realidade. Desde que acreditasse que era imune a esta dor, isso seria verdade. O Gabe é que estava a delirar.

Liguei a televisão para me distrair. Estava a dar um *western* a preto e branco, o que me fez lembrar do meu pai, o que me fez questionar-me se ele teria sabido de algum dos meus espetáculos. Se sim, o Sir consideraria as minhas proezas, realizadas com um cronómetro e preleções sobre resistência, retocadas, mas familiares. Embora fosse sem dúvida um sádico, aos 40 anos eu estava disposta a reconhecer que ele me ensinara tudo o que eu sabia sobre intrepidez. Graças a ele, eu tornara-me impassível ao medo. Sabia como engolir a dor, reutilizá-la como uma fonte de poder. Admitir isso estava fora de questão. Há dezasseis anos que não falávamos.

Enquanto esperava que a enfermeira viesse tratar de mim, o meu pensamento não parou de incidir sobre o Gabe, com um sentimento de culpa. Ele sempre fora bom para mim. Não merecia que o tratasse mal. Porém, ele esquecera um simples facto: o que não faltava era Gabes, Lisas e Evelyns no planeta, pessoas que se agarravam aos seus medos como se fossem entes queridos finados, sem fazerem a mínima ideia de como se livrarem deles. Ele tinha de perceber que era ele o substituível entre nós os dois.

Ninguém queria saber dos peões. Toda a gente estava concentrada em observar a rainha.

Kit

Outubro de 2019

Eu e a Mestre estávamos sentadas no sofá de veludo do gabinete dela numa segunda-feira de finais de outubro, a porta fechada, a falar sobre os progressos que eu fizera em relação à minha mãe.

– Eu não tenho culpa da morte dela. – Passei os dedos pela seda fria à volta do pescoço. – A senhora fez-me perceber isso.

– Estou tão orgulhosa de ti. Começaste a libertar-te de fixações emocionais a que, outrora, estiveste tão presa.

Baixei a cabeça.

– Obrigada, Mestre.

Há quase um mês que eu era um elemento oficial da equipa de Wisewood. Durante esse período, trabalhara catorze horas por dia, varrendo o barracão, tratando dos canteiros da horta e reorganizando a cozinha e a despensa da Mestre. Fiquei a saber que ela comia alimentos diferentes de nós – queijo *brie*, *prosciutto* e uma compota de figos biológicos comprada na banca de uma quinta situada a vinte minutos de Rockland. Para lá ir, o Gordon tinha de apanhar o autocarro; não era de admirar que estivesse sempre fora.

Trabalhando em equipa, os funcionários tinham criado um programa para o novo curso intitulado Aumentar a Tolerância à Dor. Todos ficaram com um brilho nos olhos quando eu sugeri incluir supercola no currículo. Disseram que eu era brilhante, a nossa arma secreta. Passei o resto do dia nas nuvens.

À noite, continuava a vaguear pelo recinto. Dava por mim a regressar às portas com a indicação «Apenas Pessoal Autorizado», encostando o ouvido à madeira, mas ouvindo apenas os sons da floresta. Sempre que deitava a mão aos puxadores de aço, sustinha a respiração. As portas estavam sempre trancadas e não sabia se deveria sentir-me aliviada ou desiludida. Agora eu era um deles – quando é que me permitiriam ir ao lado de lá destes muros?

A Mestre inclinou-se para mim. Senti uma lufada do seu perfume tonificante.

– O próximo passo é libertares-te das fixações materiais.

Olhei para ela.

– Já fiz isso. Está tudo no armazém. Deixei tudo para trás quando vim para cá.

– Tudo não. – Olhou para o meu pescoço.

Fiquei pasmada.

– O meu lenço?

– Será bom para ti. – Ela observou-me a apertar o tecido com mais força.

– Esse lenço é como uma corda à volta do teu pescoço.

– Não é, não. – Larguei-o. – Estou a manter a memória dela viva.

Ela tocou na tatuagem de uma estrela na minha têmpora.

– Podes guardar as memórias da Peggy aqui mesmo. Estás a agarrar-te ao passado.

Ela até poderia ter razão, mas eu não queria prescindir do meu lenço.

– E se eu guardar o lenço no toucador? Assim, não estará comigo o dia inteiro.

Ela abanou a cabeça.

– A tua relutância só me dá razão. – Falou num tom mais ríspido. – Não permitas que o medo te controle.

Eu afaguei a seda e espreitei pela janela. Uma densa neblina aproximava-se cada vez mais da casa, ameaçando devorar-nos a todos.

– Confias em mim?

– Sabe que sim.

– Então, livra-te dele. Enquanto o usares, nunca serás livre.

Ficamos sentadas num silêncio agonizante. Examinei a expressão à procura de um lampejo de ambivalência – talvez a conseguisse fazer mudar de ideias. Foi uma ideia disparatada; a cada segundo que passava, ela parecia mais decidida.

– A Debbie só demorou um mês a entregar o seu anel de noivado – disse a Mestre. – Esteve doze anos noiva daquele abusador, mas encontrou forças quase de imediato para se livrar de tudo o que a fazia lembrar-se dele. Tu, por outro lado, estás aqui há quase quatro meses.

Não me ocorreu nada para dizer, por isso entrelacei os dedos no regaço e fiquei a olhar para as mãos. Os seus olhos estavam fixados em mim.

Ela suspirou e desviou o olhar.

– Os outros funcionários bem disseram que não serias capaz.

Levantei a cabeça, atónita. Tinham sido todos tão calorosos e encorajadores. Lembrei-me do bolo da Debbie, como nos reuníramos todos para o comer, amontoados e a rir.

– Eu defendi-te, disse-lhes para te darem uma oportunidade. Vais-me deixar ficar mal?

Quando ganhei coragem para falar, a voz saiu-me trémula.

– O que lhe faria?

– Não te preocupes. Guardá-lo-ei num lugar seguro. – Estendeu-me a mão, à espera que eu cedesse. Não aceitaria um não como resposta.

Talvez tivesse razão – até agora, tivera razão em relação a tudo. Como é que eu podia ser realmente intrépida quando tinha a minha mãe à volta do pescoço todos os dias? Eu estaria distraída da nossa missão enquanto não pedisse desculpa à Nat, enquanto não pusesse tudo em pratos limpos e ultrapassasse os erros que cometera em relação à morte da minha mãe. Era o momento de fechar esse capítulo.

Desapertei o nó do lenço, mas hesitei antes de o largar na mão esticada da Mestre. Ela apertou-o entre os dedos. Afastei uma pontada de arrependimento – mais uma fraqueza que teria de ultrapassar.

– Muito bem, Kitinha – disse ela, outra vez alegre. Soltei um pequeno suspiro de alívio. – És tão corajosa. Podes partilhar este progresso com a tua turma.

Pensei num aluno em particular, um homem que perdera a custódia da filha. Tudo o que via o fazia lembrar-se dela: o modo como o Sanderson comia primeiro a côdea da sanduiche, a forma de Oríon no céu noturno, as meias com flamingos de um colega de turma. Fizera um voo de quase mil quilómetros para ter um alívio, mas não conseguia deixar para trás as memórias. Tentei ser um exemplo para ele, uma luz ao fundo do seu túnel de dor.

Assenti com a cabeça, sem desviar o olhar do lenço da minha mãe nas garras da Mestre. Durante dois anos, andara praticamente sempre com ele. Senti o pescoço exposto.

A Mestre levou o lenço até à sua secretária e atirou-o para dentro de uma gaveta – não consegui ver qual. Pousou as palmas das mãos na secretária, à espera que eu voltasse as atenções para ela. Quando o fiz, ela abriu a gaveta dos utensílios.

– Tenho uma recompensa para ti.

Pegou num envelope azul-marinho, deslizou para junto de mim no sofá e pousou-o nas minhas mãos. No envelope, escrita à mão numa letra arredondada, uma única palavra: *Kit*. Fez sinal para eu o abrir.

Lá dentro havia um cartão grosso com a mesma letra enroscada.

Querida Kit, dizia o cartão, fizeste grandes progressos desde que aqui chegaste. Há quatro meses, nunca terias renunciado ao lenço da tua mãe. Li o resto na diagonal, apanhando fragmentos de frases como *convido-te cordialmente e oportunidade exclusiva e absoluto sigilo*. Senti o olhar da Mestre a fulminar-me. Li uma segunda vez, agora mais devagar.

Quando acabei de ler, levantei a cabeça.

– O que é o Círculo Íntimo?

Parte três

Tenho de eliminar quaisquer obstáculos que entrem
o meu caminho para a liberdade.

Natalie

8 de janeiro de 2020

A Kit está aqui, na minha cabana, sentada na cama. Fico espreitada na soleira da porta. Durante a maior parte das nossas vidas, a minha irmã teve o cabelo louro a chegar-lhe ao meio das costas.

Agora tem a cabeça rapada.

Como todos os funcionários de Wisewood.

De resto, aparenta estar igual: cara redonda, olhos verdes, uma pequena tatuagem de uma estrela na têmpora esquerda. Está de calças de ganga e traz uma *T-shirt* amarelada, o casaco atirado para as costas da cadeira da escrivaninha. Parece saudável, satisfeita, sem um arranhão ou uma nódoa negra. Não tem um ar ensonado, sugestivo de estar drogada. Não vejo lágrimas, por isso não lhe devem ter feito mal. Para dizer a verdade, ela está radiante.

Ela está bem.

Ela está bem, ela está bem, ela está bem.

Relaxo os ombros. Sinto um alívio no peito, um aperto na garganta. Parte de mim pensou que nunca mais voltaria a ver a minha maninha.

Corro para ela de braços esticados. Ela encolhe-se em cima da cama, não me deixando aproximar-me.

– Temos uma regra que proíbe o contacto físico – explica.

Por isso é que o Gordon deu um safanão quando lhe toquei no braço.

Recuo um passo, espantada. A Kit sempre gostou do contacto físico, subindo para o colo das pessoas, dando o braço aos outros, mexendo em cabelos.

A maioria das pessoas retrai-se ao abraçar. Os nossos abraços são demasiado fugazes, uma obrigação a concluir depressa, uma formalidade. Os da Kit não. Ela agarra-se a nós como se fôssemos uma boia de salvamento e não nos larga, não deixando dúvidas em relação a quanto nos ama. Ninguém abraça como a Kit.

Herdou isso da nossa mãe.

Anseio por passar os braços à volta dela; para ser mais rigorosa, por sentir os braços dela à minha volta. Quero enterrar o nariz no cabelo que a Kit ainda tem, para me assegurar de que ainda cheira a maçãs. Sei que violei as regras ao vir aqui, mas esperava uma receção mais calorosa do que isto. *Ela nem sequer está feliz por te ver.* A dor na garganta aumenta. Controlo-me.

A Kit soergue uma sobancelha.

– Então? Ias a passar por acaso nas redondezas?

Enquanto inspeciono cada centímetro dela, o meu olhar está sempre a incidir sobre a cabeça rapada, o pescoço e as orelhas despidas, as feições que agora são grandes demais para a cara dela. Não há volta a dar: o corte de cabelo é horrível.

– O que te aconteceu ao cabelo? – deixo escapar.

Constrangida, ela passa a mão pela cabeça, depois fica eriçada. A sua voz tem um timbre que não reconheço.

– O que estás a fazer aqui, Nat?

A ansiedade aumenta quando me lembro do *e-mail* acusador. Esquivo-me à verdade e apresento um motivo alternativo.

– Estou preocupada contigo. – Ela fita-me, à espera. – Há seis meses que não tenho notícias tuas. Tentei *e-mails*, mensagens de texto, telefonemas, mas tu nunca respondeste.

– Não tenho o telemóvel nem o computador. Eu disse-te. – Anima-se. – De qualquer forma, não tens motivos de preocupação. Esta experiência tem sido incrível. Pela primeira vez desde que ela morreu, eu consegui deixar para trás os problemas relacionados com a mãe.

Sinto-me nauseada de arrependimento, mas ainda não consigo seguir por esse caminho. É cedo demais. Não estou preparada. Digo a mim mesma para não começar já a criticar. Não me servirá de nada deixar a Kit irritada antes de admitir o meu segredo; ela já ficará suficientemente furiosa depois. Estremeço, depois decido recolher informações, avaliar e traçar um plano, nada mais.

– O que tens feito todos estes meses?

– Oh, Deus, ando tão atarefada. Dou aulas de ioga, organizo a agenda da Mestre, deixam-me servir-lhe o pequeno-almoço todas as manhãs. Planeio eventos especiais de Wisewood. No mês passado, organizei uma festa para celebrar o sexagésimo aniversário da Mestre. Foi um momento mágico, todos nós a dançar na praia ao luar. Ela também me convidou para assistir a algumas das suas sessões, para dar a minha opinião depois de o hóspede sair. Estou sempre ocupada.

– Então, estás a receber formação para seres terapeuta? – Nunca a vi tão motivada, tão aplicada.

A Kit encolhe os ombros.

– Ajudo naquilo que é preciso. Com isto não serei uma psicóloga licenciada, se é isso que queres saber.

– Então, o que é que *serás*? – Faço um esforço para a pergunta parecer de genuína curiosidade.

– Serei «Eu» Maximizada. Não é uma carreira, Nat. Aqui não preciso de me preocupar com o que quero ser. Não tenho de escolher uma coisa. A tua irmã é uma verdadeira mulher da Renascença. – Pela primeira vez, ela sorri para mim.

A minha irmã é uma verdadeira idiota, penso eu.

– Eles pagam-te?

– Pagam-me em aulas gratuitas, alojamento e alimentação – diz a Kit, como se lhe tivesse saído a sorte grande. Sinto-me debaixo de um manto de consternação.

A minha irmã não vê qual é o mal de ter um emprego a tempo inteiro sem remuneração. Não se importa de cortar todos os laços com o mundo real. Tenciona ficar em Wisewood, possivelmente para sempre.

Estou a perdê-la.

A Kit põe-se de pé.

– Ainda tenho que fazer uns recados para a Mestre.

Olho para o relógio na parede.

– Ela obriga-te a trabalhar muito.

– Ela não me obriga a nada. Apenas eu posso traçar o meu caminho.

Reprimo uma violenta ânsia de a arrastar deste sítio, mas relembro-me de que devo manter a paz.

Ela mira-me.

– Se não há mais nada a dizer, é melhor eu ir.

Pondero dizer-lhe agora mesmo, deixar o segredo vazar para fora de mim, mas agora que estou frente a frente com ela, a minha determinação esfuma-se. Não posso transformar a primeira conversa que temos em meio ano numa que a destroçará. Ao invés disso, direi o que tenho a dizer pela manhã e depois regressarei a Rockland.

– Estou tão feliz por estares bem. Amanhã deixar-te-ei em paz. Tenho de voltar ao trabalho.

– Não, terás de ficar alguns dias.

Observo-a, sem perceber.

– Vem aí uma forte tempestade e vamos trazer o *Hourglass* para terra. Não seria seguro fazeres a travessia.

– Oh – digo, inquieta com a perspetiva de ficar aqui mais do que uma noite. Este reencontro foi formal e constrangedor, nada daquilo que eu imaginara.

– Assim que a tempestade passar, o Gordon leva-te de volta. – Encaminha-se para a porta e depois volta atrás. – Porque lhe disseste que eu te enviei um *e-mail*?

Fico com a boca seca.

– Ele disse que não podia deixar familiares contactarem os hóspedes. Calculei que, se lhe dissesse que tu me contactaste primeiro, ele poderia ajudar-me.

– Quer dizer que não houve nenhum *e-mail*?

Eu hesito, relutante em mentir outra vez à minha irmã, mas acabo por abanar a cabeça.

A Kit assente com a cabeça, pensativa.

– Sabes, o Gordon é mais compassivo do que possas pensar. – Abre a porta. – Deverias ter-lhe dito a verdade.

Kit

DEZ SEMANAS ANTES

Outubro de 2019

Acordei com alguém a bater à porta com força. Ensonada, abri os olhos e virei o despertador para mim. Os números em néon indicavam 3:15. Quem era bateu outra vez.

– Kit. Abre.

Levantei-me da cama e fui até à porta a arrastar os pés, depois abri-a. Do lado de fora estava a Raeanne, com umas calças de ganga largas e uma camisa de flanela. Tinha uma expressão urgente, de vida ou morte. A ansiedade despertou-me.

– O que foi?

– Vais ser iniciada – disse ela, quase sem conseguir conter-se de entusiasmo. Como eu fiz um ar de quem não estava a perceber, ela acrescentou: – No CI, o Círculo Íntimo.

– Agora? – O meu coração bateu com força. *A meio da noite?*

– Estão todos à tua espera. – Entrou para o meu quarto à pressa. – Despacha-te e veste-te.

– Todos quem? – Esfreguei os olhos. – O que vem a ser isso de ser iniciada?

Ela suspirou.

– Fazes o favor de te vestires?

Fui à casa de banho para vestir umas calças de ganga e uma camisola. Quando saí, a Raeanne estava a remexer na gaveta da minha escrivaninha.

Fechou-a com estrondo.

– Desculpa – disse com ar culpado, caminhando para a porta. – A Mestre pediu-me para procurar uma coisa.

– O quê?

Ela meneou a mão.

– Deixa lá. Vamos chegar atrasadas. – Passou-me para a mão o meu cartão magnético e abriu a porta de repelão, deixando entrar uma noite fresca de outono.

– Fiz algo de errado? – Estiquei as mangas da camisola de forma a cobrirem-me as mãos.

– Chiu. Vais acordar a populaça. – Desde que fora admitida na equipa de Wisewood, ficara a saber que a Mestre e os meus colegas se referiam aos hóspedes como «populaça» nas suas costas. A expressão parecia inofensiva, mas deixava transparecer o seu quê de superioridade, a populaça eram os menos empenhados de nós.

A Raeanne rodou sobre os calcanhares e desatou a correr. Eu estuguei o passo no seu encalço. Wisewood estava envolta na penumbra e não se via viva alma. Olhei para o céu, milhões de estrelas frias e distantes.

– Raeanne, o que é que estavas a procurar?

Ela abriu caminho pelo meio das casas de hóspedes sem abrandar.

– A Mestre pede-nos para fazermos verificações de rotina uns aos outros, para ter a certeza de que estamos a cumprir as regras. De certeza que, não tarda, estarás a verificar as minhas coisas.

Era suposto isso fazer-me sentir melhor? Fazia?

Segui-a pela horta até à sebe na vertente oeste da ilha. Parámos à beira de uma porta com a indicação APENAS PESSOAL AUTORIZADO e eu ofeguei. Era agora – finalmente, passaria para o outro lado da sebe.

A Raeanne espreitou por cima dos ombros, sondando o recinto, depois tirou um molho de chaves do bolso. Meteu uma na fechadura e abriu a porta, fazendo-me sinal para passar.

Eu vagueara por cada recanto da ilha, mas nunca aqui, nunca passara por esta porta. De todas as vezes, tentara rodar os puxadores, a curiosidade mais forte do que o medo, mas agora o medo vergastava-me. O que é que me esperava do lado de lá? Afastei a minha fraqueza. Os meus colegas nunca me fariam mal.

– Aonde é que vamos? – voltei a perguntar.

– É surpresa.

A Raeanne trancou a porta e tirou uma lanterna do bolso, iluminando o nosso caminho. À nossa volta, sentia-se o perfume do pinho e da terra fértil. Ali perto, uma coruja piou. Estugámos o passo pela floresta, seguindo pelo trilho estreito coberto de agulhas dos pinheiros e musgo. Ia a caminhar tão depressa que mal me apercebi da área circundante, a não ser de aglomerados de abetos tão altos e densos que nem deixavam ver o céu estrelado. Imaginei que as árvores eram um bando de Bichos-Papão⁶ – com braços e pernas de aranha e sem rosto, à espera, à espreita, a seguir-nos – e mantive-me o mais perto que consegui das costas da Raeanne. Insetos zumbiam, galhos estalavam debaixo dos nossos pés. Fechei os punhos da camisola com mais força, afastando os ramos da cara.

Passado algum tempo, ouvi a ondulação a rebentar na costa. Estávamos mais perto da orla da ilha. Ansiava pelo mar, apenas um vislumbre. Assim que fiz o desejo, a floresta deu lugar a um abismo de azul.

Enormes blocos de granito mergulhavam na água. No topo, um monte de pessoas. Quando nos ouviram a aproximar, viraram-se. O meu coração bateu mais depressa.

Primeiro reconheci a Ruth e suspirei – ela não estaria envolvida em alguma coisa sinistra. Subi para um rochedo ao lado dela e ela piscou-me o olho. Ao lado da Ruth estava o Sanderson, o capuz pela cabeça, as mãos enfiadas no bolso da *sweatshirt*. Fiquei espantada por ver aqui a Debbie, a cozinheira, sorridente, mas nada espantada por encontrar a Sofia a saltitar sem sair do sítio. A Raeanne pavoneou-se até ao seu lugar nos rochedos e tirou um palito do casaco. A completar o grupo estava o Gordon, a certa distância, os braços cruzados. Nenhum parecia ter sido acordado à pressa.

A Ruth consultou o relógio.

– Teremos de começar sem o Jeremiah. – Fiquei animada ao ouvir o nome do meu amigo, feliz por ele também estar envolvido. – Aproximem-se.

O grupo formou um círculo apertado. Senti uma pontada de desilusão – tinha a esperança de que a Mestre também fizesse parte do CI.

A Ruth olhou-me fixamente.

– Kit, bem-vinda ao Círculo Íntimo de Wisewood. Às vezes é difícil lembrarmo-nos de como somos afortunados quando estamos tão atarefados. Deus sabe que eu mal consigo fazer face ao volume de trabalho, com as

tarefas diárias e as aulas, além do planeamento destas coisas. – Passou o olhar pelo círculo com um ar acusatório, depois entusiasmou-se. – Mas, também, mais ninguém tem a minha experiência, motivo pelo qual a Mestre apenas confia em mim para a tarefa. – Senti a tensão em alguns dos presentes. A Ruth franziu o cenho para a Raeanne assim que esta abriu a boca, forçando-a a fechá-la outra vez. – Esta noite deverá servir para nos relembrar de como este lugar é maravilhoso.

– Maravilhoso – concordou a Sofia, já a começar a chorar. Com subtilidade, a Debbie afastou-se um passo dela.

Por detrás da Ruth, a maré estava vazia. O luar ressaltava como um holofote na vida aquática pelos rochedos: algas e búzios, percebes e moluscos.

– Estamos radiantes por tu...

Ouviu-se um roçar nas árvores e a Ruth deixou a frase a meio. Ficámos todos imóveis. Estava alguém ou alguma coisa na floresta. Um vulto corpulento caminhou apressadamente para os rochedos.

– Desculpem o atraso – disse o Jeremiah, as mãos apoiadas nos joelhos.

– Não podes pôr um relógio nesse teu braço que mais parece um tronco de árvore? – resmungou a Raeanne enquanto todos os outros voltavam a relaxar.

– Desculpem – repetiu o Jeremiah, ainda esbaforido. – Fiquei retido.

– A fazer o quê? – perguntou o Gordon.

O Jeremiah endireitou-se, ignorando-o.

– Ficaste retido a fazer o quê? – insistiu o Gordon.

O grupo ficou em silêncio. O Jeremiah coçou a barba, a qual deixara crescer. Hesitou um segundo a mais.

– A ajudar a Mestre com assuntos fiscais.

Às três da manhã? Até eu, a recém-chegada, percebi que estava a mentir.

– A esta hora? – insistiu o Gordon.

Outro silêncio constrangedor. Eu tinha a certeza de que, qualquer que fosse o motivo para o atraso do Jeremiah, este se justificava. Poderia ter tido uma revelação que não estava preparado para partilhar ou a Mestre ter pedido a sua ajuda, mas exigido sigilo. Eu queria defender o meu amigo, mas também era a mais baixa da hierarquia – não era o momento de levantar celeuma. Tentei olhar o Jeremiah nos olhos, mas ele estava ocupado a devolver o olhar fulminante ao Gordon.

– Porque é que, por uma vez, não te metes na merda da tua vida? – acabou por dizer o Jeremiah, farto daquilo.

A Ruth arquejou. A Raeanne sorriu afetadamente. Todos mudaram de posição com nervosismo, menos o Gordon, cujo semblante e imobilidade própria de uma estátua não revelavam nada do que estava a sentir ao fitar o Jeremiah.

A Sofia saltitou mais depressa sobre as pontas dos dedos, fitando o firmamento.

– Podemos concentrar-nos no que viemos fazer?

Isso quebrou o feitiço. O Jeremiah virou costas ao Gordon e pôs-se ao meu lado, pedindo-me *desculpa* entredentes. Eu sorri e ele relaxou os ombros.

A Ruth interveio.

– A menos que algum de vocês queira liderar esta cerimónia, acabaram-se as birras. – Olhou para cada um de nós de sobrolho carregado. Ninguém proferiu palavra. – Vamos para a água.

Os meus colegas descalçaram-se e arregaçaram as pernas das calças.

– Vai uma bomba – berrou a Sofia, correndo para o mar.

– Sofia, não – gritou a Ruth. – A água não é assim tão...

A Sofia saltou. Espreitámos todos para lá dos rochedos, à espera. Alguns segundos depois, ela veio à tona, lamentando-se do frio com guinchos. A Ruth suspirou.

Todos os outros desceram dos rochedos. Eu ofeguei quando senti o frio da água nos dedos dos pés, depois nos tornozelos, depois nos joelhos – não podia estar a mais de dez graus. A Ruth e o Sanderson foram os últimos a entrar. Quando pensava que ninguém estava a ver, ela apertou-lhe a mão e ele brindou-a com um sorriso. O grupo avançou para águas mais profundas, formando um círculo à minha volta, como um cardume de tubarões. Eu esperei, fazendo um esforço para não tremer. Não queria que pensassem que estava com medo.

Assim que a Sofia se acalmou, a Ruth disse:

– O Círculo Íntimo é um grupo de alunos que estão mais empenhados do que os hóspedes comuns em atingirem o seu «Eu» Maximizado. Os seis meses de aulas são um bom ponto de partida, mas precisamos de oportunidades para pôr em prática aquilo que aprendemos. Pense-se, por exemplo, nos advogados. – Fez um compasso de espera. – Depois de anos a

estudar, uma pessoa não começa simplesmente a defender casos em tribunal. Primeiro precisa de passar no exame da ordem. Compreendem?

Eu assenti, os pensamentos num turbilhão.

– O modo como nos pomos à prova é através de Buscas de Intrepidez. Para abreviar, há quem diga BI. Em cada busca, tentamos dominar um medo universal.

Nova pausa. Senti que deveria dizer alguma coisa.

– Quantas buscas há? – Tinha as pernas dormentes.

– Ninguém sabe – disse a Debbie, com admiração.

– A Mestre sabe – atalhou a Raeanne.

– A cada busca concluída, ficamos um passo mais perto do nosso «Eu» Maximizado – explicou a Ruth. – Ninguém sabe o que uma busca implica enquanto o primeiro não a tentar realizar.

– São as experiências mais transformadoras que jamais terás – disse a Sofia, a água ainda a escorrer da cabeça.

Os outros concordaram com a cabeça.

– A Mestre nunca te pedirá que realizes uma busca se não achares que estás preparada – disse a Ruth. – Para seres iniciada, terás de passar na BI1. A Busca do Julgamento.

Senti um calafrio na barriga.

– Esta noite?

Ela inclinou a cabeça para a frente.

As pessoas presentes não julgaram os fracassos do meu passado – queriam melhorar a Kit que estava à frente delas neste momento. Quando viera para Wisewood em julho, esperara poder regressar a casa com algumas estratégias para quebrar padrões de pensamento que me estavam a prejudicar. Queria desapertar o nó de culpa que tinha à volta do pescoço. Nunca me passara pela cabeça chegar tão longe, encontrar uma filosofia que toda a vida procurara.

– Fá-lo-ei. – Os meus dentes bateram.

A Ruth ficou radiante.

– Primeiro, temos de te fazer uma limpeza. – Juntou-se a mim no centro do círculo e disse-me para me deitar de costas na água. Eu obedeci, ensopando as calças e a camisola, que se colaram aos braços e pernas gelados.

– Da água nasceste e na água renascerás – disse a Ruth.

Sem aviso, mergulhou a minha cabeça com as duas mãos. Eu gritei com o choque do gelo, engolindo água salgada. Tossi e engoli mais. A Ruth segurou-me a cabeça com mais força. Era mais forte do que aparentava.

E se não me deixasse emergir a tempo?

Comecei a esbracejar e a espernear, contrariando o líquido que me escorria pela garganta. Os meus pulmões gritaram em protesto. Por cima de mim, a Ruth era indistinta, desfocada, mas monstruosa nas trevas. Cravei as unhas nas mãos dela.

Ela levantou-me.

Largou-me a cabeça e deu-me uma palmadinha no ombro. Consegui entrever os seus olhos reluzentes sob o luar.

– Estás preparada para a BI1 – proclamou.

O Sanderson meteu os dedos na boca e assobiou. A Raeanne piou como uma coruja. O Jeremiah mordeu o lábio. A minha adrenalina diminuiu consoante observei todos os seus rostos fervorosos. Ao fim de dois minutos, parei de tremer. Entre tossidelas, sorri. Sentia a garganta e as narinas a arder, mas não me importava.

O medo era o que estava em causa – fora para isto que eu me inscrevera.

– Agora – disse a Ruth –, vamos ter com a Mestre.

⁶ No original, Slender Man: personagem fictício sobrenatural que surgiu como um *meme* criado por Eric Knudsen no fórum de discussão Something Awful, em 2009. É descrito como semelhante a um homem magro, anormalmente alto, com uma cabeça branca e inexpressiva e que veste um fato preto. (*N. do T.*)

Enfiei a cabeça de fora da tenda de caqui que tinham montado no rebordo do gelo. A alvorada deixara o céu escancarado com uma tonalidade de algodão-doce. No lago congelado mais adiante, um homem com um fato de neve abria no gelo um buraco perfeitamente simétrico com uma serra elétrica. Por debaixo do gelo, corria água gelada. Ali perto, Os Cinco observavam a operação. Estava quase a acabar.

Por detrás da tenda, uma interminável extensão coberta de neve. A neve era azul, quase lavanda, o céu refletido nos flocos. Árvores despidas pontilhavam a pradaria ondulante. Cercas de madeira separavam as enormes faixas de terra, mas não se sabia para quem ou de quê. As cercas eram feitas pelo homem, as estacas de largura e altura irregulares. Algumas estavam inclinadas a ângulos de quarenta e cinco graus, como se não fossem capazes de suportar o peso de outro destes bárbaros invernos novaiorquinos. Num ramo baixo, um pica-pau fazia alegre o seu trabalho, o único que não reclamava do frio de cortar a respiração.

Meti a cabeça para dentro da tenda e corri o fecho. O espaço estava atravancado, quase não chegava para duas pessoas, e ainda tinha de albergar o cavalete de fatos impermeáveis, botas e máscaras. O aquecedor soltava rajadas, fazendo-me transpirar dentro do fato. Virei-me para o Gabe, que me entregara as minhas botas.

– Espero que tenhas razão quanto a isto – disse.

Com uma paciência forçada, pousei as botas.

– Já falámos sobre isto.

– Custava-te muito escolher outra proeza?

– Eu tenho de mudar o *meu* espetáculo porque *tu* tens medo?

Ele fez um esforço para manter a compostura.

– Podes recriminar-me depois do que aconteceu no *Em Chamas*?

Olhei para as minhas mãos. Dos nós dos dedos até aos pulsos viam-se cicatrizes vermelhas enrugadas, a única parte do meu corpo que ficara desfigurada para sempre em resultado desse espetáculo. O resto das cicatrizes, corporais ou outras, tinham esvanecido graças a enxertos de pele e fisioterapia. Eu continuava a não me arrepender do espetáculo. As fotografias eram gloriosas, valiam cada segundo de dor e meses de recuperação. Uma chegara a aparecer num jornal local.

Dez meses depois de me abandonar no hospital, o Gabe voltara para junto de mim, como eu sabia que aconteceria. O nosso trabalho estava finalmente a ganhar ímpeto, mas com cada nova proeza a ser mais perigosa do que a anterior, eu apoquentava-me por causa dos meus fãs. Não podia suportar pô-los em perigo; pela primeira vez, proibira a presença de público no meu espetáculo. As massas teriam de se contentar com uma filmagem. Enquanto eu me preocupava com os meus fãs, o Gabe preocupava-se comigo. Discutimos incessantemente por causa da minha segurança. O que outrora fora adorável, agora asfixiava-me.

– Deveríamos ter contratado uma equipa de segurança – disse o Gabe.

– É para isso que estão cá Os Cinco.

Ele revirou os olhos.

– Não são qualificados.

– Preocupas-te demais. – Enfiei o capuz impermeável, dando por terminada a negociação. O Gabe calçou-me as botas, depois estendeu-me as luvas de neopreno. Calcei-as nas mãos manchadas, maravilhada ao ver o meu corpo outra vez imaculado. A máscara foi a última coisa. Juntos, colocámo-la na minha cara. O Gabe apertou a tira na parte de trás da minha cabeça.

– Não foste tu que viste a tua melhor amiga a ser consumida pelas chamas.

– Oh, Gabriel, isso foi há cinco anos. Já chega de choramingar.

Ele cruzou os braços trémulos. Ao fim de todo este tempo, continuava com medo.

Eu não o conseguira mudar.

– Vem comigo – disse eu, de súbito.

– Para onde?

– Para a água. Tu só ouviste as minhas palestras. Chegou a hora de pores as lições em prática.

O Gabe pestanejou.

– Deves estar a brincar. Eu não pratiquei o número.

Eu tinha a certeza absoluta de que esta era a solução de que ele precisava. Era a coisa acertada a fazer.

– Não tens de ficar tanto tempo como eu. Apenas experiêcia a sensação da verdadeira intrepidez a correr-te pelas veias. Talvez então compreendas porque faço aquilo que faço.

Ele abanou a cabeça.

– Eu acredito na tua palavra.

– Oh, vá lá. Qualquer um d’Os Cinco daria tudo por esta oportunidade.

– Eu não sou eles. Caso estejas esquecida, tenho um trabalho para fazer aqui. A tua segurança é a minha prioridade.

Desprezei-o com um menear da mão.

– Os Cinco serão a equipa de segurança. Eles não precisam de um sexto elemento a mandar bitaites.

– Eu não...

– Podes inventar todas as desculpas ridículas que quiseres. Ambos sabemos o verdadeiro motivo por que não o queres fazer. – Fiz uma pausa. – Tens medo.

Ele desviou o olhar.

– Gabriel. – Peguei-lhe nas mãos. – Acreditas na minha, na *nossa*, missão?

– Estaria aqui se não acreditasse?

– Então, quando é que vais deixar de permitir que o medo controle a tua vida? O que aconteceu ao Gabe que bateu à porta do meu camarim há tantos anos a suplicar para ser meu aprendiz? Aquele que chamou estafermo ao meu pai? Que se mudou para Nova Iorque, não obstante as advertências do próprio pai?

– Não vás por aí. – Levantou o queixo. – Não tenho nada para provar a um morto.

– Mas tens alguma coisa a provar a outra pessoa. Uma pessoa muito mais importante. – Agarrei-o pelos ombros. – A ti mesmo. Eu vejo o modo como olhas para mim antes de eu começar um espetáculo. Com inveja, com ânsia. Uma parte de ti quer a oportunidade de brilhar como eu. Estou a dar-te essa oportunidade agora mesmo. Prova a ti mesmo que és tão corajoso como a Madame Intrépida. Eu estarei ao teu lado o tempo todo.

O Gabe suspirou, mas alguma coisa cintilou nos seus olhos.

– Não vais aceitar um não como resposta, pois não?

Eu ri.

– Podes ter a certeza de uma coisa. Sentir-te-ás invencível, porra.

Ao longo dos anos, a pergunta que eu fizera mais vezes: como deixamos de ter medo?

Não deixamos, não completamente. Aprendemos a ignorar os alertas do nosso corpo para parar, para dar meia-volta, para recuar antes que seja tarde demais.

Espreitei pela água verde túrbida no buraco redondo feito no gelo, a cabeça a latejar. A congelação do cérebro não era invulgar nos mergulhos no gelo; a água fria não se coaduna com os tecidos moles da cabeça. A ThermoKline, a empresa à qual eu comprara o equipamento de mergulho, assegurara-me de que quaisquer dores de cabeça se atenuariam rapidamente, graças às características inovadoras da sua nova linha.

A minha equipa puxou o cabo de segurança amarelo a que eu estava presa. Eu respondi com outro puxão, o nosso sinal que dizia que eu estava bem. Com toda a calma, respirei pelo dispositivo regulador, bolhas de ar a flutuar para longe do meu corpo. Virei-me para o Gabe e mostrei-lhe os polegares. Ele respondeu com o mesmo gesto. Afligira-se por nada. Não haveria deslizes nem tropeções. Passáramos centenas de horas a praticar este número. Com dor de cabeça ou sem ela, eu estava preparada.

Os Cinco tinham objetado com veemência quando eu anunciara que o Gabe iria comigo para a água, enunciando as mesmas preocupações de segurança que ele. De quantos mais anos precisaria para erradicar as convicções que a sociedade lhes incutira? Quando é que compreenderiam que eram todos tão capazes de intrepidez como eu? Nesse aspeto, a minha missão fora um fiasco. O objetivo destes espetáculos era inspirar os outros, fazê-los acreditar que também eles poderiam ter uma vida sem medo. Talvez devesse repensar a minha abordagem.

Apareceu uma câmara por cima do buraco. Eu levantei uma mão, mas não acenei. Queria cumprimentar os meus fãs com uma solenidade digna da ocasião. Desta vez, a nossa intenção era realizar um documentário a abranger toda a proeza, expandir o meu alcance ao máximo de almas possível. Os Cinco tinham sugerido que eu gravasse comentários em voz-off a partilhar os meus conhecimentos com a ralé. Chamar-lhe-íamos *Madame*

Intrépida Apresenta... Congelada. Centenas de milhares, quiçá milhões, poderiam absorver os meus ensinamentos. Eu revolucionaria as vidas psicológicas das massas tal como Freud e Jung tinham feito antes de mim. De uma vez por todas, mostraria ao meu pai autoritário como ele estava errado.

Afastei-me do buraco e imaginei Os Cinco a acionar o cronómetro. Observei as águas turvas à minha volta, sem conseguir perceber bem o quão escuras eram no fundo, não quando sabia que o céu estaria azul lá no alto. Além do Gabe, nada mais bulia por estas paragens, mas também como é que eu podia ter a certeza disso? Neste instante, algum ser primitivo poderia estar a despertar do seu sono no fundo do lago. Presas e garras, lembram-se desses velhos bichos-papão? Eu era uma menina tonta nessa época, sem fazer ideia de que o monstro dentro do barco era muito pior do que qualquer coisa que houvesse debaixo dele.

Quantos pontos valeria este desafio, Sir?

Depende se fazes a coisa como deve ser.

Isto não tinha nada a ver com o lago Minnich. Desta vez, eu tinha uma alternativa.

Não esperara que a invencibilidade desse tanto trabalho. Durante a última hora, parecera-me estar a respirar por uma palha que estava cada vez mais estrangulada, como se alguma coisa estivesse a obstruir o tubo. O dispositivo regulador que eu escolhera era um modelo que ainda não estava no mercado, mas tinham-me afiançado que fora sujeito a rigorosos testes.

Senti um puxão no cabo. Puxei em resposta. Continuar a fazer isto por muito custosa que ficasse a minha respiração, por muito intenso que o frio se tornasse à volta dos meus ossos. Não regressaria a terra enquanto não batesse o recorde.

Será que a façanha perdia a validade se eu não sentisse dor ao realizá-la?

O tempo abrandou fazendo lembrar uma torneira a pingar. Recitei o meu mantra vezes sucessivas. Passou mais areia pela ampulheta. Fechei os olhos e inspirei durante quatro segundos, ignorando a obstrução do fluxo de ar, expirei durante outros quatro. Inspira, dois, três, quatro. Expira, dois, três, quatro.

Quando senti uma palmada no braço, abri os olhos. O Gabe apontou para o gelo, dando-me a entender que ia sair. Estiquei o polegar. Estava

surpreendida e bastante orgulhosa por ele aguentar tanto tempo. Iniciei outra respiração de quatro segundos: inspira, dois...

Engasguei-me quando entrou água pelo meu bocal. Soprei o líquido para fora antes que me descesse pela traqueia e até aos pulmões.

Senti tensão no cabo.

Tentei inspirar profundamente outra vez. Desta vez, inalei um pedaço de gelo embotado, o que me causou um acesso de tosse. O Gabe virou-se para ver o que estava a acontecer, interrompendo a sua subida. Pressionei o botão de purga. Continuei com dificuldade em respirar. O dispositivo regulador deveria ter congelado. Aqueles estafermos da ThermoKline tinham jurado que o seu equipamento suportaria águas mais frias do que estas. Em centenas de mergulhos de treino, esta avaria nunca acontecera.

Os Cinco puxaram o cabo outra vez.

Resolvi passar para o regulador de reserva, tal como ficara decidido no caso de um cenário de catástrofe. Olhei para baixo, mas não encontrei o tubo amarelo-néon. O Gabe começou a avançar para mim devagar.

Os Cinco deram um terceiro puxão. Amaldiçoei a sua pobreza de espírito. Era evidente que eu estava ocupada com a tarefa de salvar a própria vida. Será que podiam ser corajosos durante cinco minutos da sua triste existência?

Por fim, com a ajuda do Gabe, encontrei o bocal de reserva, que se enroscara à volta do meu pescoço. Tentei desemaranhá-lo, mas as luvas grossas tiraram-me a sensibilidade dos dedos. Entrei em pânico perante a possibilidade de me afogar aqui por causa de uma gafe, como uma imbecil. Está devidamente documentado que quando os humanos estão frios perdem sensibilidade, o que é a única explicação que tenho para o que fiz a seguir.

Como as luvas me estavam a estorvar, descalcei a direita e agarrei o regulador de reserva com a mão desprotegida. Sucesso! O Gabe abanou a cabeça que nem um doido. Fui puxada pela água com brusquidão. Olhei pasmada para a superfície do lago. Tinha perdido Os Cinco de vista; era evidente que tinham decidido puxar-me para fora.

Olhei para o relógio, consternada, e estiquei a mão sem a luva para a parte de baixo do gelo. *Mais tempo*, quis gritar. Um vulto debruçou-se sobre mim; esperava que fosse o operador de câmara. Já estava a imaginar a fotografia: os meus cinco dedos esticados, a palma da mão encostada ao gelo como vidro, as cicatrizes das queimaduras à vista, um milhão de minúsculas

bolhas de ar à volta da mão, prova de que havia vida, alguma coisa encurralada debaixo da superfície.

Talvez pudéssemos pôr essa imagem em T-shirts, pensei, aturdida, enquanto a minha mão se encolhia.

O cabo de segurança puxou-me para o buraco no gelo. Eu praticara com demasiado afinco e por demasiado tempo para desistir com tanta facilidade. Seria capaz de corrigir o problema se me dessem uma oportunidade.

Qual é a única forma de teres sucesso?

Através da minha força de vontade.

Larguei o regulador de reserva e dediquei-me ao arnês. Estava a violar todas as regras do manual de mergulho, mas também não era uma mergulhadora mediana. Por muito que o Gabe troçasse, eu tinha a certeza absoluta de que me tornara imune à dor. Desde que mantivesse a calma, o perigo não me afetaria. Libertei-me do cabo de segurança e impulsionei o corpo para baixo. O Gabe fez um ruído e tentou agarrar-me, mas eu esbracejei e esperneei para lhe escapar. Assim que fiquei fora do alcance dele, voltei a encontrar o bocal de reserva, os movimentos penosos e desajeitados.

O Gabe flutuou por cima de mim alguns segundos, depois libertou-se do seu próprio arnês. Eu franzi o semblante. Isto não fazia parte do plano. O Gabe não passara centenas de horas a habituar o corpo a mergulhos em águas geladas; não conseguia sustentar a respiração debaixo de água durante seis minutos em caso de emergência; não tinha equipamento feito à medida para o seu corpo. Era suposto regressar à superfície e deixar-me acabar o espetáculo. Havia de pagar por isto. Mandaria um exército de cavalos-marinhos atrás dele. Dei uma risadinha ao pensar nisto, libertando bolhas de ar da boca enquanto nadava para águas mais profundas.

Acima do Gabe, esticaram-se alguns braços pelo buraco no lago. O que lhes passara pela cabeça, a enfiar os braços desprotegidos na água gelada? O Gabe repeliu-os. Eu desci mais alguns metros para ficar fora do alcance dos outros. Depois de cada tentativa frustrada de obter oxigénio, de cada invasão de água e gelo, desobstruí o meu regulador. Consultei o relógio outra vez. Quanto tempo queria aguentar? Porque é que tinha a garganta gelada?

Os vultos lá no alto ficaram desfocados, agitaram-se, desceram às profundezas. Cabeça, ombros, braços e pernas, tronco. Pensei que demónios aquáticos viviam no fundo do mar.

Talvez isto *fosse* o fundo, cismeï. Talvez eu estivesse de cabeça para baixo. Espreitei para baixo, depois para cima, depois para baixo, depois para cima. Conclusão inconclusiva, determinei. Que oximoro.

O selvagem, lívido e intumescido, arremeteu para mim nas túrbidas profundezas ou águas superficiais. Tentei nadar para longe, tentei, mas os meus braços e pernas eram feitos de porcelana partida. Os meus olhos tornaram-se negros, negros como uma máscara de seda para dormir, negros como a promessa de um pai.

Esta noite não dormes, meu doce.

Última fotografia: mais demónios a enfiar os braços pelo buraco, fazendo lembrar sinistramente uma serra elétrica, o demónio, não o buraco, fino em baixo, largo em cima. Como se chamava a serra? Parecia ter sido há tanto tempo, noutra dimensão. Eu alguma vez estivera seca?

Recuperei a consciência, com mais frio do que sonhara ser possível. Pessoas de ar preocupado correram numa azáfama, amarraram-me, mexeram-me, estimularam-me. Voltei a perder a consciência. *Au revoir!* Sirenes, sirenes, sirenes, a banda sonora da minha viagem. Quantas vezes o Gabe correrá atrás delas, perseguindo-me até às urgências, como duas crianças a brincar à apanhada?

Desta vez partilhamos a ambulância. Foi o que me disseram mais tarde; eu não me lembro de nada. Nem da cara lívida, nem de estar a soro, nem do carro fúnebre que estacionou nas traseiras.

Uma semana mais tarde tive alta e mandaram-me para casa. Entretanto, o meu melhor amigo no mundo, aquele que morreu congelado, foi transformado em cinzas.

Natalie

9 de janeiro de 2020

Na manhã seguinte, saio para um manto pardacento a pairar baixo no céu. O vento uiva, ameaçando levar-me o gorro, mas não está a chover, não se veem relâmpagos nem se ouvem trovões. As nuvens parecem na iminência de desabar na tempestade que a Kit profetizou na noite anterior. Para já, a ilha aguenta-se firme.

Vou para a cantina assim que ela abre. Depois de pegar nuns cereais desenxabidos e numa embalagem de iogurte, escolho um lugar de onde se consegue ver as duas portas, para a Kit não me escapar. Vai ser hoje. À primeira oportunidade, chamá-la-ei de parte.

Estou capaz de vomitar.

De qualquer forma, esforço-me por comer, ansiosa por pegar no telemóvel (bem escondido no sutiã de desporto). Há quase vinte e quatro horas que não contacto a minha equipa e estou mortinha por saber como correu o *briefing* de ontem à tarde. Quando foi a última vez que estive tanto tempo sem ver os *e-mails*? Na universidade? Perco o fôlego só de pensar em mais de cem notificações, um ecrã coberto de círculos vermelhos. *E se alguém precisa de mim?* Aperto a ponte do nariz.

A porta range ao abrir e o Gordon entra. Percorre o corredor e para à beira da minha mesa. Eu finjo um sorriso de saudação.

Ele inclina a cabeça.

– Hoje fez o risco do outro lado da cabeça.

Digo que sim com a cabeça, um pouco assustada, ainda sem ter a certeza se é ele que tem andado a seguir-me.

– Constou-me que encontrou a sua irmã.

– É verdade.

– E então?

– Está bem-disposta – admito.

Olha para a minha tigela de cereais praticamente intacta.

– Quando acabar de comer, levo-a de volta.

– A Kit disse qualquer coisa sobre uma tempestade.

– Só dentro de um ou dois dias. Partiremos hoje.

Porque está com tanta pressa de se ver livre de mim?

– A Kit disse...

– A menina Collins não é meteorologista – interrompe-me o Gordon. – Nem marinheira. Partiremos esta manhã.

Sinto-me tentada a concordar com ele, a piscar-me desta ilha de inadaptados e esquecer a confissão. Tantas vezes me interroguei se a Kit queria de veras saber. Ela é feliz aqui, não quer que eu interfira. Tenho muito que fazer na minha terra.

Mas a ilha tem alguma coisa de estranho. Alguém me enviou um *e-mail* por algum motivo. Presumo que o autor seja também a pessoa que me anda a seguir e a mexer nas minhas roupas, mas o que posso fazer? Aqui o que não falta são excêntricos manhosos: o Gordon e o fulano grande que gritou com ele, a mulher careca a tagarelar sobre sangue novo, o nosso guia Sanderson. Qualquer um deles pode ser o autor do *e-mail*.

Quanto mais penso nisso, mais me parece que não foi o Sanderson. Tenho quase a certeza de que ele estava a tentar fugir deste sítio; se ele ontem só queria meter-se num bar, porque é que levaria uma mochila tão carregada?

Mais alguns dias em Wisewood não me farão mal. O tempo extra dar-me-á uma oportunidade de convencer a Kit a voltar para casa comigo. E por muito que me apeteça fantasiar o contrário, não me posso ir embora sem lhe confessar aquilo sobre a nossa mãe. Digo que sim com a cabeça para mim mesma, determinada. Enviarei um *e-mail* ao meu chefe a informar que estarei incontactável o resto da semana. Também podia enviar uma mensagem à Jamie, ainda que o mais certo seja ela nem ter dado pela minha ausência, com o bebé e tudo. Penso em quem mais tenho de informar e fico horrorizada ao não me lembrar de ninguém.

– Não – digo. – Eu não vou a sítio nenhum enquanto a tempestade não passar.

As narinas do Gordon enfunam-se.

Pego na colher e meto os cereais à boca.

– Tenho de dizer à Rebecca?

Fica ali de pé tanto tempo que eu calculo que esteja a engendrar maneiras criativas de me assassinar enquanto durmo.

– Vou-lhe dizer. – Roda sobre os calcanhares.

Assim que ele sai da cantina, todo o meu corpo relaxa. Demoro uma eternidade a comer os cereais, à espera da minha irmã. Quarenta e cinco minutos depois, ela ainda não apareceu, por isso levanto o tabuleiro e vou-me embora.

Caminho pelo meio das cabanas. Os hóspedes cavaqueiam em grupos de dois e três. Todos acenam para mim e depois retomam as conversas. Nenhum sinal da Kit. Estou prestes a desistir e a voltar para o meu quarto quando a avisto à porta do pré-fabricado com uma caixa de cartão aberta.

– Kit – chamo enquanto corro para lá, o coração a palpar. – Podemos conversar?

– Só tenho um minuto. – Aponta para o pré-fabricado com a cabeça. –

Mas depois da aula estou livre. – Talvez só esteja a ouvir aquilo que quero, mas juro que detetei um indício de esperança na voz dela. – O que se passa?

Não é o momento oportuno. Terei de esperar pelo fim da aula. Assim, pergunto:

– Wisewood tem um serviço de limpeza?

– Apenas uma equipa de lavandaria aos domingos.

Arquejo.

– Então alguém entrou no meu quarto enquanto eu andava à tua procura ontem. Mudaram a minha camisola de uma prateleira para o armário.

A Kit fita-me.

– E depois? É provável que a equipa de lavandaria estivesse a ser simpática e tenha dado um jeito ao teu quarto.

– Não disseste que só trabalham aos domingos?

Ela encolhe os ombros.

– É possível que alguém tenha feito uma verificação de última hora para se certificar de que o quarto estava limpo e pronto. A tua chegada não foi propriamente planeada.

– Não é só isso. – Baixo a voz. – Anda alguém a seguir-me pela ilha. A espreitar pelas janelas da minha cabana.

– Nat, vá lá. Não estás a falar a sério. – Apoia a caixa de cartão na outra anca, agitando o que tem lá dentro.

Espreito para o interior. Lá dentro tem milhares de pioneses. Lanço-lhe um olhar furioso.

– Para que é isso?

– Se queres ficar a saber, terás de assistir. Eu tenho de ir.

Olho de relance para uma janela do pré-fabricado. Um homem de barba que me parece familiar está a observar-nos, esticando o pescoço para ouvir melhor. Quando percebe que o vejo, desaparece.

– Fica para a próxima. Mas depois da aula quero falar contigo.

Ela encolhe os ombros e entra para o pré-fabricado. Alguns retardatários apressam-se atrás dela. Depois fico outra vez sozinha. Desço do passeio e caminho para o muro de sebes, olhando por cima do ombro, congeminando um plano. Quais são os sítios mais prováveis para haver rede? O gabinete da Rebecca, se ela tiver telemóvel? O quarto dela? Os funcionários devem utilizar computadores ou telemóveis para receber reservas dos hóspedes; talvez restrinjam as tecnologias a áreas específicas.

Tenho uma ideia. Estugo o passo ao longo da sebe até chegar à porta com a placa APENAS PESSOAL AUTORIZADO. Experimento o puxador outra vez. Desta vez roda.

Abro a porta e passo para o outro lado.

Estou rodeada de centenas de abetos. Entre as árvores há um caminho estreito e fofo, coberto de agulhas de pinheiro e neve meio derretida. Sigo por ele. A floresta está em silêncio. Alguns pássaros chilreiam ao longe, mas não ouço sinais de vida humana. Nem roçar, respiração ou passos. Estou sozinha. Ao cabo de um minuto a serpentear por entre as altas e finas árvores de folha persistente, o caminho divide-se. Sigo pela direita.

Quando estou a dez metros da sebe, corro o fecho do casaco, meto a mão no interior da *T-shirt* e tiro o telemóvel de dentro do sutiã, depois carrego no botão para o ligar. Bato o pé, olhando do telemóvel para o bosque à minha volta. Continua tudo sossegado. O silêncio começa a parecer anormal. Quero alguém ao meu lado. Não, quero é sair daqui.

Por fim, o ecrã ilumina-se: «Sem Rede.»

Digo um palavrão entredentes. Embrenho-me mais na floresta; de certeza que encontrarei uma construção para os funcionários. De certeza que eles

não vêm fazer pausas no meio do bosque. Meto o telemóvel no bolso e continuo a caminhar, o frio a fazer-me doer os pulmões.

Um minuto depois, o caminho fica mais estreito. Eu seria capaz de me esgueirar pelo meio de alguns aglomerados de árvores, mas o chão não parece mais calcorreado num sítio do que noutro. Decido-me por um aglomerado e caminho algum tempo até a floresta ficar densa demais para continuar. Regresso pelo mesmo caminho, com medo de perder o sentido de orientação e não saber onde comecei. Escolho outro aglomerado para transpor. Vejo uma coisa branca mais à frente, a contrastar completamente com todos os verdes e castanhos. Aproximo-me com cuidado e abafio um arquejo ao ver o que é.

Um crânio.

É uma ave, ou já foi. O bico é comprido como o de um pelicano, as cavidades dos olhos vazias. Questiono-me como a ave foi parar ali, onde está o resto do corpo. Toda a cor e vida há muito apodreceram, mas não me consigo convencer a contorná-lo e a seguir caminho. Isto pode ser um aviso.

Volto para trás, aligeirando o passo, consultando o relógio. Só saí há vinte minutos, mas parecem horas. Começo a correr.

E se o caminho não conduzir a parte alguma? E se forem só becos sem saída? Isto pode fazer parte de algum estranho exercício de confiança que as turmas têm de fazer. Imagino o Gordon a trazer para aqui um grupo de alunos vendados e a deixá-los para encontrarem o caminho de volta. Eu também teria gritado.

Escuto um estalido muito perto.

Paro. O meu coração agita-se violentamente. Rodo sobre os calcanhares devagar.

Não vejo o Gordon. Não vejo ninguém. Olho para baixo. Está um galho partido debaixo do meu pé direito. Não estou a ser seguida. Esfrego a testa, pensando se devo regressar para a porta na sebe. Não sei nada sobre Wisewood. Que tipos de animais vivem nas ilhas do Maine? E se eu me perco e ninguém me encontra? A ilha parecia bastante grande quando vínhamos no barco.

Caminho mais um minuto, depois paro de repente. Mais adiante, há uma construção feita de tábuas de madeira. Parece que não é usada há décadas. Se isto fosse um filme, estaria lá dentro um homem de cabelos grisalhos à espera com um machado em cima das pernas, a família inteira

ensanguentada no chão aos seus pés. Todas as células do meu corpo dizem-me para não me aproximar.

Sigo sorrateiramente pelo caminho, paro defronte da construção e deito a mão ao puxador.

A porta está trancada.

Expiro, aliviada, e começo a contornar o casebre, à procura de uma janela. Encontro uma do lado esquerdo. Junto as mãos à beira dos olhos. Não está ninguém lá dentro.

É uma velha escola. Ao longo de uma parede tem prateleiras baixas cheias de livros empoeirados. Ao centro da sala, conto três filas de quatro carteiras de madeira. Em cima de algumas, há manuais escolares abertos. Na ponta da sala, a secretária do mestre-escola, um globo azul em cima. O quadro de lousa está cheio de gatafunhos frenéticos que não consigo ler. Por cima do quadro, um mapa dos EUA em tons de sépia. Uma vassoura encostada a um canto. A sala faz lembrar a série *Uma Casa na Pradaria*, como se o professor e os alunos estivessem para chegar a qualquer momento.

Sinto as entranhas a coalhar, a dizer-me para sair deste sítio, para sair da floresta. Tiro o telemóvel do bolso e vejo o estado do sinal de rede a mudar de «Sem Rede» para «À Procura». Bato o pé. Outra vez «Sem Rede». Verifico as opções de *wi-fi*. Nada. A bateria está nos treze por cento.

Estou tão concentrada no telemóvel que só ouço os passos quando estão mesmo atrás de mim.

Uma voz rosna, cava e abespinhada.

– Quem diabo és tu?

A minha vida dividiu-se em duas: antes da morte do Gabe e depois. *Depois*, descrevi à polícia todas as gafes que aconteceram no lago: o dispositivo regulador defeituoso, as luvas desajeitadas, a equipa de salvamento inexperiente. Expliquei que de algum modo me soltara do cabo de segurança, que o Gabe tentara libertar-me. Um trágico acidente, determinaram. Caso encerrado, olhares de compaixão.

Os Cinco não foram tão benevolentes. No dia seguinte a ter alta do hospital, apareceram no meu pequeno apartamento, não para me ajudarem num momento de luto, mas para desistirem do projeto. Não sabiam os pormenores do que acontecera debaixo do gelo, mas disseram que se perdera desnecessariamente a vida de um homem. Não queriam mais fazer parte da minha missão. Já não sabiam ao certo em que consistia a missão, mas já tinham dedicado, ou melhor, desperdiçado, tempo mais do que suficiente com uma causa que não levava a parte nenhuma. Disseram que eu os usara, os manipulara, os tornara cúmplices involuntários de um crime. Chegara a hora de seguirem em frente. Comigo deitada no sofá, destroçada e a suspirar, com as lágrimas nos olhos, desejaram-me uma boa vida. Supliquei-lhes que reconsiderassem, mas a repulsa nas suas palavras era palpável. A sua frieza deixou-me sem fôlego.

Depois, não consegui suportar a perda simultânea dos meus cinco maiores discípulos e do meu único amigo. Quem para além deles alguma vez compreendera aquilo que eu estava a tentar alcançar, a revolução ao virar da esquina? Com o Gabe e Os Cinco, o sonho estivera ao meu alcance. Sem eles, a carga era pesada demais.

Depois, fugi. Sem confidentes em Nova Iorque, não fazia sentido continuar ali. Ansiava por fugir para o sítio mais remoto possível, um porto de abrigo sem memórias. Durante a última década da sua vida, a minha tia

Carol passara os verões numa ilha ao largo do Maine. Para desgosto da minha mãe e felicidade do meu pai, passávamos meses sem notícias da tia Carol; ela isolara-se do resto do mundo o mais que conseguira. Eu arrendei uma cabana de um só quarto à mesma mulher a que a tia Carol arrendara.

Depois, não deixei o meu novo refúgio. Porquê dar-me ao trabalho, se tudo me fazia lembrar do Gabe? Comecei outra vez a apontar a pontuação: -10 por não comer, -20 por não dormir, -30 sempre que me doía a respirar. Passei os dias num estado de semiconsciência, passando pelas brasas até acordar com o barulho de um homem a asfixiar com água, a arfar em busca de oxigénio.

É bem-feita.

Não havia pontos suficientes para contabilizar todas as minhas fraquezas.

Meses depois da morte do Gabe, o seu advogado localizou-me. O Gabe deixara-me tudo. Eu sabia que o pai lhe legara uma considerável herança, mas não sabia exatamente quanto. Quando o advogado me entregou um cheque de catorze milhões de dólares, desatei a rir até soluçar (-2) e solucei até chorar convulsivamente (-3). Guardei o cheque na gaveta de cima do toucador deteriorado.

Esperei até a bruma se dissipar, questionando-me se alguma vez aconteceria. E se Os Cinco estivessem certos? E se os princípios em que eu acreditava estavam todos errados? Se eu não tinha sabedoria para transmitir, qual era a minha razão de viver? Porquê manter-me viva? Passaram-se semanas, depois meses, depois anos, arrastando-se, como se alguma entidade suprema não se conseguisse decidir quanto à melhor forma de me castigar. Eu não acreditava nessas coisas, mas naqueles tempos queria acreditar.

A minha mãe nunca me perdoara a falta de fé, o que ainda agora me dava vontade de a estrangular. Será que ela não compreendia como a vida seria mais fácil se eu conseguisse engolir que um ditador benevolente tinha tudo sob controlo? Será que ela não percebia o quanto menos eu sofreria se acreditasse num lugar mágico chamado paraíso em vez de saber que os ossos do Gabe estavam a definhar até se transformarem em pó? A religião era reconfortante. Acreditar era um privilégio. A minha mãe podia continuar a insistir que *tudo acontece por um motivo* até perder o fôlego; era isso que os crentes diziam a si mesmos, para não terem de admitir que a

vida era inconcebivelmente cruel na sua aleatoriedade. Eu não podia obrigar-me a acreditar num poder supremo mais do que os crentes podiam aceitar que não há ninguém a velar por eles, que não há um plano grandioso feito à medida das suas almas.

Certo dia, completamente entediada, dei uma caminhada pela ilha e encontrei uma velha canoa no extremo mais afastado da propriedade. Com a autorização da minha senhoria, levei-a para a água. No dia seguinte, senti os músculos espalmados, músculos que não exercitava há anos. Era uma dor boa, muito mais fácil de controlar do que a que andava a apoquentar-me.

Comecei a remar todas as manhãs durante três, quatro horas. De início, não saí da canoa, ficando a ver o Sol a incendiar o céu e a pintar a água de tons alaranjados. Mais tarde, comecei a ir mais longe à procura de costas inexploradas, encontrando cadáveres em todos os recantos: conchas vazias, estrelas-do-mar congeladas, crânios de aves. Recolhi-os todos, pousei o *bouquet* de carne fria no fundo da canoa. Apanhei plantas autóctones. Diretamente das algas, arranquei e comi caranguejos de casca mole. Com o passar do tempo, tornei-me mais arrojada, puxando a canoa para terra de modo a poder vagar pelas ilhas, por pradarias selvagens e matagais com musgo, pedreiras desertas e cemitérios deteriorados. Descobri prados de cenoura-brava, sebes de rugosas. Avistei pintassilgos, papagaios-do-mar, mergulhões. A toda a minha volta, a vida persistia, indiferente à minha dor e apuros. De algum modo, essa indiferença foi apaziguadora. Estava desperta como já não estava há décadas. Acometia-me um desejo de começar de novo.

No quinto aniversário do falecimento do Gabe, percebi onde errara.

Não era que os meus princípios fossem imperfeitos. Nos primeiros tempos, Os Cinco tinham prestado atenção a todas as minhas palavras. Eu ainda conseguia ouvir centenas de cadeiras de salas de espetáculos a fechar quando os meus fãs se levantavam de um pulo no fim dos números do espetáculo *Intrépida*, conseguia sentir a sua satisfação transpirada quando se libertavam da dor e do medo. Lembrei-me de ir a correr para o espelho do meu camarim depois de cada espetáculo para um vislumbre daquele rubor orgástico, compreendendo que também eu sofrera uma transformação.

Não, o problema não eram os meus ensinamentos. O problema eram os locais.

Como é que eu podia tocar o público quando uma força muito mais ruidosa e poderosa estava a respirar nos nossos pescoços? Que esperança poderia ter de mudar corações e mentes enquanto cada pobre bode expiatório perdido estivesse enredado nas expectativas da sociedade? Se eu conseguisse tirá-los do seu ambiente, afastá-los das cidades, empregos e famílias, talvez conseguisse impor uma mudança duradoura.

Se a Lisa não tivesse medo da solidão, seria feliz. Se a Evelyn não tivesse medo do fracasso, ainda seria uma artista. Se a Jack não tivesse medo do afastamento parental, seria livre.

Se o Gabriel não tivesse temido o perigo, estaria vivo.

Não podia suportar entregar mais uma alma que fosse ao medo. A herança do Gabe poderia ser o meu segundo ato, uma oportunidade de mudar o holofote. Observei as águas violentas em meu redor e pensei: *Porque não aqui?* Onde melhor do que no meio do mar para provar que eu não tinha medo da minha própria morte nem da de qualquer outra pessoa? Que melhor lembrete diário de que o controlo sobre o medo exigia uma vigilância ininterrupta? Cinco anos poderiam escorrer-me como areia por entre os dedos. Com um mar entre nós e o continente, os meus acólitos poderiam deixar para trás os seus hábitos e relações insalubres. Também eles poderiam começar de novo.

Corri para a minha cabana e pus a proprietária ao corrente do meu plano. Ela indicou-me uma ilha que estava disponível, posta à venda por uma família que estava a atravessar dificuldades financeiras. A terra estava em seu nome há gerações, mas há mais de meio século que não vivia lá ninguém. Considerando o estado deplorável, paguei um preço apreciável. Uma equipa de construção demoliu a casa principal degradada e no seu lugar construiu o meu próprio palácio de vidro. Abriram uma clareira para construir cinquenta quartos de hóspedes e dois pré-fabricados para aulas. O ancoradouro, o portão e a sebe foram erigidos mais tarde. Só deixei ficar a antiga escola para nos lembrar da importância da educação.

No verão de 2012, abri as portas. Aqui o meu novo rebanho poderia esquecer as calamidades passadas. Estaríamos livres de negacionistas, graças a uma maior segurança. Era a nossa oportunidade de escapar à selvajaria do mundo real. A Madame Intrépida morrera, mas das suas cinzas ergueu-se uma fénix chamada Rebecca.

Eu sou invencível, porra.

Se ele me desse mais uma oportunidade, eu poderia ajudar o homem comum. As massas faziam o mundo girar, mas não podiam impedir que as suas próprias vidas lhes saíssem do controlo. Se as pessoas aprendessem a enfrentar os seus medos, poderiam evoluir para versões idealizadas de si mesmas com as quais sempre sonharam, aquela de que eu falava no espetáculo *Intrépida*, a pessoa que eu passara a vida inteira a tentar ser. Um «eu» *maximizado*, por assim dizer.

Eu conhecia o caminho. Eles só tinham de me seguir.

Natalie

9 de janeiro de 2020

Dou um enorme pulo e meto o telemóvel ao bolso antes de me virar. No caminho, está uma mulher de cinquenta e tal anos, vestida da cabeça aos pés com roupa da Carhartt. Fico furiosa ao ver a sua cabeça rapada. Ela larga o carrinho de mão cheio de ramos de árvores e põe as mãos nas ancas. Terá visto o meu telemóvel?

– Andava à procura da casa de banho e perdi-me – digo. – Estou aqui há pouco tempo.

A mulher faz uma cara feia, um sotaque inequivocamente sulista ao falar.

– Andavas à procura da casa de banho depois de passar uma porta onde diz «Apenas Pessoal Autorizado»? Pensas que eu nasci ontem?

– Enganei-me.

Ela caminha até mim e quase encosta o nariz ao meu.

– Eu acho que o que aconteceu foi que te apanhei a bisbilhotar. – Tira o palito da boca, os dentes amarelos e tortos. – Anda comigo.

Eu sou alta, com o meu metro e setenta e cinco, mas esta mulher é muito mais. Dá passos de gigante, arrastando-me pela manga do casaco sem me tocar no braço. Eu tento libertar-me, mas ela agarrou-me com força.

– Isto é necessário?

A mulher resmunga.

– Estão sempre a aparecer pessoas como tu. Pensam que são mais importantes do que os outros e que as regras não se aplicam a elas.

Eu liberto-me com um puxão e paro.

– Não sabes nada sobre mim.

– Sim, deixa-te aqui ficar, princesa. Vê lá quanto tempo demoras a descobrir o caminho de volta.

Ela tem razão. Corro no seu encalço.

– Vens para aqui com as tuas exigências, roupas de *designer* e cabelos luzidios, subtil como um ataque cardíaco. Entretanto, ninguém me vê, embora tu só me dês pelo ombro. Já pensaste porque é que isso acontece? –

Não me dá tempo de responder. – Porque eu não ando a pisar a maldita floresta, a partir ramos e a blasfemar, constantemente a lamuriar-me de que o mundo todo está contra mim. Os pecadores silenciosos vão muito mais longe do que os barulhentos.

Toca na têmpora, sem abrandar ou hesitar enquanto caminhamos pela floresta. Alguns minutos depois, vejo a porta pela qual saí e suspiro, praticamente já sem a ouvir, agora que estou outra vez em segurança.

A mulher abre a porta e empurra-me pela passagem.

– Se queres fugir, tens de ser mais esperta. – Fecha a porta e aponta para as grandes letras pretas: APENAS PESSOAL AUTORIZADO. – Da próxima vez, lê os avisos.

Caminha pesadamente na direção da casa da Rebecca. Penso que a provação passou até que ela se vira para trás a abanar os braços.

– Não tenho o dia inteiro, princesa. Vamos lá.

O insulto da princesa já não me afeta, mas acho melhor não contradizer esta mulher. Ao atravessarmos a passos largos o recinto agora movimentado, as pessoas observam-nos com curiosidade.

– Eu sou a irmã da Kit – digo, esperando que isso faça alguma diferença.

– Eu sei muito bem quem és.

Sinto o coração a latejar. Será que foi ela quem enviou o *e-mail*?

Agora chegamos ao jardim das traseiras da casa da Rebecca. As nuvens agigantam-se, carregadas e prontas a desabar. Nunca vi tanto cinzento num único sítio.

A mulher tira um *walkie-talkie* do bolso de trás e encosta-o à boca.

– Kit, estás aí?

Alguns segundos depois, a minha irmã responde:

– Daqui fala a Kit. Podes dizer.

– É a Raeanne. Estou com a tua irmã no jardim. Apanhei-a a bisbilhotar na floresta. – Fulmina-me com o olhar. – Aonde queres que a leve?

– Estarei aí dentro de cinco minutos. – A Kit parece irritada.

– Compreendido. – A Raeanne guarda o *walkie-talkie* no bolso, cruza os braços e lança-me um olhar furioso. Somos constantemente vergastadas pelo vento.

Aguardámos num silêncio tenso, eu a olhar para todo o lado menos para a cara da Raeanne, enquanto o seu olhar tóxico me perfura. A minha irmã aparece alguns minutos depois.

– Obrigada, Rae. Eu trato disto.

A Raeanne abana a cabeça e vai-se embora a galope.

A minha irmã olha-me de sobrolho carregado.

– O que estavas a fazer na floresta?

Eu passo os dedos pelo telemóvel guardado no bolso.

– Perdi-me.

Ela olha-me fixamente, desconfiada.

– O que é aquela escola que há no bosque?

– Fala baixo – diz ela, assegurando-se de que ninguém ouviu. Caminhamos para as cabanas. Eu espero que comece a chover a qualquer momento, mas ainda nem um pinga. O Gordon tinha razão quanto à tempestade. Paramos no número quatro. Observando-me, a Kit abre a porta e entramos. Sinto um calafrio na barriga ao pensar em ficar a sós com a minha irmã. Esta é a oportunidade por que estava à espera.

O quarto dela está igual a quando eu o vim bisbilhotar ontem.

– Quando foi que te tornaste uma maníaca das arrumações?

– É só isso que tens para me dizer? – Ela baixa a cabeça, recompõe-se. –

Não podes andar por aí a invadir propriedade alheia. Alguns funcionários já estão furibundos por estares aqui.

Sento-me na cama dela.

– O Gordon?

Ela diz que sim com a cabeça e mete os pés debaixo da cadeira onde se sentou.

– Hoje de manhã, disse-me que a tempestade só chegará amanhã ou depois. Insistiu que era perfeitamente seguro viajar hoje. Quando eu lhe disse o que tu me disseste, ele redarguiu, e estou a citar: «A Kit não é marinheira.»

– Ele não sabe o que está a dizer. Já pilotei o barco muitas vezes.

– Pressinto alguma animosidade entre vocês os dois.

– Ele foi o braço-direito da Mestre durante anos. Depois eu cheguei. – Os cantos dos lábios dela sofrem um espasmo.

– Kit, estão a acontecer merdas estranhas nesta ilha. Esta gente é maluca ou perigosa, ou as duas coisas. Como consegues trabalhar com eles?

Ela cruza os braços com uma expressão mordaz.

Aponto para a janela.

– As cabanas não têm venezianas.

– Aqui não há segredos. – Olha para fora. – Tirar as venezianas foi ideia minha.

Fico de olhos esbugalhados. Eu pensara que a minha irmã era um soldado raso a seguir ordens cegamente. Agora, ao pensar no *walkie-talkie* que lhe deram, nas aulas que leciona, no acesso que tem à Rebecca, reconheço horrorizada a rapidez com que subiu na hierarquia, o quão elevado é o posto que ocupa.

– Quais são os teus planos, Kit? Viver aqui por tempo indeterminado?

– Não sei. – Fica tensa. – É libertador não ter todos os dias planeados ao mais ínfimo pormenor.

– Muitas carreiras permitem espontaneidade no quotidiano. – Ela abre a boca para protestar, por isso eu não lhe dou tempo. – Eu sei que não é só o trabalho que está em causa. Adoras não estar presa à tecnologia. Por isso defines limites quanto à tua utilização do telemóvel, deixas o portátil desligado o fim de semana inteiro, passas os domingos a fazer caminhadas ou a apanhar sol na praia em vez de a ver televisão. Queres menos responsabilidades? Vem viver comigo. Sabias que eu mudei para Boston? –

Ela arregala os olhos. – Não, não sabias, apesar de eu te ter enviado várias mensagens a dizer isso, a implorar-te que me fizesses uma visita.

Ela olha fixamente para mim.

– Porquê Boston?

Roo a unha do polegar.

– Pelo mesmo motivo por que tu foste para Nova Iorque. Queria fugir das memórias da mãe. Boston era a única sucursal que tinha uma vaga para uma estratega, por isso pedi transferência para lá.

– Gostas de estar lá?

Não, penso.

– Gosto – respondo, respirando fundo antes de recitar o discurso que preparei. – Podemos arrendar um apartamento com dois quartos. Eu

pagarei as contas até tu encontrares um emprego que te faça feliz. – Ter uma amiga, quanto mais a minha irmã, na cidade que adotei é quase mais do que posso desejar. Inclino-me para pegar na mão da Kit, mas ela afasta-se do meu toque. – Os teus amigos sentem a tua falta. Eu sinto a tua falta.

A Kit abana a cabeça.

– Não compreendes. Eu *sou* feliz. Wisewood é o que me faz feliz.

– A sério que vais ficar aqui muito tempo? – Começo a perder a esperança em mais noites de sexta-feira a ver a série *Parks and Recreation*. – E arranjar um namorado ou formar família? Essas coisas costumavam ser importantes para ti. Já não são?

Ela aclara a voz.

– Nem por isso.

O coração bate-me no peito. Tudo o que lhe importa é Wisewood. Não sei o que mais dizer, não imagino como a possa fazer mudar de ideias.

– Não me vais fazer mudar de ideias, Nat. Não te estou a censurar. Nem imaginas como estou feliz de te ver, apesar de me teres metido em sarilhos.

– Então porque não me ligaste ou mandaste uma mensagem uma única vez nos últimos seis meses? O Gordon disse-me que os hóspedes estão autorizados a contactar familiares.

– Eu não te quis magoar, mas sabia que acabaríamos por ter esta conversa, e eu não estava preparada para a ter. A Mestre achou que tu poderias querer fazer-me mudar de ideias e que eu voltaria contigo para o mundo exterior e seria absolutamente infeliz. Sei que tu pensas que eu sou uma fedelha egoísta por escolher ficar aqui, mas eu nunca estive tão feliz como agora. Não sei como te fazer compreender.

– O que é que essa mulher tem de tão extraordinário? Ainda não a conheci.

– Porque ela está atarefada com um novo projeto. – Os olhos da Kit cintilam. – Ela mudará a tua perspetiva da vida, Nat.

– Ela usa-vos a seu bel-prazer. Parece-me que algumas pessoas daqui foram sujeitas a uma lavagem ao cérebro. – *Tu, por exemplo*, penso, mas não digo.

A Kit faz uma careta.

– Cientistas provaram que não é possível esvaziar a cabeça de uma pessoa contra a sua vontade. Não é possível assumir o controlo da mente de outra pessoa. A lavagem ao cérebro é um conceito popularizado por Hollywood. A

ideia dá aos familiares autorização para atirarem as culpas para uma autoridade exterior em vez de para os seus entes queridos.

Precisamente aquilo que diria uma pessoa que foi alvo de uma lavagem ao cérebro.

– Todos os residentes de Wisewood assumiram este compromisso de livre e espontânea vontade. Ninguém está a ser coagido a fazer seja o que for.

– Só porque ela não está a apontar-vos uma arma à cabeça, não significa que não vos esteja a meter ideias na cabeça.

– Nós *queremos* que nos metam novas ideias na cabeça! É essa a finalidade do programa de autoaperfeiçoamento.

– Tenho de ser franca, Kit. – Faço um compasso de espera. – Wisewood parece um culto.

Ela fica um minuto a remoer.

– «Culto» é um rótulo depreciativo que a sociedade atribui a um grupo de pessoas cujas convicções não compreende ou com as quais não concorda.

– Este sítio não é normal. Não tem Internet, telefones, nenhuma ligação com o resto do mundo.

– O que é que o normal tem de tão extraordinário? Hoje em dia, as pessoas têm pavor de tudo. Sobem nas carreiras nas empresas, com medo de que as suas coisas não sejam suficientemente boas porque não são as *mais recentes* ou as *maiores* ou as *melhores*. Fazem desintoxicações com sumos, com medo de que as suas cinturas sejam largas demais, depois bebem quase até cair, com medo de que as suas noites sejam aborrecidas. Subir, comprar, comer. Subir, comprar, comer. Como hámsteres numa roda. Sobremedicadas, superestimuladas, por causa da vida pela qual se estão a matar para manter. Porque tens de menosprezar um estilo de vida diferente? Deixa-me ser feliz.

Nenhuma de nós fala durante algum tempo. Escuto a minha irmã a respirar fundo várias vezes. Não a quero deixar aqui. Não quero retomar a vida sem ela. Como é que ela pode aceitar nunca falar comigo? Dará assim tão pouco valor à nossa relação? Somos a única família que nos resta.

– Não sei como te proteger. – A minha voz vacila. – Este sítio é horrível e tu não consegues ver isso.

A Kit funga.

– Lembras-te do Natal em que eu tinha 9 e tu 12 anos?

Abanei a cabeça. Todos os Natais da nossa infância se misturam: eu a embrulhar os presentes da Kit, a fazer bolachas para ela deixar ao Pai Natal, a descer as escadas em bicos de pés para as comer assim que tinha a certeza de que ela estava a dormir, a escrever-lhe bilhetes de agradecimento em letras garrafais, enchendo-os cuidadosamente de carvão para ela saber que ele descera pela chaminé. Depois de passar a noite inteira acordada, geralmente passava o dia de Natal num estado confuso e fatigado.

– Há meses que eu queria uma *Barbie*. Ela usava um macacão amarelo e sapatos de tacão alto e tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo como eu. Quando rasguei o papel de embrulho na manhã de Natal e vi o que estava lá dentro, dancei pela sala, dando gritinhos de entusiasmo. A mãe estava a bebericar café com aquele roupão com gatos. Tu acabaras de abrir o jogo *Girl Talk*. – Ela morde o lábio. – Eu empurrei a minha *Barbie* para ti, implorei-te que olhasses. Lembras-te do que fizeste?

Sinto um buraco na barriga.

– Não.

– Reviraste os olhos. – Encolho-me. – Por isso tentei uma segunda vez. Aquela era a *Barbie*. Eu só queria que tu viesses como era fixe. Da segunda vez, disseste-me para a tirar da tua frente.

Arranco um espigão da unha. A cutícula começa a sangrar.

– À terceira, viraste-te para mim e disseste – aqui a Kit adota um tom de uma frieza psicopata –: «Não és demasiado crescida para *Barbies*?»

Engulo em seco.

– De repente, aquela camisa de noite que eu estava a usar, aquela com a Ariel e os folhos roxos, pareceu-me infantil. Tirei a *Barbie* da caixa para mostrar à mãe o quanto a adorei, mas, de súbito, senti-me como uma criança de dois anos sempre que penteava o cabelo da boneca ou lhe calçava os sapatos de plástico. Sentia-me estúpida ao fazê-la caminhar e falar. Um mês depois, deixei de brincar com bonecas. Para sempre.

O que mais me custou não foi o ato propriamente dito (apesar de já ser suficientemente mau), mas o facto de não me lembrar, enquanto a minha irmã o carregou durante décadas. Lá se ia a teoria de que nós só nos lembramos dos erros cometidos, não daqueles cometidos contra nós. Abro a boca, mas não me ocorre nada redentor para dizer.

A Kit mira-me com os olhos vermelhos.

– Tu não me vais roubar a faísca de Wisewood.

– Desculpa. – Isto não basta; eu sei que não.

– Não digo que as regras daqui não sejam estranhas. Todos os sistemas têm falhas. Wisewood não é diferente, mas nós focamo-nos nos aspetos positivos do programa.

Perdi a vontade de contradizer a minha irmã. Ela ficou sob o feitiço de um grupo e de uma ideologia que não consigo compreender. Se insiste que é feliz aqui, tudo bem.

– Compreendido. – Levanto as mãos, rendida. – Eu estou do teu lado, está bem?

Alguém bate à porta e nós damos um salto com o susto.

– Menina Collins, estás aí? – chama o Gordon.

– Estou ocupada – diz a Kit.

– Por favor, abre a porta.

Ela fecha os olhos. Desta vez, o seu tom é glacial.

– Eu disse que estou ocupada.

Uma pausa.

– Muito bem. Eu vou sair com o barco, por isso terás de...

A Kit salta da cama e abre a porta.

– Não é suposto sairmos.

O Gordon estica-se. Mesmo assim, é mais baixo do que ela.

– Está a nevar – diz ela.

Ele continua mudo.

– Aonde é que vais? – pergunta.

Ele olha para mim.

– Tens a certeza de que queres que responda aqui e agora?

A minha irmã olha para mim de relance.

– Kit, tenho de te dizer uma coisa – digo eu ao lembrar-me do motivo que aqui me trouxe. – Ainda não acabámos a conversa.

– Ai, isso é que acabámos. – Segue o Gordon para o exterior e fecha a porta.

Kit

Outubro de 2019

Sáímos da água a chapinhar e calçámo-nos em silêncio. A Debbie passou-me uma toalha que trouxera especialmente para mim. Mesmo depois de me secar, os meus dentes batiam com tanta força que me doía o maxilar. Quando o Jeremiah reparou que eu estava a tremer, deu-me o seu casaco.

Abanei a cabeça, apontando para a camisola e as calças de ganga encharcadas.

– Vai-se molhar.

– Depois seca – respondeu com um encolher de ombros.

Brindei-o com um sorriso e corri o fecho até cima. Fiquei logo mais quente, embora tivesse as pontas do cabelo congeladas. Os membros do CI começaram a caminhar em fila indiana para a floresta. Enquanto caminhava atrás do Sanderson, o Jeremiah a seguir-me de perto, tentei imaginar em que consistiria a Busca do Julgamento. Iriam fazer uma lista dos meus pecados e aplicar castigos adequados aos crimes? Imaginei-me de pé, diante de um painel dos meus colegas. *Por roubares doces naquela loja quando tinhas 13 anos: dez reguadas nos nós dos dedos. Por fazeres com que a tua melhor amiga da secundária fosse presa: três dias sem comer. Por seres uma filha negligente: ajoelhares-te em cima de vidro partido até ficares com a pele a escorrer sangue.*

Talvez eu tivesse de decidir um castigo para outra pessoa.

– Não é tão mau quanto possas estar a pensar – disse o Jeremiah nas minhas costas. Eu concordei com a cabeça, o estômago a revirar.

Começou a choviscar, o que nos obrigou a caminhar mais depressa. Como uma criança irrequieta, a Sofia correu pelo caminho coberto de

agulhas de pinheiro, agachando-se e desviando-se dos ramos, sempre a gritar. O resto do grupo avançou com solenidade, o que só serviu para me deixar mais apreensiva.

Pouco depois, o bosque cheirou a casca de árvore húmida. Os nossos sapatos chiaram na lama. Os pulmões doíam-me cada vez que inspirava ar frio. Rezei para que a cerimónia que iria acontecer de seguida, fosse ela qual fosse, se realizasse num local interior, de preferência com uma lareira. O Jeremiah assobiou a música *Party in the USA*, talvez para me acalmar, quebrar o silêncio sepulcral.

Terminara o primeiro refrão quando, à cabeceira da fila, a Raeanne disse:

– Juro por Deus, tu debes ter engolido o canário mais desafinado que jamais viveu.

Ele parou de assobiar e o grupo ficou outra vez em silêncio. Não me agradava como estavam todos tão nervosos esta noite, o modo como a maioria tentava esconder isso com uma jovialidade fingida. Eu queria saber o que eles sabiam.

Passado algum tempo, chegamos a uma pequena construção. Na penumbra, não consegui ver muito mais do que paredes feitas com tábuas de madeira desgastadas pelo tempo. Tentei ouvir o rugido do mar, mas já não se ouvia. Sentia a cara gelada, queimada pelo vento.

A Sofia estava à nossa espera à beira da porta de madeira, as mãos apoiadas nos joelhos. A Ruth empurrou-me para a frente do grupo.

– Só de pensar que eu uma vez me qualifiquei para Boston – disse a Sofia, ofegante.

Assustei-me. Fora das aulas, os funcionários raramente aludiam às suas vidas antes de Wisewood.

– Para a maratona?

Ela disse que sim com a cabeça, recompondo-se.

Depois de respirar fundo mais uma vez, agarrou o puxador e empurrou-me para o vazio negro como breu do casebre. Eu guinchei em protesto no preciso instante em que a sala se iluminou. Semicerrei os olhos, tentando habituar-me à mudança.

Estávamos dentro do que parecia uma velha escola. A Mestre estava sentada à secretária do professor na cabeceira da sala de aula, o cabelo penteado, as roupas secas. Ao lado da secretária, havia um tripé com um suporte de telemóvel em cima, sem telemóvel.

Levantou-se e indicou-me uma carteira na primeira fila.

– Por favor, senta-te.

Olhei por cima do ombro. Os restantes membros do CI tinham feito fila atrás de mim.

– Não te preocupes com o que os outros estão a fazer – disse a Mestre.

Assenti com a cabeça e caminhei para a frente da sala sem nunca desviar os olhos dos dela. Sentei-me numa carteira, de madeira e dura, e ouvi os meus colegas a sentarem-se nas outras. Não me atrevi a desviar o olhar daqueles olhos violeta enquanto eles não se desviaram dos meus. Senti espasmos musculares e palpitações no coração.

A Mestre percorreu os corredores entre as carteiras, cumprimentando cada aluno com um aperto de mão. Alguns membros baixaram a cabeça, outros sorriram. O Gordon aproximou-se do tripé, tirou um *iPhone* do bolso e pousou-o no suporte com o visor virado para o outro lado. De costas para o quadro negro, tocou algumas vezes no visor, vendo o que lá aparecia.

Fiquei apavorada. Ele estava a filmar-nos.

Pela enésima vez, questionei-me qual seria exatamente a função do Gordon em Wisewood. Eu e a Ruth lecionávamos, a Debbie cozinhava, a Sofia curava. A Raeanne tratava do jardim, cortava a relva, limpava a neve com uma pá, cuidava da terra. O Sanderson pilotava o barco, ia às compras, tinha queda para a pichelaria e a eletricidade. O Jeremiah tratava da contabilidade de Wisewood. Nenhum de nós sabia o que o Gordon fazia além de estar por perto do gabinete da Mestre e, de vez em quando, desaparecer em missões secretas.

A Mestre regressou à frente da sala e esperou que o grupo se instalasse. Eu mexi os dedos dos pés; ainda não os conseguia sentir.

– Kit, estou radiante por te dar as boas-vindas à tua BI1, a Busca do Julgamento. – A Mestre sentou-se com graciosidade no tampo da sua secretária. Juntou os dedos em forma de campânula, o cenho franzido. –

Porque foste escolhida para o CI? – Abri a boca enquanto procurava atabalhoadamente uma resposta. – Porque é que todos vocês foram escolhidos? – Olhou para os outros. – As pessoas que estão nesta sala passaram pelas piores tribulações da vida. Sofreram dores inimagináveis, perdendo pessoas que eram muito importantes para elas por força da morte

ou da rejeição, por vezes as duas coisas. Foram vítimas de violência física e psicológica. Perderam batalhas com vícios.

Espreitei por cima do ombro. A maioria dos alunos tinha a cabeça baixa, percorrendo as nervuras da madeira com os dedos, mas a Raeanne e a Sofia estavam a olhar para a Mestre, sem pestanejar, sustendo a respiração.

– Quando olho para os vossos rostos, não vejo vítimas – disse a Mestre. – Vejo sobreviventes. Vejo lutadores.

O Sanderson resplandeceu no seu lugar. A Ruth concordou com a cabeça. A Raeanne gritou de alegria.

A Mestre começou a andar de um lado para o outro, subindo de tom.

– Todos vocês têm a possibilidade de exemplificar a intrepidez, de ajudar os outros a atingir a grandeza. – Parou e torceu as mãos. – Espero que os veteranos aqui presentes deem essa ajuda esta noite. Eu não posso fazer tudo sozinha. Neste instante, preciso de todos vocês. – Perscrutou-nos. – Urge que atuemos como um só.

– Apoiado! – disse a Sofia. Os outros concordaram com a cabeça. Eu tinha de me concentrar, mas sentia os lobos das orelhas a arder. Cheguei os ouvidos aos ombros, tentando aquecê-los no casaco do Jeremiah.

A Mestre virou-se para mim.

– Durante o tempo que aqui estiveste, Kit, enfrentaste medos específicos comigo, mas as Buscas de Intrepidez têm a ver com o domínio de medos universais, medos com que quase todos os humanos se deparam num ou noutro momento. O primeiro desses medos é o castigo. – Alisou e voltou a alisar vincos invisíveis nas suas calças de lã pretas e enfiou as mãos nos bolsos. – Desperdiçamos muito tempo durante as nossas breves vidas a preocupar-nos com o que os outros pensam de nós. Receamos as suas reações à nossa roupa, ao nosso ganho de peso, à nossa perda de cabelo. Receamos o que irão pensar se dançarmos num casamento ou enquanto caminhamos pelo passeio.

Eu assenti, esfregando o lábio superior no nariz para o aquecer, repreendendo-me para estar quieta e prestar atenção.

A Mestre suspirou profundamente.

– Mas também receamos ser julgados pelas nossas decisões mais importantes. Receamos que os outros não aprovelem os nossos empregos, as nossas casas ou os nossos companheiros. Em Wisewood, estamos convictos de que é impossível atingirmos o nosso «Eu» Maximizado enquanto nos

preocuparmos com o julgamento das outras pessoas. A BI1 é uma forma de ultrapassar esse julgamento.

Embora naquele momento eu não o tivesse dito daquela maneira, o medo do julgamento das outras pessoas fora um dos motivos por que me inscrevera em Wisewood. Faria qualquer coisa para me livrar desse medo. Jurei dar provas de intrepidez para deixar a Mestre orgulhosa.

Ela piscou-me o olho.

– Não precisas de estar tão ansiosa. Vai correr tudo bem.

Percebi que estava agarrada à carteira. Soltei-a e obriguei-me a respirar.

– Assim está melhor – disse a Mestre. – Realizamos a BI1 nesta antiga sala de aula para não esquecermos que somos todos alunos, sim, eu também, a aprender constantemente e a evoluir. – Um compasso de espera. – Fecha os olhos.

Combati a vontade de me levantar como um relâmpago e fugir pela porta. Começou a chover com mais intensidade, as gotas a bater nas tábuas. Eu fiz o que ela mandou.

– Imagina a pior coisa que jamais fizeste. Poderás ter de procurar, mas o mais certo é que venha logo ao de cima. É uma coisa que nunca esqueceste, provavelmente uma culpa que carregas. Não é nada relacionado com a tua mãe, isso já é assunto arrumado. Estás a lembrar-te de alguma coisa?

Hesitei, depois assenti com a cabeça.

– Essa culpa é pesada, não é?

– É – concordei, os olhos fechados.

À exceção da chuva a cair, estava um silêncio sepulcral.

– Agora – disse a Mestre, fazendo-me dar um pulo –, imagina remover essa culpa dos teus ombros. Gostarias disso?

Assenti outra vez.

– Eu também gostaria. – A voz da Mestre estava cada vez mais perto de mim. As minhas pálpebras vibraram. – O que vais fazer é partilhar com os presentes essa má conduta, para assim te libertares. No instante em que libertares o segredo que te apoquenta, começarás a recuperar. E, com a recuperação, estarás um passo mais perto do teu «Eu» Maximizado. Podes abrir os olhos.

Quando os abri, ela tinha a cara à beira da minha, as íris a cintilar. Tomou as minhas mãos nas suas.

– Eu sei que és capaz de fazer isto.

Abri a boca, mas ela interrompeu-me antes de eu conseguir dizer qualquer palavra.

– Começa por dizer o teu nome completo, Kitinha.

– Katharine Frances Collins. – Senti a cara a arder. – Certa noite, senti-me ao volante depois de uma noitada e conduzi para casa. A viagem não foi longa, mas, ainda assim, poderia ser multada por conduzir sob a influência do álcool. Ou pior.

A Mestre pareceu desiludida. Largou as minhas mãos, os tornozelos a estalar ao pôr-se de pé. Fulminou-me com o olhar.

– Espero não me ter enganado ao convidar-te para vires aqui. Esperamos uma infração grave, uma admissão de real vulnerabilidade. Não estás a dizer-nos toda a verdade.

Abri o fecho do casaco do Jeremiah, a transpirar. Como é que ela sabia?

Fez olhinhos aos outros, andando outra vez pelo meio das carteiras.

– Porque é que alguns dos outros não partilham as suas confissões na BI1? Façam a Kit perceber que não é o único ser imperfeito na sala.

Fiz um esforço para esconder o medo da cara. Esta era a minha oportunidade e já a estragara. Comecei a sentir uma ânsia familiar nas pontas dos dedos.

A Debbie foi a primeira a falar.

– Eu roubei da caixa registadora de um restaurante num dia em que tinha a renda atrasada.

A Mestre pousou uma mão meiga nas costas da Debbie.

– Eu escondi as minhas drogas no cacifo de outro funcionário para o meu pai o despedir e não a mim – admitiu o Sanderson. A Mestre piscou-lhe o olho.

A Ruth corou.

– Eu passei cheques sem cobertura para conseguir dinheiro suficiente para me mudar para o Maine. – A Mestre anuiu em aprovação. Precisei de todo o meu autocontrolo para manter uma expressão neutra. A Ruth, de entre todas as pessoas, cometera fraude?

A Sofia começou a falar, mas a Mestre levantou a mão e virou-se para mim. A vontade de puxar, de arrancar, percorreu-me os braços até chegar aos ombros. *Agora não.* Uma das carteiras rangeu quando alguém se mexeu.

Baixei o queixo.

– Tem razão, eu estava a retrair-me. O que eu não revelei foi que, enquanto estava a conduzir alcoolizada – inspirei –, tive um acidente.

A expressão da Mestre ensombreceu.

– Estás a trocar dos princípios que defendemos. – Inclinou-se para mim, baixou a voz de maneira a apenas eu ouvir. – Estas primeiras buscas também têm a ver com reforçar a camaradagem. Se te armares em santinha, fazendo-te melhor do que eles, não vais conseguir uma aproximação, pois não? – A ânsia subiu-me pelo pescoço, apertou-me a garganta como um torno. A Mestre afastou-se outra vez e fez sinal para a Sofia continuar.

A médica abanou a perna com tanta força que todo o seu corpo balançou.

– Sempre que a minha filha desaparecia, eu ficava desesperada. – Quando a voz lhe vacilou, a Mestre pôs-se ao lado dela num instante. Tirou uma embalagem de lenços de papel do bolso e entregou um à Sofia, depois encostou os lábios ao ouvido da mulher angustiada. A Sofia ouviu, endireitou os ombros. – Passei receitas de *Oxycontin* aos amigos drogados da Rosa, para eles me dizerem em que antro ela estava escondida.

Mordi o interior do lábio até fazer sangue; o sabor a ferro foi um alívio. A chuva fustigou o telhado. A Mestre cingiu a Sofia num abraço, depois incidiu o seu escrutínio sobre o Jeremiah.

– Eu falsifiquei as contas no trabalho – disse ele, a voz trémula.

Olhei embasbacada para o meu amigo enquanto ele ficava sem pinga de sangue na cara. Não olhou para mim, estava ocupado a ver a expressão condoída da Mestre. Ela cerrou o punho num sinal a dar-lhe força e deu-lhe uma palmadinha no ombro. Ele assentiu e endireitou-se na cadeira.

– Bu, vocês são mesmo fraquinhos – disse a Raeanne, entrelaçando os dedos atrás da cabeça e recostando-se na cadeira. – Eu matei dois homens.

Esta foi inesperada. Era a transgressão mais grave de todas, mas não tive dificuldade em imaginar. Seria verdade? Tê-lo-ia feito realmente? A Mestre parou à frente da carteira da Raeanne. Pousou a mão no próprio peito durante uns instantes e depois passou-a para o da Raeanne. Eu não conseguia ver a cara da Mestre, mas, a julgar pelo brilho nos olhos da Raeanne, sabia que ela deveria estar radiante a olhar para ela. Eu ansiava por essa aprovação incondicional.

Sem desviar o olhar da Raeanne, a Mestre disse:

– Dar-te-ei mais uma oportunidade, Katharine. Se queres fazer parte deste grupo, tens de nos fazer uma confissão condigna. Não nos faças perder

mais tempo.

O meu coração matraqueou. Estava a transpirar do couro cabeludo. Senti comichão no peito. O que é que isso era suposto resolver? Perdera o fio à meada. Se calhar, o que estávamos a fazer era errado.

Contudo, tínhamos entre nós uma médica reconhecida e um técnico oficial de contas e eles não viam nada de errado no processo. Tirando aquilo da fraude, a Ruth era uma das pessoas mais gentis e decentes que jamais conhecera e ela não estava alarmada. Se Wisewood não fosse um sítio apropriado, os outros não teriam ficado por aqui, dedicando cinco ou seis anos das suas vidas a este sítio. Abanei a cabeça, tentando concentrar-me. A Mestre alertara-me para pensamentos assim.

Cheguei-me para a frente na cadeira, deixando as marcas do suor das palmas das mãos na secretária. A chuva escorria pelas vidraças.

– Eu tive um acidente porque colidi com uma coisa. – Apoiei a cabeça nas mãos, zozza. – Uma pessoa.

Os outros debruçaram-se, ávidos.

– Não voltei atrás para verificar... – Não concluí a frase. Vindo do bosque, um veado atravessara a rua mal iluminada. Quando o vira, já era demasiado tarde. A provação durara segundos, o animal a mancar de volta para o bosque antes de eu conseguir imobilizar o carro em derrapagem. Eu atropelara um veado, não uma pessoa.

Não foi?

Ao abeirar-se de mim, a Mestre esboçou um sorriso. A culpa deu lugar ao alívio.

– Kit – disse a Mestre, desgrendando-me o cabelo –, estás um passo mais perto do teu «Eu» Maximizado.

Os outros desataram a aplaudir. Senti-me enjoada.

– E tu, Gordon? – disse a Raeanne quando a ovação esmoreceu. – Sempre atrás da câmara, nunca à frente. – Olhou nervosamente para a Mestre.

O Gordon, que não se mexera um milímetro desde que se encostara ao quadro negro, pigarreou.

– Esta é a BI1 da Kit, não a minha.

– Todos os outros partilharam as suas histórias – insistiu a Raeanne.

– Eu respondo à Mestre, não a ti.

A Mestre inclinou a cabeça.

– Achas-te melhor do que os outros?

Pela primeira vez desde que chegara a Wisewood, vi espanto – e mágoa – no semblante do Gordon. Ele pôs-se à frente do telemóvel e falou diretamente para a câmara.

– A pior coisa que jamais fiz foi provocar um inimigo no trabalho, que mais tarde assassinou a minha mulher e o meu filho enquanto dormiam nas suas camas.

Algumas pessoas ofegaram, todas em choque, menos a Mestre. Completamente controlado, o Gordon removeu o telemóvel do suporte, fechou o tripé, meteu-o debaixo do braço e saiu da escola, deixando a porta fechar com estrondo.

– Não deveríamos ir atrás dele? – perguntou a Ruth à Mestre, preocupada.

A Mestre deu uma palmadinha no braço da Ruth.

– Deixa-o estar. – Regressou para a frente da sala e começou a andar outra vez de um lado para o outro. – Mais do que antes, compreendem os perigos do mundo exterior. Façam com que os nossos hóspedes, os nossos alunos, compreendam como as suas vidas eram atrofiadas antes de virem para aqui. Relembrem-lhes que estão muito mais seguros aqui do que alguma vez estiveram lá fora. Quando os hóspedes deixam Wisewood, fazem-no por sua conta e risco. Regressam para o abuso, o desamparo, até mesmo a morte. Porém, quando ficam, nós podemos velar por eles, juntar ao rebanho aqueles mais prometedores, como foi o caso da Kit. – Enterneceu-se. – Parabéns por passares na tua BI1, Kitinha.

Desta vez, os aplausos deram lugar a uma ovação de pé. Eu ruborizei, tentando libertar-me da apreensão. A filmagem certamente nunca seria divulgada. O que importava se eu exagerara nos pormenores? Concluía a BI1!

Contudo, mesmo ao fazer um breve discurso de agradecimento, mesmo enquanto os outros membros do CI aclamavam o meu nome, senti uma vaga inquietação. Pela primeira vez em muito tempo, ansiei pela minha irmã.

– Mais uma coisa antes de entrares para as fileiras do CI – disse a Mestre, piscando-me o olho.

A Raeanne sorriu e avançou para mim com duas máquinas elétricas de cortar o cabelo.

Natalie

9 de janeiro de 2020

Espero durante horas na cabana da Kit, apavorada com o seu regresso. À hora do jantar, ela e o Gordon ainda não apareceram, mas a prometida tempestade sim. Cai sobre a ilha uma neve mole, mas depois muda de ideias e transforma-se em granizo. Passo pelo meu quarto antes de ir para a cantina para comer com a Chloe, que está acompanhada de alguns hóspedes da sua idade. Depois do jantar, os jovens convidam-me para um «círculo de sentimentos» no quarto de um deles. Eu agradeço, mas preferia que me injetassem veneno de cascavel nas gengivas.

Em vez disso, decido ir à procura da Kit.

Eu estava à espera do momento oportuno para pôr tudo em pratos limpos com a minha irmã, mas a verdade é que não haverá um momento oportuno. Não há um ambiente ou uma situação perfeitos para dar uma notícia que deixará a nossa irmã destroçada, já para não dizer que, durante as vinte e quatro horas que aqui passei, estive o tempo todo distraída e a olhar por cima do ombro. A sensação de ser observada, de ter alguém a vigiar-me, é constante. Assim que desabafar, poderei regressar a casa. Antes que aconteça alguma coisa pior.

Puxo o capuz da minha parca por cima da cabeça e encho-me de coragem ao sair da cantina. Quando percebo como o granizo está a cair com força, acelero o passo. Estou quase a chegar às cabanas quando um chumbo de uma arma de pressão de ar me acerta nas costas. Grito.

Apresso-me a contornar o círculo interior até à cabana número quatro e bato à porta com força para a Kit me ouvir. Enquanto espero, abrigo-me

debaixo do pequeno alpendre. A Kit não responde. Bato outra vez. Ela continua sem aparecer à porta. Contorno o edifício e espreito para dentro.

Ela não está lá.

Uma tremura que me começa nos ombros espalha-se pelos braços e pelas pernas.

Onde está ela? Onde está a minha irmã a desafiar esta intempérie? E se está perdida com o Gordon no mar? Se calhar não o conseguiu impedir de partir. E se o barco se virou? Imagino-a lançada ao mar como um pedaço de madeira a boiar, desfeita em pedaços irreconhecíveis.

Baixo a cabeça e negoceio com uma presença à qual quero muito dar ouvidos.

Leva o que quiseres. O meu emprego, o meu apartamento, a minha saúde. Apenas não lhe toques num único fio de cabelo.

Trinta segundos depois, estou de volta à minha cabana. O granizo ressalta no telhado. Caminho até à janela e olho para fora. Não se vê viva alma. Estou sozinha, mas sinto que não.

Ajoelho-me ao lado da cama e meto a mão entre o colchão e o estrado, sem desviar o olhar da janela. Deslizo a mão alguns centímetros, continuo à procura, mas nada. Olho da janela para a cama e levanto completamente o colchão.

O meu telemóvel não está lá.

Encosto a testa ao chão. Não está debaixo da cama. Abano os lençóis, o edredão e as fronhas das almofadas. Não está na cama. Vejo na mesa de cabeceira e nas gavetas da escrivaninha, mesmo sabendo que não o escondi ali.

Enquanto passo revista ao quarto, tenho uma imagem vívida do que aconteceu há duas horas. Vim direta da cabana da Kit para a minha e escondi o telemóvel entre o colchão e o estrado, praticamente a meio da cama. O telemóvel não poderia ser visto a menos que alguém andasse à procura dele. Ou estivesse a espreitar pela janela quando o escondi. Viro a cabeça de repente para as vidraças, mas não está lá ninguém. Engulo em seco.

Tento lembrar-me se o contrato incluía alguma cláusula sobre confiscar objetos pessoais, mas apenas lhe dera uma rápida vista de olhos. É possível que tenha concordado em ser roubada. Reviro a minha bolsa e a mochila,

espalhando no chão tudo o que têm lá dentro. Procuro em todos os bolsos, em todos os recantos do quarto.

Não encontro o telemóvel em parte nenhuma.

Sinto a crescer uma vaga de pânico que me é familiar.

Há quase uma década, eu acabara de começar a trabalhar no primeiro emprego depois de terminar a faculdade. Fui beber um copo depois do trabalho, mas acabei por só sair do bar quando este encerrara. Não olhei para o telemóvel durante horas. Quando, por fim, o tirei da bolsa, tinha quarenta e duas chamadas não atendidas da minha mãe. Fiquei sem pinga de sangue. Liguei-lhe logo de seguida sem me dar ao trabalho de ouvir as mensagens de voz. Como ela não atendeu, ouvi a primeira mensagem. Na mensagem, ela estava a chorar e a dizer que não aguentava mais e pedia perdão. Dizia que já sofrera o bastante, e continuou assim durante três minutos, até que o tempo se esgotou.

Meti-me num táxi, tentando ligar-lhe uma e outra vez, apertando o telemóvel contra o ouvido até a minha mão perder a cor. O que aconteceu foi que ela bebeu demasiado *chardonnay* e adormeceu no sofá com o telemóvel na mão. Eu levei-a para a cama e jurei nunca mais ignorar o meu telemóvel.

Mesmo agora que a minha mãe já morreu, apesar de não ter rede na ilha, não consigo evitar o aperto no peito. Digo a mim mesma que a Kit compreenderá. Terei de confessar que menti sobre não trazer o telemóvel para aqui, mas ela conhece a história. A sua nova perspetiva sobre a vida não importa. Ela continua a ser a minha irmã. Ela vai ajudar-me.

Nunca mais lhe mentirei. Ela que esteja bem.

Corro outra vez até ao quarto dela, desviando-me do granizo do tamanho de bolas de golfe. Desta vez, não me dou ao trabalho de ir à porta, vou direta à janela da cabana e olho para dentro. O quarto continua às escuras. São oito da noite.

Caminho penosamente até ao meu quarto, resignada com o facto de a maior parte da roupa que trouxe para Wisewood estar húmida. Deixo-me cair na cadeira da secretária com as roupas molhadas e tudo. A cantina já estará fechada. Quem é que me poderia ajudar? Que outro número de cabana conheço além do da Kit? Dou um pontapé na escrivaninha e digo um palavrão.

Às nove horas, vou outra vez ao quarto da Kit. Ninguém responde às dez nem às onze. À meia-noite desisto, tentando não perder as estribeiras. *Onde é que ela está?* Não sei como, mas tenho a certeza de que a Rebecca está por detrás disto.

Depois de andar de cá para lá pelo quarto durante uma hora, desisto. A esta hora e com este tempo, não há nada que eu possa fazer para reaver o meu telemóvel ou encontrar a minha irmã. Amanhã, irei à cantina mal abra e exigirei a devolução daquilo que me pertence. Assim que souber onde a Kit está, far-lhe-ei a confissão. Deito-me na cama, hesitando entre o medo e a raiva. Por volta das duas e meia, perco energia. As pálpebras ficam pesadas.

Acordo com uma coisa a bater-me repetidas vezes na testa. *Será uma infiltração no telhado?*, penso, estremunhada.

Abro os olhos. O luar ilumina o quarto. Está uma pessoa por cima de mim. Grito e encolho-me para me afastar do intruso. A pessoa é alta e magra e está a usar uma máscara como as dos assaltantes de bancos.

– Quem és tu? – Puxo o edredão até ao queixo. O granizo fustiga as paredes da cabana.

– Vamos – diz a mulher num tom grave. Está toda de preto.

– Como foi que entraste no meu quarto?

– Queres recuperar o teu telemóvel?

Estremeço, mas não faz sentido mentir. Alguém me deve ter visto a utilizá-lo na floresta. Provavelmente a Raeanne. Amaldiçoo-me por ser tão estúpida, depois digo que sim com a cabeça.

Ainda a tentar afastar o sono, visto a parca e calço as botas. A mulher não me dá tempo de pegar no cachecol e no gorro e começa a empurrar-me para a porta.

– Não tenho a minha chave – protesto.

Ela ignora-me e começa a caminhar. Quando passamos pela cabana da Kit, eu olho para lá, mas está longe demais para conseguir ver para dentro. A neve açoitá-nos enquanto seguimos caminho pelo meio dos círculos de cabanas. O frio é brutal, faz doer os ossos. Uma rajada de vento guincha ao passar por nós. Nada disso incomoda a mulher da máscara.

– Quem és tu? – volto a perguntar.

Ela não responde. A opção mais óbvia seria a Raeanne, mas pode ser qualquer funcionária; eu só conheci algumas. E se for uma hóspede que se passou dos carros? Afasto a ideia assustadora. Como é que um hóspede poderia saber do meu telemóvel?

Caminhamos na direção oposta à casa grande. Se calhar vamos ao quarto desta mulher. Pouco depois, afastamo-nos das cabanas. Pronto, o meu telemóvel pode estar no pré-fabricado onde dão as aulas. Quando passamos pelo pré-fabricado sem parar, fico ansiosa. Não há mais construções pela frente, apenas a sebe.

A mulher da máscara para à beira da mesma porta com o aviso «Apenas Pessoal Autorizado» pela qual a Raeanne me puxou há pouco. Ontem, para ser mais exata. Destranca-a e faz sinal para eu passar. Poderão ter guardado o meu telemóvel na escola? Eu estaco, colada ao chão.

– Diz-me aonde é que vamos.

– Toca a caminhar – diz ela, avançando um passo para mim.

– Só quando me disseres aonde é que vamos.

Ela tira alguma coisa do bolso, rodopia-a uma vez nos dedos. Ouço um estalido, salta uma lâmina: é um x-ato.

Perco as forças nas pernas. Passo pela porta às arrecuas sem tirar os olhos da lâmina. A mascarada avança nas minhas costas pela floresta, dizendo-me de vez em quando para virar à esquerda ou à direita. Mesmo debaixo da borrasca glacial, consigo sentir o vapor do calor corporal dela nas costas. Imagino o que aconteceria se ela tropeçasse e caísse para a frente, com a lâmina ainda de fora. Acelero o passo.

Depois do que me parece uma eternidade, ela manda-me parar. Eu olho em redor, mas não vejo construção alguma, apenas ramos carregados de neve. Os ramos protegem-nos um pouco da tempestade, mas eu já estou coberta de neve.

– Onde é que está?

Ela fica em silêncio.

– Não tinhas o direito de roubar as minhas merdas.

Ela continua sem dizer nada. Quem é esta mulher, tão fria e controlada?

– Quero que me devolvas o telemóvel.

Olha para mim como se eu não estivesse aqui, imóvel apesar da tempestade.

– Deverias ter lido o contrato.

– Olha, desculpa por violar as regras. – Odeio o meu tom de súplica.

A mascarada observa-me por algum tempo. Faço um esforço para esperar a reação dela.

– Ficas aqui até alguém te vir buscar – acaba por dizer.

Fico com todos os pelos do corpo eriçados. As veias do pescoço palpitam.

– Deves estar a brincar. Está muito frio cá fora. Estamos no meio de uma borrasca.

Ela inclina-se para mim.

– O que a Mestre diz cumpre-se.

Recordo o grito de fazer arrepiar que ouvi quando cheguei a Wisewood. Quantas pessoas é que ela castigou desta maneira?

– Quero ver a minha irmã.

Ela brinca com o x-ato, abrindo e fechando a lâmina.

– E o meu telemóvel?

Ela abana a cabeça.

– Tem de haver outra forma. Por favor.

A mulher agita a lâmina à beira da minha cara. Eu encolho-me. Entreolhamo-nos, a respiração pesada na neve.

– Não me sigas. – Ela recua, a lâmina em riste. – Ninguém é corajoso quando se esvai em sangue.

Nunca desvia os olhos selvagens dos meus. Um passo enérgico de cada vez, afasta-se de mim, a lâmina a postos. Apetece-me gritar. Em vez disso, vejo-a afastar-se até deixar de ver o seu vulto, até ela desaparecer nas trevas.

A rapariga entrou no meu gabinete e estacou.

– Algum problema? – perguntei, sentada à secretária, fechando o bloco de notas no qual estivera a rabiscar.

Ela olhou fixamente para o meu pescoço, os olhos muito esbugalhados.

Passei os dedos pelo lenço.

– Achei oportuno testar outra vez o teu medo da mágoa. Já para não falar que está imenso frio nesta época do ano. – Levantei-me, levei a minha chávena de chá até ao sofá e fiz-lhe sinal para se sentar ao meu lado. – O que é que sentes ao ver-me a usá-lo?

Ela abriu e fechou a boca como um peixe fora de água. Por fim, encolheu os ombros.

– Não sinto nada.

A sua indiferença foi tão forçada que quase se engasgou nela.

Aclarou a voz.

– Estou a pensar em telefonar à minha irmã.

Eu franzi o cenho.

– Porquê?

– Da mesma maneira que esse lenço me estava a impedir de avançar – disse ela, inquieta –, o mesmo está a acontecer com o que falta dizer entre mim e a Nat. Sinto remorsos pela maneira como a tratei depois da morte da nossa mãe. Para dizer a verdade, também antes.

Eu tivera notícias da minha irmã recentemente via *e-mail*. Aparentemente, o Sir tivera um enfarte ao nadar no lago Minnich e quase morrera afogado. Tirando a barriga de cerveja, ele sempre fora um homem saudável, mas agora, aos 82 anos, tinha o lado esquerdo do corpo paralisado e estava a enfrentar um coágulo de sangue nos pulmões.

Poderá não sobreviver, alertara a Jack. Tens de vir a casa o mais depressa possível.

Como se soubesse que a iminente morte do nosso pai não seria o suficiente para me comover, olhando à forma como me tratara a vida inteira, ela acrescentara: *Agora ele trata-me por Abigail. Tem pedido para te ver, mesmo antes do enfarte. É um homem mais meigo do que aquele que conhecestes, um melhor pai.*

Admito que a ideia de ele me querer ver, precisar de mim, me fez parar e pensar, mas como é que eu podia dar sermões ao meu rebanho se eu própria sucumbia ao medo de uma perda? Além disso, o meu pai não merecia uma absolvição final. Quando eu era criança, ele exigira-me força. Agora, em adulta, eu mostrar-lha-ia. Queria que o seu derradeiro pensamento fosse de arrependimento pela forma como me tratara.

Rangi os dentes, à espera que a pulsação diminuísse (-1).

– Poderá ser o medo da desaprovação a levar a melhor sobre ti? Não consegues suportar saber que a tua irmã anda por aí a fazer juízos de valor sobre as tuas decisões.

A rapariga ponderou sobre a pergunta.

– Não me parece. Assim que deixarmos tudo em pratos limpos, cada uma seguirá o seu caminho.

Precisava de escolher bem as palavras.

– Não me parece que sejas *tu* quem deve um pedido de desculpas a *ela*.

– Eu sei que tem medo de que ela me tente convencer a deixar Wisewood, mas eu sou suficientemente forte para ignorar a opinião dela. Já não ligo à sua desaprovação.

– Se soubesses o que eu sei sobre ela, duvido que estivesses tão ansiosa por um reencontro.

Ela inclinou a cabeça.

– A que se refere?

Deixei o silêncio pairar entre nós.

Ela chegou-se para a frente no sofá, punhos cerrados, os nós dos dedos sem cor.

– O que é que sabe?

– A julgar por tudo o que me disseste sobre a tua irmã, ela é a clássica incrédula. Isso não tem nada de mal, eu própria tenho uma dose bastante saudável, mas isso fá-la correr o risco de destruir todos os resquícios de

otimismo. Pessoas como eu e a Natalie são resilientes. Somos empreendedoras; cuidamos dos fracos entre nós. Mas também temos tendência para nos comportarmos como elefantes numa loja de porcelana. Na nossa ânsia de nos defendermos, arrasamos tudo por onde passamos. Temos dificuldade em deixar os outros resolver os seus próprios dilemas.

A rapariga expirou e recostou-se no sofá.

– Não terás a resolução que desejas – disse, com ternura. – Pensas que ela aceitará e te protegerá, mas em última instância ela só pensará em si mesma. As irmãs são falíveis nesse sentido.

– Tem razão. Foi uma ideia estúpida.

Dei-lhe palmadinhas no joelho, a epítome da magnanimidade.

– As ideias só são estúpidas se tivermos ações precipitadas. Ainda bem que me informaste disto. Agora, que novidades tens para me contar sobre os teus colegas?

Ela mudou de posição, desconfortável. Desde a sua BI1 que eu incumbira a rapariga de me informar sobre qualquer mexerico ou desobediência entre os outros membros do CI.

– O Sanderson está menos empenhado do que o habitual. Contudo, estamos todos a trabalhar tanto que é difícil dizer. É possível que tenha demasiadas tarefas em mãos.

Sorvi o meu chá.

– Não sabia que existia alguma coisa como demasiadas tarefas em mãos quando estamos dedicados a uma missão tão importante como a nossa. – Funguei. – Já não achas que aquilo que fazemos é empolgante?

– Eu? A senhora sabe como eu acredito na nossa obra. Durmo apenas quatro horas por noite. Mas talvez o Sanderson não esteja a...

Levantei uma mão.

– Basta. Não vamos falar mal dos colegas desnecessariamente. O que mais?

– Desde a minha iniciação que o Gordon parece bastante interessado em saber onde o Jeremiah anda. Faz-lhe um interrogatório quando ele se atrasa nem que seja um minuto.

Sorri com os olhos postos na chávena.

– O Gordon consegue ser um verdadeiro cão de caça, a farejar quem quer que não esteja empenhado na nossa causa. Ele é-me ferozmente fiel. – Cerrei os maxilares. – Já o Jeremiah, por seu turno, tenho algumas dúvidas.

– O que foi que ele fez? – perguntou ela, sem conseguir esconder a voz trémula.

– Não é tanto o que fez, mas antes um pressentimento meu. – Forcei-me a pestanejar. – Não gosto da maneira como sorri para mim.

Ela enrugou o nariz.

– Ele admira-a. É muito dedicado à causa.

Talvez também não pudesse confiar nesta. Abanei o pé, embora detestasse fazer isso.

– Dá-me a entender que ele se tornou uma espécie de figura paternal para ti. – Não consegui ficar sentada nem mais um minuto. – Quero que deixes de passar o teu tempo livre com ele.

Ela ruborizou da cara até ao pescoço.

– Mestre, desculpe, mas... acho que não compreendeu bem.

– Com a Ruth também. – Contorci as mãos. – Eles poderão estar a trabalhar em conluio.

A rapariga passou uma mão pelo couro cabeludo. Começava-lhe a brotar do escalpe uma penugem. Ela mordeu o lábio.

– O Jeremiah e a Ruth trabalham incansavelmente para melhorar Wisewood.

Como era ingénua, mesmo depois de tudo o que eu lhe ensinara.

– Atenta no que eu te digo. Em determinado momento, alguém se descairá. Quando isso acontecer, as câmaras apanhá-lo-ão.

Ela pestanejou.

– Câmaras?

– O sistema de vigilância.

– Que sistema de vigilância?

– O Gordon não te disse? Todos os membros do CI sabem.

Ela fitou-me estupidamente.

– Temos câmaras nos quartos. – Meneei uma mão à volta da cabeça. – Há-as por todo o recinto.

A rapariga fez um esforço para manter uma expressão neutra.

– Basta um interveniente pernicioso para destruir todo o ecossistema. –

Uma crepitação de energia deslizou-me até às pontas dos dedos, uma sensacional ressaca de poder (+2). Em momentos como este, eu era um guia. Não sabia de onde a mensagem chegava, apenas que fora escolhida para a transmitir.

Eu sou invencível, porra.

– É por isso que tens de estar de olho nos teus colegas, atenta àquilo que escapa às câmaras. Não gosto de ter de pedir informações sem que eles saibam, mas as ideias do continente estão tão profundamente infundidas em nós que é difícil livrarmo-nos delas. A população tem dificuldade em habituar-se a este estilo de vida durante uns míseros meses, por isso imagina como a transição é complicada para os funcionários. Quem quer que venha daquele continente traz consigo ideias traiçoeiras. Sempre que o *Hourglass* larga um novo grupo de hóspedes, corremos o risco de estratagemas. É por isso que eu insisto tanto na lealdade. Compreendes?

Ela assentiu com a cabeça, devagar.

– Ótimo. Agora faz o que eu mando e evita andar com quem eu digo. A menos que queiras que eu duvide da tua própria lealdade mais do que já me fizeram duvidar.

Ela ficou boquiaberta.

– Quem...?

– Quem é que não? – Soergui uma sobrancelha. – Todos têm dúvidas em relação a ti.

– Não precisam... – disse, atabalhoadamente.

– De uma forma geral, eu confio no meu discernimento, mas devo confessar que estou com dúvidas sobre a tua inclusão no CI. És mais leal a essas amizades transversais do que a mim.

– Isso não é verdade.

Mexi no lenço.

– Se queres ocupar o lugar do Gordon ao meu lado, tenho de estar convicta da tua devoção.

Sacudiu a cabeça, sem dúvida espantada ao ouvir-me falar de forma tão direta da hierarquia dos funcionários. Não era caso para isso. A minha política era a franqueza a qualquer preço.

– O que posso fazer? – perguntou timidamente. Haveria alguma coisa pior numa mulher do que a submissão? – Para provar a minha devoção?

Considerarei a pergunta por um período de tempo excessivo, ponderando se ela estaria à altura do desafio. Talvez fosse cedo demais.

Ela esfregou as mãos nas calças de ganga, à espera.

– Acho que chegou a hora da tua BI2.

Ela ficou completamente imóvel.

- Ainda só passou um mês desde a BI1.
 - Estás a dizer que não estás preparada? Preferes que eu dê esta oportunidade a algum dos teus colegas?
 - Não. Estou preparada. Farei o que desejar.
- Sentei-me ao lado dela no sofá e enlacei os dedos nos dela.
- Linda menina.

Kit

Dezembro de 2019

Todo este tempo eu tentara perceber se fora a April ou a Georgina a trair-me.

Não fora nenhuma delas.

Desde que a Mestre me falara sobre as câmaras, eu começara a procurá-las pela ilha. Havia-as por toda a parte. Nas casas de hóspedes estavam escondidas sob a forma de detetores de fumo. Nas salas de aula e na cantina estavam dissimuladas em caixilhos de fotografias. Inclusive, havia-as ocultas na folhagem da sebe. Aonde quer que fôssemos éramos observados: à volta da piscina, dentro do barracão, à beira das portas do pessoal. Eu tinha a certeza de que fora tudo obra do Gordon. Já percebera qual era o cargo dele aqui: chefe de segurança. Ela sabia tudo graças ao trabalho dele. Ela não conseguia ler o nosso pensamento.

Estava a vigiar-nos.

As piadas privadas despreocupadas, os risos perdidos, as conversas até altas horas da noite – eu desprezara a minha amizade com a April e a Georgina sem motivo.

Senti-me furiosa ao caminhar pelo corredor do primeiro andar da casa da Mestre poucos minutos antes da meia-noite. Só porque não via câmara alguma, não significava que não as houvesse. Na parede, havia uma gravura a óleo inspirada em Munch – uma mulher careca agarrada às laterais da cabeça, a cara a derreter, a boca congelada num grito. O quadro já era perturbador por si só, mas a coisa piorava por serem seis, três de cada lado do corredor. Sempre que tinha uma sessão individualizada com a Mestre,

tinha de passar pelos seis gêmeos com os seus olhos inquietantes. Talvez servissem para nos lembrarmos de que deveríamos enfrentar os nossos medos – ou o que aconteceria se não o fizéssemos.

Levei a mão à minha própria cabeça rapada, ainda não habituada. A Mestre disse que era mais uma maneira de cortar as ligações com o passado. Se eu não tivesse cabelo, não o podia puxar. Às vezes, sentia a falta do calor no pescoço ou do rabo de cavalo desgrenhado no cocuruto da cabeça. Sentia a falta de usar o cabelo consoante o meu estado de espírito. Sentia a falta de me sentir bonita. Muitas mulheres de cabelo à escovinha eram lindas, mas eu não era a Natalie Portman. Não precisava de ter um espelho para saber que o corte me ficava mal. Simplesmente, sabia.

A beleza é frivolidade, repreendi-me. Um medo de rejeição.

Estava à espera para ser chamada a um quarto vago que a Sofia utilizava para tratar hóspedes doentes. Ao centro, havia uma marquesa de exames com apoios para as pernas, rodeada de três armários móveis cheios de artigos médicos. A um canto, umas muletas que nunca tinham sido usadas. A Mestre guardava os medicamentos num armário fechado à chave no seu gabinete. Ninguém podia dizer que Wisewood não estava preparado para emergências.

Encostei o ouvido à porta, ouvi pés a arrastar e vozes abafadas, mas nada que me desse alguma pista. Gostaria que a Mestre nos dissesse de antemão em que consistiam as buscas; não saber causava ansiedade. Talvez isto fosse um teste antes da busca. Nós tínhamos de ser intrépidos antes e durante os testes.

Alguém bateu à porta e sobressaltou-me.

– Kit – disse uma voz. – Bate à porta quando estiveres preparada.

Eu empertiguei-me e bati. Do outro lado estava a Sofia, a fervilhar de entusiasmo. Nas suas costas, a sala estava na penumbra, iluminada por um punhado de velas. Entrei.

Elas tinham mudado a marquesa de exames para a frente da sala. Havia almofadas espalhadas pelo resto do chão: duas filas de três bem alinhadas. Em cada almofada, estava ajoelhado um membro do CI: o Gordon, a Ruth e a Debbie na primeira fila; o Sanderson, a Raeanne e o Jeremiah na segunda.

– Kit, bem-vinda à tua BI2. Vamos começar agora – a Sofia fez uma pausa dramática – a Busca da Dor.

Senti uma náusea.

– Ao longo da vida, todos sofremos dor emocional, mas também há dor física. A dor é um facto, uma inevitabilidade. – A Sofia inclinou a cabeça. – Ou será que não?

Desconfortável, ela inclinou-se para mim.

– Queres que eu vá primeiro? Adoraria repetir a minha.

Eu só consegui um brusco abanar de cabeça.

A Sofia encolheu os ombros e passou-me um auricular de plástico.

– Tens de meter isto no ouvido.

– Para quê? – Observei o auricular e depois meti-o no ouvido direito.

– Pelo sim, pelo não. Agora preciso que te deites na marquesa.

Tinha o corpo todo a tremer. Subi para a marquesa e deitei-me de costas.

– A dor é uma escolha – disse a Sofia para o resto do grupo. –

Investigações demonstraram que a dor é exagerada pelo medo. Se estivermos relaxados e acreditarmos que aquilo pelo que vamos passar não será doloroso, não sentiremos nenhuma dor ou sentiremos apenas uma pequena fração da que sentiríamos caso tivéssemos medo. Portanto, o segredo para nos livrarmos da dor é primeiro enfrentarmos os nossos medos.

A Sofia baixou a voz.

– Vira-te de barriga para baixo.

Eu virei-me e pousei a testa nas costas das mãos. A Sofia lavou as mãos no lavatório a um canto e calçou umas luvas de látex.

Perdeste o juízo? Ouvi a voz da Nat na cabeça. *Põe-te a milhas daí, porra.*

Uma voz diferente soou-me ao ouvido direito.

– Que diabo está o Jeremiah a fazer?

A Mestre.

Levantei a cabeça e olhei para os meus colegas de joelhos. Na segunda fila, o Jeremiah estava a balançar. Eu não poderia responder à Mestre mesmo que soubesse o que dizer – apenas tinha um recetor, não um microfone. Imaginei-a sentada no seu gabinete, o lenço da minha mãe à volta do pescoço. Ela começara a usá-lo todos os dias.

A Raeanne olhou para o Jeremiah com ar reprovador, desviando-se quando ele se inclinou para ela.

– Por amor de Deus.

– Meu, sentes-te bem? – disse o Sanderson, o cenho franzido.

O Jeremiah pôs-se de gatas.

– Desculpem. Preciso de um minuto.

– Estás com falta de açúcar no sangue? – A Sofia correu para junto dele.

Ele afastou-a com um menear da mão.

– Eu fico enjoado com facilidade. Não se preocupem comigo.

A Sofia entusiasmou-se.

– Um mergulho no mar ajudaria a revitalizar-nos. – Olhou à sua volta à procura de alguém que concordasse com a ideia, mas ninguém concordou.

– Temos de nos cingir ao plano – disse o Gordon.

– Como é que o faremos se este cobarde desmaiar? – resmungou a Raeanne.

– Deixem-no em paz – avisou a Ruth, apertando o ombro da Debbie; a cozinheira estava a olhar para o Jeremiah com os olhos cheios de lágrimas.

A regra de proibição de contacto físico, pensei involuntariamente.

– Não façam caso de mim e continuem, malta – disse o Jeremiah.

Esta reação dramática poderia deixar-me em pânico, mas ele também não sabia o que estava para vir; nunca presenciara uma BI2.

– Pergunta-lhe porque é que ele ainda não quis fazer a sua Busca da Dor – disse a Mestre. Eu mordi o lábio. A última coisa que queria fazer era atacar o meu amigo quando ele estava em baixo. – Não queres ajudar o Jeremiah na sua viagem rumo à intrepidez?

– Porque é que ainda não fizeste a tua BI2, Jeremiah? – perguntei.

Ele levantou a cabeça, espantado, cadavérico.

– Salienta que ele já pertence ao CI há mais tempo do que tu – mandou a Mestre.

Porque é que estava a meter o Jeremiah na minha BI2? Era suposto isto ser uma oportunidade para eu me aproximar um passo do meu «Eu» Maximizado. Será que ela e o Jeremiah não podiam ter esta conversa numa sessão individualizada? De que servia envergonhá-lo?

– Queres dificultar-lhe a progressão no seu caminho? Conseguirás perdoar a ti mesma se todo aquele trabalho árduo se perder?

– Já pertences ao CI há mais tempo do que eu – disse eu suficientemente alto para todos conseguirem ouvir. Rezei para que todos soubessem que estava a receber ordens da Mestre. Com certeza o Jeremiah percebia que eu queria acabar com isto tanto quanto ele.

– Não fales enquanto ele não responder – ordenou a Mestre.

O silêncio que se seguiu só podia ser mais doloroso do que o que quer que a Sofia tivesse na manga. Ninguém se mexeu. O Jeremiah fitou-me. Com a voz fraca, disse:

– Porque tenho... medo.

– Se calhar, afinal de contas, não deveria pertencer ao CI.

Eu voltei a pousar a testa, rezando para que a Mestre deixasse isto passar.

– Di-lo.

Eu murmurei as palavras.

– Se calhar, afinal de contas, não deveria pertencer ao CI.

– Não te armes em esperta comigo. Hoje podes ser a minha predileta, mas isso não quer dizer que eu não te castigue amanhã.

Senti o calor a espalhar-se pela cara e pelo pescoço. Queria voltar à busca.

– Eu avisei-te em relação a ele – disse a Mestre depois do que me pareceu uma eternidade. – Amanhã dirás ao Jeremiah que, se ele está a pensar em abandonar esta comunidade, não terei problemas em enviar a filmagem da BI1 dele ao antigo patrão.

Contive um arquejo. No dia a seguir à minha iniciação, eu confrontara o Jeremiah sobre a sua confissão. Durante quanto tempo manipulara as contas? Alguém da sua empresa sabia?

Ele olhara-me com tristeza.

– Pensei que já me conhecesses melhor. Eu inventei aquilo, Kit. Aposto que pelo menos metade daquelas confissões foram exageradas, ou mentiras descaradas, para não ficarem atrás dos outros. Para ganharem pontos com a Mestre.

Parte de mim sentira-se aliviada por não ter sido a única a exagerar o meu segredo. Outra parte ficara desiludida – estaríamos a libertar-nos de juízos de valor se as nossas transgressões eram inventadas? Qual era a finalidade?

– Continua – disse-me a Mestre ao ouvido.

O Jeremiah recuperou a cor na cara, por isso a Sofia saiu da beira dele e retomou os preparativos com toda a calma. Pegou num toalhete desinfetante que tinha na bandeja de metal e rasgou a embalagem. Deu palmadinhas na minha perna até eu relaxar, deitada como um cadáver na marquesa. Passou o toalhete pelo meu dedo grande do pé. Ofeguei.

– A marca que ostentamos nos dedos grandes dos pés é uma homenagem a tudo o que aprendemos – disse ela. – Os três pontos do triângulo representam os três princípios de Wisewood. O triângulo mais o tronco

formam uma árvore de folha persistente, para nos lembrar de onde o nosso renascimento aconteceu. E o *B* mais o *I* triangulares significam «Buscas de Intrepidez», o motivo que nos traz aqui hoje.

É apenas uma tatuagem. Expirei, passando o dedo pela estrela na têmpora – fizera-a na semana após a morte da minha mãe. A Nat pensara que eu estava doida e pensaria que isto também é uma doidice. Mas até que ponto é que a BI2 era diferente de um homem tatuar o nome da namorada no peito? Uma família celebrar a morte de um ente querido com asas de anjo a condizer? Nós queríamos uma maneira de exprimir o nosso compromisso, uma coisa que nos lembrasse todos os dias aquilo para o qual estávamos a trabalhar. Tudo isto era dor com um propósito. Amiúde, a Mestre lembrava-nos de que a dor era o medo a abandonar o corpo. No nosso caso, isso era especialmente verdade. Com cada busca, estávamos um passo mais perto da intrepidez. Eu não sabia como fazer a Nat compreender.

Ela não está aqui, relembrei a mim mesma. *Não permitas que o medo do juízo de valor leve a melhor sobre ti.*

Se a minha irmã *estivesse* aqui, diria que eu sigo a Mestre como um cachorrinho, com a cabeça vazia de opiniões ou lógica, mas estaria equivocada. Eu sabia que a Mestre me manipulara. Sabia que ela nos punha uns contra os outros, mantendo-nos mais próximos dela do que dos demais. Sabia que ela me dizia aquilo que eu queria ouvir para reforçar o seu controlo sobre mim.

Porém, eu preocupava-me menos com os *motivos* subjacentes às suas ações e mais com as ações propriamente ditas. Cada piscar de olho, cada elogio, os abraços – faziam-me sentir que precisavam de mim. Na maior parte das vezes, não importava se estava a dizer as mesmas coisas aos outros alunos. Eu ansiava pela sua aprovação. Quando a Mestre me dizia que eu era especial, isso era mais importante do que o facto de ser verdade. Eu estava disposta a fechar os olhos a graves falhas se isso significasse ser amada. Quem não faz o mesmo?

Tolerei estas manipulações porque me levavam numa direção na qual eu já queria seguir. A Mestre não estava a tentar obrigar-me a vestir uma pele que não me servia, a forçar-me a uma vida que eu não queria. Ela podia ser rígida, mas também tinha razão – o medo era um monstro fruto da nossa imaginação. O medo só exercia poder sobre nós se o deixássemos.

Tu és um tsunami, Kitinha. És exatamente a pessoa de que Wisewood precisa.

– Sanderson? Raeanne? – chamou a Sofia. Levantaram-se os dois.

O Sanderson pigarreou.

– Eu não estou totalmente... – A Raeanne fulminou-o com o olhar. Ele engoliu em seco e acercou-se da marquesa.

– Tu agarras-lhe as pernas, tu ficas com os braços – disse a Sofia.

Um as mãos húmidas agarraram-me os tornozelos e umas secas os pulsos. Lembrei-me que a Mestre dissera que o contacto físico era permitido durante as buscas, desde que não o apreciássemos. Fiz um esforço para não pensar no tempo que passara desde a última vez que tocara noutro ser humano – à exceção dela – num contexto fora de uma sala de aula, mas mesmo assim o número materializou-se: seis meses e meio. Recusei-me a pensar nos abraços da minha mãe ou nos beijos do meu último namorado. Ignorei o pensamento sacrílego de que o contacto físico era uma forma de socialização, e a socialização era o que nos tornava humanos.

Concentrei-me em ficar imóvel na marquesa, questionando-me se a Raeanne conseguia sentir a minha pulsação a latejar nos meus pulsos. A Sofia pousou uma mão reconfortante nas minhas costas enquanto falava sobre a importância da dor, como nos tornava mais fortes.

– Chegou a hora do espetáculo – acabou por dizer. Os joelhos dela estalaram ao baixar-se de maneira a ficar ao nível da minha cabeça. Enterrou as unhas nos meus braços. – Quero agradecer-te por fazeres isto. Por a trazeres de volta.

Eu olhei para a médica.

– A quem?

Ela apontou para um banco num canto da sala.

– A Rosa. Sempre que me sinto mais viva, como agora que consigo sentir o sangue a ferver nas veias, a minha filha visita-me. Esta noite, tu trouxeste-a aqui.

Ela estava a falar em sentido figurado, não estava?

A Raeanne deu uma cotovelada na Sofia para esta se afastar.

– Vamos lá começar, doutora. – Ocupou o lugar da Sofia à beira da minha cabeça e tirou o palito da boca. – Chegou a hora de seres corajosa.

Pousei o queixo na marquesa e fitei a Raeanne nos olhos. Não queria pensar na médica potencialmente alucinada a espetar-me uma agulha no pé.

– Vai doer imenso – disse a Raeanne, o hálito azedo –, mas são só dez minutos. São só cem inspirações e expirações e fá-las-emos juntas. Preparada? Respiras comigo?

Anuí, sem conseguir parar de tremer. Tive o pensamento frenético de que precisava de saber o que estava para vir e olhei por cima do ombro.

A Sofia tinha uma caneta cauterizadora na mão. A ponta refulgia a vermelho.

A Raeanne virou a minha cara para ela.

– Em breve não terás mais medo da dor, juro.

Eu esperara uma série de minúsculas ferroadas de abelha, como quando fizera a tatuagem da estrela, mas quando a ponta da caneta me tocou no dedo grande do pé, senti uma dor lancinante. Sacudi-me e gritei.

– Segurem-na – disse a Sofia.

A pressão nos meus braços e tornozelos aumentou. A caneta continuou a mexer. Quando o cheiro a carne queimada me chegou às narinas, parei de gemer. Praticamente já não sentia o pé.

Finalmente o medo estava a deixar-me o corpo.



Natalie

9-10 de janeiro de 2020

Eu espero, agachada por debaixo de um abeto. O granizo faz ricochete nas árvores. Assim que tenho a certeza de que a mulher da máscara se foi embora, desato a correr pelo mesmo caminho que ela seguiu, tentando seguir-lhe o rasto. Contudo, ela deve ter-me trazido aqui por um caminho indireto; não reconheço a zona circundante. Para dizer a verdade, tudo me é bastante familiar, todos os bosques iguais uns aos outros. Sinto que estou num labirinto. Abate-se sobre mim a mesma sensação arrepiante que tenho desde que cheguei a esta ilha: estou a ser observada.

Perscruto a floresta, o coração a bater desenfreado, com medo de gritar a pedir ajuda.

– Está aí alguém? – chamo.

Ninguém responde.

Que tipo de líder espiritual deixa alguém a gelar até à morte?

O mau tempo vai continuar. A neve cai espessa como o nevoeiro. A minha parca é suficientemente quente para suportar condições árticas (graças ao bom Jesus), mas tenho o cabelo molhado e as orelhas congeladas. Ponho o capuz, que me obstrui a visão periférica. Puxou-o outra vez para trás, com medo daquilo que não consigo ver.

Porque foi que a segui? Como pude ser tão estúpida?

Estou prestes a pedir socorro outra vez quando escuto um estalido. Viro-me de repente, mas não vejo ninguém atrás de mim. Durante um minuto, talvez mais, fico ali. Nada a não ser o interminável dilúvio de granizo. Ouço o barulho outra vez. Agora tenho a certeza de que são dedos a estalar.

Estará ela a gozar comigo?

Rodo sobre mim mesma devagar, as árvores cada vez mais perto. Ponho-me à escuta, à espera de ouvir mais estalidos, mas tudo o que ouço é o vento. É provável que tenha sido imaginação minha. Decido não ficar à espera para descobrir.

Corro, com a certeza de que estou a fugir, mas não sei do quê. Abro caminho às cegas pelo meio de aglomerados de ramos. Os paus deitam-me as suas garras, as agulhas colam-se ao meu casaco. Se quero encontrar a porta, tenho de ser mais metódica, mas não consigo pensar no meio do lamento do meu cérebro reptiliano: mais depressa, mais depressa. Quando vejo a raiz da árvore no caminho, já é tarde demais.

A minha bota fica preza na raiz. Faço um grunhido quando vou a cair e mordo o lábio com força ao bater no chão. As palmas das mãos suportam o grosso do meu peso. Fico caída por um segundo, de barriga para baixo, e imagino as tropas de Wisewood a fechar-me o cerco. Imagino-os a virarem-me, o sangue a escorrer-me dos olhos, dos ouvidos e do nariz. Imagino-os a lançarem o meu cadáver céreo para uma sepultura escavada à pressa, o meu cabelo cheio de minhocas a contorcer-se. A minha boca fica congelada num grito silencioso.

Nada acontece. Não aparece ninguém. Sento-me e avalio os estragos. Tenho as palmas das mãos arranhadas; dói-me a boca. Passo a língua pelo lábio inferior. Está a sangrar e começa a ficar inchado. Mexo os tornozelos. Não tenho nada torcido nem partido. Estou bem.

Olho para a Lua, junto os joelhos ao peito. A mascarada avisou-me de que *o que a Mestre diz cumpre-se*. Poderia ser a Rebecca? Seria capaz de se rebaixar a uma tarefa tão vil?

Não é possível que isto seja um programa de autoaperfeiçoamento vulgar. Ou um elemento da equipa se tresmalhou ou a Rebecca institucionalizou uma guerra psicológica. É assim que mantêm os hóspedes e os funcionários na linha: aterrorizando-os até se submeterem? Desde que aqui cheguei que a Kit tem andado atarefada, a cumprir as ordens da Rebecca. Ela tem todos eles treinados como cães. Quando sair desta maldita ilha, vou falar daquela mulher até acabar com ela.

Respiro fundo. Não posso parar. Ponho-me de pé.

Não sei durante quanto tempo caminho. A páginas tantas, perco a sensibilidade nas mãos e nos pés. Passado algum tempo, deixo de reparar

no nariz a pingar, no latejar do lábio inferior. Quando, por fim, um muro escuro se ergue à minha frente, quase solução de alívio. Avanço aos poucos entre o muro e as árvores, tateando as folhas artificiais enquanto caminho ao longo da sebe. Por fim, chego a uma porta e sinto uma ferroadada de orgulho e, em simultâneo, medo. Quem estará à espera do outro lado? Deito a mão ao puxador, subjugada por uma sensação de *déjà-vu*.

A porta está fechada à chave.

Furiosa, bato com força, já sem me importar com aquilo que me espera. Continuo a bater muito depois de ter a mão pisada. Chamo por socorro até me doer a garganta. A resposta é um silêncio absoluto. Não ouço um único ser vivo a mexer-se no bosque atrás de mim. Não tenho maneira de passar pelo meio ou por cima deste muro.

Ninguém virá em meu socorro.

Procuro a árvore mais alta das redondezas e abrigo-me debaixo dela, fora do alcance da neve e do granizo que está a diminuir. Programo o alarme do relógio para tocar a cada vinte minutos para saltar e bater com os calcanhares nas nádegas de forma a aquecer. Lembro-me do ano em que resolvi fazer mais meditação: dez minutos todos os dias. Tento lembrar-me dessas lições, tento encontrar algum *zen* interior, aplacar a voz que grita que vou morrer aqui.

Depois espero.

Muitas horas mais tarde, amanhece. O céu parece-se com uma cara cheia de hematomas, um roxo fumarento sobre uma tela mosqueada de cor pêssego. O efeito é medonho, lançando um brilho ictérico sobre a ilha. Continua a nevar, o vento continua a uivar. Alguma coisa grasna por cima da minha cabeça, mas do meu abrigo debaixo da árvore não consigo ver o que é. Neste instante, a adrenalina que me percorria o corpo diminuiu, mas não dormi nada. Tenho estado a olhar fixamente para a porta, desejando que se abra, hora após hora após hora, até ter a sensação de que a minha pulsação é um relógio exterior ao meu corpo, uma coisa que toda a gente consegue ouvir, mas está a ignorar.

Uma chave roda na fechadura. Saio a cambalear do meu esconderijo, sacudo as agulhas de pinheiro do casaco. A porta abre-se. Preparo-me para o que der e vier.

A Kit mete a cabeça pela porta.

– Nat?

Eu dou um guincho ininteligível, nunca me sentindo tão aliviada por ver a estúpida de merda da minha irmã. A Kit espreita por cima do ombro, sai para a floresta e fecha a porta. Traz nos braços o meu gorro e o meu cachecol.

Atira-os para mim, depois encolhe-se.

– O teu lábio.

Eu enfio o gorro, os dentes a bater.

– Tira-me daqui.

Ela assente, os olhos esbugalhados.

– Vim assim que fiquei a saber.

Eu passo o cachecol à volta do pescoço.

– Vamos.

Ela abre a porta e eu desato a fugir da floresta. Corro para a minha cabana, ouço a Kit a bater os pés atrás de mim, ofegante. Quando chego à porta, dobro-me sobre mim mesma, as mãos apoiadas nos joelhos.

– Diz-me que tens a chave.

Ela tira um cartão magnético do bolso e abre a porta. Eu empurro-a para dentro. Ela foge das minhas mãos.

Quando estamos as duas em segurança no interior do quarto, bato a porta com força. Dispo o casaco, arranco o edredão da cama e embrulho-me nele, os dentes ainda a bater. Sinto que me está a nascer outro lábio em cima do lábio inferior. A Kit senta-se em silêncio na cadeira da escrivaninha. Eu ando de um lado para o outro pelo quarto, um novo fluxo de adrenalina a percorrer-me o corpo.

Fulmino a minha irmã com o olhar.

– O que vem a ser este sítio?

Ela olha de relance para o detetor de fumo no teto.

– Eu sei que a metodologia pode ser extrema, mas...

– Kit, deixaram-me sozinha na floresta, em pleno janeiro, durante – consulto o relógio – cinco horas.

Ela acena com a cabeça como se isso fosse um lamentável acontecimento.

– Eu também não sou sempre a favor dos tratamentos.

– Eu não me inscrevi para tratamento nenhum – grito.

– Por vezes, durante uma experiência de aprendizagem, é difícil perceber qual é suposto ser a lição a aprender, mas a loucura da Mestre tem sempre

um método.

Rodo sobre os calcanhares e viro-me para ela, largando o edredão.

– Quer dizer que a mulher que me deixou à minha sorte foi a Rebecca?

Ela enrugando o nariz.

– É claro que não. Ela é demasiado importante para administrar os tratamentos.

– Então quem foi?

– Alguma das funcionárias – responde com um encolher de ombros.

– A Raeanne?

Ela desvia o olhar, o que significa que sim.

– Quem te disse onde eu estava? – pergunto, rangendo os dentes.

A Kit comprime os lábios, recusando-se a responder. Também não é preciso.

– Quero falar com a Rebecca. Já. – O mistério do *e-mail* anónimo já não era tão misterioso assim. Se não fora a Rebecca a enviá-lo, certamente estava por detrás dele. Ninguém e nada neste sítio funcionava sem o marionetista puxar as cordas.

– Impossível.

– E depois quero sair desta ilha. Assim que for humanamente possível.

Sigo o olhar dela para a neve a bater na vidraça.

– Não podes sair com este tempo. É perigoso.

– Mais perigoso do que ser deixada lá fora a menos de seis graus negativos? Eu poderia ter entrado em hipotermia, Kit. Poderia ter morrido.

– O teu medo da dor está a apoderar-se de ti.

Para não a esganar, vou a bater os pés até à casa de banho. Nenhuma relação muda mais depressa de melhores amigas para inimigas mortais do que uma relação de irmãs. Há doze horas, eu seria capaz de jurar que daria a vida pela Kit. Agora, ao invés disso, só me apetece matá-la.

Penso ir ver-me ao espelho, mas depois lembro-me de que não há espelhos neste inferno. Embrulho o cabelo numa toalha de banho engomada e humedeço um pedaço de papel higiénico, estremecendo ao enxugar o corte no lábio. Mesmo sem um espelho, dá para perceber como está inchado. Quando saio da casa de banho, a Kit está outra vez a olhar para o teto. Ponho-me à frente da minha irmã, confronto-a.

– A Raeanne ameaçou esfaquear-me com um x-ato.

O semblante da Kit ensombrece.

– Não o deveria ter feito.

– Achas?

– Nós tentamos evitar a violência aqui.

Eu bufo com desdém, depois baixo a voz.

– Quando for seguro fazer a travessia de barco, vou-me pisgar daqui. E tu vais comigo.

– Oh. – Ela pestaneja algumas vezes. – Não, Nat. Não vou. Daqui não saio. Agora esta é a minha casa.

– Sabes o que eu acho? Acho que isto é um pedido de ajuda. Tu queres sair daqui, mas não podes porque a Rebecca te fez uma lavagem ao cérebro para ficares a pensar que sair será o fim do mundo.

– Eu já te disse que lavagem ao cérebro não é um conceito científico válido.

– Deixa-me falar com a Rebecca.

– Nem pensar nisso. – O corpo inteiro da Kit fica tenso. – Tu vais insultá-la e humilhar-me. Antes de Wisewood nunca precisei de ti a meter o bedelho e com certeza que não preciso agora. Fui buscar-te à floresta porque te queria ajudar, só isso.

A assertividade recentemente descoberta da minha irmã surpreende-me. Aponto para o lábio inchado.

– Estou com cara de quem foi ajudado?

– Tu é que trouxeste o telemóvel para aqui.

– Isso foi a grande violação das regras?

– Mentiste-nos.

– Tu sabes porque é que eu não gosto de estar longe do telemóvel, Kit.

– Esta era uma oportunidade de ultrapassares isso.

Olho-a, furiosa.

– Afinal de contas, onde foi que passaste a noite? Fui ao teu quarto meia dúzia de vezes. Fiquei preocupadíssima.

– Estive a tentar impedir o Gordon de fazer uma estupidez.

– O que é que se passa com esse gajo?

A minha irmã franze o cenho enquanto olha para o detetor de fumo.

– É o queridinho da Mestre.

E tu não?, penso, soerguendo uma sobrancelha.

Ela vira a cabeça para mim com brusquidão e eu fico a pensar se terei dito aquilo em voz alta.

– Tu agora já não sabes nada sobre mim, Natalie.

Olho para a sua cabeça rapada, os lábios gretados, a pele amarelada. As covinhas da cara desapareceram; o brilho desapareceu-lhe dos olhos. Procuro encontrar indícios da minha irmã, mas ela é uma sombra do furacão de outrora. Está mais dura, mais rija.

Percebo que tem razão.

Ela inclina a cabeça.

– Há pouco disseste que precisavas de falar.

– Agora não é o momento certo.

Ela cerra o punho esquerdo, depois relaxa a mão.

– Agora é o momento perfeito.

– Esquece isso, Kit. Não estou com disposição.

– Desde que éramos crianças, eu ganhei carácter. Já não és tu quem dita as leis. Ou dizes o que tens a dizer agora ou não dizes mais.

– Está bem – concordo, ansiosa por cuspir as palavras, excitada com a dor que causarão, assustada com a minha própria perversão.

– A mãe planeou a sua própria morte. E eu ajudei-a.

Kit

Dezembro de 2019

Não tinha motivos para coxear. Agora que passara na BI2, estava livre da dor.

Não obstante, caminhei com cuidado ao arrumar o pré-fabricado depois da aula, esvaziando o caixote do lixo e endireitando as cadeiras. Para não pensar no pé a latejar, tirei alguns breves apontamentos – que alunos estavam a ficar para trás, como eu poderia ajudar. Senti uma dor pungente no dedo do pé que me subiu pela perna e me fez estremecer. Esperava que a tatuagem não demorasse muito a cicatrizar.

Tatuagem?, esbravejou a Nat. Porque não chamas as coisas pelos nomes? Tu foste marcada. Como se fosses gado, porra.

É um símbolo. Já não tenho medo da dor.

Como podes acreditar nessa merda?, guinchou.

Eu rangi os dentes. Toda a vida a minha irmã me dissera como e o que pensar. Ela achava-se inteligente porque não acreditava em nada. Quando eu andava na terceira classe, ela informara-me arrogantemente de que o Pai Natal não existe. Se a Nat não tivesse estragado a ilusão, a nossa mãe não se importaria de continuar a fazer o papel dele e de escrever cartas de agradecimento em seu nome – sujando-as com fuligem da chaminé, comendo todas as bolachas – até acabarmos a universidade.

Quando éramos adolescentes, a minha irmã decidiu que já não acreditava em Deus. Salientou as imperfeições da lógica, as inconsistências das histórias que aprendêramos na catequese. Contudo, não lhe bastou deixar de acreditar; ela também tinha de tratar com desprezo todos aqueles que ainda

tinham fé. Ela não via a fé pelo mesmo prisma que eu: como uma forma de consolo, uma garantia de haver ali alguém ou alguma coisa, inclinando para o bem a balança do bem e do mal – ou, no mínimo, mantendo-a equilibrada. E, depois, se eu queria acreditar que a vida não era aleatória e sem sentido? Qual era o mal de eu precisar que a minha existência tivesse um significado? No fim, o que importava se os crentes ou os não crentes tinham razão? As nossas convicções afetavam o aqui e agora.

A Nat orgulhava-se de farejar aquilo que percecionava como sendo tretas. Achava que as suas dúvidas a tornavam melhor. Eu achava que a tornavam infelicíssima. Se eu continuasse a deixá-la intrometer-se, ela arruinar-me-ia Wisewood como me arruinara Deus.

Abri a porta do pré-fabricado. Levei com uma rajada de ar gélido na cara. Meti o queixo no tecido quente do casaco, consternada com a sensação de ter os pelos do nariz colados que este tempo causava. O sol fazia um esforço para espreitar pelas nuvens da cor de água suja de lavar o chão.

Dava para entender o porquê de haver tão poucos hóspedes nesta época do ano.

Em dias como este, sentia a falta do deserto de Sonora da minha infância – o implacável calor seco, os saguaros em forma de *cowboy*, as medas de brincos-de-princesa e buganvílias vermelhas. Naquela época, interrogara-me porque é que alguém se sujeitaria ao sofrimento do inverno ano após ano. Agora tornara-me uma dessas pessoas, a resmungar meses seguidos sobre dias escuros e um frio pungente.

Mal abri a porta do pré-fabricado vi o Jeremiah de pé a alguns metros de distância, a assobiar numa tentativa de parecer indiferente. Levei a mão automaticamente ao cabelo, mas só encontrei o couro cabeludo.

Não solicitara a sua ajuda na aula dessa manhã, nem o olhara nos olhos, em parte porque a Mestre me dissera para cortar os laços com ele e em parte porque estava a evitar transmitir a ameaça dela.

– Como está o pé?

Olhei em redor. Não estava ninguém da população por perto.

– Está bom, obrigada. – Comecei a caminhar para a cantina, dando a conversa por terminada.

O Jeremiah caminhou ao meu lado.

– Parece-me que estás a coxear. – Eu não respondi. – Deverias pedir um gel, uma pomada ou alguma coisa à Sofia. Para ajudar a cicatrizar mais

depressa.

– Já pedi.

Ele levantou a mão para me tocar no braço, mas eu esquivei-me.

– De certeza que estás bem?

– Já disse que sim. Porque estás sempre a perguntar? – Lembrei-me de alguém a soluçar baixinho numa das casas de hóspedes.

– Porque ontem à noite tu foste *marcada*.

– Fala baixo. – Parei e olhei em redor. Continuávamos sozinhos. – Estás a questionar as buscas?

– Tu não? Marcaste o teu corpo para sempre.

O Jeremiah nunca falara de forma tão descarada – deveria estar aterrorizado com a sua própria BI2.

– Eu encaro-a como um distintivo, não uma cicatriz. E é bom que faças o mesmo em breve.

– Senão o quê?

– Senão a Mestre envia a tua BI1 ao teu antigo patrão.

O Jeremiah olhou-me, furioso.

– Eu nunca deveria... – Não concluiu a frase.

Senti um formigueiro na nuca.

– Não estás a questionar o CI, pois não?

Ele sondou-me.

– O que farás se eu disser que sim?

Hesitei. A minha BI2 transtornara-o mais do que eu pensara.

– Tenho de fazer aquilo que é melhor para Wisewood. Todos nós temos. Por isso, porque não pensas bem antes de dizeres alguma coisa de que te arrependers? Não posso permitir que ponham em causa a minha lealdade.

– *Outra vez*, não disse.

Ele ruborizou.

– Só te importas com ela?

De onde vinha esta animosidade?

– Pensei que tu também a admiravas.

As palavras jorraram dele como lava incandescente:

– É bastante difícil admirar uma mentirosa.

Fiquei boquiaberta.

– Do que estás a falar?

Ele arrastou os pés, o arrependimento bem patente na cara.

- Diz-me.
- Esquece.
- Diz-me – insisti, mais energicamente.

Ele olhou para a minúscula câmara instalada no telhado de uma casa de hóspedes ali perto. Se não soubesse que ali estava, nunca daria por ela – mas estava virada mesmo para nós. Ele olhou outra vez para mim, depois fez um sinal quase impercetível com o queixo a indicar a sebe. Eu pestanejei duas vezes e deixei-o ali, de pé. Com os pensamentos num turbilhão, segui por um caminho indireto até à periferia do recinto, escolhi um sítio afastado de quaisquer portas ou câmaras. Um minuto depois, o Jeremiah chegou à minha beira. As árvores do outro lado do muro roçagavam, a ouvir as conversas alheias e a sussurrar, a passar palavra como uma brincadeira de crianças.

Quando se assegurou de que estávamos sozinhos, o Jeremiah caminhou para mim, os olhos selváticos, os punhos a tremer. Escapou-lhe da garganta um grunhido.

- A Rebecca matou o meu irmão.

Kit

Dezembro de 2019

Olhei embasbacada para o Jeremiah, demasiado chocada para dizer alguma coisa.

– Quando éramos crianças – explicou –, os meus pais levaram-nos a ver um espetáculo de ilusionismo na escola secundária de uma vila próxima, protagonizado por uma rapariga-prodígio chamada Rebecca. Ela escolheu o meu irmão para seu assistente num truque com algemas. O Gabe ficou fascinado. Sempre se interessara por magia, mas a partir desse momento ficou obcecado.

O Jeremiah falou-me da vida da Mestre antes de Wisewood – a sua personagem Madame Intrépida, as proezas que desafiavam a morte, o cargo do Gabe como seu sócio durante vinte anos, como ela o maltratara, mas acabara por ficar com a sua herança.

– O Gabe morreu por culpa dela.

– Eu pensei que o teu irmão tivesse morrido num violento acidente.

– Morreu afogado num lago gelado. Durante um espetáculo dela.

Sufoquei um arquejo.

– Ainda que tenha sido um acidente, ela não deixa de ser responsável pela morte dele.

Esfreguei as mãos para as aquecer, a tremer ao frio.

– Jeremiah, isso é ridículo.

Soltou uma gargalhada.

– Não a conheces como eu. Passei anos a investigá-la e a este lugar.

Um novo medo rebentou-me nas entranhas: a segurança da Mestre. Como é que eu me equivoicara tanto em relação a este homem? Toda a sua devoção e entrega tinham sido mentira.

– Qual é a tua ideia, exatamente?

Ele gesticulou a indicar a ilha à nossa volta.

– Ela roubou o meu irmão à nossa família muito antes de ele morrer. Agora está a fazer precisamente a mesma coisa às pessoas que vivem aqui. Não posso permitir que continue a pôr as pessoas em perigo, afastando-as das pessoas que as amam. Isto não se cinge ao Gabe.

– O que é que vais fazer? – insisti.

O suor reluzia-lhe nas têmporas.

– Fazê-la assumir a responsabilidade. Há anos que aquela mulher manipula e abusa dos seus seguidores. Algures pelo caminho deve ter feito asneira. Se encontrar provas dessa asneira, entregá-las-ei à polícia. Se não encontrar... – A sua expressão ensombreceu. – Farei justiça pelas próprias mãos.

O frio abriu caminho pelo meu colarinho abaixo, pelas mangas acima. Ansiava por me aproximar da casa – tinha de avisar a Mestre o mais depressa possível.

– Já descobriste alguma coisa?

O Jeremiah repuxou tufos da barba.

– Passaram-se aqui coisas muito maradas, mas mais ninguém está disposto a falar sobre isso, ou por causa do acordo de confidencialidade ou porque acreditam mesmo que esta porcaria é para o seu próprio bem. –

Enrugou o nariz. – Não sei onde é que o Gordon esconde o telemóvel com as filmagens da BI1 com que me estão a chantagear. Vasculhei os ficheiros da Rebecca, o diário dela. Não têm uma única referência ao Gabe, dá para acreditar?

Abanei a cabeça, sem saber se ele ainda teria salvação.

– Acho que não pensaste bem nisto.

– Há anos que só penso nisto.

A Mestre sempre estivera certa em relação a ele.

O Jeremiah agarrou-me o pulso, a respiração pesada.

– O meu período sabático está quase a terminar. – Não me soltou. – Só tenho mais algumas semanas antes de ter de me ir embora. Ela tem de pagar pelo que fez.

Ter um esgotamento, despedir-se do emprego, nunca querer sair de Wisewood – tudo o que o Jeremiah me dissera era mentira. O desespero irradiou dele em vagas tão intensas que me assustou. Eu pensava que fizéramos progressos nas aulas, mas a experiência dizia-me que a mágoa se manifestava de modos imprevisíveis. O irmão morrera há quase quinze anos, mas o Jeremiah ainda estava agarrado ao acidente. Talvez eu conseguisse pôr um travão no seu plano insensato antes que se magoasse.

– Tens de repensar melhor o «plano». Sabes quantas vidas podes arruinar? Eu lamento o que aconteceu ao Gabe; teve uma morte trágica, sem dúvida. É provável que a Mestre pudesse ter sido mais amável com ele. De certeza que cometeu erros no passado, todos cometemos. – O meu coração bateu com força no peito. – Até os visionários fazem asneiras às vezes.

O Jeremiah fulminou-me com o olhar.

– Sabes o que eu encontrei na secretária da tua *visionária*? Ficheiros com os nossos nomes. Isso mesmo! Há um que diz «KIT» em enormes letras pretas. – Senti um calafrio na barriga. – Só tive tempo de folhear o meu, mas estava cheio de dados sobre o meu passado.

A ideia ocorreu-me no preciso instante em que ele proferiu as palavras.

– É por isso que o Gordon está sempre fora. A Mestre manda-o vasculhar as nossas vidas.

– Como sabes que é o Gordon?

Ele revirou os olhos como quem diz *Oh, quem mais?*

– Li o ficheiro dele...

– Não disseste que só tiveste tempo de ver o teu?

– Tive de ver aquilo que estou a enfrentar. É preciso ser louco para revelar os nossos próprios podres, bem como os dos outros.

Ou leal, pensei.

– Sabes o que ele fazia antes de vir para Wisewood?

Eu tinha vontade de o mandar calar, de lhe dizer que não me interessava saber, mas estava demasiado curiosa para lhe virar costas.

– Era detetive privado. Aquela história que ele contou sobre a família na tua BI1? Por acaso até é verdade. Uma mulher qualquer da alta-roda contratou-o para descobrir se o marido andava a enganá-la. Ficou com tudo no processo de divórcio, incluindo a custódia dos filhos. O gajo ficou tão lixado que contratou dois assassinos para matar o Gordon. Houve uma falha de comunicação e eles alvejaram-lhe a mulher e o filho por engano.

Morreram os dois alguns dias depois no hospital. – O Jeremiah abanou a cabeça. – É como um filme mau com o Liam Neeson.

– Se o Gordon ganha a vida a coscuvilhar a vida das pessoas, como é que não te descobriram? Ele não fez a ligação?

– Não sei se a Rebecca o pôs ao corrente do seu passado. Se calhar ele nem sequer sabe quem é o Gabe. – O Jeremiah observou-me, cauteloso. –

Para jogar pelo seguro, dei o nome de um amigo quando me candidatei a Wisewood. Um gajo que andou comigo na faculdade. Temos a mesma constituição física, as pessoas estavam sempre a pensar que éramos irmãos. Ele também trabalha em contabilidade. Não é muito ativo nas redes sociais.

Fiquei com a cabeça à roda.

– Nem sequer te chamas Jeremiah? – Ele soergueu uma sobrancelha. – Como te chamas então?

Ele comprimiu os lábios e abanou a cabeça. Já não tinha tanta certeza de que eu o escolhesse em detrimento da Mestre.

Olhei para ele de olhos arregalados.

– O teu amigo sabe que usurpaste a identidade dele?

Ele apertou os maxilares com força.

– Como se perder o meu único irmão não fosse suficientemente mau, a Rebecca ficou com catorze milhões de dólares que pertenciam à minha família. Não me espantaria saber que ela mantivera o Gabe por perto todos aqueles anos para ficar com o dinheiro.

Isso não é verdade, disse com os meus botões. A Mestre não tinha culpa de inspirar tal fervor nas pessoas que a rodeavam. Se lhe queriam dar dinheiro – a Wisewood –, isso era uma escolha delas.

– Wisewood foi criado graças ao sucesso da minha família. Sinto-me responsável pelos hóspedes que aqui estão. As pessoas estão a ser enganadas e roubadas. Tenho de pôr cobro a isto.

Enganadas e roubadas – ele não acreditava em nenhum dos nossos princípios. Eu admirara este homem. Ele ajudara-me a planear as minhas aulas, deixara-me falar da minha mãe muito depois de todos os outros estarem entediados com a minha dor. Eu não sabia nada sobre ele, nem mesmo o seu nome.

Ele baixou a voz.

– Dei pouco nas vistas todo o tempo que aqui passei. Não confiei em ninguém, evitei aproximar-me das pessoas. Não podia correr o risco de ser

descoberto. – Acalmou-se. – Depois tu apareceste. Contra toda a sensatez, baixei a guarda. Tu és boa pessoa, dá para perceber isso, por isso rezei para que não fosses convidada para o CI. Quando foste, jurei a mim mesmo que te protegeria, que te manteria em segurança. Estava louco. – Esfregou a cara. – Chantagem é uma coisa, deixei isso passar sem fazer nada, mas não posso ver estes monstros a mutilar o teu corpo. Digo-te isto tudo porque gosto de ti, Kit. Não permitirei que a Rebecca te magoe como magoou a minha família.

Levantei o queixo.

– Ela nunca faria tal coisa.

– Já o fez. Já te conseguiu dar a volta.

Estava farta de toda a gente me dizer que sabiam melhor do que eu o que era melhor para mim. O Jeremiah só queria saber da sua própria história absurda – não se importava com quem magoava para provar que tinha razão. Pensei na morte da Mestre, no colapso de Wisewood, e senti-me atordoada.

Consultei o relógio.

– Tenho de ir almoçar com a Ruth. Vamos rever os planos das aulas.

– Por favor, por favor não me denuncies. Não sei o que ela fará.

Mordi o interior da bochecha, depois arrastei-me para a cantina, deixando o meu ex-amigo sozinho ao frio.

– Estão por ordem alfabética – disse ele. – Na gaveta de cima do lado esquerdo da secretária dela.

Natalie

10 de janeiro de 2020

Arrependo-me das palavras assim que acabo de as dizer. Como pude ser tão maldosa? Tento pegar na mão da minha irmã, mas ela afasta-a.

– O que estás para aí a dizer? – pergunta, a voz trémula.

– A mãe não morreu de forma inesperada – digo o mais delicadamente que consigo. – Pediu-me para falar com um médico que trata de morte medicamente assistida, para assim poder partir de acordo com os seus desejos.

A Kit fica pálida como a cal. Com o sentimento de culpa, olho pela janela. A neve já não cai com tanta intensidade. Observo a lenta descida de cada floco consoante rodopia para o seu último destino. Lembro-me de línguas, de pestanas e da palma aberta de uma pequena luva de lã, de todas as casas que as nevascas reclamam como suas. Lembro-me de estar com a Kit num passeio com os nossos fatos de neve durante uma viagem para visitar o nosso tio, duas crianças com as cabeças inclinadas para trás, como víramos na televisão, como aquelas mulheres a sair da cantina.

Faço um esforço para continuar.

– Ela suplicou-me, Kit. Disse-me que te pediu a ti primeiro, mas que tu recusaste. Ela quis fazê-lo enquanto tu estavas fora. Estava a tentar poupar-te à dor.

Os lábios dela estão a ficar brancos como o resto da cara.

– Eu recusei porque nós as duas concordáramos que queríamos que ela lutasse. Não tive oportunidade de me despedir dela.

Eu sento-me na cama e olho fixamente para os pés.

– Ela disse-me que se despediu. Antes de tu ires para a festa de despedida de solteira, ela disse o quanto te amava, como se orgulhava de ti.

A Kit endurece o olhar.

– *Eu* não me pude despedir *dela*.

Ficamos em silêncio.

– Tu tiraste-me isso. – Uma lágrima solitária escorre-lhe pela cara. – Tu pudeste pegar-lhe na mão e dizer-lhe que a amavas. Reconfortá-la enquanto dava os últimos suspiros.

Não o nego. A minha cabeça começa a latejar ao mesmo ritmo do lábio.

A Kit contorce as mãos.

– Vocês tinham-me em tão pouca conta ao ponto de pensarem que não seria capaz de aguentar? Que eu preferiria não ter a oportunidade de me despedir da própria mãe para não ter de enfrentar a dor?

Tento um tom ainda mais brando.

– Eu só cumpri o desejo dela, Kit. – Quantas vezes amaldiçoara a minha mãe por me pôr nesta posição, me amaldiçoara a mim mesma por concordar? Com certeza a minha mãe saberia que eu não poderia mentir para sempre à minha irmã. Não poderia esperar que eu levasse o segredo comigo para a cova.

– O tanas – diz a Kit, a cólera a transparecer na voz. – Essa foi a tua última oportunidade de seres a favorita dela. De seres, por uma vez, a escolhida.

Encolho-me perante a verdade das palavras dela. Durante anos, passara noite após noite de insónia deitada na cama, interrogando-me sobre as minhas motivações. Agira realmente por altruísmo, por um desejo de ajudar a nossa mãe, de apoiar o fardo emocional e concretizar um terrível desejo? Ou será que eu, a penetra de uma vida inteira, quisera ser a única filha ao lado dela nos seus últimos momentos? Sempre que pensava nisso, ficava com a boca seca.

A Kit agarra-se ao peito como se o coração lhe estivesse a fraquejar.

– Não acredito que a minha própria irmã foi capaz de me fazer isto. – Eu baixo a cabeça. – Escondeste-o de mim todo este tempo. Durante dois anos, martirizei-me com a culpa de não ter estado presente. Tu nunca me deixarias estar presente. – Debruça-se e abraça os joelhos. – É a pior coisa que jamais fizeste.

– Desculpa – digo, quase inaudivelmente, desejando poder abraçá-la, mas ciente de que ela me repeliria, porque a Kit agora é assim. A minha irmã, que adorava abraçar ursos de pelúcia, entrelaçar cabelos e andar às cavalitas, tornou-se intocável. – Desculpa – repito.

Ficamos sentadas imenso tempo, eu sentada na cama com a cabeça baixa, ela dobrada sobre si mesma na cadeira da escrivaninha. O Sol já vai alto. Deixa de nevar. Nós continuamos ali, sem falar. Soluços, um ataque de fúria, um sermão; qualquer coisa seria melhor do que este abismo de silêncio.

– Diz alguma coisa. No que estás a pensar?

Ela levanta a cara dos joelhos, os olhos cansados de uma maneira que eu não via desde o funeral da nossa mãe. Abre a boca para dizer alguma coisa.

Eu sustenho a respiração.

Kit

28 de dezembro de 2019

Tirei o portátil da gaveta inferior da secretária e liguei-o, tamborilando os dedos no teclado enquanto vigiava a porta fechada. O quarto e o gabinete da Mestre eram as únicas divisões da ilha onde não havia câmaras. Eu tinha trinta minutos antes de ela acabar de tomar banho e sair da casa de banho.

Um salpico de cor na gaveta chamou-me a atenção. O portátil estivera pousado em cima de um quadro. Peguei na tela, depois vi que havia mais duas por debaixo. Pousei-os todos em cima da secretária – quadros de 20 por 25 centímetros a retratar uma mulher de costas. A modelo era a Mestre. Num dos quadros, ela tinha a cabeça dentro de um saco de plástico amarrado por um cordel. Noutro, tinha o corpo em chamas. No terceiro, tinha a cabeça virada para o lado, sangue a jorrar-lhe da língua. Em segundo plano, em todos os quadros, via-se público, os olhos arregalados e deslumbrados.

No canto inferior esquerdo de cada tela, as mesmas iniciais ilegíveis. Virei os quadros ao contrário. No verso, as palavras: *Seus na Intrepidez, Os Cinco*.

Eu não fazia ideia de quem eram Os Cinco, mas numa coisa o Jeremiah tinha razão: a Mestre fora uma artista.

O ecrã inicial do computador carregou e solicitou uma palavra-passe. Em pânico, abri a gaveta superior esquerda da secretária. Estava cheia de pastas de arquivo dependuradas. A meio, havia um separador para cada membro do CI, por ordem alfabética, tal como o Jeremiah afiançara. Senti o apelo de ler aquela que tinha o meu nome. Ignorei-a – não estava aqui para ler o meu ficheiro. Só queria confirmar se a história do Jeremiah era verdade.

Eu passara semanas a agonizar em relação ao que fazer. Deixara de falar com o Jeremiah, sabia que o deveria denunciar à Mestre – tinha a confissão na ponta da língua –, mas algo me impedia. Não sabia o que ela ou o Gordon fariam se descobrissem quem o Jeremiah era. Na maioria das vezes, os seus castigos pendiam para o drástico.

A cada dia que passava e lhes escondia esta informação, estava a pôr em perigo o bem-estar da Mestre, mas ao observar o Jeremiah a realizar a sua rotina, não o conseguia imaginar a magoá-la. A realidade era que ele não chegara a parte alguma com as suas teorias ridículas. Talvez eu o pudesse deixar passar esta última semana e regressar a casa sem que alguém se magoasse. Dei por mim a comer cada vez menos às refeições, sem estômago para suportar a minha própria duplicidade. Era fraca por desejar a solução fácil, uma traidora por atraiçoar a Mestre.

Foquei a atenção na parte da frente da gaveta. A primeira pasta dizia «Palavras-Passe». Abri-a e sondei a folha de cálculo bem organizada. Deveria ser obra da Mestre – o Gordon nunca concordaria em imprimir toda a informação de segurança de Wisewood. Encontrei a palavra-passe aleatória que ele atribuíra ao portátil e, sustendo a respiração, introduzi-a. Há meio ano que não tinha o rosto banhado no brilho de luzes LED. Odiei-me por quebrar o jejum.

O computador arrancou.

Cliquei no ícone do Chrome e escrevi *Gabriel Cooper*. Obtive mais de oito milhões de resultados. Experimentei *Madame Intrépida*. A primeira entrada foi a página da Wikipédia. Cliquei na hiperligação e deslizei até à secção da carreira.

Intrépida. Asfixiada. Escuro. Cortada. Sozinha. Sepultada. Acordada. De Pé. Em Chamas. Congelada (cancelado).

Alguns dos espetáculos incluíam fotografias. Na secção *Em Chamas* havia a imagem de uma Mestre mais nova e de um homem robusto, o braço à volta dos ombros dela. Tinha o mesmo sorriso assimétrico do Jeremiah. Li a legenda: *Madame Intrépida e o assistente Gabriel Cooper antes do espetáculo Em Chamas, 2000.*

Engoli em seco. Não queria que este homem de destino aziago de cabelos soltos e olhos dourados tivesse alguma coisa a ver com o Jeremiah. Porém, não podia ignorar os sorrisos idênticos, as covinhas no queixo.

A secção *Congelada* era mais breve do que as outras e não tinha fotos ilustrativas:

A 3 de janeiro de 2005, Madame Intrépida tentou bater o recorde de tempo passado debaixo de água a menos de um grau e meio. Um trágico acidente e a ausência de uma equipa de segurança resultaram no afogamento do seu assistente durante o espetáculo, que foi o seu último. Desconhece-se o atual paradeiro.

Sondei outra vez a página, mas não havia qualquer alusão ao Gabe, nada que confirmasse as alegações estrambólicas do Jeremiah. Eu não duvidava de que ele acreditasse cegamente no seu palpite – de outro modo, nunca arruinaria a própria vida –, mas o facto de ter a certeza não fazia com que fosse verdade. Porém, alguma vez me dera motivos para pensar que era perturbado? A não ser pela recente confissão, eu sempre achara que o Jeremiah era um tipo racional – inteligente, atencioso e comedido. Mesmo agora, não me parecia do tipo que acredita em teorias da conspiração.

A dúvida que eu empurrara com todas as forças para as profundezas do meu subconsciente veio à tona: era assim tão difícil acreditar que a Mestre seria capaz de manipular alguém até cometer atos extremos?

Fiquei um minuto sentada com as mãos nos joelhos. Devagar, abri a gaveta de cima e procurei a pasta com o meu nome. As minhas mãos tremeram ao folhear as páginas. Primeiro, estavam as cópias dos documentos oficiais: a minha certidão de nascimento, notas da universidade, as três multas de excesso de velocidade que apanhara quando era adolescente. Depois vinham as listas: familiares afastados, antigas entidades patronais e moradas anteriores – a casa onde passara a infância em Tempe, o condomínio em San Diego para onde eu me mudara com a minha mãe depois do diagnóstico, o estúdio em Brooklyn para onde eu fugira depois de ela morrer. Havia também uma residência em Boston. Deveria ser erro. Eu nunca fora a Boston.

A última era uma cópia de uma certidão de óbito. Semicerrei os olhos para ler as letras pequenas. Nome da falecida: Margaret. Ann. Collins. Senti uma ardência nos olhos. Nunca vira este documento.

Estava a ler a segunda linha – data de nascimento, idade, género – quando um cabeçalho a negrito a meio da página me chamou a atenção.

CAUSA DE MORTE

Causa imediata: METASTASES NO CÉREBRO

Causa subjacente: CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS DO BRÔNQUIO ESQUERDO

No interior do campo «Causa de Morte», alguém utilizara uma esferográfica azul para acrescentar uma nota com uma caligrafia pequena e bonita. Reconheci-a das listas de tarefas a realizar que a Mestre lhe ditava: pertencia ao Gordon.

DDMP2.

Ele desenhara um vincado círculo à volta do acrónimo. Olhei fixamente, tentando decifrar o código. Como não consegui, virei-me para o portátil.

O primeiro resultado que obtive para DDMP2 foi um PDF intitulado «Preparativos para o Último Dia» do *site* End of Life Washington. O segundo foi um artigo da revista *Atlantic*: «Como É Que os Médicos de Morte medicamente Assistida Decidem Que Fármacos realmente Resultam.» O terceiro intitulava-se «A Complicada Ciência da Morte medicamente Assistida».

Sustive a respiração.

Cliquei na primeira hiperligação e li o mais depressa que consegui. Passei por palavras como «diazepam», «digoxina», «morfina» e «propranolol» até que compreendi – DDMP2 era um fármaco, uma mistura de quatro medicamentos que fazia os doentes terminais adormecer, entrar em coma e morrer.

Fechei o portátil e abracei o próprio peito. Se o Gordon estava certo, a minha mãe não morreria porque chegara a sua hora. Ela morreria porque um médico lhe dera uns comprimidos. Fechei os olhos com força, imaginando-a na cama, macilenta, a fitar a eternidade sozinha.

Abri outra vez o computador, a cabeça a andar à roda. Depois de limpar o histórico e os *cookies* do *browser*, desliguei o portátil e guardei-o na gaveta.

Mas ela não estivera sozinha, pois não?

Recuei àquele segmento de betão na Strip de Las Vegas. O sabor a *Bacardi* na boca – desde então nunca mais conseguira beber rum. A vaga noção de

ter os joelhos arranhados e a sangrar enquanto agarrava o telemóvel. Quais tinham sido as palavras da Nat? Como é que ela me tranquilizara?

Estive ao lado dela o tempo todo. Ela não morreu sozinha.

Quer dizer que ela sabia. Sabiam as duas. A minha mãe sabia. A Natalie sabia. Tinham feito um pacto, um plano para se verem livres de mim, e depois meteram mãos à obra, lado a lado, deixando-me para trás.

Toda a gente em quem eu confiava me mentira.

«Agoniada» não era uma palavra suficientemente forte. Empurrei a cadeira para trás e encostei as palmas das mãos aos olhos. Contive um uivo, mas escapou-se-me um gemido.

Não sabia quanto tempo estivera ali sentada quando a sala gelou. Os pelos eriçaram-se-me na nuca. Senti a presença dela antes mesmo de ela dizer uma palavra.

– O que julgas que estás a fazer? – perguntou a Mestre desde a soleira da porta. Sempre que eu abria aquela porta, de todas as vezes nos últimos seis meses, esta rangera como se fosse cair das dobradiças, ecoando por toda a casa. Porém, da única vez que eu vi a Mestre a entrar na sala, a porta não fizera barulho nenhum. Como é que se podia explicar uma coisa assim? Como é que alguém podia estar à beira dela e continuar a achar que ela não era extraordinária?

Afastei as mãos da cara e olhei-a nos olhos.

– Tenho de lhe dizer uma coisa.

Natalie

10 de janeiro de 2020

A Kit fulmina-me com o olhar.

– Eu sei, Nat.

Franzo o sobrolho.

– Sabes o quê?

– Como a mãe morreu. Há semanas que sei.

Eu estaco, boquiaberta. Então o autor do *e-mail* disse-lhe.

A voz da minha irmã estala.

– Nem quis acreditar. Disse a mim mesma que vocês não seriam capazes de tal deslealdade. Nunca desejei tanto estar equivocada em relação a alguma coisa. – Fecha os maxilares com força. – Por isso quis que aqui viesses, para poderes explicar que eu não percebi bem.

– Espera lá, foste *tu* que enviaste o *e-mail*? – pergunto, zonha.

– Parece que desta vez tenho razão.

– Como foi que soubeste? – Ela olha-me carrancuda enquanto eu tento compreender o que está a acontecer. É então que me lembro.

O segundo anexo.

A certidão de óbito da nossa mãe com o acrónimo *DDMP2* manuscrito a azul. Alguém terá mostrado o documento à Kit.

Tenho a fala entaramelada.

– Porque não me telefonaste? Podias pedir-me para vir cá.

– O quê, para teres a oportunidade de preparar alguma história pedante? Nem sequer te passou pela cabeça contares-me a verdade antes de eu te ameaçar.

– Enganas-te. – Inspiro debilmente. – Pensei nisso todos os malditos dias. Apenas não sabia como o dizer sem tu ficares destrozada.

– E que tal não me mentires logo à partida?

Sinto um aperto no peito.

– Se ao menos tivesses assinado o *e-mail*...

– O Gordon controla a conta, por isso não o pude fazer. Ficaria a saber que eu estava a ter uma recaída e denunciar-me-ia.

O coração começa a bater-me nos ouvidos. A pulsação dá-me alfinetadas na garganta.

– A questão resume-se a isso? A causar boa impressão na Rebecca? Ela é mais importante para ti do que encerrar o caso da mãe?

A Kit estreita os olhos até eu quase não lhe conseguir ver as pupilas.

– Estás a falar a sério? Não atires as culpas para cima de mim. Ficas transtornada alguns dias e, de súbito, *eu* sou a sociopata? – Levanta-se de um pulo. – Deixas-me em pânico durante dois anos. Quantas vezes te disse a chorar como me sentia culpada? De todas essas vezes, tu não me disseste a verdade. *Tu* poderias ajudar-me a encerrar o caso da mãe.

– Eu sei. – Pouso a cabeça nas mãos. – Eu sei, eu sei, eu sei. A minha única desculpa é que foi o desejo da mãe. Uma vez na vida, dei-lhe ouvidos.

– Que sentido de oportunidade para te aparecer uma consciência.

– Eu mereço todos os insultos que possas imaginar. – Chego-me para a frente na cama. – Até mereci que me deixassem ficar naquela floresta. Não por trazer o telemóvel para aqui, mas por aquilo que te fiz. Fui uma irmã horrível. – Tenho o queixo a tremer. – Passarei o resto da vida a compensar-te, juro.

Ela abana a cabeça.

– Contigo é sempre muito pouco e tarde demais.

– Kit, eu sou a única família que tens. Temos de nos unir.

Ela roda sobre os calcanhares e caminha para a porta.

– As pessoas daqui são uma família melhor do que tu alguma vez foste.

– Essas palavras não são sentidas. – Contenho uma humilhante vontade de gritar.

Ela funga e olha pela janela.

– O tempo está a melhorar. Chegou a hora de ires.

Natalie

10 de janeiro de 2020

A Kit bate a porta com força depois de sair. Eu fico no meio do quarto com os braços à volta da cintura, fazendo um esforço para traçar um plano, privada de dormir. A mana mais velha que há em mim quer correr atrás dela e fazer as pazes, mas o meu sentido de sobrevivência está a gritar para eu fazer o que a Kit disse e ir já embora. Sinto-me um pouco melhor ao saber que não há um remetente de um *e-mail* anónimo à espreita para me apanhar; não obstante, os funcionários deste sítio mexeram nas minhas coisas (duas vezes), roubaram uma coisa que me pertence e ameaçaram-me com uma lâmina. Não quero ficar aqui mais tempo além do necessário.

Um passo de cada vez. Primeiro, farei as malas. Depois recuperarei o meu telemóvel. Exigirei um encontro com a Rebecca. Mordo o nó do dedo.

Depois farei uma última tentativa para convencer a Kit a ir embora comigo.

Aconteça o que acontecer, o Gordon vai-me levar de regresso até Rockland dentro de uma hora.

Alguns minutos depois, atirei todas as minhas roupas e artigos de higiene para dentro da mochila. Ponho-a a tiracolo e passo os olhos pela cabana uma última vez. Demoro-me na soleira da porta, com medo de sair do quarto. Não quero ir lá para fora, onde os *gangsters* da Rebecca estão à espera.

Ponho o gorro de lã, obrigo-me a sair do quarto e caminho pela neve na direção da casa da Rebecca, mantendo-me atenta a alguém de aspeto oficial.

Vou a meio do caminho quando avisto um homem mais velho corpulento a caminhar por cima da relva. Usa uma gabardina grossa e galochas.

É o Gordon.

Está animado como eu nunca o vi. Um rubor de entusiasmo substituiu a expressão sisuda.

Eu obstruo-lhe o caminho. Ele tem os óculos salpicados da chuva, o que é estranho pois deixou de nevar. Ele limpa os óculos e, quando vê quem está a travar-lhe a passagem, faz uma carranca.

– Estou pronta para ir – digo. – Como é que posso recuperar o meu telemóvel?

– Agora não tenho tempo, menina Collins – diz ele, o punho cerrado à volta de alguma coisa.

Quando vejo o que ele tem na mão, deixo de conseguir respirar.

Kit

28 de dezembro de 2019

Com toda a calma, fechei a minha pasta e guardei-a na gaveta da secretária sem nunca desviar o olhar da Mestre.

– A senhora tinha razão em relação ao Jeremiah. – Recostei-me na cadeira dela. – Ele não é quem diz ser.

A fúria nos olhos dela deu lugar ao medo. Fechou a porta do gabinete. Eu levantei-me do lugar dela e fiz-lhe sinal para se sentar ao meu lado no sofá. Cada uma sentou-se numa almofada, os joelhos a tocarem-se. Apertei-lhe uma mão.

– Desculpe por bisbilhotar. Estava a ver o processo dele para ficar a saber aquilo que a senhora já sabe. – Por uma questão de hábito, levei a mão ao lenço da minha mãe, mas este estava ao pescoço da Mestre, não do meu. – O Gordon tem andado a vigiar o gajo errado.

A Mestre passou o cabelo por trás das orelhas, depois entrelaçou os dedos no regaço.

– Quem deveríamos vigiar? – indagou com um autodomínio forçado.

– O gajo que conhecemos pelo nome de Jeremiah? Não é o verdadeiro nome dele.

Floresceram manchas de cor na cara lívida da Mestre. Tinha os dedos entrelaçados com tanta força que os nós tinham perdido a cor.

– Vamos ficar aqui sentadas o dia inteiro ou vais dizer quem é?

– Sabe o seu antigo assistente, o Gabe Cooper? O Jeremiah, ou seja lá qual for o seu nome, é o irmão mais novo dele.

Ela ficou embasbacada.

– Está aqui para se vingar. Quer destruir Wisewood. E levá-la por arrasto.

Eu nunca a vira sem saber o que dizer. Fiz uma contagem decrescente a partir de cinco – ela continuou sem reação. Tinha os músculos do pescoço tensos, as narinas dilatadas.

Parecia estar capaz de me matar.

– Eu disse-lhe que a sugestão era absurda – apressei-me a acrescentar. – Que ele estava a ser ridículo.

– Ridículo? – repetiu suavemente, violentamente. Levantou a terrina de vidro com fragmentos de porcelana que estava em cima de mesinha. – Equilibrar uma travessa na cabeça durante uma hora é ridículo.

Atirou a terrina contra a parede. Eu ofeguei ao estilhaçar-se.

– Traidor é a palavra que tu procuras – vociferou.

– Este homem é desequilibrado. Acho que a senhora poderá estar a correr um verdadeiro perigo. Temos de a tirar de Wisewood.

A Mestre andou de um lado para o outro da sala, esmagando a porcelana com as botas de couro.

– Não, temos de retaliar.

Eu abanei a cabeça.

– Para neutralizar uma ameaça, nem sempre é preciso ficar e lutar. Às vezes, é preciso fugir para salvar a pele.

Entreolhámo-nos.

Ela parou de andar de um lado para o outro, lívida.

– Então leva-me daqui para fora. Partiremos assim que eu fizer a mala.

– Não há tempo. Sairemos pela porta lateral. Antes de sairmos, vá buscar a sua parca. – Fiz um compasso de espera. – Confia em mim?

A Mestre assentiu com a cabeça, os olhos arregalados. Ao fim de todos estes meses, finalmente acreditava na minha devoção.

Assegurei-me de que o caminho estava livre no corredor, depois passei com cautela para a escada em caracol. Estava um silêncio sepulcral dentro de casa. Esgueirámo-nos para o exterior diretamente pela mesma porta com o aviso Apenas Pessoal Autorizado por onde eu entrara para a iniciação. Essa noite na água – o meu renascimento – parecia ter sido há uma eternidade. Apressei a Mestre a transpor a passagem na sebe. Permanecemos junto do muro consoante contornávamos a ilha rumo ao portão principal.

O céu era uma manta de retalhos de nuvens bolorentas. Estuguei o passo para ser mais rápida do que o cair da noite – só me restava uma hora de luz.

Quando avistei as estacas de ferro do portão, virei a cabeça para um vislumbre da água. O *Hourglass* balouçava obedientemente no ancoradouro. Dei uma gargalhada trémula. Fiz sinal com a cabeça para a Mestre e desatámos a correr.

– Suba à minha frente – disse eu, ofegante, quando chegámos ao barco. Com os dedos gelados, desprendi as amarras dos cunhos, saltei para dentro e empurrei o *Hourglass* para a água.

Conseguíramos. Agora ninguém nos podia parar.

Fiz um momento de pausa para observar a Mestre, encolhida nos assentos em forma de L. Aconchegou melhor o pescoço no lenço da minha mãe, mais parecendo uma velhinha exausta do que uma revolucionária. Hoje era um grande dia para ela.

– Obrigada, Kitinha. Eu sabia que podia contar contigo.

Levantei o queixo.

– Vamos dar um passeio.

Virei-me para a tarefa que tinha pela frente: tirar-nos de Wisewood o mais depressa possível. Liguei o motor e agarrei o guiador. Zarpámos apenas há cerca de um minuto quando a Mestre gritou.

Eu virei-me para trás, quase que esperando vê-la espaiada no chão ou caída borda fora, depois de se inclinar demasiado para fora do *Hourglass*. Em vez disso, ela estava petrificada, a boca a formar um O perfeito. Segui o olhar aterrorizado dela para o ancoradouro.

O Jeremiah estava a observar-nos em silêncio, as mãos nos bolsos.

Natalie

10 de janeiro de 2020

Aponto para o lenço encharcado que o Gordon tem na mão. Sinto um nó na garganta.

Espeto uma unha na palma da mão, deixando um vinco na pele. A dor faz-me concentrar.

– Onde arranjaste isso?

Ele encosta o lenço ao peito.

– Pertence à Mestre.

– Pertencia à minha mãe. – Um dos clientes habituais do bar mandara-o fazer à medida para ela. Era peça única.

O Gordon fulmina-me com o olhar.

– A menina Collins ofereceu-o à Mestre há alguns meses. Desde então, ela tem-no usado.

Sinto as têmporas a palpitar. Como é que ela se atrevia a oferecer uma das poucas lembranças da nossa mãe.

– Como é que o tens na mão?

– Preciso de falar com a menina Collins.

– Porque é que está molhado?

– Encontrei-o.

– Onde?

Olhamos os dois para o lenço. O Gordon tem as mãos a tremer. Olho para a cara dele. Tem as sobrancelhas unidas.

– Gordon, onde está a Rebecca?

– Foi-se. – Encosta o punho cerrado à boca.

Olho-o, embasbacada.

– Como assim *foi-se*?

– Há semanas que não a vejo. – A voz vacila-lhe. – Estava convicta de que alguns funcionários estavam contra ela. Certa noite chamou-me, convencida de que intrusos estavam a rondar a porta do quarto dela. – Começa a falar mais depressa. – Eu segui a pista de cada suspeita, de cada alegado indício, mas não encontrei qualquer evidência que consubstanciasse as suas alegações. É bom ter cuidado, mas... eu acho que ela ficou paranoica. – Abana a cabeça, encosta o lenço ao nariz. – Tresanda a algas e a maresia. O cheiro dela desapareceu.

Atira-me o lenço. O vento uiva à nossa volta e desequilibra-me.

– E depois?

Passa os dedos pela cara.

– A menina Collins disse que a Mestre exigiu que a levassem ao continente, que não estaria em segurança aqui enquanto não «neutralizasse a ameaça». Eu estivera preso num seminário de meio dia e só soube que ela partira quando a menina Collins chegou com o *Hourglass*. Ela disse-me que a Mestre queria que continuássemos as operações com normalidade durante a sua ausência. – Estala os dedos. – Alegadamente, a Mestre deixou a menina Collins à frente das operações. Ninguém deveria saber que ela não estava em Wisewood, nem sequer os outros funcionários. – O Gordon contorce as mãos. – Desde então que não tenho notícias da Mestre.

Sinto um calafrio na barriga.

– A Rebecca saiu de Wisewood antes de eu chegar cá?

Ele diz que sim com a cabeça.

Queria dizer que a ordem para me levarem o telemóvel e para me atormentarem na floresta não fora ideia da Rebecca.

Fora da minha irmã.

Kit

28 de dezembro de 2019

Agarrei o guiador do *Hourglass* enquanto este balouçava na água.

– Hoje, o mar está bravo – disse a Mestre no seu lugar.

Eu acalmei a respiração.

– Vai correr tudo bem. – Esperei uns segundos. – Vamos para Rockland?

Ela parou de abanar a perna. Estava com olheiras da cor das ameixas.

– Tu sabes que eu nunca mais pisarei o continente. Aquela miserável sociedade levou-me todas as pessoas e todas as coisas que eu prezava.

– Então, para aonde vamos?

– O plano é teu. Desenvencilha-te. – Resmungou qualquer coisa sobre o Jeremiah, como sempre soubera que havia alguma coisa errada com ele.

Depois seguimos em silêncio. A cada onda que o *Hourglass* passava, um velho cronómetro deslizava de um lado para o outro em cima do painel de instrumentos. Quando já não aguentei mais o chocalhar, atirei-o para o assento. Então, apenas se ouvia o bater das ondas no casco. Diminuí a velocidade.

Todas as células do meu corpo me diziam para não o fazer, mas enchi-me de coragem e virei-me para ela. Com pleno controlo, fiz a pergunta que me apoquentava desde que vira a certidão de óbito:

– Porque não me disse as circunstâncias da morte da minha mãe?

A Mestre empertigou-se e arregalou um pouco os olhos.

Eu senti a tensão em todo o corpo – nos maxilares, nos ombros, nas mãos – e forcei-me a relaxar.

– A senhora sabia que ela pedira a morte medicamente assistida. Porque mo escondeu?

Traidora!, guinchou o meu cérebro.

A Mestre fez um ruído no fundo da garganta, mas não respondeu. Uma gaivota grasnou por cima das nossas cabeças.

– A senhora apregoa que até as mentiras inofensivas são tóxicas – disse eu.

Esta mulher deu-te uma vida nova.

– O que é feito da honestidade a todo o custo?

É assim que lhe agradeces?

Por esta altura, a Mestre aplacara o espanto, recuperara a altivez.

– Estás a chamar-me mentirosa?

– Estou a pedir-lhe para se explicar.

– Falemos sobre isto noutra altura. – A Mestre meneou a mão a afastar as minhas palavras como se de mosquitos se tratassem, como quem diz: *Tu pouco importas quando a minha vida está em perigo.*

Um poço de fúria viera a abrir-se no meu peito desde que percebera que a história do Jeremiah era verdade, desde que tivera nas mãos trémulas a certidão de óbito anotada da minha mãe. Durante horas engolira a raiva, mantivera-a em lume brando por baixo da superfície para poder fazer o que tinha de ser feito. Agora essa raiva estalava, jorrava, libertava-se. Sentia um formigueiro na língua, ansiosa por atacar.

– Porque é que as suas necessidades são sempre mais urgentes do que as nossas?

A Mestre brindou-me com um olhar cáustico.

– Não falámos já quanto baste da tua miserável mãe no meu gabinete? Parece-me que estás a regredir no teu caminho.

As pessoas sempre me subestimaram. A tolerante e afável Kit – *ela fará tudo o que dissermos; não tem nada naquela cabeça oca.* A Mestre ainda não compreendera o que estava em causa.

Uma última oportunidade.

– Não posso permitir que a minha melhor aluna regrida, pois não? – arrulhou.

Ontem esse comentário seria o suficiente para apaziguar, nutrir, silenciar. Eu demorara tempo demais a reconhecer que ela me via – via a todos nós – como uma ferramenta, não como uma pessoa. A certidão de óbito da minha

mãe era um instrumento para intimidar, para me controlar se eu alguma vez saísse dos eixos. Num ápice, a Mestre poderia ter-me libertado da minha culpa e sofrimento; em vez disso, deixara-me a contorcer-me durante meio ano.

Deu uma palmadinha no assento ao seu lado, mas eu não me mexi.

– Sabes como és especial para estares tão perto de mim? Para seres aquela que me vai salvar?

Ela ama-te, segredou-me uma voz.

Eu costumava concordar que a Mestre era insubstituível. Toda a gente daqui sabia que *ela* era o que fazia de Wisewood um sítio especial. Apenas recentemente eu compreendera que eram os princípios, os *workshops*, a comunidade. Juntos, todos tornáramos Wisewood num sítio mágico. Se eu era uma peça da engrenagem, ela também era.

– Isto é um jogo para si? – perguntei. – Uma experiência social para ver até onde consegue pressionar as pessoas? Acredita sequer no seu próprio programa?

– Não te atrevas a insultar-me.

– Os princípios de Wisewood têm significado para mim. Para todos nós. É importante pertencer ao CI. Levo as buscas a sério. A senhora criou uma coisa mais vital do que jogos de poder.

Ela fulminou-me com o olhar.

– Estava apenas a tentar proteger-te. Eu sabia que terias uma recaída se descobrisses que a tua mãe e a tua irmã tinham agido em conluio nas tuas costas.

Ela quer proteger-te.

Não, ela era uma egocêntrica com sonhos megalómanos que me manipulara para ser sua lacaia. Porque é que eu ignorara os sinais? Como me deixara levar tão completamente? Estava tão furiosa comigo mesma como com ela.

– Desde quando é que a nossa dor é importante para si? Quanto mais, melhor, não é assim? Do que mais gosta é de mexer nas nossas feridas abertas.

– Se continuas assim, mando-te para casa.

Durante seis meses, ela fora o Sol – todo o meu mundo andara à volta dela. Precisamente quando me libertara da dor, aquele peso impossível estava a voltar.

– Não pode fazer isso.

– Esta ilha pertence-me. – Espetou o dedo na almofada do assento. – Faço o que bem entender.

O meu coração palpitou. Não suportaria deixar este sítio – não quando fizera tantos progressos, encontrara a minha tribo, melhorara a vida dos outros alunos.

Se o pastor abusava do poder, era preciso abandoná-lo a ele, não à fé.

– Sim, Mestre. – Baixei a cabeça. – Desculpe. Passei dos limites. – Uma grande parte de mim foi sincera. Ela recostou-se no seu lugar, toda senhora de si.

O que acontece com as pessoas afáveis é que, se as pressionarmos o suficiente, elas irão passar-se como todas as outras.

Continuei a pilotar o barco, à espera que o meu instinto me dissesse que chegáramos ao sítio. Quarenta e cinco minutos depois, encontrei uma minúscula ilha a milhas das demais. Contornei-a para ter a certeza de não haver sinal de vida no pequeno arvoredor que havia ao centro. A Mestre não reparou. Observou o horizonte coberto de neblina atrás de nós, como que esperando que, a qualquer momento, o Jeremiah saísse furtivamente da bruma. Eu parei o barco perto da orla costeira da ilha.

– Que tal aqui? Não é propriamente o Ritz-Carlton, mas estará a salvo. Serão apenas algumas horas.

Ela assentiu com a cabeça, mas não se mexeu. Eu queria dar a volta ao *Hourglass*.

Assim que regressasse a Wisewood, diria ao Gordon, os olhos banhados de lágrimas, que a Mestre exigira que a levasse de volta a Rockland. Diria que ela estava convencida de que alguém na ilha lhe queria fazer mal, embora não me tivesse dito quem. Não me dera qualquer informação de contacto, mas dissera que talvez regressasse ao Ohio – tinha assuntos familiares para tratar lá. Entretanto, seria suposto mantermos as operações em Wisewood, por muito árdua que a operação se tornasse. «Árdua» era uma boa palavra, uma palavra da Mestre. Ele acreditaria que as ordens tinham sido dadas por ela.

Já o estava a imaginar a dar-me um sermão por ceder à imprevisibilidade dela. Atiraria as culpas para mim, nunca para ela. Eu suportaria as reprimendas dele. Ele acabaria por suspeitar e procuraria a sua amada Mestre por toda a parte. Então, seria tarde demais.

Eu tenho a certeza de que tu és mais corajosa do que pensas.

Desliguei o motor e peguei no pequeno escadote prateado. Ela encolheu-se quando eu passei por ela. Posicionei o escadote na parte de trás do barco. Ela olhou para ele, mas não se mexeu.

– Chegue aqui. – Debrucei-me por cima dos pés dela. – Eu ajudo-a a descalçar-se.

– Eu sou capaz de me descalçar sozinha.

Ela demorou o que me pareceram horas a descalçar as botas e as meias. Quando o fez, levou-as, como um espectro, até junto do escadote. Agarrou-se ao degrau de cima, os olhos fechados. Que mulher estranha – eu nunca compreendi as coisas de que ela tinha medo, olhando a todas aquelas de que não tinha. Desceu do degrau para um rochedo.

– Nós trataremos de tudo lá na ilha. Virei buscá-la logo que seja possível.

Ela fitou-me como um veado encandeado pelos faróis de uma viatura, sem saber que estava a passar de uma realidade para outra. Por instantes, questionei-me se ela saberia. Ter-se-ia apercebido?

Depois endireitou-se, reclamando todo o espaço que o seu metro e oitenta exigia.

– Obrigada, Kit. Por tudo. – Virou-me costas.

És exatamente a pessoa de que Wisewood precisa.

– Foi uma honra – disse eu com um aperto no estômago. Se ela me ouviu, não o demonstrou. Caminhou devagar pelos rochedos sem nunca se virar para trás.

Precisei de toda a força de vontade para não a chamar. *Por Wisewood*, pensei ao pousar o escadote no chão do barco. *Por Wisewood*, entoei baixinho enquanto utilizei um remo para afastar o barco dos rochedos. *Por Wisewood*, relembrei-me ao ligar o motor do *Hourglass*.

Com a bÍlis a subir-me à boca, vi as madeixas de cabelo branco lustroso da Mestre a desaparecer nos braços da bétula. A floresta devorou-a inteira.

Afastei-me.

Enquanto acelerei cruzando as cristas das ondas, as lágrimas a gelar-me os olhos, a sensação de que me esquecera de alguma coisa importunou-me. A meio do caminho, percebi o que era.

O lenço da minha mãe.

Natalie

10 de janeiro de 2020

Foste tu.

Eu queria acreditar que fora a Rebecca quem mexera na minha camisola, levava o meu telemóvel, tramara o meu castigo na floresta. Só podia ter sido ela, o Gordon ou a Raeanne.

Todos menos a Kit.

A julgar pela maneira como o Gordon olha para os meus olhos, sem pestanejar e indignado, consigo perceber que ele não sabe o que me aconteceu a noite passada. A Raeanne não tem inteligência suficiente para ser o cérebro por detrás de qualquer operação. Ela é um soldado, não um general. Apetece-me afundar-me na neve a derreter.

– Como é habitual, a Mestre tinha razão – diz o Gordon. – Eu opor-me-ia a uma ausência prolongada, mas se soubesse que ela não se sentia segura, tê-la-ia ajudado a planear uma fuga rápida. Ela deveria saber isso.

Como foste capaz?, penso. Deixaste-me na floresta correndo o risco de morrer gelada.

– Em sete anos, nunca passei tanto tempo sem falar com ela. Na primeira semana, lá nos desenhencilhámos sem ela. Na segunda, pressenti que alguma coisa não estava bem, embora a Kit me tenha dito que a Mestre poderia estar ausente durante meses. Fiz alguns telefonemas e comecei a sair com o barco. Fui a outras ilhas e ao continente fazer algumas perguntas. Ninguém a viu.

Tu sabias que levar-me o telemóvel me deixaria agoniada, que isso me traria memórias.

O Gordon tira os óculos e esfrega os olhos.

– Hoje de manhã, estava a fazer uma patrulha e encontrei isto. – Arranca-me o lenço das mãos geladas com o choque. – Numa boia.

Pigarreio, encontro a minha voz.

– É possível que uma rajada de vento lho tenha arrancado quando a Kit a foi levar.

Uma expressão de dor tolda o semblante do Gordon.

– A boia fica a seis milhas na direção oposta a Rockland.

Eu fico boquiaberta. Ele belisca a pele do pescoço, depois empurra-me para o lado.

– Tenho de encontrar a menina Collins.

Eu sigo-o, sem conseguir encaixar as peças do *puzzle*. É possível que a Rebecca esteja com a família e que eles estejam a protegê-la do Gordon, para que ele não a arraste outra vez para aqui (se tivesse a oportunidade, era o que eu faria). Ou então a Rebecca pode ter-se fartado de Wisewood e deixado a Kit no seu lugar. Ou talvez tenha havido um acidente pelo qual a Kit tenha medo de ser apanhada e castigada. Seria a minha irmã capaz de engendrar esta intrincada história de encobrimento, enganando toda a gente durante semanas?

O Gordon levanta o punho para bater à porta da Kit. Eu estou mesmo atrás dele.

– É proibido o contacto físico. – Eu recuo alguns centímetros.

Estacamos ao ouvir vozes alteradas no interior.

– Tens de sair daqui hoje – diz a Kit.

– Teria saído de bom grado há semanas – diz um homem. – Mas não saio daqui sem ti.

– Já te disse centenas de vezes que daqui não saio. Juro por Deus que, se não fores já embora, digo ao Gordon quem és.

O Gordon bate à porta. A discussão termina de imediato. Segundos depois, a porta abre-se.

– Exatamente quem és, Jeremiah? – diz o Gordon.

Os olhos da Kit lançam faíscas como um animal encurralado. Por detrás do medo, vejo exaustão, arrependimento, a necessidade de um abraço. Não é possível que a minha irmã tenha ordenado à Raeanne para me deixar na floresta; ela deveria ter pensado em alguma coisa menos severa, mas a Raeanne ter-se-á entusiasmado. A Kit que eu conheço não conseguiria olhar

para o meu lábio inchado e ensanguentado sabendo que ela era a responsável. A Kit que eu conheço já se teria desfeito em pedidos de desculpa.

O homem com quem ela estava a discutir é o sujeito entroncado que confrontou o Gordon quando eu cheguei a Wisewood. Ele e Kit assumem expressões empedernidas, recusando-se a proferir qualquer palavra.

O Gordon estica o braço com o lenço na mão.

– Encontrei isto numa boia a leste de Wisewood. – Ela olha para o lenço de olhos arregalados. Como não diz nada, ele acrescenta: – O Ohio fica a *oeste* daqui, caso não saibas.

– Esse lenço pertenceu à mãe – diz para mim, como se eu pudesse ter esquecido, como se estivéssemos sozinhas. Eu sinto um aperto no peito. Ela tenta tirar o lenço da mão do Gordon.

Ele puxa a mão para trás.

– Como explicas eu ter encontrado isto tão longe de Rockland?

A Kit mira-o.

– O que estás a sugerir?

O Gordon fica vermelho, como se sofresse um aneurisma.

– Eu telefonei à irmã da Mestre que está no Ohio. Há anos que não têm notícias dela.

A Kit analisa o homem mais velho.

– Eu deixei-a ficar no cais. Ela disse-me que ia para o Ohio, mas se calhar não foi. – Morde o lábio. – Porque mentiria?

O que foi que fizeste?

– Estaria saturada de Wisewood? – pondera.

– Este sítio era a casa da Mestre – diz o Gordon. – Nós éramos tudo para ela. Ela não nos abandonaria, especialmente para ir para o continente. Disse que nunca lá regressaria, pelo menos enquanto fosse viva.

– Porém, foi precisamente isso que aconteceu. – A Kit espeta um dedo no peito do Gordon sem de facto lhe tocar. – Estás a deixar que o medo do abandono te controle. Eu disse-te que ela quer que continuemos as operações de Wisewood. Temos de o fazer, quer ela regresse quer não.

– Wisewood não é nada sem a Mestre – protesta o Gordon.

– O que sugeres que façamos? Que mandemos toda a gente embora? Que fiquemos à espera a fazer figas para que ela regresse?

– Sugiro que apliquemos os nossos recursos humanos a encontrá-la. E que só paremos quando isso acontecer. – Fulmina a Kit com o olhar. – Para quem perdeu a mentora, tu estás muito calma.

– Alguém tem de estar. Passaste sete anos em busca da intrepidez, mas já estás a choramingar ao primeiro contratempo.

– Pareces ela a falar – diz o Jeremiah entredentes.

O Gordon roda sobre os calcanhares e enche o peito de ar.

– E tu. Eu sei tudo sobre ti.

O Jeremiah soergue uma sobancelha, pouco impressionado.

– A Mestre sabia que alguma coisa não estava bem. Tu estavas sempre a fazer-lhe perguntas sobre o passado dela, a esquivar-te às buscas, a meter o bedelho no gabinete. Insistiu para eu te investigar. Eu deveria ter feito um trabalho mais minucioso antes de ela desaparecer, mas quando fugiu isso chamou a minha atenção. Sabes o que eu descobri, Jeremiah? – pergunta, colocando a tónica no nome.

Ninguém diz nada.

– Que tu te inscreveste aqui com uma identidade falsa. – Eu pestanejo, mas os outros não parecem surpreendidos. – O teu nome é David Cooper. –

O Gordon faz um compasso de espera. – Que por acaso é o apelido do antigo assistente da Mestre.

– Não sei do que estás a falar – diz o Jeremiah.

– O Gabriel era o teu irmão mais velho. Teve um acidente quando trabalhava com a Mestre. Catorze anos mais tarde, tu apareces à porta dela, e agora ela desapareceu. – O Gordon dá um passo ameaçador para o Jeremiah. Sinto a cabeça à roda, tentando não perder o fio à meada. – O que lhe fizeste? Onde é que ela está?

– Não faço ideia – diz o Jeremiah –, mas gostaria de a matar com as minhas próprias mãos quando descobrir.

O Gordon olha para o Jeremiah e para a Kit.

– Têm estado em conluio desde o início? A conspirar o fim dela desde o primeiro dia?

O Jeremiah bufa de indignação.

– Não estás bem da cabeça – resmunga e, ao mesmo tempo, a Kit diz:

– Não digas disparates.

O Gordon avança outro passo, o nariz junto ao peito do Jeremiah. Apesar da diferença de alturas, temo mais pelo Jeremiah do que pelo Gordon.

– Vais deixar esta ilha imediatamente – diz o Gordon –, mas fica a saber que estarei à espreita o resto dos teus dias. Se mudares de emprego, voltares a casar, tiveres filhos, eu saberei. Não conseguirás comprar um café ou empurrar os teus filhos num baloiço sem sentires o meu bafo na nuca. Seguirei todos os teus passos e, quando descobrir o que fizeste, pagarás.

O Jeremiah cruza os braços trémulos.

– Se a Kit não vier comigo, não saio daqui.

– Ai isso é que sais – diz a Kit. – Vais embora agora. Se não fores pelo próprio pé, arranjaremos maneira de nos livrarmos de ti.

Fulmina o Jeremiah com o olhar, os lábios comprimidos numa linha lisa. Um minuto depois, ele suspira, abre a porta da cabana, sai e fecha-a com estrondo. A porta chocalha nas dobradiças.

O Gordon vira-se para a Kit.

– Que nem te passe pela cabeça que estás livre disto. Não sei o que fizeste, menina Collins, mas podes ter a certeza de que eu regressarei assim que descobrir.

A Kit põe as mãos nas ancas.

– Então, vai ser assim? Vais abandonar Wisewood?

Ele olha pela janela.

– Regressarei quando trouxer a Mestre comigo.

A Kit esboça um sorriso. O Gordon não vê, mas eu sim.

– Então leva a minha irmã contigo – diz ela. – Está morta por sair de Wisewood desde que aqui chegou.

– Primeiro quero falar contigo, Kit – digo, finalmente. – A sós.

– Não tenho mais nada a dizer.

– Então vais ouvir – digo, rangendo os dentes.

– Tenho de ir fazer a mala – diz o Gordon. – Encontramo-nos no ancoradouro dentro de quarenta minutos.

A Kit estende a mão.

– Eu fico com esse lenço.

– Nem pensar. Pertence à Mestre. – Dirige-se para a porta.

Eu obstruo-lhe a passagem.

– Disseste que já não tem o cheiro dela.

– Eu guardo-o num local seguro – diz a Kit.

O Gordon entrega-lho com relutância.

– Vocês, as miúdas Collins, só dão chatices.

– Já disseste isso. – Desvio-me para o deixar passar. Ele sai de rompante pela porta. – Não te esqueças do meu telemóvel.

Ficamos a vê-lo ir embora.

– Acompanhas-me ao ancoradouro?

A Kit encolhe os ombros, depois calça as botas e veste o casaco. Caminhamos lado a lado pelo caminho enquanto o sol se esgueira pelo meio das árvores.

– O que foi que fizeste? – pergunto.

– Cumpri as ordens da Mestre.

– Alguma coisa não faz sentido. Essa mulher que tinha sede de controlo, que adorava ser o centro das atenções, foi-se embora sem dar aos seus devotos a possibilidade de se prostrarem?

– Ela temeu pela vida. – A Kit olha-me furiosa. – Tu não sabes nada sobre a Mestre.

– Estou a tentar aprender.

– Ai isso é que não estás. Foi um erro trazer-te aqui. Não sei no que estava a pensar.

– És capaz de me olhar nos olhos e dizer-me com franqueza que deixaste a Rebecca incólume no cais? E que nunca mais a viste?

Ela olha para mim sem me ver.

– Sim.

Eu dou um estalido com a língua. Ela abre caminho pelo meio dos círculos de cabanas, conduzindo-nos em direção à casa da Rebecca. Pelo caminho, alguns hóspedes acenam. Ela saracoteia os dedos, completamente despreocupada.

– Kit, ouve com atenção. Eu não sei o que tu e o Jeremiah, ou seja lá qual for o nome dele, fizeram. Quando o Gordon descobrir, irá às autoridades. Vem comigo agora, antes que seja tarde demais.

– Será que ainda não percebeste? Eu não vou sair daqui.

– É por estares zangada por causa daquilo da mãe?

– Nat, tem dó. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

Eu abano a cabeça.

– Odeio o que este sítio te está a fazer.

– Este sítio fez-me forte. E tu não suportas isso. Se não fores a minha salvadora, perdes a identidade.

Irritada, procuro vestígios da irmã mais nova que criei e protegi. Ela desapareceu. Envio um pedido de desculpas à minha mãe. Também a desiludi.

Passamos pelo poste com as setas de cor creme e percorremos a lateral da casa da Rebecca. O meu tempo está a esgotar-se. Em que momento é que a obrigação social se sobrepõe à familiar? Se a Kit e os outros estão a magoar pessoas, não terei a responsabilidade de os travar? Quantos futuros hóspedes poderão ser deixados ao frio ou ameaçados com uma lâmina por causa de um deslize insignificante? Quantas famílias perderam para sempre os seus entes queridos para este mundo impenetrável?

O último desejo da minha mãe foi que eu protegesse a Kit. Será que a minha irmã pode ir parar à prisão pelo que quer que tenha feito? Estaria mais segura presa do que aqui? A Kit diria que não me cabe a mim responder a essas perguntas. Agora ela é a sua própria nadadora-salvadora; deixou isso bem claro. Faço mais uma tentativa de a salvar.

– Ou vais naquele barco comigo agora – digo – ou vou à polícia assim que chegar.

Ela fica imóvel. Estreita os olhos. Enruga os lábios, tentando perceber se eu estou a fazer *bluff*.

Nem eu tenho a certeza se estou.

O barco afasta-se da costa. Eu sondo a minha morada temporária: uma ilha selvagem com o comprimento de uma piscina olímpica, a largura de três faixas de rodagem, talvez quatro. O retalho de terra mais próximo fica a anos-luz de distância. A distância mais longa que jamais nadei, suponho.

Volto a calçar as meias e as botas. Não tenho dormido bem nestas últimas semanas por causa das constantes ameaças ao meu bem-estar. Doem-me os olhos por causa do vento. Anseio por me deitar num sítio macio e quente, não vigiado.

Vagueio por algum tempo. Uma floresta desordenada, nada mais. Um parque de estacionamento para algas. Sem bagas nem animais. Mas eu também não tenho fome.

Sinto as pálpebras mais pesadas do que os pés com as botas. Sento-me no leito de musgo. A rapariga disse que demoraria algumas horas a regressar. Que mal poderia fazer dormir uma sesta a meio do dia?

Há décadas, li no jornal uma notícia sobre uma comunidade muito unida que costumava dependurar os traidores amarrados pelos tornozelos, de cabeça para baixo, e metê-los num poço ou trancá-los numa caixa de um metro e oitenta por um metro e vinte. Batiam-lhes com mangueiras e punham-lhes serpentes à volta do pescoço. Imagine-se a eficiência de combater o medo e esmagar a discordância de uma só vez. Passo pelas brasas com a imagem daquele medonho homem musculoso algemado, as feições a transparecer remorsos.

Sorrio ao cair nos braços de Morfeu.

Quando acordo, é de noite. A rapariga e a minha equipa de salvamento ainda não vieram. Vencer o nosso inimigo deve estar a demorar mais do que seria de esperar. Tento não me preocupar, digo a mim mesma para ter

paciência. É muito mais fácil dormir enquanto isto não passa. Aconchego-me na parca, pouso a cabeça na terra e caio num sono irregular.

No segundo dia, passo horas junto à margem com a cabeça a andar à roda. Por muito que durma, não consigo afastar esta exaustão. Sinto-me zozna, com vertigens, seca. Já passaram bastante mais de vinte e quatro horas desde que comi alguma coisa. Saber disso deixa-me angustiada. Tento apanhar um peixe com as mãos, a pele murcha. Quando perco a sensibilidade nas mãos, desisto de apanhar um linguado. Penso que erva e rebentos talvez não tenham um sabor assim tão mau. Estava certa.

No terceiro dia, fico a saber que as pinhas são comestíveis (+2).

No quarto dia não tenho bem a certeza de ser o quarto dia, mas acho que sim. Acho que tenho estado de olho no mostrador do relógio, ou é o mostrador que tem estado de olho em mim? Afinal de contas, ele é que mostra. Talvez devesse chamar-se apenas relógio de pulso?

Ninguém veio buscar-me. Na realidade, não vi qualquer outro barco, qualquer sinal de vida humana, por isso posso ver-me forçada a nadar. É pouco provável que consiga chegar daqui a Rockland, mesmo com as minhas braçadas fortes e técnica aprimorada, por isso contento-me em chegar ao sítio de onde vim.

Olho para norte, sul, este, oeste. Não sei qual é qual, mas sei que inspeciono todas essas direções porque dou uma volta completa. Nenhuma me faz lembrar o meu reino mais do que as outras. Tinha os olhos vendados quando me trouxeram para aqui? Não pode ser.

Tenho os olhos vendados agora?

No quinto dia, crocito como um animal selvagem, a cabeça atirada para trás, os braços levantados, parece que estou a chegar à meta depois de correr a maratona. Olho em redor, à espera da minha consagração, depois lembro-me de que estou abandonada, sozinha, não no fim de um espetáculo. Não estou a fazer nada digno de aplauso.

Isso não é verdade. Estou a sobreviver.

Caminho direta para a água, sem me preocupar com o rumo. Nadarei numa direção qualquer até chegar a terra e então alguém me levará até à

minha gente.

A água ainda só me dá pelos tornozelos e já sinto o gelo a atravessar-me as botas.

Agora tenho as botas encharcadas.

Bolas.

E se a minha gente vem a caminho para me libertar neste preciso instante? É melhor não sair daqui.

Durmo ou não. Não sei quanto tempo, mas não muito porque tenho os pés frios demais e não me deixam. Estranhamente, mesmo depois de descansar, não me sinto mais esclarecida. Parece-me que fui abandonada, mas isso não pode ser verdade. Eu sou amada.

Tenho um pensamento aterrador que demora horas a formar-se, mas que acaba por me acometer: e se eu continuar aqui à espera em vão até ser tarde demais para os meus pés, ou seja, eles ficarem num estado de tal entorpecimento que não me deixarão mais utilizá-los como meios de locomoção? Devo nadar com este casaco grosso ou despi-lo? Devo seguir para a esquerda ou para a direita?

Há decisões demais a tomar na vida adulta.

O fim aproxima-se. A equipa de salvamento perdeu-se ou nem veio. Outros podem temer o mar, mas não uma iluminada como a Madame Intrépida.

Toda a vida treinei para este desafio. Pensarei nele como uma segunda tentativa do *Congelada*, a minha oportunidade de redimir um fracasso anterior.

Sem mais nem menos, penso em qual será o recorde a nadar uma longa distância no Atlântico.

Eu sou invencível, porra.

De início, aprecio o choque estimulante na cara. A água faz acordar melhor do que um despertador e alguém a chamar o nosso nome.

Porém, pouco depois, tenho dificuldade em respirar. Não entro em pânico. Continuo a dar aos braços e às pernas, fazendo por pensar que isto não é mais do que um lago Minnich em ponto maior.

Qual é a única forma de teres sucesso?, resmunga ele.

Através da minha força de vontade!

Provarias que o teu pai estava errado se ninguém te visse a alcançar a proeza?

Os meus braços cansam-se, pois eu sou uma simples mortal, não insensível aos efeitos perniciosos da hipotermia, conforme foi provado em mil novecentos e noventa... oitenta... qualquer coisa. Penso em voltar atrás, mas nessa altura o parque de estacionamento parece a milhas de distância.

Jogar pelo seguro é para fracassados, rosna ele.

Para quem está tão longe, faz imenso barulho.

Nado até não sentir os braços e as pernas. Imagino que o meu tronco é uma travessa de porcelana, um pouso para as gaivotas descansarem as asas cansadas. Avisto uma boia verde com o número um pintado e agarro-me a ela, puxando o corpo para fora de água. Estou cheia de calor, sinto-me a arder. Digo a mim mesma que isso não é verdade, isso é um dos sintomas, eu treinei para isto, sei o que fazer, mas o meu cérebro não consegue convencer o meu corpo. É o meu corpo que convence o meu cérebro de que este é um raro caso em que estou deveras a arder, por isso eu cedo, liberto o pescoço, tiro o lenço. Para começar, nem sequer me lembro como me veio parar às mãos. Deixo-o para trás e volto para a água.

É possível nadar e dormir ao mesmo tempo? Não me lembro da última vez em que não estive a nadar e agora estou ansiosa por parar. Pouco me importa se isso faz de mim uma fracassada.

As minhas pernas estão debaixo de mim e não atrás, como deveriam estar. Não me lembro de lhes dar autorização para se rebelarem, mas estou cansada demais para as criticar. Com frio demais para me arrepender.

Como num carrossel, os seus rostos rodopiam à minha frente: o Sir, a minha mãe, a Jack, a Lisa, a Evelyn Luminescence, o Gabe, a minha equipa. Todos esses miseráveis seres humanos desiludiram-me. Em quem é que eu alguma vez pude confiar a não ser em mim mesma? Quem, além de mim, foi digno de confiança cem por cento das vezes?

Asfixiei. Cortei-me. Sangrei. Queimei-me. Congelei. Congelo.

Desisto.

A minha força de vontade tem limites.

Kit

10 de janeiro de 2020

Examino a Nat como se a estivesse a ver pela primeira vez.

O que foi que eu disse na nossa segunda sessão? A Natalie nunca pensou no teu melhor interesse.

Flito o pescoço, depois continuo a caminhar. Passamos pela frente da casa em bicos de pés e paramos diante do portão de ferro forjado. Introduzo um código no painel. A porta abre-se.

– Preferia que não o fizesses – digo –, mas só posso controlar as minhas ações, as tuas não.

A intervenção policial sempre foi uma possibilidade em Wisewood, embora a Mestre tenha dito que o acordo de confidencialidade era o suficiente para silenciar os raros hóspedes insatisfeitos. Caso contrário, uma ou duas vezes, o Gordon empregou algumas táticas de intimidação para assegurar que os nossos segredos continuam secretos.

Se a Nat for à polícia, se localizarem a Mestre, não encontrarão sinais de luta. Nenhum sinal de jogo sujo. Ela é que se recusou a regressar ao continente. O que fiz eu a não ser obedecer aos seus desejos?

Destruíste a única mulher que te aceitou tal como és.

O portão fecha-se atrás de nós. Caminhamos pesadamente pelo caminho que leva ao ancoradouro.

– Não te percebo – diz a Nat, tentando abrandar o passo.

Eu acelero.

– É provável que nunca venhas a perceber.

A ausência da Mestre é melhor para Wisewood. Ela distraía-nos durante as nossas buscas, consumia o nosso tempo com intermináveis testes de lealdade, virava-nos uns contra os outros. Pusera-nos a todos em risco – o Jeremiah estava determinado a destruí-la e teria todo o gosto em esmagar Wisewood para o fazer. Agora que eu eliminei a ameaça que ela era, ele tem a justiça que almejava. Se alguma vez falar com a imprensa, eu também falarei. Explicarei que a Rebecca Stamp já não está associada a Wisewood, que não sabíamos como a Madame Intrépida tratava os funcionários no passado, embora talvez desse para adivinhar. A Mestre nunca mais magoará os meus colegas ou os alunos como magoou o irmão do Jeremiah, como me magoou a mim.

A minha irmã observa-me, expectante.

– Alguém tem de manter esta instituição – digo.

A Mestre era Wisewood, mas Wisewood não é ela. Os funcionários elaboram os cursos, dão as aulas, realizam as buscas. Trazemos os alunos à ilha e orientamo-los, conduzimo-los ao longo de todo o caminho. Eu e a Ruth poderemos realizar as sessões individualizadas. Seremos capazes de fazer isto sem a Mestre.

Não te gables. Sem mim, Wisewood não passa de uma comuna caída em descrédito.

A Mestre criou um movimento que se tornou demais para ela. É a ordem natural das coisas: as mães envelhecem, definham, morrem, enquanto os seus filhos continuam sem elas. Os princípios da Mestre eram corretos, mas os meios que utilizava para os implementar errados.

Se a mãe põe o bebé doente, tira-se o bebé à mãe.

– Deus sabe que o Gordon não é capaz de proteger os valores de Wisewood – acrescento.

Ao contrário do Jeremiah, o Gordon nunca esquecerá isto. Não regressará a Wisewood sem a Mestre ao lado dele – não tem qualquer laço com este sítio, apenas com ela. Paciência. Não preciso do Gordon para manter Wisewood a funcionar. A comunidade não depende de uma só pessoa. É maior do que isso. E está prestes a tornar-se muito melhor.

Naturalmente estou preocupada em libertá-lo no mundo, mas ele está velho. Sem a Mestre a quem prestar contas, ficará à deriva. O tempo se encarregará dele. Espero que encontre a paz antes disso, uma forma de ir ao encontro do seu «Eu» Maximizado no mundo exterior. Embora eu não goste

dele, tem o mesmo direito que eu de percorrer o caminho. Jesus não matou os discípulos que considerava irritantes.

Avistamos o *Hourglass* a flutuar no extremo do ancoradouro. O sol aquece-me a cara. Só faltam dois meses para a primavera.

– Não acredito que tu estejas disposta a fazer literalmente qualquer coisa para manter Wisewood a funcionar. – A Nat diz isto como se fosse uma grande coisa.

Tu és um tsunami, Kitinha.

Imagino a minha irmã a entrar na esquadra da polícia, exigindo desmantelar tudo aquilo que nós trabalhámos tanto para construir. Imagino a Debbie a regressar para o Carl, a colecionar nódoas negras como cromos de basebol. A Raeanne obrigada a voltar para o seu camião, quatro mãos a segurá-la. A Ruth sozinha no Utah, a Sofia a chorar todas as noites na campa da filha. O Sanderson volta para as ruas, a pedir para o álcool. Ele já quase teve uma recaída.

Há alguns dias confidenciou à Ruth que iria embora de vez. Disse que a bebida não pesara na decisão – sentia-se mais forte do que nunca, mas mudara de ideias acerca de Wisewood e queria voltar para junto da família. Todavia, todos sabíamos que não era bem assim. Por sorte, a Ruth denunciou o plano ao Gordon, que se meteu no *Hourglass* para salvar o Sanderson precisamente antes de este se esgueirar. Estremeço ao pensar no que poderia acontecer se o perdêssemos.

Princípio I: Quero ter uma vida na qual sou livre.

Substituo as imagens apavorantes por uma memória. Estamos todos à volta de uma fogueira, a balançar ao ritmo das árvores e a cantar *Aleluia*. Edificámos a nossa própria família; uma família sem mentiras ou juízos de valor. Ninguém é melhor do que os outros. Ninguém ganha ou perde. Ninguém tem excesso de peso ou é mal pago. Ninguém faz mal à vida. Amamo-nos por aquilo que somos.

Eu posso melhorar este sítio. De algumas formas, já o fiz. As venezianas, por exemplo. Pôr câmaras nos quartos de hóspedes era demais; não precisamos de monitorizar os nossos alunos a cada minuto do dia. Basta tirar as venezianas das janelas para provarmos aos outros que não temos nada a esconder. Em breve, retirarei as câmaras – já retirei a da minha cabana.

A única pessoa capaz de criar problemas reais a Wisewood é a minha irmã. Está só, é determinada e tem toda a energia do mundo. Seria capaz de derrubar o nosso frágil ecossistema. Seria capaz de me roubar a minha família. O que ela não seria capaz de fazer para me ter outra vez sob o seu controle? A Mestre alertou-me várias vezes para isso.

Princípio II: Enquanto tiver medo, não posso ser livre.

Chegamos ao extremo do ancoradouro, fitamos a água cintilante. Como parece agora delicada, convidativa, já não aquele monstro violento e estrondoso. Eu e a minha irmã estamos lado a lado. Por um segundo, esqueço o peso das responsabilidades que me caíram no colo. Olho para ela.

Tenho 7 anos, ela 10. Pergunto à minha mãe se podemos ir a uma partida de basebol. Nós não temos dinheiro, mas em vez de nos dizer isso, na tarde seguinte, a minha mãe entrega-nos ingressos reluzentes. As cadeiras desdobráveis da sala de estar têm números presos com pioneses. Ela conduz-nos com pompa e circunstância até aos nossos lugares. Transforma a cozinha numa barraca de comes e bebes e dá-nos dinheiro do *Monopólio* para pagarmos sacos de pipocas e copos de papel com refrigerante. Durante o intervalo, faz-nos pôr de pé e arrotar ao som de *Take Me Out to the Ballgame* juntamente com a multidão na televisão. É um dos melhores dias de toda a minha vida.

Os ingressos foram feitos com a caligrafia da Natalie. Os números presos nas cadeiras também. Tal como os preços da barraca de comes e bebes. Tudo isto foi obra da minha irmã. Ela deixara a nossa mãe ficar com os louros.

Princípio III: Tenho de eliminar todos os obstáculos que entravam o meu caminho para a liberdade.

Consulto o relógio. O Gordon e o Jeremiah chegarão dentro de poucos minutos.

Olho para a minha irmã. Está agarrada à mochila, a observar-me, apavorada. Questiono-me o que tanto a assusta: o Gordon? Este sítio?

Eu?

– Eles que se lixem. – Limpo uma lágrima e aponto para o *Hourglass*. – Vamos dar um passeio.

Agradecimentos

Quando comecei a trabalhar neste livro, não fazia ideia de como seria muito mais difícil de escrever do que o meu primeiro romance. Ao longo de dois anos e sete versões preliminares, consegui a custo dar uma forma final a esta história. O meu trabalho foi facilitado pelas seguintes pessoas, com as quais estou em dívida:

Os meus leitores! Vocês têm imensas maneiras de passar o tempo livre e sinto-me honrada por optarem por passar algum desse tempo com os meus livros. As vossas opiniões, comentários e perguntas deram origem a alegria e reflexão. Obrigada por me darem o incentivo para continuar a escrever.

A minha incansável agente, Maddy Milburn, e toda a sua equipa da MMLA, em especial: Emma Dawson, Liv Maidment, Giles Milburn, Valentina Paulmichl, Georgina Simmonds, Liane-Louise Smith e Rachel Yeoh.

Os meus editores, Amanda Bergeron nos EUA e Max Hitchcock no Reino Unido. Eu disse-vos mais do que uma vez que esta história era areia demais para a minha camioneta. Vocês orientaram-me com paciência e génio, versão preliminar atrás de versão preliminar... atrás de versão preliminar... Estão a entender. Sem vocês, não haveria livro – ou pelo menos um livro que alguém quisesse ler. Passaram-se três anos e ainda nem acredito na sorte que tenho por poder trabalhar com os dois e com os génios que são também a Sareer Khader e a Emma Plater. Obrigada Eileen Chetti e Emma Henderson pela revisão tão minuciosa.

As minhas equipas de editores, que nunca deixam de me espantar. A equipa da Berkley: Loren Jagers, Danielle Keir, Bridget O'Toole, Jin Yu, Emily Osborne, Dan Walsh, Claire Zion, Craig Burke, Jeanne-Marie Hudson, Christine Ball e Ivan Held; a equipa da Michael Joseph: Jen Breslin, Gaby Young, Christina Ellicott, Lauren Wakefield, Vicky Photiou, Elizabeth

Smith, Hannah Padgman, Sarah Davison Aitkins, James Keyte e Catherine Le Lievre; e a equipa da Simon & Schuster Canada: Nita Pronovost, Shara Alexa, Felicia Quon, Rita Silva, Jasmine Elliott, Greg Tilney e Kevin Hanson. Vocês trabalham com tanta dedicação para pôr as minhas histórias nas mãos dos leitores e eu nunca deixarei de vos agradecer por isso.

Os médicos, enfermeiros e outros profissionais que generosamente disponibilizaram o seu conhecimento quando o Google não chegava: Kimmerly Martin, Duncan Alston, Laura E. Hudson, Arnaldo Vera-Arroyo e a minha prima Shannon Soukup. Obrigada também a Savitri Tan e a Jeanne Marie-Hudson por serem o elo de ligação com estas pessoas. Quaisquer erros são meus.

John Drury, por me levar no seu barco num passeio pelo Maine, que foi o dia de investigação mais útil ao longo de todo o processo de redação. O meu agradecimento também ao fotógrafo Peter Ralston, cujas fotografias deslumbrantes deram vida à região quando eu regressei ao Reino Unido. Espero que as minhas descrições façam jus às suas fotografias.

Dave Pfeiffer, pela ajuda nos dilemas de engenharia; Scott Demar, por esclarecer as minhas dúvidas de contabilidade, e o meu tio Mike Soukup, por me esclarecer em tudo o que está relacionado com a natação de competição.

Todos os bibliotecários e livreiros que tanto apoiaram a minha carreira que está a dar os primeiros passos, em especial Mary O'Malley, Pamela Klinger-Horn e Maxwell Gregory. O meu sincero agradecimento também à comunidade do Bookstagram, em especial a Abby da @crimebythebook.

Os meus colegas autores. Foram tão atenciosos com o vosso tempo e eu estou mais do que grata por fazer parte desta comunidade. Um agradecimento especial aos que tiveram a amabilidade de escrever críticas aos meus livros: Ashley Audrain, Diane Les Becquets, Kirstin Chen, Lee Child, JP Delaney, Samantha Downing, Teresa Driscoll, Tarryn Fisher, Melanie Golding, Laura Hankin, Lisa Jewell, Sandie Jones, Gilly Macmillan, Margarita Montimore, Liz Nugent, Amy Stuart, C. J. Tudor e Wendy Walker. Eu sei que recebem imensos exemplares de livros. Estou muito grata por dedicarem tempo a ler um dos meus.

Taylor Wichrowski, por imaginar visualmente a carreira da Rebecca antes de ir para Wisewood com os seus pósteres dos espetáculos. Sheila Wichrowski, por ler uma das primeiras versões preliminares. Ali O'Hara e

Allison Jasinski, por darem *feedback* sobre o resumo da capa, bem como por décadas de apoio moral e terapia gratuita.

Os meus pais, Ron e Kathy Wrobel, por me acompanharem na minha viagem de pesquisa ao Maine. Prometi-vos três dias de aventura – creio que posso afirmar que cumpri a palavra!

As minhas irmãs, Jackie Malich e Vicki Wrobel, a quem dedico este livro. Tudo aquilo que sei sobre ser uma irmã aprendi com vocês as duas. Espero ter sido mais boa do que fui má e que não tenha abusado do meu poder de mais velha muitas vezes. Agradecimentos especiais à Vicki, por desenhar o logótipo de Wisewood, e à Jackie, por me deixar cantar sempre as partes femininas das cantigas da Disney (não que eu desse muitas alternativas). Amo-vos daqui até à Lua.

Por fim, Matt, que solicitou tantas vezes o título de Primeiro Leitor que estou finalmente a ceder e a outorgar-lho. Por ler todas as versões preliminares, por resolver problemas no livro e fora dele, por manter a fé nesta história de todas as vezes que eu a perdi. Que viagem foi esta última década. Um brinde à próxima.

Nota da autora

Hoje em dia, o termo *culto* é aplicado sem grande precisão – para descrever qualquer coisa, desde ginásios de *indoor cycling* a filmes clássicos que têm um séquito de fãs. Porém, de acordo com as definições dos manuais, um culto tem de cumprir três parâmetros: 1) um único líder carismático, 2) membros isolados do mundo exterior e 3) uma mensagem apocalíptica. Em alguns casos, essa mensagem consiste numa previsão literal do Armagedão, mas, em muitos cultos, a mensagem apenas tem a mesma premência: precisamos de uma reforma *já*.

Eu acho que todos nós gostamos de pensar que somos demasiado inteligentes para nos deixarmos envolver em alguma coisa parecida com um culto. Achamos que os membros dos cultos são ingênuos ou tontos – nada como nós. Porém, estamos equivocados. Não percebemos que os documentários da Netflix investigam as partes mais impudicas da história de cada comunidade. É mais fácil rotular estes grupos como um «bando de loucos» – como *outros* – porque isso nos tranquiliza. Nós nunca seríamos apanhados em algo tão bizarro.

Contudo, eu apenas encontrei uma semelhança em todas as pessoas que entram para um culto: todas querem algo mais.

Espero que, ao contar esta história, tenha retratado melhor a vida num culto – os modos como proporcionam um sentimento de pertença, amizade e um verdadeiro sentido de lar, pelo que se torna difícil abandoná-lo quando as coisas se complicam. Muito foi dito sobre os líderes de cultos, mas, acima de tudo, eles são uns extraordinários vendedores que acreditam realmente naquilo que estão a vender. Por seu turno, os membros acreditam naquilo que compram.

No fim desta viagem, descobri que a história de um culto é igual a qualquer outra: os seres humanos procuram encontrar o seu caminho, mas

perdem-se redondamente no processo. Isso é algo com que todos conseguimos identificar-nos.



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2022, Stephanie Wrobel
© 2019, Planeta de Livros Portugal

Título original: *This Might Hurt*

Mapa: © David Lindroth

Design de capa: David Litman

Edição em epub: Maio de 2022

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-595-6 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).



Agora é o momento de seres feliz

Cañete, Curro
9789897775949
384 páginas

[Compre agora e leia](#)

«Cada problema que tiveres e cada desafio que superares, tornar-te-ão uma pessoa mais sábia, mais forte e mais consciente do que queres, do que desejas conseguir. Toda a humanidade desenvolveu um desejo muito maior e intenso de ser feliz, de perseguir os seus sonhos e de aproveitar ao máximo o presente que tem nas suas

mãos: a vida e a oportunidade de alcançar a felicidade.» Hoje é um dia importante. O único momento de que dispões, a tua única ferramenta, é o presente. Depois do sucesso de O Poder de Confiar em Ti, um livro que ajudou mais de 200 mil leitores, o coach Curro Cañete quer que saibas que Agora é o Momento de Seres Feliz. Ao longo destas páginas encontrarás um guia e a motivação de que precisas para delineares os teus objetivos, realizares os teus sonhos, enquanto aproveitas ao máximo cada dia, cada hora, de uma vida plena. Lembra-te, o passado já passou, aprendeste com ele e agora é a altura de confiar mais em ti, de dares um passo em frente e de ires atrás de tudo aquilo que desejas e te faz feliz. És o dono do teu próprio destino e tens o poder de mudar a tua vida. Neste livro o autor partilha a sua história pessoal e a de pessoas que ajudou, oferece ferramentas, conselhos práticos e exercícios que te vão ajudar neste percurso rumo à felicidade. Não estás sozinho. Estás com a pessoa mais importante da tua vida: tu próprio. Por isso cuida de ti.

[Compre agora e leia](#)



Esperarei por Ti Toda a Vida

Maxwell, Megan

9789897773761

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que aconteceria se uma mulher do século XXI viajasse no tempo para o século XVI? Montse e as amigas Julia e Juana são três espanholas que vivem em Londres e, para descansarem da vida stressante do dia-a-dia e ajudar Montse a superar a ruptura com o namorado traidor, decidem fazer uma viagem de raparigas a

Edimburgo. As terras mágicas escocesas surpreendem-nas muito mais do que esperavam e decidem alterar os planos definidos por outro muito mais tentador... Mas aonde vão parar não têm creme de mãos nem cobertura de telemóvel, mas encontrarão um castelo, highlanders apaixonados e um amor eterno que nunca se apaga.

[Compre agora e leia](#)



Torne-se Um Decifrador de Pessoas

Monteiro, Alexandre

9789897774935

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

«Eu não vejo mais do que ninguém, apenas aprendi a decifrar aquilo que vejo.» O movimento das mãos, a posição das pernas, as rugas no rosto, os rabiscos num papel feitos durante uma reunião, os objetos da mala, os sapatos que escolhe, o coçar a cabeça, a sua assinatura, a decoração da casa ou a arrumação da secretária de

trabalho. Tudo isto são sinais que não pode ignorar. Conseguirá descobrir muito mais através deles do que através das palavras. Por exemplo, se uma pessoa tem mau feitio, se gosta de socializar, se foi educado por pais autoritários, se é uma pessoa agressiva, se está a dizer a verdade ou a ocultar informação, se está a tentar manipular, se é confiável, um bom líder, se é ansioso, um amigo verdadeiro ou um cônjuge fiel. Alexandre Monteiro desvenda, pela primeira vez, as técnicas ensinadas pelas maiores escolas de espionagem mundiais, como CIA, FBI, MOSSAD, MI6, CIA e MOSSAD. E explica-lhe os métodos de que precisa para obter das pessoas a informação que necessita, como ler, interpretar e influenciar comportamentos, proteger-se de pessoas manipuladoras e tóxicas, saber dizer não, ser mais sedutor e detetar a mentira. O autor, especialista em linguagem corporal, ensina-lhe neste livro prático, com fotografias, dicas e exercícios, como descodificar tudo o que vê e descobrir quem realmente tem à sua frente, observando os sinais e gestos que o nosso corpo revela. Torne-se um decifrador de pessoas e aplique estas dicas e segredos na sua vida profissional e pessoal.

[Compre agora e leia](#)

MEGAN
MAXWELL



O Teu Aroma a Pêssego

Maxwell, Megan

9789896578787

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

A história de amor de Ana começa quando a objectiva da sua máquina fotográfica foca Rodrigo. Ana e Nekane gerem um estúdio fotográfico na zona antiga de Madrid. Um dia deflagra um incêndio no seu edifício e, apesar de estarem habituadas a trabalhar com modelos glamorosos, não podem deixar de se surpreender ante

aqueles corajosos machões vestidos de azul que não se preocupam por o seu cabelo se encrespar ou por sujarem as mãos. Quando a objectiva da máquina fotográfica de Ana se centra em Rodrigo, o seu coração indica-lhe que já nada voltará a ser igual. Ele dá-se conta da maneira apatetada como ela está a olhar para ele e, apesar de não simpatizar com ela, iniciam uma estranha amizade. Tudo se complica quando Ana descobre que está grávida e Nekane a encoraja a cumprir a sua fantasia sexual com o bombeiro antes que a barriga, as estrias e os enjoos matinais se manifestem e o espantem. No entanto, uma mentira de Ana aos pais dará origem a um sem-fim de enredos e situações alucinantes que deixarão Rodrigo sem fala.

[Compre agora e leia](#)



D. Manuel - 1.º capítulo

Stilwell, Isabel
9789897773907
37 páginas

[Compre agora e leia](#)

Justa, a sua querida ama, não duvidava de que era o Escolhido, aquele que as profecias anunciavam estar destinado a reconquistar Jerusalém, e a unir os homens sob a mesma Fé. Não nasceu para ser rei, mas a roda da fortuna tornou-o duque de Beja e herdeiro de D. João II. Viu morrer o sobrinho e assassinar irmão e cunhado para

subir ao trono a 27 de outubro de 1495. As naus do Venturoso chegaram à Índia e ao Brasil construindo um Império, digno do rei mago do Ocidente, como, em segredo, se intitulava. Ao som da música, tornou Lisboa no centro do comércio das especiarias, as suas ruas animadas por mercadores, espiões, intrigas e riquezas nunca antes vistas. Isabel, viúva de Afonso, filho de D. João II, resistiu ao casamento. Queria viver a sua tristeza em paz. Mas Manuel era determinado. Desde aquele dia em que os seus olhares se cruzaram em Moura, sabia que Isabel havia de ser sua. Por ela faria tudo, inclusive expulsar os hereges de Portugal, e depois os judeus. Mas mais uma vez a roda da fortuna girava e a sua felicidade durou pouco. Isabel morria no parto, e o seu único filho não sobreviveria. Era preciso garantir a descendência. Maria, irmã de Isabel, esperara, apaixonada, e o seu tempo tinha chegado. Seria rainha de Portugal e mãe de dez filhos, entre eles seis varões.

[Compre agora e leia](#)